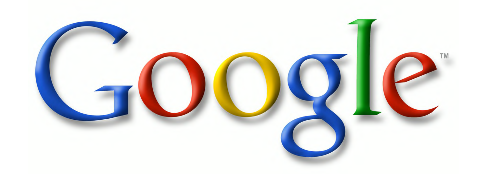
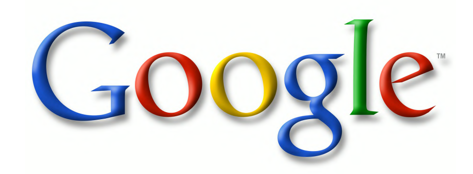

Google



HISTORIA RESUMIDA

DE

HESPANHA

DESDE A

OCCUPAÇÃO DOS CARTHAGINEZES

ATÉ Á ACTUALIDADE

POR

CARLOS LISBOA

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA E COMP.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1874

Apropriedade d'este livro pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

A

HENRIQUE DE ARAUJO TAVARES

Amigo nas horas da adversidade; homem que ajuda a quem trabalha e acode a quem a desgraça opprime

Offerece

O AUCTOR



I

RESUMO

563 A. C. — 412 N. C.

Antigos povoadores de Hespanha—seu caracter e costumes—Invasão dos phenicios e dos carthaginezes—cerco de Sagunto—Invasão dos romanos—politica d'estes—Resistencia dos naturaes—Sertorio e Viriato—Sitios de Astapa e de Numancia—Conducta dos proconsules romanos—Dominio de Augusto—Beneficios da occupação romana—instrucção e litteratura, sciencias e artes—corporações de operarios—minas d'oiro e prata; manufacturas—viação—monumentos—Christianismo—martyres—Saragoça—letras christãs—Osio, bispo de Cordova—A Hespanha nos ultimos tempos do imperio—Invasão dos barbaros.

Dos povos que primitivamente habitaram a peninsula, temos apenas noticias vagas e de pouco credito, ou tradições maravilhosas, que não resistem a uma critica esclarecida.

Por isso encetamos esta narrativa no periodo em que a historia de Hespanha começa a accentuar-se; isto é, quando os phenicios, carthaginezes e romanos a invadiram successivamente, attrahidos pela amenidade do clima, excellencia dos fructos, e deslumbrantes riquezas enthezouradas no seio da terra.

Habitavam então a peninsula os cantabrios — os iberios — celtiberos — lusitanos — e outros povos que constituiam nacionalidades independentes, e mesmo pouco relacionadas entre si.

Dedicavam-se todos aos exercicios da caça e aos trabalhos da agricultura; por isso eram robustos, ageis, sobrios e infatigaveis.

Dividiam annualmente os campos em partes iguaes, que distribuiam á sorte.

Eram severos na applicação da justiça e condemnavam rigorosamente a immoralidade.

A velhice era muito respeitada, assim como as crenças e as tradições.

Affaveis e hospitaleiros, tinham comtudo trato difficil no ordinario da vida que estabelece e entretem relações.

D'este isolamento, e da falta de instrucção, provinha uma certa ingenuidade, que mais aproveitou aos invasores, que o uso da força; pois a esta oppunham frequentemente, e com vantagem, prodigios de valentia, em quanto que das manhas e ardis mal sabiam livrar-se.

A occupação dos phenicios foi breve, e Cadix o unico estabelecimento consideravel que poderam formar.

Os carthaginezes permaneceram muito mais tempo e assenhorearam-se dos melhores portos meridionaes, edificando Barcelona, Carthagena e outras cidades.

Dominava-os avidez insaciavel, que os conduzia à pratica das maiores violencias.

Levantaram-se os naturaes em reacção aberta e odienta, da qual se contam horriveis episodios.

Recordaremos um dos mais notaveis, que se passou em Sagunto, povoação antiquissima, e que por muito rica despertou a cubiça de Anibal, o qual lhe poz cerco com um exercito de cento e cincoenta mil homens.

A defeza foi vigorosa e intelligente; mas emfim, desmanteladas as muralhas e enfraquecida a guarnição, foi mister capitular.

Porem os habitantes incendiaram as casas, amontoaram na praça publica os seus haveres, thesouros, moveis, e alfaias, fizeram de tudo medonha fogueira, n'ella se precipitaram com mulheres e filhos.

Anibal conquistou a preço de muito sangue... ruinas e cadaveres.

Esta patriotica luta abrange um rasgado periodo de exterminio, e acabou pela expulsão completa dos carthaginezes, que tão funestos haviam sido á peninsula.

Não resta d'elles vestigio, senão de rapinas, extorsões, incendios e mortes—são os monumentos que legaram á posteridade.

Os romanos, politicos habeis e rivaes dos carthaginezes, aproveitaram-se da aversão que estes provocavam para se fazerem valer aos olhos dos hespanhoes, a quem deslumbravam com grandiosas acções.

Anibal encerrara em Sagunto, reconstruida, numerosos refens dos povos que haviam sujeitado, os romanos libertaram-nos, restituiram-nos ás familias e grangeiaram assim geral popularidade.

Scipião o Moço, tomando Carthagena, deu a liberdade aos prisioneiros, respeitou as mulheres, e sendo-lhe apresentada uma menina de rara formosura e de elevada cathegoria, restituio-a aos pais e ao noivo, immaculada, e enriquecida com valiosos presentes.

Sempre que os carthaginezes devastavam ou affligiam um povo, acudiam promptamente os romanos a remediar o mal; e quando os opprimidos levantavam o estandarte da revolta, quasi sempre tinham de Roma soccorro amigo e apparentemente desinteressado.

Mas assim que lograram a expulsão do rival, logo de amigos se transformaram em despotas, e o povo hespanhol vio-se novamente obrigado a defender a sua liberdade; mas agora contra usurpadores mais habeis, mais fortes, e que de ha muito conheciam o terreno que se lhes disputava.

Abrangem dois seculos estas novas guerras; a historia d'ellas, é a da mais tenaz, da mais desesperada resistencia, que se archiva nos fastos da humanidade.

Os mais excellentes capitães—Scipião, o Africano, Julio Cezar—Pompeo—Catão, o Censor, viram com frequencia baldada a sua pericia, e inutilizado o mais audacioso valor militar, perante rasgos de rude, mas entranhado amor da independencia.

Ha memoria de grandes homens e de grandes feitos—Sertorio e Viriato ficaram legendarios;—eram invenciveis... foi necessario assassinal-os.

Pelejaram-se batalhas em que morreram trinta e quarenta mil homens; abriram-se campanhas em que se destruiram completamente mais de quinhentas povoações. Pertence a Catão o Censor esta triste gloria.

Em Astapa, emula de Sagunto, lançaram-se ao fogo as mulheres, os velhos e as creanças, em quanto os homens validos se faziam matar até ao ultimo no campo da batalha.

Numancia resistiu ao embate successivo de cinco exercitos, obrigou a capitulações vergonhosas quatro grandes capitães, esmagou diante de seus muros o orgulho de Roma, que se commoveu no seio da sua assemblêa, e finalmente, cansada por annos de combates, debilitada pela fome, quando já os vivos se mantinham com a carne dos mortos, e os fortes se nutriam dos fracos, rendeu-se a Scipião o Africano, mas os habitantes degolaram-se uns aos outros, ou envenenaram-se; incendeiaram, derrocaram tudo, e, como sempre, o inimigo conquistou apenas... montões de ruinas e de cadaveres.

Na desordem d'este periodo os proconsules romanos acharam, como é natural, pretextos amiudados para grandes espoliações e abusos, por isso retiraram da peninsula prodigiosos cabedaes, já das abundantissimas minas d'oiro e prata que fizeram explorar, já das rapinas que exerciam, ou dos pezadissimos impostos com que ve-

xavam os povos. Poucos foram os que procederam honestamente; quasi todos se enriqueceram, e é certo que a Hespanha, mais do que os outros paizes, concorreu com os seus thesouros para alimentar o fausto desordenado da antiga Roma.

Comtudo foi no meio d'estas prolongadas e assoladoras guerras que a peninsula alcançou os primeiros germens da sua futura civilisação.

Na arte da guerra aprendeu muito dos grandes mestres do tempo; e aos desvelos de Sertorio deve as suas primeiras escolas e a implantação de avançadas instituições politicas e administrativas.

Nunca se desmentiu a gratidão do povo hespanhol para com este grande homem; depois de uma batalha perdida, os soldados tomaram-no aos hombros, prestando-lhe bisarramente as honras triumphaes na hora da adversidade.

Quando foi assassinado pelos romanos, no meio de um festim, a sua guarda hespanhola immolou-se toda aos Deuses Manes, pois não houve um só homem que lhe quizesse sobreviver, tendo jurado defender-lhe a vida á custa da sua propria.

O imperador Augusto conseguiu finalmente dominar em toda a peninsula, e consolidou a occupação romana com actos de excellente governo.

Depois d'este reinado abriu-se uma epoca de paz, e de prosperidade relativa; desde então a Hespanha só teve a soffrer, como os demais membros do grande imperio, as iniquidades que a historia condemna em alguns dos imperadores.

Em muitas cousas a occupação romana deixou de si boa memoria.

A instrucção foi dispensada com bastante largueza e fecundo resultado; a Hespanha dos romanos ufana-se legitimamente como patria dos dois Senecas — de Lucano — Quintiliano — Pomponio Mella — Marcial — Floro —

professar a fé; acolheu as predicas do apostolo S. Thiago, e bem depressa Saragoça e outras terras foram regadas com o sangue de muitos martyres.

As letras christãs floresceram rapidamente, avantajando-se n'ellas Prudencio—Pisciliano—e Osio, bispo de Cordova, que teve a gloria de presidir ao celebre concilio de Nicéa, onde, segundo consta, redigiu o symbolo da fé.

A dissolução que minou o imperio na sua ultima edade tambem se fez sentir na peninsula, facilitando a invasão dos barbaros.

A tolerancia romana, em assumptos de administração, dera largas ás provincias, e mesmo ás povoações, para se regerem com certa independencia, a que eram naturalmente affeiçoadas.

Implantara-se assim pouco a pouco uma especie de regimen municipal, que difficultava a unidade tão necessaria para fazer face a uma grande crise.

Além d'isso era geral e legitimo o descontentamento contra o fisco, cuja violenta oppressão excedia todos os limites; pois que os impostos, já de si excessivos, eram cobrados com taes vexames, que frequentemente pagavam os vivos a quota dos mortos, recebiam açoutes os recalcitrantes, e eram postos a tratos os insolvaveis. O tributo de sangue era tão oneroso que as familias viam com desespero arrancarem-lhe todos os filhos, para militarem e morrerem nas fronteiras longinquas da Armenia, da Capadocia, e da Thracia.

D'est'arte nem as cousas nem os animos estavam dispostos para uma defeza vigorosa. Os vandalos, suevos e alanos assenhorearam-se pois facilmente da peninsula, que passou então pela mais extraordinaria quadra de horrores.

Tudo era posto a fogo e a sangue; tanto eram saqueadas as opulentas cidades, como as pobres e humildes choupanas.

O incendio abrasava as florestas, os olivedos, as searas; o machado, que abatia as casas e os armazens, cortava as cepas e despedaçava os pomares.

Destruiam-se os fructos, devassavam-se os celleiros, desmantelavam-se as fabricas e as officinas, mutilavam-se as obras d'arte.

Havia miseria por toda a parte e os animaes esfomeados, em consequencia da nudez dos campos, lançavam-se aos homens e invadiam as habitações. Restos insepultos de cadaveres entulhavam as ruas e as estradas, envenenando os ares e infectando tudo com medonha peste. N'esta malaventurada terra só os abutres folgavam.

Foram trinta annos de cruel devastação, atravez da qual se implantou a monarchia gothica, a quem a providencia incumbira uma importante missão regeneradora.

HISTORIA RESUMIDA

DE

HESPANHA

DESDE A

OCCUPAÇÃO DOS CARTHAGINEZES

ATÉ Á ACTUALIDADE

POR

CARLOS LISBOA

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA E COMP.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1874

os barbaros de vencida, logrou assenhorear-se de quasi toda a peninsula.

Pouco depois, Eurico formou com estas conquistas e com a Gallia Gothica, o maior dos reinos constituidos pelo desmembramento do famoso imperio.

Os primeiros reis godos tinham dotes militares, e distinguiram-se nas guerras d'aquella epoca. Theodoredo morreu gloriosamente na batalha terrivel que anniquilou o poder immenso de Attila. Estes povos haviam abraçado o Arianismo, e a heresia originou no principio de seu dominio grandes desordens intestinas, pela perseguição que os reis moviam aos catholicos, a quem chegaram a desterrar, ou a encarcerar os bispos.

Pelo mesmo motivo sustentaram continua guerra com os francos, que por mais d'uma vez invadiram a peninsula.

D'estas campanhas é muito lembrado um acontecimento, que por ser em extremo caracteristico passamos a referir.

Childeberto, rei dos francos, depois de haver tomado Pamplona, Calahorra e outras povoações, poz cerco a Saragoça. Os defensores fizeram voto a S. Vicente e sahiram fora das muralhas em procissão de penitencia, com a cruz alçada, vestidos de sacco, e as cabeças polvilhadas de cinza; homens e mulheres, velhos, creanças, enfermos, finalmente uma população inteira, desfilou diante do inimigo, entoando devotamente canticos e orações.

Os sitiantes, tocados de admiração e respeito ante um testemunho tão grandioso de fé christã, levantaram o cerco, e havendo pedido uma reliquia do Santo, conduziram até Paris a estolla que lhe foi concedida, e para guarda da qual se mandou edificar a egreja que hoje tem a invocação de S. Germano.

Estas guerras cessaram no reinado de Recaredo que, abjurando a heresia, declarou a religião catholica, religião do estado.

Os concilios, que até alli se haviam exclusivamente occupado de assumptos ecclesiasticos, começaram então a intervir no temporal, e auxiliaram poderosamente a governação com as luzes de sua esclarecida e bem intencionada sabedoria.

Quando estas assembleas tratavam de materia civil, tornavam-se mixtas dos prelados e dos nobres; mas como d'estes poucos compareciam, e esses mesmos tinham escassas habilitações, predominava inteiramente o elemento ecclesiastico nos negocios do estado.

Os canones dos diversos concilios que se reuniram durante a monarchia gothica, contéem variadas e uteis disposições.

Em materia ecclesiastica decretam o celibato para os padres, (4.º concilio Toledano) e exigem aos ordinandos a maioridade dos trinta annos, comportamento irreprehensivel, e decidida vocação. Ás viuvas dos bispos dos presbyteros e dos diaconos, obrigam a tomar véu preto e a retirarem-se aos conventos, que tambem recebiam as dos seculares, quando livremente e por acto escripto renunciavam a vida mundana. Para as donzellas somente se tornava accessivel o claustro alem da edade de quarenta annos, e em presença d'um passado virtuoso. Se na juventude se votavam á castidade e ao serviço do Senhor, tomavam véu branco, symbolo de puresa, mas permaneciam no seio das familias, sob a protecção e vigilancia da egreja, até que a edade prescripta lhes abrisse a porta dos mosteiros.

Impõem penalidades severas aos falsos ermitas que frequentemente occultavam no isolamento e na ociosidade a torpeza de seus vicios, e castigam com a clausura aos clerigos que se afastam da mansidão evangelica, entrando nas desordens ou guerras civis, em desharmonia com uma religião toda de amor e caridade. Prohibem aos bispos que entrevenham em julgamento que accarrete pena de morte ou mutilação. Finalmente,

I

RESUMO

563 A. C. — 412 N. C.

Antigos povoadores de Hespanha—seu caracter e costumes—Invasão dos phenicios e dos carthaginezes—cerco de Sagunto—Invasão dos romanos—politica d'estes—Resistencia dos naturaes—Sertorio e Viriato—Sitios de Astapa e de Numancia—Conducta dos proconsules romanos—Dominio de Augusto—Beneficios da occupação romana—instrucção e litteratura, sciencias e artes—corporações de operarios—minas d'oiro e prata, manufacturas—viação—monumentos—Christianismo—martyres—Saragoça—letras christãs—Osio, bispo de Cordova—A Hespanha nos ultimos tempos do imperio—Invasão dos barbaros.

Dos povos que primitivamente habitaram a peninsula, temos apenas noticias vagas e de pouco credito, ou tradições maravilhosas, que não resistem a uma critica esclarecida

Por isso encetamos esta narrativa no periodo em que a historia de Hespanha começa a accentuar-se; isto é, quando os phenicios, carthaginezes e romanos a invadiram successivamente, attrahidos pela amenidade do clima, excellencia dos fructos, e deslumbrantes riquezas enthezouradas no seio da terra.

em França era quasi todo analphabeto, e em Italia a custo fornecia ao Papa um embaixador sufficientemente instruido para o representar em Constantinopla. Ellas affirmam tambem a cordura e a moralidade que distinguiram a monarchia wisigothica, nobilitando-a entre todos os poderes que então procuravam reconstruir as sociedades europêas.

Os monarchas godos corresponderam quasi sempre á missão que lhe cabia n'este periodo difficil das evoluções sociaes. Foram quasi todos homens de governo; muitos se distinguiram como militares, e outros legaram á posteridade memoria de grandes rasgos e das mais raras virtudes.

Citaremos alguns, já que a brevidade de limites que nos impozemos n'esta historia, impede que se mencionem todos.

Sizebuto deu os mais bellos exemplos de caridade christã, desvelando-se para com o inimigo ferido, como se fôra o proprio irmão d'armas, e consumindo um avultado patrimonio em resgatar os prisioneiros, que restituia ás suas familias.

Tulga proclamou a caridade, a primeira virtude dos soberanos, e applicou o melhor do erario em soccorro dos desvalidos.

Wamba, eleito pelos grandes, na forma da constituição, exigiu o suffragio universal, pelo principio de que o monarcha deve possuir a confiança de todos aquelles que é chamado a governar. Depois de um reinado brilhante e cheio de magnanimidade, perdeu a corôa pelo traiçoeiro ardil do seu melhor amigo, que, ministrando-lhe um narcotico, se aproveitou da morte apparente para o fazer tonsurar, impossibilitando-o assim de continuar á frente do governo, por ser considerado o corte dos cabellos como a maxima deshonra para um fidalgo. Desthronado tão cobardemente e constrangido a esconder no claustro a imfamia da tonsura, e a vergonha do logro, debalde o sol-

licitaram seus partidarios para que reconquistasse a corôa; desistiu, abnegando o legitimo direito, e o prazer da vingança, para evitar á nação ás tristes contingencias d'uma guerra civil.

Egica desapossou dos bens a seus parentes para cumprir uma restituição decretada por lei.

Parece que uma nação governada por homens de tão grande tempera, e illustrada com a mais sabia legislação, devia alcançar preponderancia e grandezas tanto mais legitimas, quanto era manifesta a insufficiencia dos estados contemporaneos. Não aconteceu porem assim, porque as lutas civis que ensanguentaram todos os reinados, atrophiavam a iniciativa dos reis, absorviam as forças vivas da nação, e reduziam o povo a concentrar-se no seu viver interior, separando-o forçadamente de toda a communicação extranha. Eram os funestos resultados da soberania electiva, que se por um lado facultava a escolha do mais digno para a realeza, por outro lado abria margem a ambições, levantava odios e rivalidades entre os grandes, nutria parcialidades, e, finalmente, estabelecia a permanencia da guerra civil com prejuizo constante do estado e rebaixamento da dignidade nacional.

N'estas dissenções está a causa primaria da destruição da monarchia wisigothica, pela desmoralisação que semearam entre a nobreza, desaffeiçoando-a das cousas da patria, a ponto de recorrer á intervenção estrangeira, quando o exigiam as suas conveniencias, sem curar dos perigos e da deshonra que provocavam.

O governo de Witiza e o de Rodrigo foram funestos á Hespanha; as leviandades, a licença e os crimes acabaram a obra destruidora das guerras civis. Relaxando os costumes, desmantelando a administração, e desprestigiando o poder real, os ultimos monarchas gôdos conjuraram a catastrophe que subverteu a peninsula.

O conde Juliano, inimigo pessoal de Rodrigo, e os filhos de Witiza, preteridos em seu supposto direito de

succcessão á corôa, chamaram os arabes em soccorro de suas ambições, e desaggravos pessoaes.

Estes, conquistadores arrojados na Asia e na Africa, dominadores da Persia, da Syria, do Egypto, e das Mauritanias, cubiçavam de ha muito a Hespanha onde entretinham relações secretas com os israelitas, que viviam descontentes pelas monstruosas perseguições que soffriam desde o reinado de Sizebuto, apesar das censuras da egreja, que, sempre conciliadora e tolerante, nunca deixara de entervir em favor d'esta raça proscripta e odiada.

Musa, governador da Africa, acquiesceu pois de boa mente ao convite dos degenerados fidalgos, e enviou á peninsula uma expedição commandada por Tarik que, desembarcando em Gibraltar, venceu com facilidade a escassa resistencia que lhe oppoz Theodomiro, com algumas tropas reunidas apressadamente.

Conseguida a primeira victoria, internaram-se rapidamente no paiz, encontrando-se em breve com o exercito real sob o commando de Rodrigo, nos campos nefastos de Guadaléte.

Alli, em uma só batalha, se desmuronou a monarchia gothica, ficando a Hespanha de xofre á mercê do invasor.

Contam-se esplendidos feitos d'armas d'esta peleja e é certo que Tarik alcançou a victoria pela torpe defecção dos filhos de Witiza, que havendo mercadejado a independencia da patria, abandonaram com seus soldados as fileiras christãs no mais arduo da luta.

É incerto o fim de Rodrigo; no campo ensanguentado encontraram a corôa, o sceptro e o manto do desventurado monarcha—perdidas insignias da perdida realeza.

Sobre o destino do sympathico guerreiro, divagam as lendas, as chronicas e os romances, acreditando-o uns, morto ás mãos do inimigo, outros afogado no rio.

Querem tambem que fosse occultar a vergonha nas solidões d'um deserto, ou que buscasse o remanso de humilde e ignorada clausura.

Na obscura egreja de S. João de Fetal, junto a Vizeu, capital da nossa provincia da Beira Alta, apparece uma antiga sepultura cuja inscripção faz suppor que ali existem os seus restos.

Os Musulmanos souberam approveitar o desanimo e a perturbação que se seguiram a esta inesperada calamidade; espalharam-se rapidamente por toda a parte, encontrando apenas em um ou outro ponto debil e mal organisada resistencia.

III

711—995

Caracter da occupação serracena — reliquias da monarchia gothica—Theodomiro — as Asturias—Pelayo—batalha de Covadonga—Acclamação de Pelayo—Principio do reino das asturias—Favila—Affonso I—suas guerras—Aurelio—Cilo—Mauregato—Bermudo—Casamentos entre christãos e musulmanos —Affonso II o *Casto*—Embaixadas a Carlos Magno e a Luiz de Aquitania — liga christã — guerra civil—incremento do reino das Asturias—Oviedo capital—primeira cathedral da restauração—reorganisação civil e ecclesiastica—a Vasconia —Roncesvalles — cerco de Barcelona — Condado soberano de Barcelona—Guerras entre os principes christãos—Costumes desordenados de moiros e de christãos—Emancipação de varios condados—Principios dos reinos de Leão, Aragão, Urgel e Sobarbe—primeiros *fueros*—engrandecimento da Hespanha christã—Progresso e esplendor do califato—Almansor—periodo funesto para a Hespanha christã—batalha de Catalañazor.

Os arabes consummaram habilmente a invasão. Confiavam a guarda das cidades e dos castellos aos israelitas, seus naturaes alliados, respeitavam a vida aos moradores pacificos, affixavam rigorosa justiça, e deixavam livre o exercicio da religião christã. Apenas a ru-

deza e a avidez d'um ou outro chefe se traduziu em excessos. A violencia não era o caracter geral da conquista, que, audaz e implacavel nos campos da batalha, se mantinha pacifica e ordeira na occupação.

Esta habil conducta explica, em parte, a estranha brevidade com que os arabes dominaram a peninsula, apesar do espirito belicoso e independente de seus habitantes, e sem embargo da differença radical nas crenças, habitos, e costumes que traziam. Da esfacelada monarchia gothica apenas sobreviveram algumas reliquias.

Theodomiro, o primeiro general que combatera a invasão, juntou os restos das suas destroçadas hostes, conservou-se nas cidades que hoje são Orihuela, Valencia e Alicante; emprehendeu uma resistencia tenaz e intelligente, logrando afinal obter da generosidade cavalleirosa de Abderrhaaman, filho de Muza, um tratado em que reconhecia a independencia d'este pequeno estado. Mas foi regalia de pouca duração, e que os califas em breve souberam anniquilar.

Nos Pyrineos conservaram-se livres alguns montanhezes indomaveis, nucleo dos futuros reinos de Navarra e de Aragão.

Para as montanhas das Asturias convergiram varios prelados e senhores godos, seguidos de alguns populares. Occultaram-se em ermos tão reconditos e ignorados, que os tempos passaram, sem que os infieis suspeitassem a existencia d'aquella população, sã e robusta, que havia de produzir as gerações destinadas a expulsal-os da peninsula.

Pelayo, illustre por nascimento e distincto por extremadas qualidades, foi o digno chefe d'esta colonia austera, e o iniciador da *reconquista;* acontecimento extraordinario e sem egual na historia, obra de gerações e gerações de homens, que lhe sacrificaram o melhor de seu sangue.

Quando foi conhecida a existencia d'este pequeno

povo, marcharam numerosas tropas a devassar-lhe o retiro.

Pelayo internou-se nas montanhas e emquanto as mulheres, os velhos e as creanças se acolhiam ao mais emmaranhado da serra, guarneceu os desfiladeiros, e concentrando a melhor da sua pequena força esperou o inimigo nas grutas de Covadonga. Os arabes avançaram resolutamente, mas encontraram uma resistencia desesperada. Em quanto os homens d'armas lutavam valorosamente, sahiu a população de seus esconderijos, e acercando-se dos cerros e das cumiadas, manejaram grandes penedos, que resvalando pelas quebradas vinham esmagar o inimigo, causando-lhe medonho destroço e pondo-o em debandada. Crescera a confusão com uma grande trovoada; os raios colhiam e fulminavam os combatentes, as aguas torrenciaes, que se despenhavam dos montes, arrastavam os homens e os cavallos; desagregava-se a terra das encostas, envolvendo e sepultando columnas inteiras de fugitivos; abriam-se barrancos e sorvedoiros que engoliam os cadaveres, e até as arvores, arremessadas ao longe pelos turbilhões do vendaval, embaraçavam na planicie os restos desmantelados da malograda expedição.

Parecia que a terra e o céu das Hespanhas se haviam conjurado contra o oppressor, e o destruiam sem dó com todas as potentes armas que lhes fornecera a natureza.

As antigas chronicas teem na conta de milagre este successo; grandioso preludio da grandiosa luta que emprehendemos historiar. Os arabes desconheceram a importancia do desastre de Covadonga, e exclusivamente occupados na conquista da Septimania Gothica, facilitaram ao novo soberano a consolidação do seu pequeno reino.

O povo asturiano, accrescido rapidamente com os christãos das comarcas visinhas, que atrahira a fama do

successo, aproveitou-se d'esta inesperada paz para se estabelecer e alargar os seus limites na planicie, desbravando os campos e edificando villas e casaes.

Alahor, emir de Cangas d'Onis, accommetteu Pelayo em um valle junto a esta cidade; mas foi desbaratado pelos christãos, que mesmo no campo da batalha acclamaram Pelayo como rei das Asturias. A cidade foi occupada e erigida em capital do novo reino; e n'ella morreu Pelayo ao cabo de dezoito annos de reinado.

Succedeu-lhe seu filho Favila, que se mostrou incapaz para tão ardua realeza; mas a morte suprehendendo-o nos prazeres da caça, sua unica occupação, salvou a Hespanha dos perigos que infallivelmente lhe acarretava no principio da sua reconstrução, um reinado debil e sem prestigio.

Haviam-se conservado muitos usos dos godos e permanecia a sua legislação; por isso foi escolhido rei entre os grandes, sem consideração pelo principio hereditario.

Affonso I, genro de Pelayo, reuniu os suffragios, foi acclamado, e correspondeu á missão que lhe fôra confiada, proseguindo com tanto ardor na obra da fé e da liberdade, que entre os christãos se chamou o Catholico, e entre os infieis ficou conhecido pelo Terrivel, o Filho da espada, o Matador de homens.

Levou a guerra á quarta parte da peninsula e assentou o seu dominio desde o Oceano occidental até aos Pyrineos, e do Cantabrio ás serras de Guadarrama. Todos que se lhe seguiram o imitaram, perseguindo ardentemente os infieis, com excepção de Aurelio, Silo, Mauregato, e Bermudo, que viveram em uma paz tão esteril para a liberdade como para o bem do estado, pois de seus reinados nada consta de proveitoso.

Aurelio chegou a authorisar o casamento entre christãos e musulmanos, lei singularmente estranha para os costumes do tempo, e que deu origem á conhecida fabula do tributo das cem donzellas.

Sendo porém curtos estes reinados, a reconquista depressa recobrou alentos.

Affonso II o *Casto*, preterido tres vezes pelos caprichos da eleição, recebeu a corôa abdicada por Bermudo, reabriu as hostilidades e depois de alcançar grandes victorias mandou embaixadas a Carlos Magno e a Luiz de Aquitania, afim de lançarem os fundamentos d'uma liga christã, que vigorisasse a guerra movida aos infieis.

Não foram comprehendidas estas negociações pelos asturianos; o descontentamento lavrou entre os grandes, que se levantaram, desthronaram o monarcha, e o constrangeram a recolher-se ao mosteiro de Abelamia. Mas Theudo e alguns vassallos leaes, restituiram-lhe o throno, depois d'um interregno tão curto, que nem consta fosse eleito outro soberano.

N'esta época já o reino das Asturias demonstra incremento e pujança que testemunham quanto a reconquista havia adiantado, apesar das muitas intermitencias, e embaraços creados pelas lutas civis, pelas desavenças entre os principes christãos, e a debilidade d'alguns soberanos.

Oviedo, grande e populosa, substituira a modesta Canga, nas primazias de capital, e embelecera-se com monumentos, aqueducto e banhos sumptuosos. Erguia-se a primeira cathedral da restauração, que os monarchas enriqueciam com alfaias e rendimentos, destinando-a affoitamente a pantheon de seus successores.

A côrte, organisada segundo a pragmatica gothica, competia em grandeza e luzimento com a antiga de Toledo.

Finalmente, regenerava-se a disciplina ecclesiastica e a legislação civil, cuidando-se na organisação do estado, que evidentemente já se distanciava muito d'aquella pequena nacionalidade occulta e timorata, que a custo vivia entre as brenhas da serra nos tempos primitivos de Pelayo.

Muito conseguira pois a fé christã, o amor da independencia e a louvavel perseverança do povo hespanhol. Mas a pessima organisação politica dos musulmanos, as suas terriveis lutas intestinas, as conquistas em que se distraiam para além dos Pyrineos, facilitara consideravelmente a missão libertadora dos christãos.

Se os asturianos haviam iniciado este grande movimento, a Vasconia seguira-os de perto e a perseguição dos invasores, menos ordenada junto dos Pyrineos, revelava entretanto um espirito de independencia e uma iniciativa vigorosa, que muito aproveitou aos interesses da reconquista. E quando reinava Affonso o *Casto* já os vasconços tinham importancia consideravel entre os povos da peninsula. Das suas rudes campanhas, emprehendidas alternadamente contra os arabes e contra os francos, que uns e outros pretendiam dominal-os, contam as chronicas muitos feitos militares, e ficou legendariá a celebre derrota de Roncesvalles, em que foi aniquilado o exercito de Carlos Magno, e pereceu o famoso Rolando com a flôr da nobreza de França.

Luiz o *Piedoso*, de Aquitania, acompanhado por muitos barões e senhores importantes, resolveu ao principiar do seculo IX, a conquista de Barcelona. O cerco foi prolongado e ficou memoravel na historia, mas a cidade foi entrada, e erecta em condado soberano, que desde logo tomou parte importante na expulsão dos fieis.

A onda crescia pois; por toda a parte os arabes eram vigorosamente atacados, e mal resistiam aos esforços repetidos dos christãos. Ramiro, Ordonho e Affonso o *Grande*, nas Asturias, os dois Garcias e Sancho na Navarra, os condes soberanos de Barcelona, atacaram-nos com rara energia, cobrindo-se de gloria em muitas e repetidas campanhas.

Talvez se houvesse consummado a ruina dos musul-

manos se a Hespanha christã senão deixasse arrastar para um turbilhão de desordens, que a atormentaram por largo tempo, prejudicando os mais caros interesses.

As dissenções entre as familias reinantes foram de tal ordem, que se degladiavam sem escrupulo os país, os filhos e os irmãos; nem os laços do hymineo, nem os de parentesco, podiam conter os principes na vertigem desordenada de suas ambições. A mesma religião era impotente; e os interesses pessoaes desconhecendo-a, buscavam a alliança dos infieis sem escrupulo algum, e com o mesmo despejo com que assoldadavam o assassinio, sem escutar a voz do sangue ou a da consciencia.

N'estes tempos irrequietos, para os de uma e outra fé, apresentaram-se singulares aberrações. Os monarchas catholicos, que estendiam a mão de amigo ao agareno, quando assim convinha aos interesses da politica, affirmavam a sua devoção doando á egreja avultados rendimentos e honrando excepcionalmente os prelados. Os califas, que de bom grado esqueciam differenças de religião, quando os christãos lhe davam proveitosa alliança, desaggravavam a consciencia perseguindo e exterminando nas cidades os irmãos de aquelles a cujo lado pelejavam no campo da batalha. Viu-se Affonso o Grande confiar a educação de seus filhos ás escolas arabicas de Saragoça. Não menos tolerantes, os sarracenos, permitttiram a dois ministros do Senhor que atravessassem quasi toda a Hespanha sem serem inquietados, na conducção das reliquias dos santos martyres Eulogio e Leocricia. Foi no meio d'esta desordem que se emanciparam os condados de Galliza, Alava, Castella, Burgos e que se esboçaram os reinos de Leão, Aragão, Urgel e Sobarbe, lavrando-se os primeiros *fueros*; contractos tão celebres na Hespanha e que definiam as relações entre os governantes e governados.

Torna-se bem apparente o engrandecimento da Hespanha christã a expensas do poder musulmano, que esteve prestes a baquear de todo aos golpes de Ramiro II de Leão.

Mas a desunião das nacionalidades inutilisou as vantagens do monarcha leonez, e permittiu o desenvolvimento moral do imperio sarraceno que Abderrhaaman III e Alhakem II souberam elevar a grande prosperidade e renome.

Viram-se então em Cordova embaixadas do Imperador Constantino, dos Reis da Esclavonia, de Italia e de Provença, e da Rainha, viuva de Carlos o Simples, de França.

Afluiram para a deslumbrante côrte dos califas os principaes sabios e os mais primorosos artistas; a todos se dispensavam honras e a muitos confiaram os maiores cargos do estado.

Esta desusada illustração do imperio musulmano não podia deixar de ser perigosa para as nações hespanholas, que estavam longe de tão grande progresso. Com effeito Almansor, primeiro ministro de Hixem, tido entre os infieis pelo maior homem do seu seculo, declarou guerra de exterminio aos christãos, e em multiplicadas expedições, que conduzia com extremado valor e talento militar, restabeleceu a predominancia dos seus na peninsula, reduzindo os hespanhoes aos acanhados limites da era de Pelayo, apesar da resistencia desesperada que lhe oppunham os reis e os condes soberanos, alliados em presença do perigo commum.

Mas a providencia velava pelos amigos da fé. Querendo Almansor vibrar o ultimo golpe na Hespanha christã, intentou a conquista de Castella, nucleo da resistencia que se lhe oppunha. Reuniu para isso todas as forças do imperio e empenhou em Catalañazor uma batalha decisiva contra os exercitos reunidos de Leão, Asturias, Galliza, Navarra e Castella. D'esta vez foi-lhe adversa a

sorte; experimentou uma terrivel derrota, e retirando-se do campo de batalha, coberto de feridas e quebrantado de magua, foi morrer a Medina-Coelli no dia seguinte ao d'esta memoravel acção, que salvou a Hespanha. Este dia marcou o principio da decadencia do imperio ommiada que, privado do seu maior homem politico, foi presa de repugnantes intrigas, que em breve acabaram com a dynastia.

IV

995—1085

Grande fraccionamento do imperio musulmano depois da queda do califato—Extraordinarias desordens entre os principes christãos—Reorganisação interna dos estados christãos—reedificação de cidades e fortalezas—modificações na constituição—*beheterias*—reformas judiciaes—reformas na egreja—substituição do rito gothico pelo rito latino—guerras com os musulmanos—Ramon Berenguer, de Barcelona—Sancho Ramires de Aragão—Fernando I de *Castella*—Affonso VI de *Castella*—Cerco e conquista de Toledo.

É para lastimar que a providencial victoria de Catalañazor não fosse convenientemente aproveitada. A desmoralisação que depois d'ella lavrou entre os infieis, derribando o califato, fraccionou o imperio musulmano em muitos emiratos, ou reinos pequenos, que mingoados de recursos, e incapazes de se alliarem pela constante desunião de seus chefes, não podiam offerecer séria resistencia. Mas os principes, que o perigo cummum reunira, separaram-se logo voltando uns contra os outros as forças que mais nobremente haviam empregado na defeza exclusiva da fé.

A monarchia deixara pouco a pouco de ser electiva, mas a mudança não acabara com a discordia. Os reis

que pelas exigencias de uma vida quasi exclusivamente guerreira, haviam absorvido todos os poderes, olhavam os Estados como patrimonio, e dispunham d'elles por testamento, conforme ás suas vistas, ou segundo as suas predileções, afastando-se muitas vezes dos principios da equidade. Por isso a morte de um soberano provocava sempre desavenças entre os herdeiros, e como os diversos principes se achavam mais ou menos ligados, por parentesco ou psr alliança de familia, generalisava-se a guerra, envolvendo toda a Hespanha christã.

Estas lutas alcançaram um desenvolvimento fatal, e deixaram de si memoria ignominiosa.

De sete soberanos, os que não morreram assassinados por mão ou ordem de seus irmãos, acabaram no campo de batalha, defendendo a corôa, das ambições dos mais proximos parentes.

Em todas as familias reinantes, eram sacrificadas ás ruins paixões os mais sagrados deveres da honra, os mais elevados sentimentos religiosos; tão mal reputados se viram estes degenerados descendentes dos heroes da reconquista, que Affonso VI de Leão para ser reconhecido como rei de Castella, foi obrigado a prestar juramento solemne de não ter cumplicidade no assassinato de seu irmão, a quem succedia.

Os escassos dias de tranquillidade foram por toda a parte consagrados a restaurar a sociedade christã, tirando-a do aniquilamento em que a lançara o poder de Almansor.

Muitas povoações importantes resurgiram medradas e engrandecidas dos montões informes de suas ruinas. Os castellos desmantelados, no embate de gloriosas lides, ergueram-se de novo mais fortes e ameaçadores. Os progressos moraes tambem começaram a affirmar-se caminhando ousadamente para generosos intuitos.

Desdobrou-se o poder real, outhorgando territorios, direitos, e jurisdições á nobreza e ao clero em remune-

ração de serviços prestados nas epocas calamitosas. Lavraram-se consideraveis franquias, privilegios e administrativos e mesmos judiciaes, a que o povo hespanhol sempre se mostrara affeiçoado.

Melhorou-se sensivelmente a servidão, creando-se as *beheterias*, privilegio muito avançado que authorisava os servos de certas povoações a fazerem escolha dos senhores, segundo asua conveniencia, e lhes permittia deixal-os quando tinham motivo de queixa.

Abriu-se margem á prosperidade e independencia do povo, concedendo a propriedade de casas e de terras lavradias aos que acudiam a povoar as fronteiras.

Reuniram-se os concilios afim de modificarem o codigo wisigothico conformemente com as exigencias de novos usos e de novas necessidades.

Os soberanos estabeleceram juizes *que julgassem a causa de todo o povo*, e a justiça tornou-se tão severa que no reinado de D. Affonso VI, segundo affirma D. Pelaio d'Oviedo, podia uma mulher transitar desacompanhada por toda a Hespanha com ouro nas mãos, sem temor de ser roubada nem desatendida.

É provavel a exageração do chronista, entretanto a affirmativa, testemunha de uma epoca de moralidade incontestavel, cujo espirito tambem se revella nas leis, que condemnavam á fogueira as mães criminosas de aborto ou infantecidio, e tinham em tanto horror o perjurio, que contra as testemunhas falsas se lançava a excommunhão, e suas habitações eram arrazadas até aos alicerces.

Se hoje usassemos similhantemente, accenderiamos a fogueira todos os dias, e o camartello não teria descanso.

A par de tão rasgadas aspirações, revelam, todavia, os codices estranho afferro a praticas e a crendices, da mais rematada ignorancia, admittindo a prova pelo duello ou *Juizo de Deus*, e o testemunho da innocencia pela agua quente ou pelo ferro em braza.

Não devemos entretanto estranhal-o, se olharmos a que n'esta época era tal a escacez da instrucção, que a custo se achava um homem douto, e os livros eram tão raros que attingiam preços fabulosos, servindo por isso mais para ostentação dos grandes do que para proveito d'estudiosos.

Corriam muito descuradas as cousas da egreja, o clero mostrava-se sordido, desmoralisado e ignorante; os concilios cuidaram desveladamente da disciplina ecclesiastica, e os monges de Cluni, que então eram os mais sadios da Europa, mandaram alguns irmãos á Hespanha, com grande proveito da causa religiosa.

Entre as modificações que a este tempo se fizeram na egreja hespanhola, avulta a substituição do rito gothico pelo latino, a instancias do Papa Gregorio VII, acto muito impugnado pelos povos e por alguns soberanos, que já nos concilios de Roma em 923, e de Mantua em 1:067, haviam feito reconhecer e legitimar o rito gothico.

Assim, com successivas reformas se robusteceram as soberanias catholicas, e sentindo-se mais desafrontada de desordens intestinas, continuaram na reconquista com maiores alentos, melhores capitães e consideravel aperfeiçoamento na arte da guerra.

Ramon Berenguer o velho, conde de Barcelona, e os que lhe succederam, alargaram os seus dominios á custa dos infieis.

Sancho o Grande de Navarra, e Sancho Ramires de Aragão, esmagavam-nos em varios recontros; Fernando I de Castella e Leão, depois de lhes arrancar grande parte da Luzitania, perseguiu-os nas provincias do centro, e abrindo caminho a ferro e fogo, levou o terror até ás portas de Valença, que deveu a salvação á doença que accometteu o monarcha no meio de suas victorias, obrigando-o a levantar o sitio, e a retirar-se a Leão, onde em breve se finou.

D. Affonso VI. tomou a missão do pae e fez tão apai-

xonadamente a guerra, que nem duvidou acceitar o escandalo de um casamento com a filha do rei mouro de Sevilha, para obter d'este alliança proveitosa e duradoura contra o de Toledo.

As suas campanhas contra este estado foram terriveis, e n'ellas logrou o monarcha castelhano a gloria do maior feito d'armas que até alli se fizera na reconquista.

Animando-se por continuadas victorias, pensou em assenhorear-se de Toledo, fortaleza de grande nomeada e que era o principal esteio dos musulmanos.

O cerco foi posto com grande aparato de tropas e de engenhos bellicos, e a elle concorreu tudo quanto havia de distincto na nobreza hespanhola; e muitos cavalleiros francezes de grande nomeada vieram servir sob as bandeiras castelhanas, attrahidos pela fama do successo, que commovera toda a christandade.

A praça foi tomada a 25 de maio de 1085, cabendo ao Cid Campeador a honra de ser o primeiro a escalar a brecha.

A independencia da Hespanha ficou desde então firmada em solidas bazes, e as nacionalidades christãs alcançaram uma preponderancia que nunca mais se desmentiu até ao fim da reconquista.

V

1085—1212

Tendencia dos Estados hespanhoes para a unificação—Vinda dos Almoravides de Africa—Iussuf—Batalha de Zalaca—constantes revezes dos christãos—morte do Cid Campeador—morte de D. Affonso VI—Reinado de D. Urraca—prosegue a reconquista em Aragão—D. Affonso VII—suas grandes victorias—proclama-se imperador—abdicação do rei de Aragão—desmembramento d'este estado—união de parte d'elle á Catalunha—guerras com os mouros—separação de Portugal—morte de D. Affonso VII—breve reinado de D. Sancho—discordias na menoridade de D. Affonso VIII—caso de arbitragem decidido pelo rei de Inglaterra—intervenção da Santa Sé nos negocios da Hespanha—annula os casamentos de D. Affonso VIII de Castella—prega a cruzada contra os infieis—preparativos para a campanha—curiosos episodios d'ella—batalha das Navas de Tolosa.

Se a conquista de Toledo assentava solidamente o poder christão, tambem as tendencias unitarias que principiavam a manifestar-se nos estados peninsulares concorriam para melhorar a situação da Hespanha.

Já D. Fernando I reunira a corôa de Leão á de Cas-

tella, e seu filho D. Affonso, de quem acabamos de fallar, governara simultaneamente com estes estados o condado de Galliza.

Estas annexações, que ainda não eram permanentes, preparavam comtudo a fusão que dentro em pouco havia de reduzir a Hespanha a dois grandes estados, e mais tarde a um só.

O primeiro effeito de taes transformações foi a diminuição das lutas civis, que muito se alimentavam do excessivo fraccionamento em que se achava a peninsula. A guerra contra os infieis tornou-se tambem mais vigorosa e ordenada, porque os soberanos dispunham de grandes massas e caminhavam mais concertados na causa commum.

Os musulmanos avaliaram bem a situação precaria em que se achavam, por quanto, conservando-se de sua parte extremamente divididos, tinham a consciencia da propria fraqueza.

Accordaram em pedir auxilio aos Almoravides de Africa; estes acudiram de bom grado, commandados por Iussuf e abriram rudes campanhas contra os christãos, levando tão grande vantagem, que o mesmo heroe de Toledo, vencido na sanguinolenta batalha de Zalaca, teve de se accolher fugitivo e desalentado á celebre fortaleza, que ainda tão recentemente conquistara.

Iussuf, que podera avaliar a fraqueza do islamismo, apenas colhidos os primeiros louros, impoz-se como senhor aos que o haviam chamado para simples auxiliar.

O estabelecimento dos Almoravides na peninsula tornou-se funesto para os defensores da fé. Os revezes succederam-se e alguns foram consideraveis. D. Sancho Ramirez de Aragão perdeu a vida no campo de batalha; o Cid Campeador finou-se, magoado por uma derrota, e Affonso VI, de Castella, viu morrer o seu primogenito ás mãos do inimigo, e succumbiu á dor entranhada que lhe causavam tantas desgraças.

Deixou infelizmente a corôa a sua filha D. Urraca, que por espaço de dezesete annos envergonhou a Hespanha com os incriveis excessos de sua vida desordenada e profundamente immoral.

Tão tristes acontecimentos abalaram a reconquista; mas não a detiveram, porque em Aragão se lhe deu vigoroso impulso, avançando com successo até á fertil veiga de Granada, e conquistando Saragoça, unica cidade importante que restava aos musulmanos no centro da peninsula.

A Castella, logo que por morte de D. Urraca foi coroado Affonso VII, retomou o logar honroso que sempre sustentara nas lutas contra os inimigos da fé.

O novo soberano demonstrou immediatamente os grandes recursos do seu potente genio. Ao passo que vencia os mouros, fez-se temer e respeitar pelos demais principes christãos, a ponto que Ramiro de Aragão lhe entregou, sem resistencia, parte dos seus dominios, e os outros soberanos lhe prestaram vassalagem.

Convocou então um concilio em Leão, e fez-se proclamar Imperador.

Quando a Castella se engrandecia por este modo, o monarcha aragonez, vendo-se desprestigiado, e com os dominios reduzidos pelas doações feitas a D. Affonso, e pela independencia de Navarra, abdicou em sua filha e successora, casando-a com o Conde de Barcelona, o que reuniu Aragão á Catalunha, tornando-o assim mais poderoso do que d'antes.

Engrandecidas pois as principaes soberanias da Hespanha, concertaram-se por tratados ou por casamentos, e unindo-se em um mesmo esforço, arremeteram com os infieis, a quem tomaram Almeria, Tortoza, Lerida, Fraga e outras cidades de importancia, assentando o dominio christão em um vasto territorio.

Este periodo afortunado teve a sua hora de amargura: o imperador, no auge da grandeza e no seio da prospe-

ridade adquirida por um sabio e energico governo, perdeu Portugal, que se constituiu independente, tomando logo uma attitude que foi mister respeitar.

Pouco depois falleceu D. Affonso, commettendo, apesar de consumado politico, o erro invetrado de partilhar os estados entre seus filhos, e como D. Sancho, principe de extremadas qualidades, a quem coube a Castella, fallecesse em breve, rebentaram de novo as discordias durante a menoridade e os principios do reinado de Affonso VIII.

Estas contendas offerecem-nos um exemplo curioso de arbitragem, expediente que não era vulgar n'aquelle tempo.

A questão ventilava-se entre Castella e Navarra pela posse dos territorios de Rioja.

O recurso foi aconselhado pelos prelados, no interesse da paz, e escolheu-se para arbitro Henrique II, rei de Inglaterra.

Partiram para Londres embaixadores, que foram recebidos com grande solemnidade em Westminster, onde pleitearam a causa de seus respectivos soberanos perante o monarcha, e em presença de uma luzida assemblea de prelados, condes e barões.

A sentença, que determina a restituição mutua das fortalezas tomadas e que no interesse da paz obriga o de Castella a uma pensão annual e temporaria de 3:000 maravedis em proveito do de Navarra, foi communicada aos contendores, reunidos na abbadia de Cuellar, acceite por ambos, jurando-se por tal uma tregoa de dez annos...que o de Castella quebrou logo no anno seguinte.

No meio de tão continuadas turbações, que esterilisavam as forças dos povos christãos, velava a egreja pelos interesses da fé; e se por um lado, rigorosa, annulava os casamentos do rei de Castella por motivo de consanguinidade, sem attender se quer aos affectos do monarcha e á rasão d'estado, por outro lado sustentava-se

constante medianeira nas desavenças, e usava do maximo rigor para com D. Sancho de Navarra que, esquecendo religião e honra, attrahia os infieis a serviço de seus interesses pessoaes.

A ingerencia da Santa Sé na causa publica conseguiu cimentar tão fortemente o espirito religioso, que na Castella ficava o rei abandonado quando desaccordava com Roma. Aragão fez-se tributario do Santo Padre, por acto expontaneo de D. Pedro II, com opposição da nobreza, mas com assentimento tacito do povo.

Estas disposições, que permaneceram no meio do tumultuar da vida civil, trouxeram com o tempo a suspensão das lutas intestinas, e voltaram as armas christãs para um dos seus mais gloriosos feitos.

Contra os esforços sobrehumanos praticados na peninsula em defeza e desaggravo da fé, tinha vindo quebrar-se o valor de muitas gerações de crentes; e o sangue de todas as raças, que alem mar seguem as doutrinas do islamismo, alagara inutilmente o solo hespanhol.

Os infieis succediam-se por camadas; esgotadas as forças de uma, vinha outra que trazia das abrazadas regiões africanas a violencia dos odios e a vontade ardente de desforrar mal tragados revezes.

Assim, aos primeiros invazores haviam-se seguido homens de todos os paizes, de todas as tribus; assim, aos ommiadas, haviam succedido os almoravides, e agora vinham os almoades.

Mohamed fizera prégar a guerra santa; e a Mauritania, commovida, enviava para Hespanha toda a sua força e mocidade. Acudiam os de Mequenez de Fez e de Marrocos; das serras de Zahara desciam os ferozes montanhezes, que abandonavam os rebanhos á voz do combate; até das longinquas planicies da Ethiopia se moviam as raças negras para engrossar as tribus dos Zenetas, dos Mazamudes e Gomeles que, aspiravam a con-

tinuar suas sanguinarias tradições nas veigas doiradas da Andaluzia.

Nunca exercito tão numeroso e tão determinado pizára o territorio hespanhol.

Da sua parte os christãos apercebiam-se como quem pretende expiar na defeza da fé a vergonha com que haviam descurado a defeza da patria.

Em Roma fizeram-se demonstrações publicas de humildade com jejuns e préces. Tangiam os sinos nos campanarios dos templos, em quanto as mulheres enlutadas e contrictas caminhavam descalças a penitenciar-se em Santa Maria Maior.

Por entre as grandezas monumentaes da cidade santa, caminhavam processionalmente os monges, os prelados e o summo pontifice que, ostentando todas as pompas da egreja, tomou o Santo-lenho e prégou a cruzada.

Officiou-se solemnemente em S. João de Latrão, e os dignitarios do clero e da côrte, caminhando descalços, de envolta com os mais humildes ecclesiasticos e a esfarrapada plebe, foram prostrar-se em oração na basilica de Santa Cruz.

Animaram-se de devoção todos os monarchas, e os grandes da christandade. Na Hespanha congregaram-se os principes, com excepção do rei de Leão, em quem poude mais o resentimento de uma offensa do que o impulso da fé christã.

Da França, da Italia, da Alemanha e de Portugal, affluiram os mais affamados guerreiros a tomar logar nas fileiras das cruzadas, já enobrecidas com a melhor da cavallaria hespanhola.

Numerosas tropas, levantadas em todas as nações estrangeiras, vieram acampar ao lado das milicias communaes de Gormaz, Toledo, Segovia, Madrid e outras, fornecidas pelas principaes cidades.

As mais famosas ordens militares de cavallaria, Tem-

plarios-Hospitaleiros, os de Calatrava e de Sant'Iago, hastearam os seus pendões nos arraiaes christãos.

Reunidos todos em Toledo, bem apercebidas e armadas as hostes, marcharam ao encontro do inimigo.

Commandavam os soberanos e homens de grande nome, entre os quaes avultam D. Diogo Lopes de Haro, os condes de Roussilhon, de Ampurias, de Lara e de Poitiers, Gutierre d'Almildez, grão prior do hospital, e os mestres de Calatrava e Sant'Iago.

Acompanhavam a expedição muitos prelados, notando-se o arcebispo de Toledo, os bispos de Narbona, de Bordeos, de Nantes, de Osma, Palencia, Siguenza, e Avila, que empunhavam em uma mão a cruz e na outra a espada.

Não se ostentavam luxosas armaduras nem custosos atavios, que a humildade christã prohibira o apparato; mas a variedade das bandeiras realçava-se com a multiplicidade das divizas que traziam os mais esforçados campeões, em memoria de altos feitos nas lides da Terra-Santa, ou prémio de galhardias em justas e torneios.

Bem depressa foram tomadas de assalto Malagon, Calatrava, e os intrincheiramentos do Guadiana, mas no meio d'estas primeiras victorias soffreram os cruzados a deffecção das tropas estrangeiras, que, mal vistas por seu irregular comportamento, e reprimidas nos seus instinctos de pilhagem, esfriaram na empreza.

Não desanimaram comtudo, porque a fé lhe duplicava os brios, e recebendo o concurso inesperado do rei de Navarra, arremeteram pela Serra Morena, onde logo escarmentaram as avançadas musulmanas e tomaram Castro Ferral.

Entretanto as difficuldades eram terriveis e o perigo extremo, porque os desfiladeiros, quasi impraticaveis para um exercito numeroso, estavam cuidadosamente guarnecidos com muitas e boas tropas.

Chegaram a amedrontar-se os mais valentes e hesi-

taram os mais experimentados. Houve um momento em que se pensou na retirada.

Mas de subito, offereceu-se para conduzir o exercito um pastor a quem eram familiares os segredos d'aquella aspera serrania.

Os cruzados alcançaram assim, por caminhos desviados, a planicie das Navas de Tolosa, onde appareceram inesperadamente em frente do inimigo, maravilhado successo, que para os proprios christãos teve visos de sobrenatural, pois o conductor, a todos desconhecido, desappareceu depois de cumprida a sua missão.

Mediram-se os de um e outro campo antes que viessem ás mãos. A enormidade da luta calava nos animos mais rezolutos.

Nos arraiaes de Mahomed, lia-se com fervor o Alcorão e repetiam-se as seductoras promessas que n'elle se fazem aos que dão a vida pela causa santa.

Os soldados de Christo preparavam-se para a luta, exercitando-se nas suaves praticas de amor e de perdão com que o Redemptor acompanhou as horas mais solemnes da vida do homem.

Finalmente, ao alvorecer do dia 16 de junho, deu-se a batalha.

Descrevel-a é impossivel. Foi um medonho choque de mais de seiscentos mil homens. Duello immenso em que referviam odios e fanatismos sedentos de sangue, combate sem treguas nem piedade, que só as sombras da noite tiveram poder para acabar.

A derrota dos infieis foi completa, e Mahomed, o unico cobarde d'aquelle dia, salvou-se em fuga desordenada, e occultou nas trévas a vergonha do revez, se acaso a face ignobil do mouro era susceptivel de rubor.

Sobre o campo de batalha, alastrado de cadaveres, (que ali haviam deixado a vida mais de duzentos mil

homens) entoou-se um *Te Deum,* que a occasião e o lugar faziam verdadeiramente solemne, pois é certo que n'aquella occulta e brava planicie, se salvára a christandade de grandes perigos, que de mui perto a ameaçavam.

VI

1212—1325

Horrivel fome em Castella—Morte de Affonso VIII—Reinados insignificantes—D. Fernando o Santo em Castella e D. Jayme I em Aragão—Grandes conquistas—Constitue-se a Hespanha em dois grandes estados—Castella e Aragão—Transformações na constituição de Castella—desamortisação de bens—prosperidade agricola e industrial—instrucção publica—architectura—A inquisição—Leis e regulamentos de Affonso o Sabio—As *Setté-Partidas*—Côrtes—sua frequencia—seus privilegios—como usam d'elles—Influencia progressiva do elemento popular—Mau governo de Affonso X—é desthronado por seu filho D. Sancho—Reinado d'este—Extraordinaria anarquia promovida pela nobreza facciosa—A corôa esteia-se na classe popular—A *Hermandad*—Affonso XI restabelece a ordem em Castella—Destituição do chanceler mór—Supplicio de fidalgos—Importancia crescente do reino de Aragão—annexação da Sicilia—guerras—indisposição com a Santa-Sé—invasão de Carlos de Valois—grande peste—conferencias diplomaticas—Tratado de Terrascon.

Affonso 8.º não descansou sobre o triumpho de Navas, e continuou a expulsão dos mouros apesar da calamitosa esterilidade que affligia a Hespanha e da qual os chronistas do tempo contam verdadeiros horrores, pois

ficaram desertas muitas povoações, morreram os gados, e os homens acabavam famintos aos cantos das ruas, ou se alimentavam dos mais immundos animaes, e até de creanças, que roubavam para esse fim.

Mas o monarcha castelhano pouco sobreviveu á batalha que o fizera tão celebrado, e a reconquista teve ainda uma das repetidas intermittencias que a embaraçavam desde principio.

Os reinados que se seguiram foram insignificantes e cheios de discordias.

Felizmente abrangem um curto periodo, e dois grandes reis, Fernando o Santo de Castella, e Jayme I de Aragão, tomaram de novo as armas contra os infieis, e conquistando Cordova, as Baleares, Jaen, Valencia, Sevilha e muitas outras terras importantes, reduziram-nos ao emirato de Granada, que deveu a sua conservação a precedentes tratados de paz com Castella. sendo ainda por bastantes annos a ultima e disputada estancia dos musulmanos na peninsula.

Depois d'estas conquistas, a Hespanha, de quem Portugal e a Navarra se haviam separado, como já dissemos, ficou constituida em duas grandes soberanias, *Castella*, que annexára a Galliza, Leão, Toledo, Cordova, Murcia, Jaen e Sevilha; *Aragão*, mais avançado em sua constituição politica, mas que teve mediana importancia até ser encorporado ao condado de Barcelona e que reunia agora a si Catalunha e Valencia.

Quasi inteiramente libertos da oppressão musulmana, entraram então estes dois estados em uma edade laboriosa de organisação e desenvolvimento, que contem os germens da futura grandesa da nacionalidade hespanhola.

Na Castella succederam-se grandes transformações. Encetou-se a desamortisação de bens consideraveis, que a munificencia régia accumulára imprudentemente na mão de fidalgos e de ecclesiasticos que os traziam incultos e descurados.

Assim alentada a agricultura, desenvolveu-se rapidamente e progrediu com a muita lição havida dos mouros de Valencia e Sevilha, cultivadores instruidos e desvelados das ferteis regiões meridionaes.

Medrando a riqueza publica, melhoraram as industrias, até então reduzidas a modestissimas proporções.

Os mesteres adquiriram importancia e formaram confrarias em Barcelona, Soria e outras localidades, desenvolvendo o principio da associação, conhecido e estimado na peninsula desde remotas épocas.

Edificaram-se tantas egrejas e mosteiros, que só em Aragão se levantaram dois mil durante o reinado de D. Jayme I. Era pois vasta a escola para architectura e esculptura, que effectivamente produziram maravilhas nas cathedraes de Burgos, Toledo, Leão e Barcelona.

A instrucção, menospresada em consequencia das continuas guerras, começava a propagar-se mais copiosamente.

Já Affonso VIII creára a Universidade de Palencia, e agora convidaram-se sabios estrangeiros, organisaram-se estudos em Salamanca, e estabeleceram-se em outras povoações escolas mais rudimentares que tirassem do embrutecimento as ultimas classes sociaes, approveitando a vulgarisação do idioma nacional; melhoramento recente em que a Hespanha se antecipára á França e a outras nações.

Esta labutação social trazia mui naturalmente, de mistura com novos usos, novas necessidades; acudiu-lhes a egreja com a creação das ordens de S. Domingos, para prégadores, da Mercê, para resgate de captivos, e de S. Francisco para exemplo e pratica de virtudes christãs.

Não foi menos cuidadoso o governo temporal.

Affonso X, cognominado o Sabio, que succedera na Castella a S. Fernando, promulgou excellentes leis sobre os mais importantes ramos da administração pu-

blica, e escreveu o celebre codigo appellidado as *Sette Partidas*, affamado thezouro de jurisprudencia que se avantajava a quanto sobre tal se havia escripto desde Justiniano. Esta obra estabelece para a Hespanha da edade media uma gloriosa primazia em materia juridica, assim como o *Fuero jusgo* ou codigo wisigothico lh'a estabelecera no periodo da regeneração.

Tanto as *Sette Partidas*, como os regulamentos administrativos de Affonso X, conteem disposições muito notaveis, que devem ser conhecidas, ao menos summariamente.

No judicial, instituem um tribunal supremo e outro especial, para fidalgos; augmenta o numero dos alcaides e dos juizes, fazem regulamentos para afórma do processo.

Criam advogados para os pobres, os quaes são estipendiados á custa d'el-rei.

Regulam os casamentos e tudo que respeita á familia, a tutella dos orphãos, as heranças e os contractos commerciaes.

Determinam as penas para os crimes de homicidio, adulterio, traição e fogo posto.

Nos assumptos da guerra, tratam da tactica em geral, das treguas, dos deveres militares, em que são tão rigorosos que prescrevem aos governadores de praças que antes devorem seus filhos nos apuros de um cerco, do que entreguem a fortalesa ao inimigo.

Nos negocios da fazenda modificam consideravelmente os impostos, criam os emmolumentos de chancelaria, que se tornaram muito rendosos, estabelecem os *prostagos*, ou direitos da entrada das portas nas cidades, e as *alfandegas*, que foram muito impugnadas pela nobreza.

Fixou-se uma capitação para os judeus, a titulo de compensação pela tolerancia com que eram tratados; a taxa foi arbitrada em 30 dinheiros, commemorando o preço porque fôra vendido o Redemptor.

Os regulamentos aduaneiros são muito discretos, attendendo á época em que vigoram. Entre as suas disposições, nota-se que se consideram livres os objectos de uzo pessoal, os instrumentos de lavoura, os livros e os haveres dos estudantes.

É recommendada a maior cordura na cobrança dos impostos, e que se não vexe a pessoa alguma apalpando-a ou examinando-lhe os vestidos. O fisco contentava-se com o juramento de que denunciavam tudo quanto traziam; verdade é que o perjurio estava sujeito a penalidades que amedrontavam.

Além dos impostos permanentes, cobravam os reis *serviços* extraordinarios cuja necessidade se justificára em côrtes, que tinham o privilegio de os authorisar.

A maioria d'estas leis, foi feita com participação das côrtes, que no reinado de Affonso X começaram a reunir-se amiudadamente, contribuindo para a progressiva influencia do elemento popular, que se nota em todos os actos do governo, depois de D. Sancho o Bravo, e transluz nas deliberações das mesmas assembléas, que chegaram algumas vezes a constituir-se unicamente com procuradores do povo.

São consideraveis os privilegios concedidos ás côrtes por Affonso X e seus successores, e é muito para notar a independencia com que ellas os disfructaram.

Dependia das côrtes o reconhecimento do soberano, «que devia ser capaz para a realesa e não haver coisa por onde devesse perder o reino.»

Perante as côrtes, jurava o rei a manutenção dos foros e liberdade de Castella.

Ás côrtes pertencia a nomeação de tutores, para a menoridade dos principes, quando fosse omisso o testamento do pai.

Cabia-lhes a authorisação dos impostos extraordinarios, assim como a fiscalisação das despezas; e as que em 1258, se reuniram em Valhadolid não duvidaram

taxar os gastos da casa d'el-rei, fixando-lhe 150 maravedis diarios para sua sustentação e recommendando-lhe que advertisse os seus commensaes «a que commessem mais parcamente, para não se fazer tanta despesa.»

As de Cuellar em 1297 nomearam uma especie de deputação permanente, ou alto conselho, para acompanhar o monarcha durante duas terças partes do anno.

As de Valhadolid de 1299 e 1307, consignaram garantias individuaes para que ninguem podesse ser prezo sem culpa formada, e prohibiram as buscas domiciliarias.

Em 1311 as de Burgos investigaram dos rendimentos da corôa.

Nas de Medina d'el Campo, ficou a concessão de impostos dependente da unanimidade de votos.

O progresso a que vizavam as leis, os decretos reaes e as decisões das assembléas, conquistava-se lentamente atravéz das revoluções, que de continuo desordenavam a constituição e a regencia do estado.

Affonso X, distincto por não vulgar sabedoria, era mediocre como homem de governo; com pouco tino comprometteu a dignidade nacional e os recursos do erario. Na reevindacação da corôa da Allemanha, com censuravel frouxidão deu largas á nobresa, que, poderosa, soberba e exigente, entrou em lucta aberta com a corôa.

A insufficiencia politica do monarcha poz a realeza á mercê da revolução.

O proprio filho ousou arrancar-lhe o sceptro das mãos, e auxiliado por todos os poderes do Estado, tomou o governo, deixando apenas ao ludibriado monarcha as honras de sua alta posição.

De pouco valeu a D. Sancho antecipar com tão grande escandalo o momento de reinar.

Governou sempre assoberbado pelas demazias e exi-

gencias d'aquelles mesmos que o haviam exaltado; os parciaes que lhe abriram o caminho do throno disputaram-lhe sempre o poder real, e adquiriu o sobrenome de Bravo, mais nas lutas inglorias da guerra civil, do que nos combates honrosos da reconquista; deixou de si escassa memoria, a não ser nas tradições façanhudas do homem d'armas, e na chronica um tanto brutal dos acampamentos.

Mal se póde imaginar a anarchia que a nobresa poz em Castella.

As sabias leis de Affonso X, eram letra morta.

Os grandes e as facções que o seguiam, alardeavam o despreso das ordenanças regias e das instituições nacionaes, calcando aos pés os direitos mais sagrados.

Não havia sequer vestigios de segurança; vivia-se á mercê dos assassinos e dos ladrões, que publicamente commettiam os mais revoltantes crimes, confiando na impunidade.

Era commum encontrarem-se os caminhos cheios de cadaveres, e todos os dias appareciam saqueadas as cazas.

Muitas aldêas ficaram desertas, por não poderem os habitantes encontrar socego, nem garantia para suas vidas e haveres.

A tal extremo se viram reduzidos os povos, que as communas pactuaram a mutua defeza e vingança dos aggravos, organizando a celebre *hermandad* em cujos estatutos se determinava «que o rico-homem-infanção, ou cavalleiro que se apropriasse dos haveres de algum da *hermandad*, ou matasse, deshonrasse ou por qualquer modo vexasse a um popular, *fossem todos sobre elle, e o matassem, e lhe destruissem a casa, lhe cortassem as vinhas e lhe aniquilassem tudo quanto possuia.*»

Nas classes populares, que assim se armavam resolutamente, é que se apoiou a corôa, para arcar com

os grandes, durante a esclarecida regencia de D. Maria de Molina, mãe e tutora de D. Fernando IV, no reinado d'este e no de Affonso XI, que logrou finalmente estabelecer a ordem, mas não sem recorrer a medidas de extremo rigor, suspendendo todas as garantias, destituindo da chancelaria mór ao arcebispo de Toledo, que delapidava a fazenda, e mandando suppliciar a D. João o Torto, Nunes Osorio, conde de Transtamara e D. João de Haro, cabeças de continuados motins.

Emquanto na Castella se agitam tremendas convulções, e se desbrava penosamente o caminho da civilisação, adquirem os monarchas aragonezes grande importancia na Europa, apesar de soffrerem tambem sérios embaraços, por parte da alta nobresa que em tempos de D. Pedro II estabelecera, com o nome de União, uma terrivel liga para cercear o poder real.

A corôa de Sicilia, arrancada a Carlos de Anjou, nas celebres Vesperas Sicilianas, fôra offerecida por J. Procida e uma commissão de notaveis, a D. Pedro III, por direito que lhe dava o seu casamento.

Ficava assim compensada a perda da Navarra, que se reunira definitivamente á França; mas a posse do novo estado não passou sem contestações graves, que abalaram rudemente a monarchia.

Carlos d'Anjou tentou oppor-se á occupação aragoneza, e pelejaram-se muitas batalhas em terra e no mar. Foi brilhante o exito das armas hespanholas, e a bravura catalã ficou proverbial nas costas da Italia.

Porém a Santa Sé, muito affeiçoada aos francezes, levantou-se contra o soberano de Aragão.

O papa excommungou-o e declarou-lhe o throno vago em favor de Carlos de Valois, que com este fundamento penetrou em Hespanha, atacando com exercito numeroso as tropas de D. Pedro, que experimentou grandes revezes e se viu reduzido á ultima extremidade.

A proposito, veio uma grande epidemia que, dizimando o exercito invazor, o obrigou a retirar-se precipitadamente, salvando a corôa aragonesa de um desastre imminente. E havendo fallecido Carlos de Valois em Perpinhão, contaminado pela mesma peste, ficou D. Pedro livre de contendores e senhor reconhecido dos estados de Sicilia.

Estabeleceram-se então largas relações internacionaes, e enviaram-se embaixadores ás conferencias de Oloron, Bordeos, Confranc, Roma e Terrascon, reuniões que são o prenuncio dos modernos congressos, e onde os soberanos pessoalmente, ou por seus representantes, discutiam e assentavam os interesses dos estados e as refórmas sociaes, que os acontecimentos aconselhavam.

Não tiveram porém os aragonezes de que se applaudir n'estes ensaios diplomaticos; geralmente ficaram prejudicados nas negociações, e maiormente no tratado de Terrascon, que os restituiu á dependencia de Roma, de que a custo se haviam emancipado.

VII

1325—1369

Guerras contra os mouros—Batalha do Salado—Cerco de Algeciras—Morte de Affonso XI—D. Pedro I, o cruel—assassinato de D. Leonor de Gusmão—supplicio de Garcillazo de la Vega—amores escandalosos d'el-rei—liga dos fidalgos—prisão do rei—recobra o poder—vinganças atrozes—prisão e assassinato da rainha D. Branca—guerra com Aragão—mediação da Egreja—o cardeal de Bolonia—miseria publica—profanação dos tumulos—treguas—crueldades do rei—assassina a seus irmãos—envenena a suas parentas—matança do rei mouro de Granada e seu sequito—D. Henrique de Transtamara—pretendente á corôa de Castella—seu exercito—Bertrand Duquesclin—as companhias brancas—isolamento do rei—é expulso de toda a parte—assassinato do arcebispo de Sant'Iago—saque da egreja de Sant'Iago—foge o rei para Inglaterra—o Principe Negro—soccorro que presta a D. Pedro—entra por Castella com um grande exercito—batalha de Najera—derrota e fuga de D. Henrique—D. Pedro burla o Principe Negro—retirada dos inglezes—carnificinas—volta D. Henrique—reconhece-o a maior parte do reino—cerco de Toledo—combate de Montiel—Bertrand Duquesclin arma uma cilada a D. Pedro—luta dos dois irmãos—morte ignominiosa de D. Pedro.

Castella emprehendia honrosos commettimentos, sempre que se achava liberta das garras da discordia.

Assim Affonso XI, apenas conseguiu pôr ordem nos seus estados, voltou-se para os restos dos musulmanos que ainda infestavam a peninsula.

Victorioso na famosa batalha do Salado, com valioso auxilio dos portuguezes, conquistador de Algeciras, depois de um brilhante cerco, ameaçou sériamente o reino de Granada, e teria sem duvida consumado a expulsão dos infieis, se não fallecesse da medonha peste que assolava grande parte da Europa.

É tanto mais para sentir a permatura morte d'este excellente monarcha, porque o reinado de D. Pedro I, seu filho e successor, é um reinado funesto, alagado em sangue, fertil em infamias e vilezas, que desdouram a historia castelhana.

Ainda a bem dizer coroado da vespera, já o rei, que apenas contava 17 annos, se tornou suspeito de cumplicidade com sua mãe, n'um feito criminoso.

D. Maria de Portugal, esposa de D. Affonso XI, não perdoára a Leonor de Gusmão haver-lhe roubado os affectos do marido. Quando seu filho subiu ao throno, pediu e obteve a prisão da real amante, e pouco depois mandou-a assassinar por um escudeiro, com authorisação ou pelo menos consentimento do rei.

Aggravaram-se as suspeitas ácerca da perversidade do soberano, ao ver suppliciar cruelmente Garcillazo de la Vega, que foi assassinado por ordem e em presença d'el-rei, e o cadaver arremeçado á rua, onde ficou abandonado á irrisão da canalha e ao insulto dos cães, n'um dia festivo em que alegremente se corriam touros.

Agourou-se mal do governo, que assim começava, e os acontecimentos justificaram a predicção.

Poucos tempos andados, a incontinencia do rei escandalisava o povo, e os amores com D. Maria Padilha, soltamente affixados, vexavam a côrte.

Lembrou para freio, o casamento, e despozou-se o monarcha com D. Branca de Bourbon; mas ainda du-

ravam os festejos nupciaes quando o marido abandonou descaradamente a esposa pela concubina.

E não cedia o moço aos impulsos ardentes da paixão, que a amante chorava a miudo os requestros que elle fazia a quantas formosuras lhe deparava a sua vida aventurosa. Todos lhe conheceram um filho, havido da propria ama de leite, e com publico despejo deu por nullo o seu casamento, para desposar D. Joanna de Castro, a quem aliás abandonou passada a noite do noivado.

Valeu-lhe esta irreverencia uma severa carta do papa, que tambem castigou rigorosamente aos bispos de Avila e Salamanca, que haviam tido a fraquesa de authorisar a bigamia.

A munificencia régia seguia os caprichos do enamorado coração, e assim cabiam os mais pingues empregos aos mensageiros de amor, e occupavam as mais altas dignidades homens sem honra nem pudor, pelo unico direito de parentesco com uma barregan que adquirira fóros de rainha.

Relutava mui naturalmente a fidalguia, exigente por indole, e indignada com bôa rasão, pois sempre se vira em Hespanha comprar a preço de sangue o accesso ás altas dignidades.

D. Henrique, conde de Transtamara, D. Fradique e D. Tello, filhos que D. Affonso XI houvera de D. Leonor de Gusmão, alçaram o estandarte da revolta, combinados com D. João d'Albuquerque, ministro demittido por intrigas de toucador, e que em seu justo resentimento se fizera a alma da conspiração.

Reuniram-se-lhe principes, prelados, e muitos fidalgos de conta, até os parentes d'el-rei e a propria mãe, que já lhe não podia soffrer as demasias.

Apesar de singularmente activo e batalhador, não era possivel ao monarcha arcar com as investidas de tão poderosa liga, que chegou a conserval-o em mal disfarçada prisão na cidadella de Toro.

Mas usou então de manha, e captando uns com vantajosas promessas, dividindo os outros com bem urdidos tramas, valeu-lhe melhor a astucia do que a força, e sahindo ousadamente da cidade, retirou-se a Segovia, onde sem contestação reassumiu a authoridade suprema.

Começou então a vingança implacavel dos aggravos.

Os revoltosos, que não lograram fugir para França com D. Henrique, ou alcançar refugio em Aragão e Portugal, foram decapitados, e aquelles mesmos a quem a palavra real attrahira com promettimentos, receberam o cutello em vez da mercê.

Coisa alguma resguardava da ira de el-rei.

O mestre de Calatrava, que sahia de Toro, dando o braço á rainha mãe, foi assassinado ao lado d'esta, cujos vestidos, e até o rosto, ficaram inundados de sangue.

Nas cidades que haviam tomado partido contra a corôa, ordenaram-se as maiores violencias, e em Toledo supliciaram-se os principaes habitantes, com tão rara indifferença, que um generoso mancebo offereceu a vida pela de seu pai, bom e honrado velho, e o rei presenciou o sacrificio, como se fôra a execução mais trivial.

Por onde passava o terrivel monarcha ficava um rasto de sangue.

A desventurada D. Branca, a quem não valiam as graças da juventude, padeceu largo martyrio, arrastada de prisão em prisão, até que alcançou as alegrias de uma melhor vida, graças ao punhal de um assassino, assalariado por seu marido.

Um dia, finalmente, descansaram os verdugos, para militarem os cavalleiros. Mas não foi contra o infiel que se apparelharam as hostes. Uma susceptibilidade mesquinha fizera declarar a guerra a Aragão, e as campanhas abriram-se por largos annos, devastando-se provincias inteiras, em satisfação de uma querella, que não valia o sangue de um homem.

O custeio dos exercitos arruinava o commercio, e os cofres das cidades, completamente vazios, denunciavam a miseria publica.

Não duvidou o rei levar mão sacrilega ao sepulchro de seus antepassados, e arrancou a Affonso VIII as joias e alfaias, fazendo pagar ao heroe de uma guerra santa as despesas de uma luta bastarda.

O papa doia-se muito da lastima em que via a Hespanha, que tanto fizera pela fé.

Em seu nome, o cardeal de Bolonia desempenhou, com a mais rara perseverança, uma missão pacificadora, que não era isenta de perigos, ante o caracter arrebatado do castelhano.

Mas, pouco conseguia o digno prelado, que a doblez do monarcha paralizava a mais consumada habilidade.

Apenas algumas treguas, concedidas ostensivamente a rogos da egreja, mas na realidade filhas do proposito intimo, desavexavam, de quando em quando, o contristado medianeiro.

Então o rei largava na fronteira os brios cavalheirosos, e de esforçado guerreiro que era, convertia-se em assassino, ou, a pretexto de justiceiro, arvorava-se em carrasco.

Uma suspeita, um accesso de cubiça, a reminiscencia de um odio velho, um impeto de colera, ou mesmo um momento de impaciencia, bastavam para levar ao cadafalso os mais illustres varões, os mais leaes servidores, os melhores companheiros de um dia de batalha.

Deter os instinctos sanguinarios do algoz coroado, era impossivel.

Ruiz de Vilhegas oppõe aos golpes do regio punhal a propria filha do rei, que toma nos braços; mas o escudo não valia contra tal homem, e as brancas vestes da creancinha lá ficaram retintas de sangue.

Laços de familia, irresponsabilidade da meninice, são

para elle coisas sem valor. Seu irmão D. Tello, perseguido mesmo atravez dos mares, escapou-lhe com o soccorro providencial de uma borrasca; mas D. Fradique foi assassindo em sua presença, e os mais moços, pobres creanças para quem a vida desabrochava nas sombras de um carcere, morreram ali mesmo ás mãos de um carcereiro, improvisado em algoz.

Por unica cortezia o veneno poupava ás mulheres o impudor do cadafalso; D. Leonor, D. Joanna e D. Izabel de Lara, as suas mais proximas parentas, tiveram assim morte occulta, mas não ignorada.

D. Pedro adubava tão feios crimes com requintes de crueldade; assim, afagava quasi sempre aquelles que destinava á morte, e muitas vezes offerecia ás victimas um banquete, que acabava em sangue. Comeu alegremente, junto ao cadaver de seu irmão D. Fradique. Deu um festim de esplendida hospitalidade ao rei Bermejo de Granada, e ao correr das ultimas copas, conduziu elle mesmo o confiado mouro e seu sequito ao campo do exterminio, fazendo-os cavalgar em burros, expostos aos motejos da populaça.

Eram tantas as vergonhas e os horrores dos dias de tregoa, que os povos chegavam a preferir as arriscadas contingencias da guerra aos desvarios sanguinolentos do monarcha.

Pensou D. Henrique em se apoderar da corôa de Castella, aproveitando as malquerenças grangeadas por seu irmão. Por isso volveu de França, onde se refugiára, sendo acompanhado pelo famoso condestavel Bertrand Duguesclin, seguido pela flôr da cavallaria franceza, e por muitos mercenarios, entre os quaes avultavam as celebres *companhias brancas*, legiões numerosas, de gente sem eira nem beira, aguerrida, desalmada, que era o terror dos povos.

Com effeito, serviu-o bem o descontentamento geral. As tropas do pretendente engrossaram tão depressa,

que o rei de Castella viu-se quasi subitamente abandonado, sem recursos para a guerra, errante, incerto e desconcertado; expulso de toda a parte, pretendeu accolher-se a Portugal, cujo soberano o desfeiteou; emfim, fugitivo, teve de abandonar sózinho a patria, que innundára de sangue, e passar-se a Inglaterra, coberto de vergonha.

Assignalou-se ainda com sangue a sua ultima pégada; ao partir, mandou assassinar o arcebispo de Sant' Iago, á porta mesmo da egreja, cujos thesouros saqueou.

Em Inglaterra, dirigiu-se ao prinçipe de Galles, conhecido pelo Principe Negro, em rasão da côr da armadura que usava.

Foi recebido e agasalhado com a suprema cortezia, que distinguia este homem, tido por modelo entre os mais nobres cavalleiros d'aquella época.

Soube interessal-o, explorando-lhe a magnanimidade do caracter, e resolveu-o a passar á peninsula, para o ajudar na reconquista do throno.

A coberto da deslealdade de Carlos o Mau, rei de Navarra, entraram em Castella, por Roncesvalles, seguidos de um exercito, onde militavam os melhores cavalleiros do mundo, e aproveitando-se habilmente da mingua e desorganisação que ia no exercito de D. Henrique, derrotaram-no nos campos de Najera, obrigando-o a tomar por sua vez a fuga, e a accolher-se a Avinhão, junto do papa, que muito o estimava.

O principe Negro permaneceu algum tempo em Castella, esperando a posse dos senhorios que D. Pedro lhe promettera, mas este não se envergonhou de burlar o alliado, a quem tudo devia, e o magnanimo cavalleiro, vexado de ser alvo dos refalsados manejos com que o entretinham, retirou-se desgostoso e arrependido de haver prestado o seu nobre concurso a quem tão pouco o merecia.

Livre do constrangimento que lhe impunham os estrangeiros, D. Pedro, a quem os revezes haviam exacerbado a natural ferocidade, ordenou a carnificina. A ultima edade do seu reinado occulta-se com um véu tenebroso, que o historiador, de nojo, não ousa levantar.

Valeu aos castelhanos, que D. Henrique, realentado pelo Summo Pontifice e pelo rei de França, voltasse de novo a resgatar a patria opprimida.

Considerado em toda a parte como salvador, estava ao fim de quatro mezes reconhecido em mais de metade do reino, e só diante dos muros de Toledo encontrou resistencia vigorosa, que faz época nos annaes militares da Hespanha.

Mas este trabalhoso cerco devia ser o ultimo episodio da sanguinolenta luta.

D. Pedro, acudindo em soccorro dos toledanos, desacompanhado dos nobres, que o despreso afastára, e, ultima baixeza, ajudado por agarenos mercenarios, que tirára de Granada, foi batido em Montiel, a cujo castello se recolheu com as insignificantes reliquias do seu destroçado exercito.

Conta-se que, mandando então propostas a Duguesclin para que lhe facilitasse a fuga, este, com aleivozia indigna de um nobre cavalleiro, o attrahira a uma cilada nocturna, concertada com D. Henrique, onde os dois irmãos se lançaram um ao outro, e em combate proprio de villões se rojaram pelo chão, d'onde só se levantou o de Transtamara, depois de haver em bebido o punhal no peito do adversario.

Morreu assim, vil e miseravelmente, quem vil e miseravel se mostrára em vida; mas é lastima que D. Henrique levantasse do pó, com arma traiçoeira, uma corôa digna de ser conquistada no campo da honra, e com as armas leaes de um bom cavalleiro.

VIII

1369—1400

D. Henrique II—caracter do seu reinado, seu procedimento com os soberanos estrangeiros—D. João I—côrtes de Burgos—embaixada do rei d'Armenia—mediação junto ao soldão de Babylonia—Vem a Hespanha o rei d'Armenia—presentes e doações que se lhe fizeram—Conducta do rei de Castella na questão do scisma—côrtes de Briviesca—sentimentos religiosos do monarcha—pretenções á corôa de Portugal—dissuadem-no de invadir Portugal—Batalha d'Aljubarrota—fuga do rei, luto geral em Castella pelo desastre d'Aljubarrota—insistencia d'el-rei em querer apoderar-se de Portugal—opinião do conselho lisongeira para Portugal—despeito do rei—morte do rei—Succede-lhe D. Henrique III—menoridade de D. Henrique—conselho de regencia—D. Henrique toma conta do governo antes dos 14 annos—sua energia—bom governo—apuros do thesouro real—empenhou o seu gibão para comer—fausto dos nobres—domina a grandesa—conquista das ilhas Canarias—Reinado de D. Pedro IV em Aragão—seu caracter—paralello com D. Pedro o Cruel, de Castella—vantagens que deu ao reino com o seu governo—estado de Aragão ao findar o seculo XIV.

Tornara-se tão odioso o reinado de D. Pedro, que seu irmão foi recebido com alegria, apezar da macula de bastardo, que para muitos era motivo de grande reparo.

O monarcha correspondeu ao que d'elle se esperava.

Governou com muito tacto e acerto, fez justiça direita e reprimiu as desordens, cujo funesto influxo aprendera a conhecer na sua longa carreira de pretendente.

Mal visto e hostilisado pelos soberanos estrangeiros, soube manter a sobranceria da corôa castelhana, trazendo seus exercitos até ás portas de Lisboa, intimidando ao duque de Lencastre e a D. Pedro de Aragão, castigando o rei de Navarra, e humilhando a Inglaterra, a quem destruiu as esquadras e devassou as costas.

Os merecimentos de astuto politico, e a audacia de perfeito militar, grangearam-lhe renome e poder, com que, esquecidas antigas prevenções, conseguiu firmar a dynastia, succedendo-lhe seu filho, com assentimento geral.

D. João I tomou muito novo as rédeas do governo, e nunca ellas foram brandas em Hespanha; mas o principe era vantajosamente dotado, e houve-se com madureza superior á sua edade.

Nas côrtes que celebrou em Burgos, pouco depois de coroado, concedeu amnistia para todos os crimes, excepto traição, aleivozia, e homicidio voluntario.

Reprimiu energicamente a vagabundagem e a mendicidade, corrigindo tambem os frequentes abusos das authoridades e dos cobradores de impostos.

Achando-se em Medina d'El Campo, recebeu embaixadores Armenios, que andavam sollicitando a intercessão dos principes christãos a favor do seu soberano Leão V, que ficára captivo do soldão de Babylonia.

O rei, generoso d'animo, tomou o melhor que poude, em alfayas de oiro e prata, martas zibelinas, falcões, girifaltes e outras aves de regalo; mandou um sumptuoso e delicado presente ao potentado de Babylonia, acompanhando uma carta em que pedia a soltura do illustre prisioneiro.

Alcançou a liberdade o infeliz principe, e veio a Badajoz agradecer a prompta e cavalheirosa mediação

que lhe fôra dispensada, trazendo cartas do soldão, escriptas em termos summamente lisonjeiros para o soberano de Castella.

Fez-se-lhe grande e nobre agasalho, offertando-se-lhe tecidos de preço, esplendidas baixellas, primorosas joias, e o senhorio de Villa Real e Andujar, acompanhado com uma pensão vitalicia de 50:000 maravedís.

A este tempo, preoccupava-se muito a christandade com o scisma de Avinhão, que dava em resultado, como é sabido, a existencia de dois pontifices, que se diziam legitimos successores de S. Pedro.

O rei, dando a este espinhoso negocio a importancia que devia, convocou os prelados e os jurisconsultos a um concilio, em Medina d'el Campo, e acceitando a decisão de grande maioria, reconheceu solemnemente a Clemente VII.

Não preferiu o bom direito, mas é certo que uzou na melhor fórma, e com evidentes desejos de acertar, consoante aos elevados sentimentos religiosos que possuia, e que deixou documentados em duas notaveis disposições.

Nas cortes de Briviesca, fez reformar o costume de se receberem os monarchas procissionalmente e de cruz alçada, fundando-se em que não devia a imagem do Rei dos reis prestar homenagem aos reis da terra, que nada eram em comparação com o Senhor.

Estabeleceu que a familia real, encontrando o sagrado viatico, o acompanhasse a pé até á egreja, sem que o pó, a lama e qualquer incommodo valessem para escusa, pois assim como os homens seguiam a pé seus soberanos, tambem estes deviam seguir ao Rei dos reis.

Como se vê, os actos do soberano distinguiam-se pela moralidade e amor da justiça.

O seu governo era circumspecto e as grandes questões tratavam-se com reflexão e conselho.

Entretanto, como pretendente á corôa de Portugal, afastou-se bisarramente d'este caminho, provocando revezes muito prejudiciaes para a sua reputação e extremamente vexatorios para Castella.

Casára com a filha de D. Fernando de Portugal, no proposito de lhe succeder, mas o dr. João das Regras, provando nas côrtes de Coimbra o direito exclusivo do mestre d'Aviz, tirára o fundamento legal á pretenção, já de si muito prejudicada pela antipathia formal do castelhana, povo portuguez, que o proprio conselho do pretendente reconhecia como desaffecto ao dominio estrangeiro.

Entretanto, prevaleceu a ambição e por ella se jogaram as armas, com pouca fortuna para os de Castella; e finalmente, fazendo o rei uma ultima tentativa em Portugal, entrou por Celorico com numeroso exercito; mas sahindo-lhe o mestre de Aviz, em Aljubarrota, soffreu uma cruelissima derrota, em que perdeu quasi a totalidade de suas tropas, os mais esforçados capitães, e teve de fugir vergonhosamente, accolhendo-se á esquadra que invadira o Tejo, e que o transportou á Hespanha.

O revez era tanto mais sensivel, por quanto fôra principalmente determinado pela imprudencia do monarcha, que desattendera levianamente a opinião dos mais experimentados homens de guerra a quem repugnava dar batalha, attendendo ás excellentes posições occupadas pelo mestre de Aviz, e das quaes era difficil desalojal-o com tropas na verdade muito mais numerosas, mas famintas, cansadas e em más condições, para combater homens resolutos, valentes e que defendiam a independencia da patria, de quem eram extremamente ciosos.

De magoa, houve luto geral em Castella, e por espaço de um anno se prohibiram espectaculos e regozijos publicos.

O rei conservou sempre reservada a sua pretenção de dominar em Portugal, e mais tarde tentou propor em côrtes alvitres politicos, que annexassem este estado, em tempo mais ou menos remoto, mas dissuadiram-no os do conselho, fazendo-lhe vêr que não havia meio algum de levar os portuguezes a abdicar a sua independencia, com o que tanto se despeitou, que prorompeu em reprehensões e improperios, contra seu uso, pois se distinguia pela cortezia de trato e brandura de caracter.

D. João I morreu moço, de uma quéda de cavallo, deixando de subito o reino entregue ás contingencias de uma menoridade, pois o principe D. Henrique era ainda menino.

As menoridades sempre haviam sido funestas para Hespanha, pelas desordens que durante ellas se levantavam, e a confusão que se introduzia nos actos do governo.

Na presente conjunctura, formou-se um conselho de regencia, por instigação e cuidado do arcebispo de Toledo, que aspirava a dominar no governo.

Foi tão perdularia e escandalosa a gestão dos negocios publicos, tão descabellada a politica, que, por urgente necessidade de remedio, resolveu o principe tomar posse do governo, apesar de ainda não haver completado 14 annos.

Reuniu a grandesa no mosteiro de las Huelgas, em Burgos, e declarando as suas intenções, cassou a regencia e convocou côrtes para Madrid, applaudindo o povo esta energia desusada em tão verdes annos.

Foi sempre por actos de vigor e de rigorosa justiça que se distinguiu Henrique III; revogou as mercês escandalosas outhorgadas pelos regentes, castigou severamente os rebeldes, e expurgou o reino de nobres facciosos.

Conta-se que a miseria da fazenda real, esbanjada

por mãos de fidalgos, era tal, que o rei, sem recursos de dinheiro ou credito, teve de empenhar um gibão, para comer, emquanto os principaes dignitarios da côrte se banqueteavam luxuosamente com o que extorquiam a seu senhor e amo.

Para os reduzir á ordem, não duvidou o monarcha apresentar-lhes solemnemente o verdugo e encerral-os em fortalezas, até se lhe restituir o que era devido.

Foi n'este curto reinado, pouco notavel por guerras ou acções de apparato, mas reputado pelas vantagens de uma sã administração, que João de Bettencour conquistou as ilhas Canarias, já conhecidas dos antigos, e por haver recebido muito auxilio e affago do rei de Castella, lhe prestou d'ellas vassalagem.

Durante o governo de D. Henrique, findou o seculo XIV, que tão agitado fôra em Castella.

Dias de gloria, grandes e nobres progressos haviam corrido a par de épocas funebres e deshonrosas, de vilezas e da immoralidade, que corrompe e destroe as mais bem fadadas sociedades.

Desgraçadamente, os maus principios haviam profundado muito, e os cuidados de D. Henrique e de D. João, apenas tinham conseguido deter, mas não aniquilar, os elementos de corrupção, que veremos prevalecer durante mais de metade do seculo XV.

Durante a tumultuosa vida dos estados castelhanos, governára quasi sempre, em Aragão, D. Pedro IV, o ceremonioso, cujo reinado é contemporaneo dos de D. Affonso XI, D. Pedro I, D. Henrique II e D. João I.

Tão perverso como o seu homonimo de Castella, tambem assassinou um irmão, foi o perseguidor de sua familia, inimigo do proprio filho, flagello do rei de Malhorca e terror dos seus inimigos.

Ingrato como D. Pedro, mandou ao cadafalso D.

Bernardo de Cabrera, seu velho e leal servidor. Tão velhaco como o castelhano, usava quotidianamente a doblez, e não tratava coisa alguma em que a má fé não andasse envolvida.

Mas era mais dissimulado, raras vezes fazia alarde de sanguinario, e revestia cuidadosamente, com apparencia de legalidade, os intentos mais criminosos.

Não se excede a attenta perseverança que punha na execução de seus projectos, seguindo-os por caminhos lugubres e tortuosos, com o mesmo desassombro de consciencia com que se caminha nas vias alegres e francas de um viver honesto. Havia sempre a garra felina na sombra da dextra real.

Teve ao menos proveito publico, o exercicio de um depravado caracter; o reino de Aragão engrandeceu-se com os despojos do rei de Malhorca, e libertou-se da terrivel *União*, focco de turbulencias e exações dos grandes, que debalde haviam perseguido os demais soberanos, mas que D. Pedro aniquilou, afogando-a no sangue dos chefes e rasgando-lhe os compromissos com o gume de seu punhal.

As relações exteriores, habilmente conduzidas, e firmadas com o poder de victoriosas esquadras, augmentaram o prestigio aragonez, engrandeceram o commercio, amenisaram o tracto e instruiram os povos.

D. Pedro de Aragão, com instinctos de tigre, soube ao menos encobrir com florões o sangue que lhe manchava a corôa, e deixar o estado florescente e promettedor.

D. Pedro de Castella, com habitos de chacal, atirou com o diadema do matadouro para a lama, e legou aos seus estados a deshonra e a corrupção.

Mas, apesar das vantagens que D. Pedro obtivera na regencia do estado, tambem este ameaçava ruina, pois a immoralidade e o luxo lavravam rapidamente; como em Castella, a sociedade ameaçava subverter-se, e tanto

mais que os successores do energico monarcha, distinguiam-se pelas qualidades diametralmente oppostas, consumindo nos deleites da ociosidade, o tempo que pertencia ao governo, e fazendo com a maior indifferença jovial cortejo á propria decadencia.

IX

1400—1474

Menoridade de D. João II—Vagatura do throno de Aragão—admiravel procedimento dos aragonezes n'esta conjunctura—eleição de D. Fernando regente de Castella—Regencia da rainha mãe—damas favoritas—Reinado de D. João II—Reinado de D. Henrique IV—privados—D. Alvaro de Luna—marquez de Villena—turbulencias, fraquezas, escandalos d'estes reinados—desordens na administração—miseria publica—costumes desregrados—Acontecimentos de Aragão—grandes reis d'este paiz D. Fernando—D. Affonso V—D. João II—casamento de D. Fernando, herdeiro de Aragão, com D. Isabel, herdeira de Castella—Fusão dos dois estados.

A desmoralisação que lavrava surdamente em Castella, contida pelo habil governo de Henrique II, pela inteiresa de D. João I, e pela rara energia de D. Henrique III, não poude ainda desencadear-se durante a longa menoridade de D. João II, porque a brilhante regencia de seu tio, o infante D. Fernando, não só poz ordem no estado, mas voltou as armas castelhanas contra os infieis, colhendo-se preciosos louros no cerco de Antequera, cujos episodios fazem lembrar o que ha de mais grandioso nas chronicas militares da reconquista.

Mas vagara o throno de Aragão por morte de D. Martin, neto de D. Pedro Ceremonioso, que fallecera sem testamento, e sem herdeiro directo para esta corôa; os aragonezes, lavrando uma das mais bellas paginas da sua historia politica, convocaram os parlamentos, escolheram um jury de cinco ecclesiasticos e quatro letrados, homens de virtude, e sabedoria, e confiaram-lhe a eleição do monarcha, rigorosamente subordinada ao direito que lhe assistisse pela lei organica do paiz.

Foi proclamado o regente de Castella, que partiu a tomar posse dos seus estados, depois de organisar o governo na prevenção de futuras desavenças.

A sua retirada para Aragão, apesar das precauções tomadas, abriu caminho á decadencia da realeza em Castella.

As intrigas começaram; a desordem insinuou-se na administração, e algumas damas prediletas da rainha mãe, que ficara com a regencia, inauguraram o dominio do favoritismo, com escandalo publico e prejuizo manifesto para o estado.

D. João II, e D. Henrique seu successor, seguiram os mesmos principios, deixando o reino á mercê de favoritos, que mais deviam a affeição regia aos atractivos de cortezaõs e ás subtilezas da astucia, do que a dotes de governo e a excellencia de caracter.

Os soberanos, debeis de compleição physica e moral, levianos, sensuaes, apoucados de intelligencia, desprestigiaram-se facilmente ante fidalgos desmoralisados, pouco respeitadores da realeza, e que, ambicionando engrandecer-se, tomavam resolutamente o caminho da intriga ou da rebelião, por lhe fallecerem os dotes com que se adianta nas veredas claras e direitas de uma sã politica.

Difficilmente se descrevem as humilhações que a corôa soffreu n'estes dois reinados.

D. João II, suprehendido no proprio leito, aprisionado

por seu primo D. Henrique de Aragão, liberto pelo favorito Alvaro de Luna, sitiado em Montalvão, reduzido á mingoa de comer carne de cavallo e de saboriar uma perdiz, donativo de um rustico compadecido, consegue reassumir o poder, mas vive entre os baldões da guerra civil, ora ludibrio dos grandes, ora escravo do favorito.

Hoje exilara D. Alvaro de Luna, cedendo á pressão dos nobres; ámanhã repremia estes e chamava o desterrado, enchia-o de dignidades e elevava-o de bastardo aventureiro a duque condestavel e supremo senhor dos destinos do povo. Abdicando a vontade propria, arrastou a purpura nas maiores degradações do servilismo, já pedindo venia ao ministro até para conviver com a esposa, já cedendo aos resentimentos d'esta para enviar ao cadafalço o mesmo ministro, que no meio de suas demasias conservava intactas as altas virtudes de um amigo dedicado e fiel.

D. Henrique degradou-se ainda mais: envilecido como homem nos ascos do deboche, é escarnecido na honra conjugal, e alcança o summo ridiculo applaudindo um passo d'armas feito em homenagem a sua mulher e edificando um mosteiro a S. Jeronymo, em memoria d'este escandalo solemne.

Mais ludibriado que seu pae, a quem ao menos D. João Alvaro fôra fiel, não encontra lealdade no marquez de Vilhena; é atraiçoado pela nobreza por causa do ministro e pelo ministro por causa da nobreza.

Apparatoso na guerra, levou repetidas vezes lusidos exercitos ás veigas de Granada, mas só colheu infamias de cobarde, furtando-se a combater o inimigo. Apupado em effigie nos motins d'Avila, titulado publicamente com uma alcunha infamante sanccionou o proprio vilipendio com o tratado de Foros de Guizando, em que, tirando o direito de successão a sua filha D. Joanna, favoreceu sua irmã D. Isabel. Confissão tacita da origem adulterina

da princeza, já alcunhada Beltraneja por irrisão, que a diziam filha de D. Beltrão de la Cueva.

Escarnecido por todos, apontado pela posteridade, nem a mesma consciencia o poupou, pois na hora da morte disse, que mais nascera para frade capucho do que para rei de Castella.

A sociedade castelhana, já abalada pela rude existencia que tivera no precedente seculo, achava-se no mais lastimoso estado ao fim de sessenta annos d'esta administração dissolvente. Por onde quer que se profunde só se encontra lodo.

O elemento popular, ainda tão viril e florescente no reinado de D. João I, estava abatido e degradado a ponto de serem os procuradores impostos aos conselhos pela vontade regia.

As côrtes, abandonadas, consumiam-se na esterilidade; frias e indifferentes, sómente serviam para dar apparencias de legalidade á desordem administractiva.

O esbanjamento da fazenda real, as loucas prodigalidades de D. Henrique e as suas pessimas ordenações monetarias, puzeram o reino na mais espantosa miseria. Abundava o dinheiro falso, paralisavam-se completamente as transacções, roubava-se por toda a parte; ninguem sabia o que tinha nem como havia de viver.

O vicio devassava ousadamente o lar domestico, o luxo acarretava a devassidão, segredava a deshonra, e prostituia a dignidade nacional, afeminando os homens, que trocavam as armas pelos adornos, e despresavam os brios de cavalleiros pelas graças de pintalegretes.

A sensualidade governava tão dispoticamente, que em quanto passavam indifferentes obras de verdadeiro merecimento, adquiria grande voga um *tratado de trinchar*; e chegou a propor-se mui seriamente a creação de uma escola d'esta amena sciencia.

Em Hespanha nunca fôra tão longe a depravação, e só a providencia podia valer a este povo cahido em tan-

to abatimento depois de haver conquistado com rara perseverança um nome tão glorioso.

Assim aconteceu. Por caminhos desviados, estranhas combinações, Deus, aquem ainda recentemente Emilio Castellar confessou que divisava nos arcanos da historia, acudiu á Hespanha.

Vejamos como:

O Aragão, dotado com grandes reis, engrandecia-se e honrava-se em quanto a Castella, regida por mesquinhos soberanos, se apoucava e envilecia.

D. Fernando, que vimos abandonar a tutela de D. João II, para subir ao throno aragonez, por decisão do tribunal de Caspe, sustentara no governo seus altos brios, luctando dignamente contra as rudes antipathias dos catalães, mantivera com firmeza a constituição vigorosa e adulta que regia o reino, e servira com honra a unidade da egreja catholica, dilacerada pelo scisma que o anti-papa Benediclo XIII sustentava com rara tenacidade.

Affonso V, digno continuador de seu pae, esmagou com sobranceria de grande animo a pertinaz relutancia da Catalunha, passou a Italia generoso libertador de Joanna de Napoles, e quando ficou victima dos desordenados caprichos d'esta rainha sensual e extravagante, alçou-se magestatico vulto em bravas guerras, commoveu a formosa peninsula, lutou nos campos da batalha com os duques d'Anjou, de Milão, de Saboia, as republicas de Genova, de Florença, de Veneza, e arca nas lides da diplomacia com a Santa Sé, e os mais astutos cardeaes, com os mais manhosos soberanos.

O monarcha aragonez é terrivel nas batalhas, levando a morte e o incendio até ás ruas de Napoles e Marcelha; digno na adversidade, quando prisioneiro do duque de Milão nas aguas do Ponza; magnifico como triumphador, entrando em Napoles com uma corôa na cabeça e cinco aos pés; magnanimo na victoria, amenisando a sorte dos vencidos; illustrado no governo, tirando lição de

Cesar, Tito Livio e Quinto Curcio, em quanto se abraça com os maiores engenhos do seu tempo.

Finalmente soube, com seus grandes dotes, sustentar e completar a alta reputação que os aragonezes haviam conquistado em todos os paizes banhados pelo Mediterraneo e pelo Bosphoro.

Por seu testamento succede-lhe em Aragão e Sicilia seu irmão, o rei de Navarra D. João II—ficando seu filho com o reino de Napoles.

Questões de familia, odios injustos atiçados por sua segunda esposa, D. Joanna de Castella, armaram o povo soberano de Aragão contra o principe Carlos de Vianna, seu filho, a quem seguiu por modo tão implacavel que pôz os estados em desordem, e sustentou na Catalunha, partidaria do principe, guerra duradoura e cruelissima em que tragou mais de uma affronta.

O principe morreu ao que dizem, envenenado; mas a sua morte não provocou a submissão dos catalães, que continuaram a luta, chegando a offerecer a soberania d'aquelle estado aos reis de Castella, de França, e a varios principes estrangeiros, para não acceitarem o dominio legitimo de D. João, de quem se achavam offendidos.

Durante esta guerra transformara-se singularmente o caracter do monarcha, que, corrigindo seus muitos e censuraveis defeitos, adquirio na velhiçe elevadas qualidades e supremos dotes de governo, alcançando o nome de *grande*; pelas vantagens que conquistou para o estado nas negociações com o estrangeiro, e na revindicação de territorios importantes.

Depois de um longo reinado deixou a corôa a seu filho D. Fernando, reconhecido successor pela morte do infeliz primogenito, e que havendo casado com D. Isabel, rainha de Castella, veiu a reunir os dois estados.

Assim a distracção de uma parte da dynastia aragoneza para o reino de Napoles, a morte do principe

de Vianna, que deu a corôa de Aragão a D. Fernando, o casamento d'este com a princeza Izabel, a coroação d'esta, consequencia de um tratado vergonhoso e inesperado, são as causas remotas e providenciaes que salvaram a sociedade castelhana, dando-lhe um governo energico, esclarecido e virtuoso, que constituiu a unidade hespanhola, base indespensavel para o extraordinario engrandecimento a que este povo chegou em breves tempos.

X

1474—1504

Reinado de Fernando e Isabel—D. Isabel é proclamada em Segovia—Determina governar em commum com seu marido—partido a favor da Beltraneja—intervenção de Portugal—batalha de Toro—retirada do exercito portuguez—reclusão da Beltraneja n'um convento de Portugal—revoltas de fidalgos castelhanos—Succede D. Fernando na corôa d'Aragão—União dos dois estados—prosegue a reconquista—campanhas de Granada, conquista de Alhama, Coni, Certama, Ronda, Loja, Mora, Velez, Malaga—cerco d'esta ultima praça—cerco de Baza—conquista de Velez e de Guadix—cerco e conquista de Granada—anecdotas historicas das campanhas de Granada—Christovão Colombo—traços biographicos—descoberta do novo mundo—engrandecimento da Hespanha e Portugal—Divide o Papa o mundo desconhecido entre estas duas nações—Invasão de Napoles por Carlos VIII de França—os venezianos soccorrem Napoles—guerras de Italia—Gonçalo de Cordova—é chamado o Grão Capitão—victoria de Garrilano—os hespanhoes ficam senhores do reino de Napoles—morte da rainha D. Isabel—seu testamento.

Por morte de Henrique IV, e conforme o tratado de Toros de Guizando, foi sua irmã D. Isabel proclamada em Segovia com grande aparato.

A rainha, dotada com a affectuosa cordealidade de uma

boa esposa, não quiz annular seu marido, alheando-o da governação; mas observadora das prerogativas castelhanas tambem não quiz depor a regencia do estado nas mãos do principe aragonez. Estabeleceu-se pois a communidade de poderes e os monarchas reinaram simultaneamente.

Não passou sem ser contestado a D. Isabel o direito de successão.

O duque de Arevalo, o marquez de Villena e o arcebispo de Toledo, levantaram-se a favor de D. Joanna, cunhada da Beltraneja.

Conseguiram interessar na sua causa D. Affonso V de Portugal, que entrou em Castella com um exercito aguerrido, obrigando os monarchas hespanhoes a uma guerra que os ameaçava seriamente, e para a qual estavam mal apercebidos.

Porem depois de algumas acções pouco importantes e operações sem resultado decisivo, os portuguezes retiraram em consequencia de um revez que soffreram na batalha de Toro e da defecção dos fidalgos castelhanos que, havendo sido os promotores da campanha, começaram depois a passar-se ao partido de D. Isabel.

Esta guerra preoccupara tanto a rainha, que não duvidou expôr-se a fadigas prejudiciaes a um filho que trazia no seio, o qual com effeito abortou; e a noticia da duvidosa victoria de Toro foi recebida em Toledo com demonstrações publicas de regosijo, como se fôra um grande successo, assistindo a soberana a um *Te-Deum*, *descalça*, em cumprimento de voto que fizera.

Permitta-se-nos observar que, se não era a consciencia do mal seguro direito que sobresaltava os animos de D. Isabel, muitos receios lhe haviam inspirado as armas portuguezas.

A Beltraneja retirou-se para um convento de Portugal, que, segundo alguns auctores, foi o de Santa Clara, em Santarem, mas não se conformou com a mansidão evan-

gelica, pois d'alli ou da côrte de Lisboa intrigou sempre a fovor de seus direitos.

A tempo que se assignavam pazes com Portugal succedeu D. Fernando em Aragão, por morte de seu pae; ficaram então reunidos para sempre os dois estados, e os soberanos, vendo consolidada a monarchia, e submettidos alguns grandes demasiadamente avezados a lutar com a corôa, emprehenderam a expulsão dos mouros de Granada, ultimando a reconquista.

O ensejo não se fez esperar. Nas correrias com que os infieis devassavam quotidianamente a fronteira foi Zahara surprehendida em uma noute tempestuosa. Os mouros degolaram a guarnição e levaram os habitantes algemados para Granada.

Alhama, surprehendida por sua vez, pagou por Zahara: e as hostilidades romperam-se da parte dos christãos, em bravos combates, junto aos muros d'aquella praça, que os mouros tentaram debalde retomar.

Em seguida os exercitos hespanhoes tomaram Coni, Certama, e Ronda, mas em Loja e na serra d'Ajarquia soffreram revezes terriveis, que interromperam momentaneamente as operações.

Uma nova expedição fez capitular Loja, Mora, Velez, e Malaga, que sómente se rendeu depois de prolongada risistencia e de haver padecido tão grande fome que as mães sustentavam os filhos com folhas de parra, e muitas familias vinham ao acampamento trocar a liberdade por um pedaço de pão.

A estas conquistas seguiram-se as de Almeria, Guadix e Baza, que tambem deteve por largos mezes diante de suas muralhas um exercito numeroso e disciplinado.

Emfim, do immenso poder musulmano que dominara quasi toda a peninsula, somente restava Granada, com seus magicos palacios e as suas mil torres.

Investiu com ella D. Fernando, á frente do mais luzido

exercito que militara n'estas ultimas arrancadas da reconquista.

O cerco foi prolongado; deram-se combates brilhantes; mas Boabdil, ultimo rei mouro, teve de capitular.

A 2 de janeiro de 1492, a côrte e o exercito vestiram-se de gala para tomarem posse de Alhambra, e o desventurado soberano granadino, depois de entregar as chaves da cidade a D. Fernando, retirou-se humilhado para um modesto senhorio que lhe concediam na solidão das Alpujarras.

É tradição que na derradeira collina donde se avista Granada, se detivera no sitio ainda hoje chamado o *suspiro do mouro*, despedindo-se com lagrimas de sua grandeza perdida; e conta-se que sua mãe lhe dissera com pungente sarcasmo: *chora como mulher, a corôa que não soubeste defender como homem.*

O cardeal Mendoza e os principaes commandantes entraram a tomar posse pela cidade, e quando a cruz de prata, que D. Fernando levara para as batalhas, appareceu no cimo da torre que hoje se chama da Vela, viu-se um espectaculo unico e imponente.

No campo, os reis, os fidalgos e os soldados, prostraram-se de joelhos; abateram-se as bandeiras, inclinaram-se as armas, e os prelados entoaram o *Te-Deum*, que foi correspondido por oitenta mil vozes. Este cantico immenso e solemne, celebrava o encerro grandioso de uma luta sem par na historia do mundo, e que é talvez o maior feito d'armas da christandade.

Como vimos, o reino de Granada conquistára-se em campanhas successivas; n'ellas militaram os homens mais illustres de Castella e Aragão.

As suas chronicas brilhantes e animadas, vem cheias de episodios variados e caracteristicos, que pintam com vivas côres os ultimos quadros d'aquelle drama de sete seculos.

—O rei de Castella mostrava-se digno representante de

D. Jayme e de S. Fernando, lidador esforçado, ostentava no campo de batalha as galhardias de bom cavalleiro. Diante de Velez surprehenderam-no os mouros a tempo que tomava uma refeição; apesar de quasi desarmado, lançou-se em soccorro de seus soldados, e advertido pelos fidalgos do perigo que corria, respondeu-lhes «que não devia um rei de Castella ver atacar os seus subditos sem lhes acudir.»

—Fernão Perez del Pulgar destaca-se com vulto extraordinario em todas as campanhas. Ninguem é mais ousado, ninguem se singularisa mais pelo timbre cavalleiroso de suas aventuras:

Em frente de Baza volvia de um reconhecimento, acompanhado por duzentas lanças; atacado por forças muito superiores, tomou uma touca branca, hasteou-a na sua lança e dirigindo-se aos seus, que hesitavam, bradou-lhes «quem fôr homem e quizer combater não lhe falta bandeira—siga esta touca—O inimigo foi completamente batido, e ficou tão celebrado este feito, que o rei armou cavalleiro a Fernão Perez, dando-lhe por armas um leão d'ouro em campo azul, trazendo na garra uma lança com touca hasteada, e na orla do escudo os bustos dos dôze alcaides mouros vencidos no recontro.

—Corria o cerco de Salobrenha, que os mouros apertavam por modo que se lhe não podia valer. Fernão Perez toma na costa um barco, aventura-se ao mar com sessenta escudeiros, espia occasião favoravel, entra na praça, abastece-a, e chegando ás muralhas atira aos sitiantes com um cantaro d'agua e uma taça de prata, mofando das esperanças que tinham de forçar a guarnição pela sêde.

—Preparava-se a expedição contra Granada. Fernão Perez pensa em abreviar as operações, incendiando a cidade. Parte de Alhama, com quinze companheiros que tomam um feixe de lenha. Chega alta noite, sem

ser presentido; investe pelas tenebrosas ruas, alcança a mesquita maior e crava-lhe na porta um punhal com um pergaminho que tinha escripto—Ave Maria.—

Dirigem-se depois ao mais emmaranhado de um bairro populoso, e quando se dispunham a incendiar os feixes no meio das mais estreitas viellas, são surprehendidos pela ronda, defendem-se, destroçam os agarenos e sahem a salvo da cidade, no meio do mais extraordinario alboroto.

—D. João de Vera é enviado a Granada para ajustar uma trégua. A magnificencia com que foi recebido nos salões d'Alhambra escandalisou alguns fanaticos, que desafogaram dirigindo ao fidalgo castelhano dichotes sobre a virgindade de Maria Santissima. Escandalisou-se D. João, e puxando da espada cortou a cabeça ao mais atrevido. Levantaram-se todos contra elle e o povo cresceu em onda para os paços, pedindo em altos clamores que o suppliciassem.

Mas o rei de Granada, conhecedor do motivo da pendencia, fez castigar os culpados, e fornecendo um disfarce ao embaixador, deu-lhe o seu melhor cavallo, com o que logrou por-se a salvo atravez da sanguinaria populaça, alcançando os arraiaes christãos, onde se festejou muito a sua ousadia, e se prestou tambem homenagem á justiça e lealdade do soberano de Granada.

—Sabedor o conde de Tendilla, que n'uma angra da costa devia embarcar a sobrinha do alcaide Aben Comixa, que ia noivar em Tetuão, postou cavalleiros, que raptaram a formosa moura, conduzindo-a a Alcalá, onde o *fronteiro mór* lhe dispensou todas as attenções de um perfeito cavalleiro.

Offereceram-se cem christãos pelo resgate da captiva. Tendilla acompanhou-a com luzida escolta até ás portas de Granada, e recusou cortezmente a offerta; mas Boabdil, agradecido, deu a liberdade a vinte sacerdotes, e a cento e trinta fidalgos aragonezes, não se es-

quecendo de escrever ao conde apreciando do modo mais lisongeiro a sua galanteria.

—Nos arraiaes diante de Granada desafiavam-se quotidianamente os cavalleiros de um e outro exercito, quebrando lanças em frente das damas castelhanas, como se estivessem em festival torneio. Dos mouros ouve alguns tão dextros e ousados, que saltando fossos e palissadas, prenetravam no acampamento christão, faziam homenagem de sua lança á rainha, deixando-lh'a á porta do pavilhão, e fugiam com velocidade tal que os melhores corredores nunca podiam alcançal-os.

—Os cercos de Malaga e de Baza, tiveram dias crueis em que o desalento lavrava no exercito.

A rainha, com suas damas e luzido sequito, vizitava os acampamentos, reanimando os soldados e transformando as amarguras em festas e alegrias.

N'uma d'estas vizitas ao sitio de Malaga, esteve a ponto de ser assassinada por um mouro fanatico, que introduzindo-se no pavilhão real com o pretexto de revelações importantes, aggrediu a marquesa de Moya e D. Affonso de Portugal, tomando-os pelos soberanos de Castella. Foi n'esta occasião que se creou a guarda real constituida por cem fidalgos escolhidos, que acompanhavam a rainha para toda a parte.

N'outra vizita ao campo diante de Baza, revistou as trincheiras. O marquez de Cadix, conhecendo o genio cavalheiroso de Cid Hyaia, governador da praça, mandou-lhe pedir que cessasse o fogo durante a vizita da rainha, para que a soberana não corresse perigo ao percorrer os trabalhos.

O mouro accedeu de bom grado, e quando das muralhas avistaram D. Izabel, saiu a campo com seu exercito em grande gala, approximou-se dos intrincheiramentos christãos, prestou homenagem á soberana com continencias e manobras, retirando-se victoriado por ambos os campos, que apreciavam sua extremada cortezia.

—A rainha, sollicita, desvelada pelo exercito, abastecia-o cuidadosamente; e quando em meio de uma horrorosa invernia, os sitiadores de Baza se viram reduzidos á extrema penuria, empenhou suas joias para os soccorrer e arriscou mil vezes a vida para lhes levar pessoalmente o conforto, atravez de um paiz devastado pelos vendavaes. Ninguem melhor do que ella e suas damas pensavam os feridos. Nos dias de batalha o seu posto era nos hospitaes de sangue, cujo uso introduzira em Hespanha.

—A conquista das praças occupadas pelos infieis libertava multidões de desgraçados captivos, que saiam nús e famintos das mais horrendas masmorras. A rainha despendia avultadas quantias para os soccorrer.

—Os prisioneiros feitos aos mouros, não tinham geralmente a queixar-se de sua sorte; eram distribuidos pelos principes e pelos grandes, a cuja domesticidade ficavam pertencendo, e as mulheres entravam ao serço da rainha ou das senhoras da côrte, que as tratavam com agazalho e ás vezes com mimo. Dos escravos feitos em Malaga, foram enviados cem de prezente ao Papa, cincoenta donzellas offerecidas á rainha de Napoles e outras tantas á de Portugal. Dividiam-nos como a rebanho de ovelhas, mas ao menos cuidavam-lhes do aprisco.

—Corria o cerco de Granada. Uma noite pegou fogo no pavilhão real, e propagando-se ao resto do acampamento, reduziu tudo a cinzas.

Folgaram os moiros, cuidando que o exercito, de subito desabrigado no pino do inverno, seria forçado a levantar o cerco. Mas não contavam com o animo de Izabel, que inspirava prodigios.

Fidalgos, prelados, damas, cavalleiros, capitães e soldados, oitenta mil homens emfim, manejaram a serra e o malho, e edificaram em poucos dias uma povoação regular, com ruas, praças e commodas habitações, que

se chamou *Santa-Fé*. Era a unica povoação de Hespanha virgem do pizar dos agarenos, erguida por um supremo esforço, em frente da ultima estancia que estes conservavam na peninsula, e quando ia baquear o seu immenso poder.

Estes episodios estão longe de serem considerados como simples anecdotas; revelam-nos quanto distavam os guerreiros de Izabel dos rudes asturianos, companheiros de Pelayo, ou dos ferozes biscainhos que exterminavam em Roncesvalles; dizem-nos tambem quanto se avantajavam os cavalleiros de Boabdil, aos sanguinarios soldados de Almanzor.

As lides da reconquista, encetadas e proseguidas durante seculos com as armas medonhas que servem para o exterminio, acabavam em campanhas animadas pelo genio da guerra, pela arte militar e onde se empunhavam as armas cortezes dos bons e leaes cavalleiros, que ferem mas não esmagam.

A tempo que estas importantes campanhas alvoroçavam a côrte, e alegravam os alcaçares com as novas risonhas da victoria, rojava-se tristemente na humildade das antecamaras, consumia-se na vida de peticionario um homem que a providencia destinára a muito maiores feitos que aquelles com que tanto se ensoberbeciam os fidalgos de Castella.

Era Christovão Colombo, futuro descobridor do Novo Mundo.

Nascera em Genova, de familia humilde e pouco abastada.

As brizas do mar innocularam-lhe os instinctos da navegação, e quando curvado ao estudo, na Universidade de Pavia, se familiarisava com os geographos e mathematicos, pedia-lhes guia para ir a novas praias e a novos oceanos.

Marinheiro desde a primavera da vida, abafava na estreiteza do Mediterraneo, e as aspirações para o vasto,

mais do que os baldões da vida maritima, conduziram-no a Lisboa, côrte predilecta dos navegadores, desde que o infante D. Henrique attraira estes homens privilegiados, que sabem arcar com as tempestades, e teem animo para devassar a immensidade dos mares.

Não lhe sorriu a fortuna em Portugal, onde comtudo colheu boa lição das expedições que fez á Guiné, e do estudo dos roteiros dos navegadores portuguezes, que então eram os primeiros do mundo. Seus projectos de descobrimento foram menospresados, e debalde sollicitou a protecção de D. João II, que, propenso a coadjuval-o, desistiu em vista do formal desmentido que a sciencia de então dava ao pretendente.

Recorreu á patria, mas tambem a achou adversa; aquelle povo de navegantes accolheu com desconfiança as suas theorias arrojadas, e despresou o que não comprehendia.

Colombo meditára as vagas theorias dos antigos cosmographos, e estudára cuidadosamente os trabalhos do seu tempo; suppunha a existencia de terras desconhecidas ao occidente; da sphericidade da terra concluia que havia antipodas, finalmente por seus calculos acreditava em um caminho mais directo para a India, atravez do Oceano Atlantico. As suas proposições, embora não fossem de todo o ponto exactas, adiantavam-se muito á sciencia dos seus contemporaneos, por isso eram regeitadas.

Não esmoreceu com os revezes. Seduziam-no as narrativas maravilhosas de Marco Pollo, que descrevem as regiões oppulentas da Azia e do Cathay, dos paizes do ouro e das perolas, por modo tão brilhante, que se acredita sahida d'aquelles esplendidos thesouros a magica penna que as traçou.

Lançou-se corajosamente á realisação do seu plano, e desenganado de Portugal e de Genova, voltou-se para Hespanha.

Caminhou para Castella, a pé, com a curvatura e a melancolia da miseria; levava um filho pela mão e a creancinha tinha frio e fome.

Sentou-se um dia no portico de um mosteiro arrabido, pedindo agua e pão.

Condoeram-se os frades ao vêl-o, que a presença era nobre, o olhar expressivo e triste.

Fizeram-lhe o cordeal agasalho christão, que se encontra no remanso do claustro.

Havia n'aquellas humildes cellas a sciencia que tanto se compraz em habitar a casa de Deus; o pobre viajante achou pela vez primeira quem o comprehendesse, e saiu d'ali para a côrte sollicitamente recommendado por fr. João Perez de Marchena, antigo confessor da rainha.

Mas não estavam acabadas as provações; na côrte uns não o entendiam, outros sobresaltavam-se com o arrojo da empreza.

Accolhido benignamente pelos soberanos, prezado dos grandes, esmagavam-no comtudo os ignorantes, que implacavelmente o proclamavam vizionario, e mesmo herectico; chegaram a apontar-lhe para o carcere da inquisição.

Desesperado, sollicitou á França, e animando-se com uma lisongeira carta de Carlos VIII, dispoz-se a partir; mas ao despedir-se da cella hospitalleira de Pallos, deteve-o fr. João Peres, que, n'um supremo esforço, cavalgou alta noite para *Santa-Fé*, onde no momento da quéda de Granada obteve da munificencia régia o que se não podéra arrancar á convicção.

Tratadas as condições e removidos os ultimos embaraços, Colombo armou trez pequenos navios e fez-se de vella.

Não podemos seguil-o em suas laboriosas viagens, em suas lutas com o desconhecido, nos terriveis conflictos que sustentou com as equipagens desanimadas.

Todos sabem que triumphou a sua inflexivel perseverança, o seu potente genio, e que, depois de importantes descobertas, volveu a gozar esplendidos triumphos, e a ser honrado por aquelles mesmos que a principio o menospresavam.

Com o dominio das oppulentas regiões descobertas por Colombo, alcançou a Hespanha grandesas e prestigio que lhe teriam dado a primazia entre as nações da Europa, se Portugal, que da sua parte havia realisado importantissimos descobrimentos, não rivalizasse com esse immenso poder.

O papa Alexandre VI, traçou uma linha imaginaria de polo a polo, dividindo o mundo desconhecido em duas partes, cujo senhorio partilhou entre Portugal e Hespanha.

Esta partilha, facto extraordinario e que não tem similhante na historia, motivou contestações graves entre as duas potencias, mas todas se resolveram no campo diplomatico, conservando-se a paz com Portugal tão solidamente estabelecida como com as outras nações, que todas mantinham as melhores relações com Castella, umas pelo muito que lhe impunha seu extraordinario poder, outras pela consideração que inspiravam os reis catholicos, que havendo achado o reino na mais desprezivel condição, tinham sabido em poucos annos regeneral-o e engrandecêl-o.

Sómente Carlos VIII de França, restaurando as antigas pretenções ao reino de Napoles, que invadiu, chamou a Hespanha aos campos de batalha, em soccorro do monarcha napolitano, a quem devia auxilio por dever de parentesco e interesse proprio.

Estas novas campanhas de Italia, renovadas por vezes, sempre ardentes e sanguinarias, foram vasta e grandiosa arena para a gloria das armas hespanholas, que em acções famosas ganharam as mais brilhantes victorias, dando muitos dias de luto á França,

que ali perdeu seus melhores generaes e os mais esforçados cavalleiros da sua nobresa.

Gonçalo de Cordova, que começara a tornar-se famoso nas guerras de Granada, commandava em chefe na Italia, onde alcançou o cognome de Grão Capitão.

É a este homem extraordinario, o maior vulto militar do reinado dos reis catholicos, que se devem os grandes triumphos que aniquilaram o poder dos francezes na Italia, e deram a corôa de Napoles a D. Fernando, depois da memoravel batalha de Garrilano, onde o general hespanhol desenvolveu prodigios de tatica e o exercito deu exemplos de coragem e disciplina, que causaram a admiração de todas as nações.

No meio de tantas glorias, de constantes prosperidades, a rainha definhava curvada a dolorosos padecimentos physicos, a verdadeiros tormentos moraes.

No decurso de um reinado trabalhosissimo, desenvolvera actividade e energia que não seriam indifferentes a um homem robusto; entrára pois no declinar da vida, cansada, exausta de forças, que empenhára generosamente pela felicidade da patria.

A morte ceifara desapiedadamente as vidas que lhe eram mais caras, vira desapparecer toda a sua descendencia, e a unica filha que lhe restava, D. Joanna, herdeira de seus grandes estados, dava-lhe o espectaculo desolador da loucura.

Ferida profundamente nos seus affectos de mãe, magoada como soberana, que por allianças dos seus procurára previdentemente consolidar a grandesa e preponderancia da corôa, não resistiu; e quando a Hespanha mais se ensoberbecia, erguendo-se altiva sobre thesouros e tropheus, D. Isabel falleceu, dando os mais tocantes exemplos de humildade e caridade christã.

Aquella que dominava em dois mundos, esquece-se de todas as grandezas da terra e pede para si uma sepultura raza n'um pobre convento franciscano de Gra-

nada; troca as galas mundanas pelas mais humildes vestes das servas do Senhor, e pede que seus restos sejam envolvidos no tosco habito de S. Francisco.

Sómente na caridade se mostra oppulenta; as suas ultimas disposições enxugam as lagrimas da miseria, amparam a viuvez e a orphandade.

A morte de D. Izabel foi funesta para Hespanha; o foco da discordia enviou decerto clarões atravez de sua mal cerrada sepultura.

XI

1474—1504

Reformas feitas no reinado dos reis catholicos—estado anarchico em que se achava Castella—reorganisação da *Santa hermandad*—exemplos de justiça dados pelos reis—restituições de bens á corôa—procedimento da nobresa—côrtes—elemento popular—instrucção dos fidalgos—exercem o magisterio—homens e senhoras que se distinguem nas letras—progressos nas *bellas-artes*—imprensa—livros publicados—refórma do clêro—diplomacia—homens celebres.

O reinado de Fernando e Izabel não foi sómente fecundo em glorias militares e em arrojados descobrimentos.

A época difficil em que a providencia lhes confiou o governo do povo hespanhol, exigia prodigios de administração; mas os monarchas elevaram-se á altura das circumstancias; esmagaram a desordem e a immoralidade, estabeleceram na peninsula a unidade religiosa e a unidade social; nos estados hespanhoes a unidade politica; abriram, finalmente, rasgadas vias á civilisação.

Os primeiros passos d'esta regeneração foram extremamente difficeis.

A anarchia medrára horrivelmente durante a guerra

da successão, chegando a ponto de ninguem estar seguro de sua vida, de sua fazenda ou da honra de sua mulher e filhas.

O claustro mesmo não era sufficiente abrigo, nem os baluartes segura defesa.

Os castellos, erguidos no alto dos montes para guarda dos campos, haviam-se pela maior parte transformado em covis de ladrões, não duvidando os fidalgos descer a saltear na planicie aquelles a quem deviam justiça e protecção.

Para debellar tão medonha desordem reorganizou-se a *Santa hermandad*, antiga salvaguarda dos direitos e interesses do povo.

Deu-se-lhe caracter permanente e fez-se extensiva a todo o reino. Armaram-se 2000 homens de cavallaria e nomerosos peões, que vigiavam incessantemente os caminhos e prestaram os mais relevantes serviços á ordem publica, debaixo do commando superior do duque de Villahermosa.

Uma junta suprema, composta de deputados provinciaes e presidida pelo bispo de Carthagena, julgava sem appelação os crimes da alçada da *Santa hermandad*.

Os processos eram summarios e a justiça tão breve que nos regulamentos do tribunal lê-se «que os mal«feitores recebam como catholicos os sacramentos que «poderem receber e sejam executados quanto antes, «para que sua alma esteja segura de salvar-se.» Parece que não havia a maior confiança no arrependimento de taes miliantes.

Foram destruidos numerosos castellos e suppliciados os nobres salteadores que os habitavam.

Mais do que todas as medidas tomadas, valeu o exemplo de integridade e severa justiça dado pelos soberanos, que amiudadas vezes presidiam aos tribunaes, e recebiam em audiencia as queixas, sem olharem á cathegoria dos queixosos.

Um ricaço, condemnado á morte por falsario e assassino, offereceu 40:000 dobras de oiro pelo seu resgate, e applicando o donativo ás despesas da guerra contra os infieis, armava habilmente á clemencia régia.

Apesar da penuria em que se achava o thesouro, a rainha não perdoou; e devendo reverter para a corôa os bens do suppliciado, que excediam muito o valor do resgate proposto, fez d'elles doação á familia do criminoso, a fim de evidenciar que sómente o amor da justiça inspirára a regeição da offerta.

A fazenda real, por mui cerceada, escaceava a ponto de comprometter os soberanos, que a custo sustentavam uma posição mediana, emquanto os principaes fidalgos ostentavam dispendioso estado.

Ordenou-se a restituição de todos os bens e rendimentos uzurpados á corôa, ou cuja fruição não tirasse a sua origem de relevantes serviços prestados.

Com esta medida soffreram grandes desfalques as melhores casas de Castella; maiormente as do duque de Medinasidonia, do duque de Albuquerque e do marquez de Cadix; mas toda a velha nobresa se prestou bizarramente a um sacrificio, que reconheciam exigir com os mais justos fundamentos.

Para a realisação d'estas reformas soccorreu-se muito a corôa do elemento popular, que em Castella, como já temos visto, era antigo e poderoso esteio da realesa.

Convocaram-se côrtes constituidas exclusivamente pelos procuradores dos concelhos, e nomearam-se para os mais importantes cargos do Estado, homens de grande sabedoria e reconhecida probidade, sem embargo de seu humilde nascimento. As altas dignidades da egreja, da milicia, e da magistratura, que antigamente eram exclusivo apanagio dos grandes, tornaram-se accessiveis ao merito, qualquer que fosse a condição d'aquelles que a ellas aspiravam.

D'este systema, mal visto a principio entre os fidal-

gos, resultou a illustração da nobresa, que, frequentando as escolas, pegou na penna em concorrencia com a espada e distinguiu-se nas lettras e na politica, como até ali se distinguira nos torneios e nas batalhas.

Os filhos do duque d'Alva, dos condes de Haro e de Paredes, chegaram a exercer o magisterio nas Universidades de Salamanca e Alcalá.

Distinguiram-se como poetas ou prosadores o almirante de Castella, os duques d'Alva, de Medinasidonia e Albuquerque, o marquez de Villena, o de los Velez, e o d'Astorga; os condes de Benavente, Castro, Urena e Ribadeu; D. Jorge Manrique, Diogo Lopez de Haro e outros muitos.

A rainha inspirára este grande movimento litterario; as senhoras seguiram-no pois tambem, e algumas com grande successo.

D. Maria Pacheco e a marquesa de Monteagudo, distinguiram-se na côrte por seus grandes talentos. D. Lucia de Medrano explicou os classicos latinos na Universidade de Salamanca, e a filha do historiador Lebrija excitou a admiração dos estudiosos, pela maneira primorosa com que regeu a cadeira de rhetorica em Alcalá.

Era mais preguiçoso o adiantamento das sciencias; mas as Bellas Artes medravam a par das lettras. A musica principalmente cultivava-se com muito esmero.

Esta regeneração intellectual, que continha em si todo o futuro d'Hespanha, recebeu valiosos subsidios da invenção da imprensa que, apenas nascente, se vulgarisou tanto em Castella como em Aragão, estabelecendo-se typographias nas cidades principaes, onde se publicaram muitos livros originaes d'historia ou litteratura, e boas traducções, assim de classicos latinos e gregos, como de obras contemporaneas escriptas nos idiomas estrangeiros.

As refórmas na administração, vastas e completas,

abrangeram todos os ramos do serviço publico, regulamentando tudo com cuidado e minuciosidade, que surprehendem em um reinado cheio de guerras e acontecimentos proprios a distrair os animos da regencia interna do estado. Especialisa-se a refórma do clero; missão urgente, mas por extremo espinhosa, em que a rainha foi altamente coadjuvada pelo cardeal Jimenes de Cisneros, arcebispo de Toledo.

Foram laboriosos n'esta época os trabalhos diplomaticos. As reformas sociaes, a do cléro, os negocios de Italia, levantaram amiudadas e importantes questões com a Santa Sé. As velhas intrigas da Beltraneja, os conflitos e mutuas pretenções sobre as descobertas e conquistas, difficultavam constantemente as relações com Portugal. Os complicados negocios de Napoles, que exigiam tanta finura como tactica militar, levantavam constantes complicações com a França e obrigavam habeis negociações com os outros estados de Italia. Finalmente a revindicação dos condados de Roussilon e Sardenha, obtida exclusivamente por vias diplomaticas, foi um dos acontecimentos do seculo.

D. Fernando, astuto, dissimulado, enriquecido pela naturesa com os mais preciosos dotes para esta difficil sciencia, soube tirar d'ella o maior partido, coadjuvado por Pedro d'Urrea, Figueirôa e outros negociadores habeis.

Mas a imparcialidade historica obriga-nos a dizer que, se o soberano de Hespanha se engrandeceu, e alcançou renome de fino politico, nem sempre se houve com a honra e lealdade de um bom gentil-homem, nas intrigas, nos tratados e concordatas que exigiam as suas vastas e complicadas operações diplomaticas.

Os reis catholicos foram servidos por muitos homens de elevado merecimento, tanto nacionaes como estrangeiros, que os coadjuvaram efficazmente.

Entre os hespanhoes avultam: o cardeal Mendoza, ha-

bil ministro, servidor dedicado e leal, que muito fez pela regeneração de Castella, e contribuiu para a ultimação da reconquista; o cardeal Cisneros, reformador do clero, homem de austeras virtudes, grande estadista, a quem a Hespanha deve eminentes serviços em circumstamcias difficeis; o marquez de Cadix, principal capitão nas campanhas de Granada; Gonçalo de Cordova, o heroe da Italia, um dos maiores guerreiros do mundo; e Montalvo e Ramirez, grandes jurisconsultos.

XII

1477—1492

Restabelecimento da Inquisição—origem, indole primittiva e progressos d'este tribunal—antipathia que inspirava em Hespanha—penitencias, processos, e penas inquisitoriaes—causas da reorganisação—rigores extremos da inquisição—revolta em Aragão, assassinato de um inquisidor—defendem os soberanos a inquisição—Expulsão dos judeus—odio antigo contra esta raça—matanças de Toledo, Burgos, Sevilha, Cordova e Barcelona—riquezas dos judeus—ordenações contra elles—edito de expulsão—resgate frustrado pelo inquisidor geral—dôr e miseria dos exilados—suas desgraças no estrangeiro—funestas consequencias do edito d'expulsão—justa opinião do imperador da Turquia ácerca d'esta medida.

Ha duas grandes sombras no esplendido reinado dos reis catholicos,—o restabelecimento da Inquisição—e a expulsão dos judeus.

Como já dissemos, o terrivel tribunal teve na sua origem uma indole muito diversa d'aquella que depois lhe deu tão triste celebridade.

O papa Innocencio III, durante a heresia dos albigenses, que lavrava no sul da França, nomeou delegados especiaes que percorressem as povoações, inquirindo onde

havia herejes, e prégando a verdadeira religião, a fim de se opporem á propaganda do erro. A esta virtuosa missão agregaram-se dois ecclesiasticos hespanhoes, fr. Domingos de Gusmão e o bispo d'Osma.

Foi d'esta ordem de pregadores que nasceram os tribunaes da inquisição, fundados primeiramente em Allemanha, França, e Italia, mais tarde trazidos para Hespanha, onde gosaram grande favor de alguns soberanos, mas sem alcançarem permanencia, nem lograrem as sympathias do povo hespanhol, entre o qual eram raros os herejes, e que mais se affeiçoava a combater os mouros a descoberto, nos campos de batalha, do que a persegui-los mysteriosamente no *santo officio.*

Mal aclimatada, a instituição decahiu, e em fins do seculo XIV e principio do XV podia considerar-se extincta de facto.

Porém no reinado de Fernando e Isabel, levantaram-se grandes queixas contra os judeus recentemente convertidos, e a quem chamavam *christãos novos*. Arguiam-nos de pouca sinceridade na profissão da fé christã; e attribuiam-lhes a pratica secreta do rito judaico. Accusavam-nos de seduzirem as virgens nos claustros, e contavam que em Sepulveda, no dia da paixão, haviam tomado uma desditosa creança, que crucificaram, parodiando a agonia do Salvador. Emfim chegaram os prelados a representar contra a desordem que introduziam no gremio da egreja, e o papa Xisto IV enviou uma bulla sobre o assumpto. A rainha, que não era affeiçoada ao tribunal da inquisição, procurou evital-o fazendo publicar e distribuir um cathecismo muito perfeito, accommodado ás circumstancias, e que fôra revisto pelo Cardeal de Hespanha

Mas um judeu fanatico escreveu imprudentemente um livro em contrario, censurando as régias disposições.

Os partidarios da inquisição aproveitaram-se habil-

mente d'este escandalo, e conseguiram que se decretasse a reorganização do Santo Officio.

A moderna inquisição seguia as tradições da antiga, que logo desde principio se afastára das benevolas intenções de seu fundador para entrar em um systema de rigor, que não tardou a tornal-a odiosa.

Uma chronica antiga refere uma penitencia imposta nos primitivos tempos por S. Domingos a Poncio Roger, hereje reconciliado. É tão excessivamente rigorosa que mal se comprehende como o padecente a supportava.

Poncio Roger era condemnado a caminhar em trez domingos consecutivos desde a porta da cidade até á igreja, nú, e recebendo açoites, applicados por um ecclesiastico. Devia abster-se para sempre de carnes, ovos, queijo e outras substancias de origem animal, excepto nos dias de Paschoa, Pentecostes e Natal. Cumpria-lhe fazer trez quaresmas por anno, e abster-se de peixe, azeite e vinho, trez dias na semana. Tinha que transportar o sacco e as cruzes dos penitentes, ouvir quotidianamente missa, rezar horas diurnas e nocturnas, dizer sete vezes o Padre Nosso durante o dia, dez á noite, e vinte á meia noite. Ficava obrigado a guardar castidade e era cuidadosamente vigiado pela egreja.

As penitencias em geral eram degradantes e chegavam ás vezes a ser crueis. Era commum obrigarem-se os penitentes a assistir á missa fóra da porta da egreja, tendo a camiza por unico vestuario; muitas vezes ainda em cima os carregavam de ferros ou os constrangiam a permanecer com os braços estendidos, para que o vulto lembrasse a fórma da cruz.

Quasi sempre se vestia aos penitentes um sacco com demonios pintados, que recebeu o nome de *sacco benito* e por corrupção de linguagem tomou o nome mui conhecido de *san-benito*. Outros traziam uma ou mais cruzes amarellas no peito.

O processo nos tribunaes da inquisição era mysterioso e traiçoeiro, pois se occultavam cuidadosamente os nomes dos denunciantes e das testemunhas.

A principio a inquisição só era competente para julgar os herejes contumazes; depois condemnava os mouros, os judeus, os suspeitos de herezia, e até os que simplesmente se mostravam tibios em perseguir os infieis.

As penalidades consistiam no sequestro dos bens, desterro, carcere perpetuo, destituição de empregos, infamia dos descendentes até á segunda geração, fogueira para os impenitentes e relapsos, lingua cortada aos blasphemadores.

A propria morte não salvaguardava dos rigores inquisitoriaes, pois frequentes vezes se arrancavam os ossos ás sepulturas para os queimar, em virtude de uma condemnação tão barbara como iniqua.

O novo tribunal, erecto em Sevilha, desenvolveu logo tão desmedido rigor, que semeou a desordem n'esta bella cidade.

Em vista de editos e ameaças, penitenciaram-se expontaneamente dezesete mil pessoas, e em breve espaço de tempo foram condemnadas ao carcere, e ás outras penas maiores, mais de duas mil. Ergueu-se um cadafalso privilegiado para a fogueira, que recebeu o nome tristemente significativo de *Quemadero*, e subsistiu até ao presente seculo.

As arbitrariedades, as injustiças, as surdas vinganças acompanhavam o fanatico rigorismo dos inquisidores, e a população aterrrada emigrava em grandes massas; a Andaluzia bem depressa teve 2400 casas desertas.

O pontifice procurou intervir, reprehendeu os inquisidores, ameaçou-os com a cassação do officio, e nomeou inquisidor geral fr. Thomaz de Torquemada, que organisou regularmente a instituição, desenvolvendo-a,

implantando-a em varios pontos importantes do paiz, mas esquecendo-se de a amenisar.

Em Aragão reagiram energicamente contra o estabelecimento do *Santo Officio*; o povo amotinou-se em Saragoça, assassinando o inquisidor Pedro Arbues nos degraus de um altar.

Mas os monarchas sustentaram o decreto que restabelecia a inquisição, castigaram com severidade os revoltosos, insistindo cegamente em abrir uma era funebre na historia d'Hespanha.

Como vimos, a perseguição dos judeus fôra o movel ou o pretexto para a restauração do medonho tribunal; não se saciaram porem os odios com a posse d'esta arma terrivel, e exigiram da rainha um edito d'expulsão.

Os judeus, que tinham vindo para Hespanha durante o dominio dos godos, eram detestados, por fanatismo religioso, e pela recordação do auxilio que haviam prestado aos serracenos para a occupação da peninsula.

Soffreram em todos os tempos as maiores violencias e incriveis perseguições. Os povos, amotinados frequentemente, saqueavam-lhe e incendiavam-lhe as mesquitas, matavam os rabinos, exterminavam centenares de familias, praticando as maiores atrocidades em nome de uma religião amoravel e tolerante.

Ficaram tristemente celebres as matanças de Toledo, Burgos, Sevilha, Cordova e Barcelona.

Em tempo de Henrique II, chegou-se a prégar do pulpito o exterminio dos filhos d'Israel.

Apesar d'estas sanguinolentas catastrophes, que de tempos a tempos subvertiam a sua sociedade, conseguiram os judeus, raça habil, trabalhadora, e perserverante, obter avultadas riquesas, e mesmo importancia na administração publica onde por vezes occuparam elevados empregos.

Esta fortuna, que os christãos mais indolentes não sa-

biam adquirir, exacerbou os animos contra elles, conseguindo a opinião publica impressionar os governos e arrancar ás côrtes elementos com que os aniquilassem.

Encerraram-nos em bairros separados, cingidos com altas muralhas. Prohibiram-lhes toda a communicação com os christãos. Inhabilitaram-nos para traficar e exercer profissões mecanicas. Cortaram-lhe emfim todas as vias de prosperidade, esmagando-os como a uma raça maldita.

A expulsão foi sollicitada repetidas vezes, mas nunca se conseguiu, porque alguns dos soberanos eram-lhes affeiçoados e todos se soccorriam aos seus cofres, quando a fazenda real se via em apuros. Os *reis catholicos* tambem haviam tirado valiosos subsidios dos thezouros israelitas para occorrer á despesas das expedições de Granada, e maiormente ás do cerco de Baza: mas, dominados pelo fanatismo religioso, expulsaram-nos no proprio momento em que cahia Granada.

O edito que ordena esta grande catastrophe é cruel, e deixa uma nodoa indelevel na administração, ordinariamente tão esclarecida e conciliadora sob a regencia de Fernando e Izabel.

Fixava o praso de quatorze mezes para a sahida do reino. Authorisava a venda dos bens, mas prohibia a exportação do oiro, prata ou qualquer especie de moeda. Dava pois largas á uzura e difficultava as transacções. Viu-se trocar uma casa por um burro e uma vinha por um farrapo.

Tentaram os opulentos remir seus irmãos, feridos de morte por tão subita desgraça.

Sollicitaram uma audiencia real, e offereceram 30:000 ducados de oiro pela revogação do edito. No momento porém em que apresentavam a sua petição, entrou na sala o inquizidor geral Torquemada, e entregando á rainha um crucifixo, disse-lhe «Judas vendeu a N. S. Jezus Christo por 30 dinheiros, vós ides vendel-o por

30:000, tomai-o e vendei-o. «A supplica foi regeitada.

Os israelitas, depois de haverem regado de lagrimas as sepulturas de seus avós, sairam de Hespanha.

Coalharam-se as estradas de emigrantes. Iam em cardumes. Caminhavam quasi todos a pé, e silenciosos... As mães levavam as creancinhas ao collo, os filhos amparavam os pais.

Patenteavam profunda magoa, e ainda mais profunda miseria. Fazia dolorosa impressão o vel-os, parecia que deixavam pelos caminhos um rasto de lagrimas.

Chegaram a condoer-se de tamanha desgraça os mesmos que na vespera os odiavam. A tristeza da comizeração ficava nas aldeias por onde passavam. O povo hespanhol commovia-se ante o desabar de uma raça inteira. Não se vê indifferentemente rasgada a vida intima de mais de 30:000 familias.

Tiveram quasi todos negro destino.

Uns passaram a Fez, onde foram assaltados por tribus ferozes, que assassinaram os homens, violaram as mulheres e saquearam tudo quanto estes desgraçados haviam podido subtrair aos rigores do fisco.

Dirigiram-se outros para Italia, onde chegaram dizimados pela doença, e tão miseros que, diz um escriptor contemporaneo, mais pareciam espectros do que homens. Algumas mulheres, ao saltar em terra, expiravam de fome abraçadas aos filhos; e pelas praias viam-se velhos de barbas brancas, olhando desvairados para os lados de Hespanha... haviam enlouquecido.

Os mais felizes foram os que se dirigiram para França, Inglaterra e Turquia, mas soffreram tratos crueis da parte dos barqueiros; houve passagens pagas a preço da honra ou com a venda dos filhos.

Pagou duramente a Hespanha este acto de inaudita barbaridade; privada de um elemento poderoso de riquesa publica, abalada rude e subitamente no commercio e na industria, que os judeus exerciam em larga

escala, resentiu-se por muito tempo d'esta medida tão manifestamente impolitica, que o imperador da Turquia, ao vêr chegar os fugitivos, disse «estranho soberano é este que empobrece os seus estados para enriquecer os nossos.»

XIII

1504—1519

D. Joanna a *louca*—D. Fillipe I—Regencia de D. Fernando—annexação da Navarra—conquistas em Africa—descobertas—morte de D. Fernando—Reune D. Joanna a corôa de Aragão á de Castella—D. Carlos, principe de Gand, nomeado governador do reino—Juizo critico sobre D. Fernando—Regencia do Cardeal Jimenes—Exigencias de D. Carlos I—é jurado rei—mau governo que faz—antypathia que lhe tinham os hespanhoes—cubiça dos fidalgos flamengos—symptomas de revolução—Morte de Maximiliano imperador da Allemanha—Renuncia do duque Frederico de Saxonia—D. Carlos é eleito imperador d'Allemanha

A pouco espaço do memoravel reinado de Fernando e Isabel, segue-se o não menos extraordinario de Carlos I como rei de Hespanha, e Carlos V como imperador d'Allemanha. Mas antes que descrevamos as vastas scenas da Hespanha imperial, convem esboçar ao menos os acontecimentos que mediaram entre estas duas epocas importantes.

Acceitara-se D. Joanna para rainha, pelo direito que lhe assistia, e que ninguem ousou contestar; mas a propria mãe reconhecera a necessidade de supprir com uma re-

gencia a desorganisação de suas faculdades, e escolhera D. Fernando para o governo do reino.

Não quadrou aos nobres a nomeação, pois o monarcha, alem de mediocremente sympathico, era mesquinho, astuto, rigoroso, e como tal pouco escarnecivel por ambiciosos. Mais lhes promettia a inexperiencia de D. Filippe, que na qualidade de marido da rainha aspirava a reinar: por isso todos se bandearam para elle, obrigando o regente a retirar-se para o seu reino de Aragão.

Não tardaram em arrepender-se, pois D. Filippe I, leviano, perdulario, improprio para a governação, escandalizou a todos pelo tratamento desprezivel que dava á rainha, pela munificencia com que distinguia exclusivamente a seus privados, e pelo muito que abandonava os negocios do estado á mercê de um ministro mais competente para ordenar festins, do que para desenredar as grandes questões diplomaticas em que a Hespanha se achava envolvida, pela posição eminente que alcançara na Europa.

A anarchia ameaçava de novo Castella, e seus effeitos começavam a sentir-se quando o monarcha falleceu, deixando apenas boa memoria da correção justa e energica que dera aos inquisidores, cujas demasias e crueldades não só indignavam os povos, mas até sobresaltavam o Pontifice.

A morte de D. Filippe provocou segunda regencia de D. Fernando, pois a rainha, cuja loucura tinha fundamento na paixão que nutria pelo marido, peiorou, e fazendo exclusiva convivencia com o cadaver do malogrado soberano, deleitava-se em o contemplar, ameigava-o, e conduzia-o por todo o reino com grande luzimento e apparato de custosos funeraes; zelando-o tão singularmente, que não consentia mulheres assistindo aos officios, e uma vez o mandou retirar apressadamente de um convento por saber que era de religiosas.

Com quanto embaraçado por continuas desavenças com os grandes, o regente achou nos ferteis recursos de sua diplomacia meio de engrandecer a Hespanha com a annexação da Navarra, e de lhe assegurar a preponderancia na Italia, com tratado se outras combinações que na sombra acompanhavam as operações militares utilizando-as, e dando-lhes alcance para alem do acanhado limite dos campos de batalha.

Ultimando os projectos de D. Isabel, ordenou a guerra contra os mouros de Africa, onde adquiriram, ainda que temporariamente, Oran, Bugia, Argel, Tunis e Tripoli. Completando as descobertas aventurosas de Colombo, organisou as expedições de Vasco Nunes de Balboa, e de outros felizes navegadores. Cuidou da administração publica com tanto desvello, que apesar de atribulado no declinar dos annos por dolorosos padecimentos, curava mais do Estado que da vida propria; e a morte colheu-o na pratica do governo, a cuja perfeição attendeu ainda na hora extrema, chamando para a regencia o Cardeal Jimenes, em attenção a suas grandes qualidades, e sem embargo da animosidade, alliaz infundada, que lhe tinha. Dispoz tambem sollicitamente que sua filha, rainha de Castella, lhe succedesse na coroa de Aragão, e nomeou governador do reino a D. Carlos, principe de Gand, e filho da mesma senhora, que devia receber a regencia das mãos do Cardeal, logo que viesse para Hespanha.

Apezar do muito que fez pela patria, D. Fernando nem logrou affectos de seus contemporaneos, nem applauso da posteridade. Por tal modo as ruindades do homem offuscaram as excellencias do estadista.

Mesquinho de caracter, desprestigiou a realeza, rebaixando-a umas vezes ao nivel de interesses comesinhos, outras ao alcance de odiosas suspeições. Sofrego na ambição, deshonrou seus talentos diplomaticos com ma-

meios ignobeis, actos de má fé, e velhacarias improprias de um bom e leal cavalheiro.

Ingrato por indole, teve a rara fortuna de ser servido por trez grandes homens; a todos vexou com suspeitas deshonrosas humilhações, e injustiças.

Christovão Colombo, o famoso descobridor, foi maltratado, desprezado e empobrecido, negando-se-lhe sem vergonha honras e quantias garantidas pela fé dos contractos.

Jimenes de Cisneros, o austero reformador, foi menosprezado, odiosamente inquirido, vilmente expoliado, quando vinha de arriscar a vida e a fazenda propria nas expedições africanas.

Gonçalo de Cordova, o Grão capitão, foi reprehendido de perdulario—suspeito de concussionario, tratado como traidor, desterrado e esquecido.

O navegante accolheu-se a retiro profundo, onde na vida intima esqueceu máos tratos, que antevia bem vingados pela posteridade.

O cardeal, desinteressado como verdadeiro ministro do Senhor, fez doação á patria de suas fadigas e haveres, appellando para o juizo infalivel de Deus, da sentença apaixonada do principe.

Mas o guerreiro susceptivel e audaz relutou, e deu a el-rei uma surriada, que atravez da feição escarninha denuncia severo correctivo áquelles que aquilatam em pouco as grandes acções e os grandes homens.

Em uma visita do soberano ao reino de Napoles, insinuaram-lhe que Gonçalo de Cordova, então vice-rei, delapidava a fazenda real em proveito de seus prazeres e da magnificencia exagerada que ostentava.

Inquirido o fisco, confirmou a accusação; e D. Fernando, cuja uzura natural se sobresaltou, commetteu a imprudencia de increpar o conquistador, que se defendeu apresentando a seguinte nota de despezas secretas:

«Gratificação a frades, freiras, e mendigos para reza-

rem pelo successo das armas hespanholas—duzentos mil ducados.

«Dispendido em luvas perfumadas, para perserverar as tropas do máo cheiro dos cadaveres—dez mil ducados.

«No concerto de sinos, estragados em continuos repiques pela gloria de nossas armas—cento e setenta mil ducados.

«Em aguardente para regalo dos soldados—dez mil ducados.

«Em dietas a feridos e prizioneiros—milhão e meio.

«Em *Te-Deum* e repetidas acções de graças ao Todo Poderoso—um milhão.

«Soldo a espiões—Setecentos mil ducados.

«Por minha paciencia em escutar as inquisições d'elrei—cem milhões.

Voltára-se o feitiço contra o feiticeiro; era devedora a fazenda real, e D. Fernando, envergonhado, deu por quites as contas do grão Capitão, que por sua espirituosa ironia vieram a passar em proverbio, muito repetido, sem que a maioria d'aquelles que o lembram lhe conheça a origem historica.

D. Carlos não se contentou com o titulo de governador, é exigiu que o acclamassem rei, apesar da existencia de sua mãe.

Permanecendo em Gand, longe dos acontecimentos, alheio inteiramente á indole dos hespanhoes e ao afferro excepcional que tributam a suas regalias, difficultava sobremaneira a regencia ao cardeal, que tivera de se soccorrer a rara energia para o acclamar, e a custo continha o descontentamento que lavrava por toda a parte, apesar dos prodigios de administração com que acudia ás necessidades do estado e mantinha a mais inteira justiça.

Cedendo a repetidas sollicitações, veiu emfim D. Carlos para Hespanha; e ouvindo intrigas cortesãs, come-

çou por despedír o cardeal em uma carta tão fria, e despresadora, que passou á posteridade como modelo de ingratidão. O velho prelado, morreu de desgosto e deixando reputação de santo.

A feia acção do monarcha, a qualidade de estrangeiro, o exclusivo trato que dava a flamengos, acirraram as antypathias que imprudentemente provocára de Flandres, e criaram-lhe tantas difficuldades para seu reconhecimento em côrtes, que nas de Castella e Aragão, sustentou uma verdadeira luta politica, e nas de Catalunha, se póde dizer que passou vexames.

Do que prometteu aos procuradores do povo, coisa alguma cumpriu; o seu governo era impolitico e inteiramente pessoal. Os flamengos, que haviam feito afastar a nobresa de Hespanha, disfrutavam *contra fôro* os maiores cargos e exercitavam tão desbragada cubiça que só de Barcelona sairam de uma vez perto de quatrocentas cavalgaduras carregadas de riquesas para a esposa do senhor de Cheves.

Os povos viam de má catadura o rei, e os fidalgos encaravam com sobrecenho aquella voraz côrte de intrusos.

Uma revolução estava imminente e já se pensava em substituir D. Carlos I por seu irmão, quando a morte de Maximiliano deixou vaga a corôa imperial da Allemanha, que D. Carlos veiu a occupar por eleição, e em vista da renuncia do duque Frederico de Saxonia.

Esta circumstancia mudou a face das coisas, e a historia da Hespanha ficou n'este periodo envolvida na do imperio. Seguil-a-hemos no movimento gigantesco que Carlos V deu aos acontecimentos, e no qual lhe cabe grande parte.

XIV

1519—1540

Carlos V — caracter de seu reinado — A Hespanha imperial — campanhas em Italia—expedição contra Tunis—causas—preparativos—sitio e conquista da Goleta—outras guerras com os turcos—defezas de Bugia e de Castelnuovo—expedição de Argel—retirada para Metafuz—conquistas do Mexico e do Peru—seus caracteres—fim de Francisco Pizarro e de Fernão Cortez.

A vida de Carlos V é um turbilhão; a historia da sua época é brilhante de audaciosas campanhas, conquistas longinquas, lutas e scisões religiosas, vastas combinações politicas, deslumbrante magnificencia, immenso poder. Mas a critica, em sua austeridade, vê com magua um quadro vasto de miserias sociaes: dominio exclusivo do interesse proprio, politica acommodaticia até á deslealdade; sangue de irmãos derramado a esmo por mero capricho; povos esmagados sem dó no desabafo de ruins paixões; actos de animo cruel, acções de repugnante hypocrisia.

A Hespanha teve parte importante n'estes acontecimentos tumultuosos, mas nunca concorreu nos actos

revoltantes da politica imperial; mais ainda: as suas côrter aconselharam lealmente o monarcha, a nobresa protestou com energia contra o abuso, e o marquez de Villena reprehendeu ousadamente a immoralidade do poder real, affirmando que queimaria a sua casa, se n'ella tivesse de hospedar ao condestavel de Bourbon, conhecido por traidor á patria e ao rei.

Nos risonhos campos da Italia, onde parecia eternisar-se a contenda sobre a Lombardia, serviram pela primeira vez os exercitos hespanhoes sob as bandeiras imperiaes.

Ali a gloria era tradicional para a Hespanha; victorias ou revezes resultavam de luctas grandiosas. A batalha de Marignan, que deu um triumpho a Francisco I, appellidára-se dos Gigantes, a de Pavia que o deixou captivo, teve as proporções immensas de catastrophe. Durante o imperio, estas campanhas succediam-se como se dos campos ensanguentados renascessem mais vigorosos os odios. Abriu-se a sepultura de muitos homens illustres, aniquilaram-se exercitos inteiros, consumiram-se avultados cabedaes e devastaram-se provincias riquissimas.

Os hespanhoes sustentavam sempre briosamente os interesses que lhes eram confiados; mativeram-se valentes, disciplinados, soffredores, e desinteressados. Antonio de Leiva, o marquez de Pescara e o d'el Vasto, illustres commandantes dos terços de Hespanha, inspiravam-se na memoria do grão Capitão, e como elle esmagaram constantemente o poder da França, em uma série de campanhas, onde os mais renhidos combates davam as mais gloriosas victorias.

Roma fôra cruelmente ultrajada com o consentimento tacito, ou talvez por ordem do imperador que andava desavindo com o papa. Pouco depois o turco ameaçava de perto os interesses imperiaes na Italia. Carlos V resolveu então uma expedição contra Tunis, para obstar

aos temidos progressos do famoso Barbaroxa, dando ao mesmo tempo satisfação á christandade offendida.

A Hespanha, perseguidora incansavel dos infieis, tinha direito a primazias na aventurosa empresa. Desempenhou-se como quem consumira seculos nas lutas athleticas da reconquista.

A expedição, numerosa de mais de quatro centas e trinta embarcações, luxuosamente ataviadas, com galhardetes, alfayas e ornamentos, saiu de Barcelona, reforçada ainda com muitas galeras, expontaneamente offerecidas pelo rei de Portugal, e alguns navios enviados pelo papa.

Além do imperador, que pela primeira vez militava, iam na armada o principe D. Luiz de Portugal, André Doria, o duque de Calabria, o duque d'Alva, o marquez d'el Vasto, D. Alvaro de Bazan, Fernando d'Alarcon, Antonio de Saldanha, e outros homens illustres por alto nascimento ou por grandes feitos militares.

Concorrera a nobresa de Hespanha e os mais guerreiros entre os fidalgos de Portugal, Italia e Allemanha, porfiando todos em testemunhar sua grandesa com o realce das galas, o primor das armas e o lusimento do sequito.

Antes do embarque alardearam-se jubilos e donaires em uma grandiosa revista; mas tambem se provou devoção e humildade christã, saindo processionalmente com o Santissimo Sacramento, ás ruas e caes de Barcelona, servindo ás varas do palio o imperador, os principes e as mais graduadas pessoas da côrte. Carlos V, que sem escrupulo algum despresava os interesses e direitos da Egreja, conforme as exigencias de suas paixões politicas, curvou-se reverente na hora do perigo; penitenciou-se em N. Senhora de Monserrate; e instado para nomear commandante para a expedição, indicou a imagem de Christo Crucificado, que se erguia

a meia nau da capitana, dizendo modestamente «commanda aquelle cujo alferes sou eu.»

Com alvoroço de animo e viva fé, aproaram á Goleta, considerada strategicamente chave do reino de Tunis.

Tendo que arcar com os poderosos elementos de defesa que Barbaroxa concentrava n'aquella importante fortaleza, detiveram-se largo tempo nos trabalhos laboriosos de um cerco, que o clima africano já por si tornava excessivamente difficultoso.

N'aquellas praias ardentes, n'aquella costa affeiçoada ás tempestades, soffreram-se tormentos sem fim, provou-se uma abnegação sem limittes. E a generosidade egualava a perseverança, pois o imperador, convidado a assoldadar o assassinato de Barbaroxa, recusou-se indignado, desdenhando obter com armas traiçoeiras um triumpho em que se empenhavam diariamente altas bizarrias.

Os combates eram quotidianos, e os homens, desprezando as vidas, envolviam-se em luta medonha, devoradas as almas pelos arrancos da raiva, centuplicadas as forças pelas ardencias do ambiente abrasado.

Carlos V illustrava as suas primeiras armas com feitos de experimentado cavalleiro. D. Luiz de Portugal, sempre a seu lado, onde maior era o perigo, affirmava os brios de portuguezes, sobejamente nomeados nas praias africanas. E ainda hoje a tradição conta, nos mais longinquos aduares, as façanhas de Mendijar, Lacueva e Alarcon, ou a morte gloriosa de Valdivia e Benevides.

Finalmente, n'um dia de tumultuosa batalha, foi entrada a Goleta. As muralhas, batidas por uma poderosa artilheria, baquearam em terra, e pelas brechas inundadas de sangue, precipitaram-se os soldados em assalto terrivel, levando o exterminio a toda a parte, pondo tudo a ferro e a fogo, entulhando as ruas de cadaveres e os carceres de prizioneiros.

E logo, deixando atraz aquellas ruinas abrazadas, seguiram caminho de Tunis, sem que os detivessem as areias candentes, ou se desmoralisassem com a fadiga que quebranta, ou com a sêde que enlouquece e mata.

Debalde lhe oppoz o celebre caudilho africano multidão feroz e sequiosa de sangue. Rotas, desbaratadas suas espessas columnas, perdida a ultima esperança, Barbaroxa fugiu, deixando aos christãos o campo de batalha alastrado de cadaveres, e o caminho de Tunis coberto de despojos.

Em poças de sangue e agua mitigaram os soldados a sêde atroz que os devorava, nos desvarios da mais hedionda pilhagem saciaram a mais desenfreada cubiça.

Tinham sempre desfeixo repugnante os mais altos feitos militares d'esta edade; e o historiador vê com tedio, uma scena de depravação moral terminar uma empresa alentada e mantida com sublimes virtudes.

Repetiram-se as campanhas contra os turcos, já na Africa, já na Italia. Em todas os hespanhoes obraram prodigios; mas foram verdadeiramente grandes na defesa de Bugia, que disputaram castello por castello, e na de Castelnuovo, onde Francisco Sarmento, com 3:000 homens, neutralisou por muito tempo os esforços de Barbaroxa e Mamoun, vexando um exercito de 40:000 turcos e 4:000 janizaros, servido por numerosa artilheria, que sómente se apoderou de muralhas inteiramente derrocadas, e das invalidas reliquias d'aquelle punhado de heroes, depois de perder 16:000 homens, entre os quaes se contavam seus melhores soldados.

N'estas guerras terriveis os proprios revezes ensoberbeciam aquelles que os supportavam. Os elementos desencadeados malograram uma expedição contra Argel. As tropas, famintas, enregeladas, perseguidas sem tregua, retiraram sobre Metafuz, percorrendo regiões escabrosas, nuas, subvertidas pela tempestade, com tão

exemplar disciplina, tanta dedicação e coragem, que esta marcha tomou as proporções de um grande acontecimento militar, e foi tão gloriosa como seria a mais disputada victoria.

Nas diversas invasões que o imperador tentou em França foi geralmente mal succedido; em Gravellines, Metz e Cerissolles soffreram suas tropas crueis derrotas, mas o valor dos hespanhoes soube sempre salvar a honra de Castella n'esses tremendos desastres.

Nem a immensidade dos mares detinha o arrojo castelhano. Vasco Nunez de Balboa e outros seguidores de Colombo, haviam descoberto longinquos continentes; Fernão Cortez e Francisco Pizarro, conduziram ali aventurosas expedições e assenhorearam-se de vastos dominios no Mexico e no Peru.

O succedido n'estas empresas tem tanto de maravilhoso, que a custo se acredita, realisado por forças humanas.

Homens pouco numerosos, com minguados recursos, devassaram paragens perigosissimas, arcaram com o desconhecido, debellaram intrigas, esquivaram ciladas, combateram raças aguerridas, ganhando batalhas gigantescas; fundaram cidades, hoje florescentes, espedaçaram idolos hediondos, que substituiram pela imagem suave da Virgem Santa, extirparam uzos de canibaes, inaugurando as fórmas incruentas e puras da religião christã, colheram ás mãos cheias oiro e pedrarias, magicos thesouros, tellas de fadas, armaduras de magos.

Mas accenderam fogueiras sinistras onde se queimaram homens, degolaram cruelmente milhares de victimas, torturaram sem piedade, extorquiram sem consciencia, e dando sangue por oiro, luto em troca de purpura, mancharam as paginas da historia maritima da Hespanha.

Fernão Cortez morreu retirado nos arredores de Se-

vilha, empobrecido, e arremeçado para a turma dos homens vulgares pela ingratidão de Carlos V.

Pizarro acabou a golpes de punhal no meio das revoluções em que se degladiavam seus parentes e amigos; pois estes cobiçosos aventureiros tinham por costume devorarem-se como féras bravas, disputando os restos meio consumidos de sua presa.

Quiz assim a Providencia rebaixar, na hora da morte, estes homens que tanto haviam abusado dos dons excepcionaes que generosamente lhes dispensara.

XV

1519—1558

Estado social da Hespanha durante o imperio—Revoluções—a *germania*—a *guerra das cummunas*—os mouros de Valencia—estado lamentavel da administração publica—côrtes—despesas extraordinarias—canal imperial de Aragão—Abdicação do imperador em seu filho D. Filippe—Retira-se ao mosteiro de Yuste—erradas informações sobre o seu viver no mosteiro—verdade dos factos—sua participação nos negocios do estado, fausto com que vivia—causa de sua morte—abandono em que se viu.

Nem as victorias, nem as descobertas, nem as oppulencias da côrte imperial, tornavam a Hespanha feliz.

Em poucos annos alçaram-se trez grandes revoluções, cauzando enormes prejuizos.

A primeira tomou do dialecto limosino o nome de *germania*, que significa irmandade. Nasceu em Valença e propagou-se rapidamente a Jativa, Murviedro, Orihuella, Segorbe, Alcira e outras povoações menores. Contemporanea do começo do reinado de D. Carlos, tem origem no odio á nobreza que vexava o povo, es-

pancava os credores, despresava os pobres e insultava os mais sagrados direitos, as mais sanctas virtudes domesticas.

É exclusivamente popular, tumultosa, sanguinaria, de expressão brutal e despejada.

Dirige-se por uma juncta suprema de treze membros, operarios e marinheiros. Tem por caudilhos—João Lourenço, cardador,—João Caro, confeiteiro,—Guillem Sorola, e Vicente Peris, tecelões. Seguem adeptos de cara patibular, granha hirsuta, braço nu, bocca escancarada, avental de couro, e pé descalço. As armas são curtas, o geito traiçoeiro. É a milicia da canalha.

Tem historia horrorosa. Carnificinas, incendios, saques, orgias, berreiros, viver de sangue e vinho.

Aboliu a forma de processo; as victimas sacrificavam-se não se sabe bem como nem porque, umas vezes por odio de raça, outras pelo segredar de máo visinho de ao pé da porta.

Não se respeitava cousa alguma. Debalde os templos obrigavam os fugitivos, que pelas portas, violentamente abertas, entravam os perseguidores, e o sangue alagava a caza de Deus. Velhos respeitaveis deixavam a quietação da cella, e para irem afflictos ao tumultuar da ruaça pedir de joelhos o perdão para innocentes: a populaça escarnecia, atirava para o enxurro com sollicitos missionarios da caridade christã, e passava adiante ruidosa, alvar, feroz, na perseguição de miseraveis a quem não ouvia nem conhecia. De cruz alçada, corajosas e imponentes, sahiam as confrarias, intentando com a vista das sagradas particulas deter os furiosos que esbravejavam nas praças: mas o desacato prorompia em gestos grosseiros, em vozear obsceno, e a lama levantada da rua era arremessada ao Santissimo Sacramento, por desgraçados que haviam perdido o dom da consciencia.

As cidades entristeciam; nos lares onde não havia lucto, sentia-se afflicção e medo.

João Lourenço, um dos primeiros e mais importantes iniciadores do movimento, succumbiu de magoa ao contemplar a sua obra.

Nos campos a revolução, mais militar, tornava-se menos repugnante. Os populares bateram-se com intrepidez contra as tropas do duque de Segorbe, contra as dos Marquezes de Mora e de Velez, ou do Vice-Rei Conde de Melito. Assaltaram corajosamente alguns castellos e tomaram importantes cidades.

Mas soffreram grandes derrotas, nas acções de Oropeza, Almenara e Orihuella, perderam Alcira e Jativa; foram expulsos de muitas povoações indignadas pelas orgias sanguinarias de Valença; e enfraquecidos por deserções, não tardaram em desorganisar-se, restando apenas bandos dispersos que obedeciam a dois ou tres caudilhos mais tenazes, e que foram subjugados sem maior difficuldade.

A *germania* não denunciava um proposito definido; nem reformou, nem creou cousa alguma. Perante a historia tem as porpoções de um desabafo cruel, expresso em remorder de feras—mais nada.

Alguns dos seus chefes tiveram a fortuna de morrer no campo de batalha; muitos outros foram enforcados no theatro de suas façanhas.

Vicente Peris, o mais temido, o predilecto das turmas. aprisionado depois de uma resistencia brilhante, digna dos brios de um soldado, foi arrancado do carcere pela plebe, e morto com requintes de crueldade por aquelles mesmos que ainda na vespera o acclamavam.

Os artistas e industriaes que haviam tomado parte na revolução, colheram apenas desgraças, maiores impostos, desaires, reputação pouco lisongeira de suas pessoas, na historia da civilisação hespanhola.

Deviam attentar n'estes exemplos aquelles que hoje introduzem a desordem na sociedade, e arrancam as

habitantes reduzidos á mendicidade, e o commercio de Castella lesado em muitos milhões.

Mora viu succumbir milhares de victimas innocentes sob as abbobadas alluidas e abrazadas da sua egreja. O saque acompanhava sempre a victoria. Os castellos ficavam arrasados, as aldeias impobrecidas, os campos viam-se por toda a parte em pouzio, abandonados ao tracto brutal dos homens de armas, reduzidos a esterililidade, que se traduzia em miseria no seio de milhares de familias.

Os povos olhavam de revez para uma revolução que de apostolado declinára para flagello. A rivalidade desunia os chefes, a traição sacrificava o partido, a ambição desvairava os caudilhos. Acunha, bispo de Zamora, turbulento capitão de padres guerrilheiros, alçado em hombro de communistas, profanou a cathedral de Toledo, apropriando-se tumultuariamente da cadeira primacial, durante as augustas solemnidades da paixão de N. S. Jesus Christo.

O apoio faltou pois aos revoltosos, e a desmoralisação lavrou tão profundamente em suas fileiras, que em Villallar, perdidos os antigos brios, foram desbaratados e abandonaram covardemente João de Padilha, e outros dos seus melhores chefes, ao supplicio, que se não fez esperar.

Depois que soou a hora da cobardia, a guerra cedeu o lugar á carnificina, os guerreiros retiraram-se ante os carrascos, e os ultimos arrancos da revolução apenas se embelecem com a resistencia brilhante de Toledo onde a romanesca viuva de Padilha vingava a todo trance a morte de seu marido.

Na masmorra ou no cadafalso, ficaram os mais notaveis communistas. Um perdão do Imperador, que por tardio mais parece escarneo, indultou a arraia miuda, que não era para temer, pois as liberdades de Castella acabavam de ser completamente esmagadas, e por

manhas iras: por isso demoliam ou incendiavam as casas das victimas, e com as mobilias, vestes, e até os metaes preciosos, accendiam fogueiras, e de regosijo cantavam e dançavam em roda. Entretanto, ninguem roubava; homens mal cobertos com farrapos, mulheres que não tinham pão para os filhos, traziam conscienciosamente ao brazeiro expiatorio valores cuja realisação lhes daria conforto e abundancia.

Não podia restringir-se a protestos sediciosos uma revolução bem motivada, e que mesmo quando violenta, se apresentava desinteressada.

Com effeito, em Avila constituiu-se uma junta suprema, que não duvidou appellidar-se *Sancta*, e tentou legalisar a revolução.

Fortes a principio os communistas, estiveram a ponto de dar a lei em Castella. Porém faltando-lhes homens d'Estado, não tardaram em desatinar, já buscando o apoio steril da rainha D. Joanna, já enviando nescias embaixadas ao rei, que se achava em Alemanha. Perderam tempo precioso na discussão de questões inopurtunas e houveram-se por modo que alienaram as sympathias dos homens doutos e indispozeram os nobres, cujos privilegios pretenderam cercear.

Prepararam assim a reacção, que se organisou formidavel, tomando parte na regencia o almirante de Castella, e o Condestavel, aos quaes seguiam os mais poderosos fidalgos.

Já desprestigiados quando tomaram as armas, nem por isso a luta foi menos ardente e apaixonada. Os recontros succederam-se, provando *imperiaes* e *communistas* desmedido valor, nas acções de Tordesilla, Torreblaton, e em muitos combates importantes.

Mas os animos, sobreexcitados em ambos os partidos, provocavam excessos e reprezalias. A guerra tornara-se devastadora. Medina, cidade mercantil, rica e florescente, foi incendiada pelos imperiaes, ficando seus opulentos

habitantes reduzidos á mendicidade, e o commercio de Castella lesado em muitos milhões.

Mora viu succumbir milhares de victimas innocentes sob asabbobadas alluidas e abrazadas da sua egreja. O saque acompanhava sempre a victoria. Os castellos ficavam arrasados, as aldeias impobrecidas, os campos viam-se por toda a parte em pouzio, abandonados ao tracto brutal dos homens de armas, reduzidos a esterililidade, que se traduzia em miseria no seio de milhares de familias.

Os povos olhavam de revez para uma revolução que de apostolado declinára para flagello. A rivalidade desunia os chefes, a traição sacrificava o partido, a ambição desvairava os caudilhos. Acunha, bispo de Zamora, turbulento capitão de padres guerrilheiros, alçado em hombro de communistas, profanou a cathedral de Toledo, apropriando-se tumultuariamente da cadeira primacial, durante as augustas solemnidades da paixão de N. S. Jesus Christo.

O apoio faltou pois aos revoltosos, e a desmoralisação lavrou tão profundamente em suas fileiras, que em Villallar, perdidos os antigos brios, foram desbaratados e abandonaram covardemente João de Padilha, e outros dos seus melhores chefes, ao supplicio, que se não fez esperar.

Depois que soou a hora da cobardia, a guerra cedeu o lugar á carnificina, os guerreiros retiraram-se ante os carrascos, e os ultimos arrancos da revolução apenas se embelecem com a resistencia brilhante de Toledo onde a romanesca viuva de Padilha vingava a todo trance a morte de seu marido.

Na masmorra ou na cadafalso, ficaram os mais notaveis communistas. Um perdão do Imperador, que por tardio mais parece escarneo, indultou a arraia miuda, que não era para temer, pois as liberdades de Castella acabavam de ser completamente esmagadas, e por

seculos ficaram os povos sob o dominio absoluto dos reis e dos grandes.

Acabava apenas esta guerra assoladora, quando por sua vez se levantaram os mouros de Valencia, Granada, e Aragão, populações a quem repugnava mal tragada dependencia e a quem desavisadamente haviam exacerbado impondo-lhes a conversão forçada de suas crenças.

A resistencia, alentada pelo fanatismo, foi grande e a custo conseguiram subjugal-os. Na serra d'Espadam, principalmente, a guerra tomou porporções terriveis, e as tropas do duque de Segorbe, empenhadas na conquista de posições que a natureza tornara formidaveis, experimentaram extraordinarias perdas, e somente depois de renhidos combates alcançaram triumphar.

Colheram-se valiosos despojos n'esta revolução, mas os reinos de Valencia e Granada, por largo tempo privados de intelligentes agricultores, padeceram prejuizos que não tinham indemnisação possivel.

Os mouros subjugados ficaram sujeitos a excessiva vigilancia, vexados com gravames e impostos, atrophiados finalmente no seu viver laborioso, que d'este momento em diante deixou para elles de ser origem de prosperidade e só lhes produzia amargos fructos.

Estas revoluções, muito prejudiciaes á Hespanha, por suas lamentaveis consequencias politicas, acarretavam-lhe tambem consideraveis prejuizos, com perda de vidas e de capitaes, paralisação do commercio, e ruina da agricultura.

Accrescia que a administração publica andava descurada, pela pouca attenção que merecia ao soberano e pela desordem que vinha necessariamente á regencia do estado com as repetidas ausencias que elle fazia, para commandar os exercitos ou attender aos negocios do imperio em Allemanha, Flandres, e Italia.

De nada valia que as cortes, verdadeiramente zelozas, cuidassem em remediar estes males; Carlos V ti-

nha em pouco as petições, por mais bem fundamentadas que fossem, e desattendia inteiramente as urgencias do estado, repetidas vezes expressas pelos procuradores do povo.

Sómente para pedir quantiosos subsidios se dirigia a estas assembléas, de ha muito affeitas a partilhar na governação, e que em parte por offendidas em parte pelo respeito á causa publica, quasi sempre lh'os negavam. Nas cortes de Toledo, em 1588, foi refutado tão vigorosamente o *imposto de siza*, tido por aggravante para os grandes e ruinoso para os pobres, que o imperador, despeitado, não só dissolveu a assembléa, mas voltou-se contra o Condestavel, chefe da opposição, e maltratando-o de palavras, fez-lhe ameaça de o lançar por uma galeria fóra, ao que o fidalgo respondeu: «V. M. reflectirá que eu, com quanto seja pequeno, sou comtudo bastante pezado.»

Apezar de todas as relutancias, é fóra de duvida que a Hespanha supportou o maior pezo dos encargos levantados pela vasta politica imperial.

Os numerosos exercitos que militavam por toda a Europa, consumiram-lhe rios de dinheiro e de sangue, as mais das vezes sustentando interesses a que era alheia a patria.

A remuneração de perfidas intrigas diplomaticas, as deslumbrantes magnificencias da côrte imperial, devoraram os extraordinarios thesouros arrancados ao novo mundo.

Assim, este paiz, vantajosamente dotado pela natureza, abundante de homens, cumulado de riquezas, definhava na miseria, e o canal imperial de Aragão, unica obra de utilidade publica feita n'este reinado, parece lembrar quão erradamente andou Carlos V distraindo de sua verdadeira applicação os immensos cabedaes de que dispôz, e que podiam ser para Hespanha copioso manancial de prosperidades.

Carlos V, enredado nas complicações que lhe creava o protestantismo, robustecido á sombra de sua politica cynica e egoista, abdicou o governo de Flandres e Hespanha em seu filho, e o d'Allemanha em seu irmão D. Fernando; retirou-se ao mosteiro de Yuste e poupou-se assim aos desaires que ameaçavam de perto o fim do seu reinado.

O extraordinario da resolução abriu campo a commentarios, e margem a narrações romanescas, que abundam, desfigurando inteiramente a ultima quadra da vida do imperador, que aliás se pode seguir dia a dia em documentos irrecusaveis cuidadosamente archivados nas repartições do estado.

Todos os historiadores antigos o dão como inteiramente afastado dos negocios d'Estado, aborrecido das cousas mundanas, dedicado á vida contemplativa, e á salvação da sua alma, que preparava com penitencias, orações e praticas religiosas.

Alguns acreditam que se entretinha exclusivamente na pratica de distracções quasi infantis, fabricando avesinhas de papel, ou engenhosos moinhos de ferro, enlevo dos frades boquiabertos. Outros revelam—no habil artista, fabricando relogios primorosos ou authomatos de merecimento. Todos lhe reconhecem vida singela e despretenciosa, semelhante á dos humildes religiosos que o rodeavam.

Uma anecdota notavel, conta que ordenára em vida suas exequias solemnes, que a ellas assistira e que da impressão profunda de tal espectaculo se lhe originára a morte.

O sr. Lafuente restabelece a verdade dos factos, provando que Carlos V se correspondia diariamente com seu filho e com os principaes homens, aconselhava, inquiria, e ás veses mesmo impunha a sua vontade sobre os negocios do estado. Existem documentos de que tomava contas dos dinheiros da corôa, intervi-

nha em julgamentos, e alçava projectos de guerra com a França, em vez de armar brinquedos e acertar relogios.

Pelo que toca a extremos de sua penitencia, verdade é que na sua cella appareceram umas disciplinas; mas é licito suspeitar-lhe a virgindade, sabendo que faziam parte da mobilia luxuosa que revestia e adornava aquelles aposentos, tão erradamente tidos em conta de austeros.

O imperador era servido por numerosos criados, tinha mesa esplendida em baixella, e delicada em manjares. E da sensualidade, que não de terrores pueris, lhe veio a morte, pois deleitando-se em jantar ao ar livre, em uma alpendrada do jardim, ganhou uma febre a que succumbiu.

Só uma verdade terrivel se escreveu sobre a vida do imperador depois de sua abdicação: o abandono em que se viu, sem familia, sem cortezãos, sem amigos, desde que resignou o poder.

Prova certa de que o egoismo que caracterisa sua politica alcançava sua vida privada, e que, tendo-se feito temer, não havia sabido fazer-se amar. Caso pouco vulgar; pois a historia ensina, e a actualidade demonstra com frequencia, que os soberanos, até na desgraça e no exilio, conservam amigos e servidores, que voluntariamente se lhe dedicam.

XVI

1558—1600

D Fillippe II — seu caracter—Guerras de Flandres—heroismo das tropas hespanholas—governo sanguinario do Duque d'Alba, em Flandres—infamias que revela a sua correspondencia com o rei—Planos de D. Fillipe contra Portugal—intrigas de Christovão de Moura estado em que se achava Portugal invasão —governo sanguinario do duque d'Alba em Portugal—projectos contra França—guerra aos Huguenotes—miras ambiciosas de D. Fillipe reveladas por súa correspondencia diplomatica—Projectada conquista d'Inglaterra—a armada invencivel —máu resultado das emprezas de Fillipe—perda de Bugia e Oran—ataque dos inglezes a Cadix—enfraquecimento de Hespanha—Guerras contra o Turco—a *sancta alliança*—Batalha de Lepanto.

D. Fillipe II enceta em Hespanha uma longa epoca de decadencia.

Recebeu Carlos V a mais bella realeza da Europa, vastos e ricos estados; dominio em milhões e milhões de subditos; esplendor de gloriosas tradições. Tudo fenece, tudo se amesquinha ou se pollue nas suas mãos.

É um homem fatal; privado de coração e de consciencia, que tudo sacrifica a suas paixões cavernosas

e de cujo reinado mui pouco se póde narrar com clareza e luz.

Sinistro, frio, magestatico, desconfiado, refalsado no animo, hypocrita no tracto, perverso no intimo; a tudo imprime um tom lugubre e mysterioso, que ainda hoje, a distancia de seculos, melancolisa o historiador.— Chamaram-lhe o *demonio do meio dia.*

Seu reinado é cheio de movimento, fertil em acontecimentos, audacioso nas emprezas. Mas os intentos são máus as tenções dubias, e as armas ou a politica, servindo ruins causas, esterelizam-se nos effeitos, e deshonram-se, concorrendo para o envilicimento da patria.

As guerras de Flandres que duraram largos annos, apresentam um grandioso quadro de feitos heroicos. Soldados reduzidos a viver com duas onças de pão de linhaça em cada dia, esfarrapados, mal feridos, exanimes, defendem por dois annos Magdeburgo, e somente capitulam ante a certeza de não serem soccorridos. Os flamengos, nos impetos de uma luta desesperada, empregam torpedos, navios monstruosos, maquinas infernaes; abrem os diques, alagam extensas planices, profundos valles, onde poderosas esquadras navegam por cima das aldeias e das florestas submergidas. Tudo é baldado; porque as tropas hespanholas, rompem pela braveza das aguas, desprezam as explosões, sacrificam milhares de soldados, suportam medonhas catastrophes, mas arrancam quasi sempre a victoria por mais que lhe seja disputada.

Porém estas gloriosas scenas militares teem um triste reverso.

O duque d'Alba, homem talhado de molde para sicario de tal rei, é mandado para governador, e distingue-se por uma conducta execravel.

Instituiu um *tribunal de sangue* para julgamento dos revoltosos, e logo impaciente em sacrificar victimas, enviou agentes por toda a parte, reuniu criminosos

verdadeiros ou suppostos, e não duvidou macular o dia solemne de Quinta feira Santa com a execução de quinhentos desgraçados, condemnados sem processo.

Com a mais despejada perfidia, fez capturar os condes de Horn, de Egmont e outros fidalgos flamengos, á saida do concelho, a que confiadamente haviam concorrido. Em breve os enviou ao supplicio provocando a mais alta e mais justa indignação.

Dotou as principaes cidades com a permanencia do cadafalso, e praticou extorções taes, que de medo emmigraram para cima de cem mil familias. Como era de esperar, este procedimento sanguinario tornou a Hespanha tão odiosa, que não lhe valeu nem a força das armas nem as altas qualidades de D. João d'Austria, do principe de Parma, e de Requezens, successores do terrivel verdugo. A Flandres constituiu-se em revolução permanente, soccoreu-se a auxilio estranho, envidou supremos esforços, e acabou mais tarde por se constituir independente.

Notou-se que D. Fillipe havia podido a principio suffocar a rebellião, sem quebra de sua dignidade, nem dos interesses da coroa. Por muito tempo não se comprehendeu com que fim illudira os esforços reiterados do Conde de Egmont para accommodar os animos. Mais ainda se estranhou que substituisse o governo intelligente e pacificador da princeza Margarida, pelo regimen despotico e sanguinario do duque d'Alba.

A correspondencia d'este, hoje conhecida, esclarece a questão, denunciando, que se punha muito zelo em encontrar numerosas victimas, para enriquecer o erario com a confiscação de copiosos bens:

Que se processavam os homens mais abastados para que o medo lhes arrancasse quantiosos donativos:

Que se ameaçavam as cidades com inqueritos e execuções, para lhes arrancar um avultado resgate de sangue:

Que os tribuneas demasiadamente indulgentes, os esbirros condoidos, timbravam por patriotismo na salvação de victimas, o que o duque d'Alba, escandalisado, arguia, *por grande desfalque para a fazenda real.*

Um dia, finalmente, dizia o governador que era chegado o momento de perdoar, pois os povos começavam a olhar a oppressão como interminavel, e o commercio decahira, faltando dinheiro, porque os estrangeiros nada confiavam a um paiz onde ninguem estava seguro de vida ou de fazenda, e os proprios naturaes se não fiavam uns dos outros não havendo pai por filho, nem filho por pai. D. Fillipe deixara pois medrar a revolução, provocara os excessos dos huguenotes e o desacato dos templos, para, a pretexto de *vingador da fé*, resgatar com sangue e lagrimas os apuros do real erario.

Mesquinho porém foi o resultado, que de ruim caminho vinham taes subsidios... depressa escasseou nas arcas aquelle dinheiro manchado de sangue.

Portugal fôra sempre cubiçado pela Hespanha. Alguns soberanos haviam tentado conquistal-o, porém, como já vimos, tiveram de ceder escarmentados, quando não completamente batidos, pelos portuguezes. Outros prepararam a apetecida annexação, com enlaces de familia, mas decretos da providencia frustaram-lhes os designios. Porém de todos os pretendentes foi D. Fillipe o unico que se soccorreu a meios vis.

Pouco seguro do seu direito, apezar das consultas juridicas e genealogicas que preparara em ambos os reinos, cuidou de o firmar com as armas e ordenou a invasão, confiando do duque d'Alba o mando de um numeroso exercito.

A missão do duque não se apresentava difficil d'esta vez. Portugal, subitamente abalado pela cruel derrota de Alcacer Quibir, onde por qualquer modo ficára sem rei, gemia ainda as consequencias da catastrophe.

O reino, mal governado por D. Henrique, dividido,

hesitante entre pretendentes, não se achava nem moral nem militarmente disposto para energica resistencia.

As tropas alcançaram pois Lisboa sem maior difficuldade, e bem depressa expulsaram D. Antonio Prior do Crato, que apenas se apoiava em populares, a quem sobravam animos patrioticos, mas escaciavam armas, e conhecimentos militares.

Pór mingua casual de resistencia a conquista ficava ingloria, mas D. Fillipe achou meio de a tornar infame. A tactica fôra precedida pela intriga. Com as operações militares concorreram manejos ignobeis. No encalço dos soldados caminhavam os carrascos e os assassinos.

Christovão de Moura, portuguez degenerado, que renegára patria honrada para servir amo deshonesto, era de ha muito o agente de Fillipe II. Não é bem averiguado até que ponto póde caber, ou se realmente cabe á Hespanha, responsabilidade na deploravel expedição de Africa, mal agourada de portuguezes, e origem de suas desgraças. Mas são conhecidas, e nem se rebuçaram as intrigas e peitas que a corte de Castella manejou, para seus interesses, desde que vagou o throno portuguez.

Ninguem ignora quanto a diplomacia insidiosa de Christovam de Moura concorreu para a desordem politica, para o aniquilamento moral, que mais do que a fraqueza militar entregou os portuguezes ao dominio dos hespanhoes. E quando alguem ignorasse, testemunhá-o D. Fillipe, que ao receber as chaves da cidade de Lisboa, as intregou a seu enviado, dizendo-lhe «Tomai-as, que a vós mais do que a ninguem, se devem ellas.»

A edade não havia amenisado os instinctos do duque d'Alba, a quem se entregou o governo de Portugal. Por isso, apenas pacificado o reino, ergueu-se o cadafalso para os poucos nobres que não haviam vendido a patria, armou-se a forca para muitos plebeus *abastados*, assas-

sinaram-se ás occultas mais de mil religiosos que queriam livres os seus irmãos, e como em Flandres, inaugurou-se o systema de oppressão que desgraçava estas duas nações, mas . . . remediava os apuros da real fazenda.

Diga-se em abono da verdade, que nem tudo foram rapinas: no trato com portuguezes a munificencia regia mostrou-se espontanea e generosa, em recompensar traidores.

Seja-nos licito protestar ante o emprego de meios vergonhosos na dominação de um povo, que por muitos e grandes titulos tinha jus a que em sua vassalagem sómente se empregasse testemunho de direitos incontestaveis, ou esforço de armas honradas. E não nos accusem de paixão patriotica; que por muito menos, uma simples espionagem previa, impozeram as raças latinas censuras á Prussia na recente guerra que sustentou com a França.

Demais é um triste caracteristico do reinado de D. Fillipe, que a custo se encontra um facto, que se possa contar nobremente.

D. Fillipe lançou tambem olhos cubiçosos para a França; a guerra que ali fez aos huguenotes, a titulo, como costumava, de defender a fé, servia na verdade interesses proprios, que se revelam claramente na sua correspondencia diplomatica. Faltou-lhe porém um Christovam de Moura, e os brilhantes triumphos alcançados por Alexandre Farnezio, serviram os interesses da Egreja, mas não lograram satisfazer as ambições do dissimulado rei de Castella, a quem acontecimentos que não podemos referir n'este pequeno resumo, frustraram os bem urdidos planos.

Ambicionou egualmente a conquista da Inglaterra. Sobravam-lhe porém agora os fundamentos, porque a rainha Isabel fizera tomar muitas naus carregadas com o ouro do Novo Mundo, authorisava correrias nas vastas possessões hespanholas, e coadjuvava abertamente a re-

volução de Flandres, subsidiando-a com dinheiro, tropas e até com assassinos, pois a correspondencia diplomatica prova que todos os governadores alli enviados tiveram que se resguardar dos agentes, estipendiados pela pouca escrupulosa soberana. Verdade é que o uzo podia fazer lei, e que dos mesmos hespanhoes partia talvez o exemplo. N'aquellas apaixonadas guerras as infamias corriam de envolta com os brios, e os chefes tentavam mutuamente o assassinato. O principe de Orange foi victima, e sobre Hespanha ficou o labeu.

Contra os inglezes aprestou-se uma armada, que por formidavel teve o nome de *Invencivel.*

Mas commandada pelo duque de Medinasidonia, que por unica competencia tinha a grandeza de seu nome e de sua fortuna; mal organisada, tripulada por marinheiros bisonhos, e capitães inteiramente alheios ao difficil trato do mar, não pôde desempenhar-se da missão. O almirante Drack atacou vigorosamente os hespanhoes quando acossados por violenta tempestade, e breve os desbaratou, no meio da confuzão em que esta os puzera.

Valeu-lhe a inexperiencia maritima do inimigo, que não por cobardes fugiram os hespanhoes; e ainda assim ficou memoravel o arrojo com que n'algumas galeras se bateram, apesar de desorientados e atonitos com as furias da borrasca.

A esquadra retirou ao porto de Lisboa, deixando nas costas d'Irlanda um triste rastro de destroços e de cadaveres.

Por fortuna não haviam podido incorporar-se-lhe os numerosos terços levantados em Hespanha, Italia, Irlanda, e Alemanha. Ainda assim o desastre foi grande, a noticia d'elle sobresaltou os animos, e só a Fillipe foi indifferente.

N'este reinado as emprezas eram pois odiosas, ou desastradas; triste alternativa que sómente accarretou

á Hespanha, além de desaires, humilhações e perdas reaes; que Bugia e Oran passaram de novo ao poder dos turcos, Cadiz foi tomada e saqueada pelos inglezes, as colonias devastadas, e o poder maritimo dos hespanhoes decahiu até proximo de aniquilamento, começando assim a denunciar-se fraca esta potencia ainda ha pouco temida e respeitada.

Só da guerra contra o turco, emprehendida em execução da *sancta alliança*, se podem narrar campanhas que se não maculam com manchas odiosas, e antes resplandecem com a gloria da famosa victoria de Lepanto.

A poucos tempos do reinado de Fillipe tratara-se alliança entre o Papa, Hespanha e Veneza, em soccorro d'esta ultima e dos interesses da fé, que Selim perseguia encarniçadamente.

A primeira expedição, embora formidavel e commandada por João André Doria, mallogrou-se por desaccordo entre os chefes, e defficiente organisação maritima das esquadras.

A segunda, egualmente formidavel, com numerosas galeras hespanholas, veneziannas e do santo Padre, commandada por D. João d'Austria, irmão natural do rei d'Hespanha, illustrou-se, desbaratando as grandes forças de Alli Pachá, em um dos maiores combates maritimos de que ha memoria.

Nas aguas tranquillas, em frente das costas d'Albania approximaram-se lentamente as duas gigantescas esquadras. Estavam alli quinhentas galeras e innumeraveis embarcações miudas.

O apparato de galhardetes e divisas, o primor das armaduras, dos ornatos, e dos pharoes, realçava com as alegrias de um dia formosissimo, dissimulando o torvo dos animos e a braveza dos milhares de homens que se agitavam dentro das naus.

O arremetter foi medonho; todas aquellas embarcações se envolveram, abrasadas em fogo. As aguas,

d'antes quietas, agora revoltas e espumantes, referviam já demudadas pela côr do sangue, que a jorros golphava dos escovens. Rolos de fumo, subindo aos ares, turvaram a pureza dos ceus; e densas trevas envolveram os combatentes.

No choque tremendo, estalavam os mastros possantes, esmigalhavam-se espessos madeiros. Havia homens esmagados entre as amuradas, craneos fendidos, armas espedaçadas. Abraçados em luta, pelas impaciencias da raiva, caiam para o abysmo, muitos a quem odios violentos despertavam instinctos de feras. Rapidos clarões, chammas avermelhadas, alumiavam a espaços n'aquella escuridão, onde se abriam sorvedouros que enguliam navios.

Ouvia-se um estrepito indescriptivel; vozes em grita, agonias, tiros, explosões. Sentia-se um ambiente que abafava, denso de vapores de polvora e de sangue.

A victoria andou horas indecisa, nos baldões d'aquelle revolver immenso. Os turcos combatiam com intrepidez e affinco: Alli Pachá somente cedeu quando a morte o curvou sobre seu banco de quarto. Mas temeridade e coragem não valem religião e fé: a destruição e mortandade era grande entre os infieis; o aniquilamento da esquadra inevitavel.

De tão famosa armada, apenas se salvaram quarenta navios, a quem valeu a rapidez da fuga. Mais de duzentos ficaram destruidos; uns por que se affundaram, outros devorados pelas chammas, e muitos dados á costa pelas tripulações que procuravam refugio em terra.

A bandeira da *santa alliança* arvorou-se em cento e trinta navios aprezados com sacrificio de muitas vidas, e esforço de grandes capitães.

Foi dia de acções gloriosas e em que mesmo os turcos não tiveram covardes.

D. João d'Austria, Alexandre Farnezio, o marquez de Sancta Cruz, Doria, Requesens, Colona, Urbino, Peruy-

Pachá-Ulruch. Alli foram heroes. Nem a edade quebrantava os animos; Viniero, carregado de annos, bateu-se, como se moço e vigoroso disfructasse toda a pujança de seu sangue veneziano. Tão pouco a febre dobrava os brios, que Miguel de Cervantes curou com gloriosas feridas aquella que lhe escaldava o sangue.

Quarenta mil homens perderam a vida n'esta batalha. que a bem dizer não tem rival, e ficou legendaria nas tradições dos homens do mar.

A nova da victoria poz em alvoroço a christandade.

Galas e alegrias, musicas, flores, e luzes, adornaram as joviaes cidades de Italia. As pompas festivaes, os canticos, as acções de graças, abrilhantaram as velhas cathedraes de Hespanha. Roma celebrou triumphos em que se excederam os esplendores da antiguidade.

O cinzel de Victoria, o pincel de Tintureto, os cantos de Herrera, e Corte Real, animaram-se em primores. Festas commemorativas em Veneza, capellas consagradas, dizem-nos ainda atravez dos seculos os jubilos d'aquelle dia.

Só ao taciturno monarcha d'Hespanha não chegaram os rizos. Orava em escuro recanto do Escurial quando lhe trouxeram a noticia; impassivel, continuou na murmuração das orações, e só pela ordenação de um *Te-Deum official* deu mostras de regosijo.

Na alma se lhe acoitaram desde então inveja e temores de seu irmão, a quem vexou com desprezos e afastou para as commissões perigosas e ingratas de Flandres, onde morreu amesquinhado para o muito que valia, e talvez que mallogrado em sua carreira pelas intrigas de Fillipe.

A victoria de Lepanto, que tanto podia ter aproveitado á Italia e aos interesses geraes da Egreja Catholica, sterilisou-se na apathia e desaccordo dos capitães, na politica egoista da republica de Veneza, e na fria indifferença do rei d'Hespanha.

Depois de algumas operações navaes de mediocre importancia, as esquadras invernaram, a alliança desfez-se, e o poder do turco renasceu, representando ainda por largo tempo papel importante nos acontecimentos da Europa.

XVII

1558—1598

Vida intima de Fillippe II — regencia interna do Estado —mau governo do rei—seu poder despotico —prizão e morte do principe D. Carlos — processo da princeza d'Eboli, — processo de Antonio Peres — invasão de Aràgão — supplicio do *Justiça maior* — Cubiça de Fillipe II— expoliações e expedientes com que obtinha dinheiro — estado miseravel a que levou Castella — Horriveis doenças de Fillipe II—sua morte.

Visto na vida intima ou na regencia interna do estado, ainda Fillipe II se apresenta sob peior aspecto.

Era tão estranhamente taciturno, que a historia julgou digna de suas paginas, por cousa rara, a alegria e sobresalto que mostrou ao saber da tomada de Anvers. Correu a deshoras aos aposentos de sua irmã, dizendo-lhe com alvoroço: «Anvers é nosso.» É a unica expanção conhecida no decurso de toda a sua vida.

Retirado sempre no mais occulto de seus aposentos, cogitando no mal, fugia do bulicio das festas, furtava-se quanto podia ás pompas da realeza, desdenhava os attractivos da caça, e ninguem o viu nos campos de batalha. Sómente se comprazia no espectaculo cruel dos autos de fé, que em seu tempo foram repetidos e vis-

tosos com todo o seu cortejo de horrores, e as proporções magnificentesde festejos reaes.

Passava muitas horas em oração; mas eram rezas murmuradas na sombra das mais escondidas capellas, nos mais escuros recantos do Escurial. Não ousava fallar com Deus á luz viva dos brandões, ou de mistura com a voz sonora e expressiva dos canticos. Parecia que dava graças a medo ou que remorso intimo lhe comprimía o desabafar na prece.

Convivia de preferencia com os monges, praticando de theologia, ou com os espiões, segredando mysteriosas intrigas. Ninguem obtinha mais prompta audiencia nem melhor acolhida, do que um denunciante; a espionagem tinha tão importante papel na sua politica, estava tão systematicamente organisada, que a custo se furtavam ao conhecimento do soberano até os actos mais intimos da vida privada.

Por excessiva desconfiança, entendia pessoalmente em todos os assumptos da administração publica, e vigiava como simples particular a sua economia domestica. Ha notas escriptas de sua mão regulando os actos mais pueris da vida caseira; dariam materia para volumosos livros, as observações, emendas, instrucções e correspondencias que escreveu sobre negocios politicos, diplomaticos ou administrativos. Assim cuidando afincadamente de minucias, e detalhes ociosos, empecia, ou descurava o andamento de negocios importantes. Por mal reflectida e peior organisada se malogrou nos Gelbes uma expedição contra os turcos, perdendo-se muitas vidas e embarcações; mal conduzida, ficou impotente a *armada invencivel*; mal aproveitada, tornou-se esteril a famosa victoria de Lepanto. Andava porém cuidadosamente regulamentado quaes paramentos deviam servir em tal ou tal festividade, e o rei sabia perfeitamente quantos dias de soldada devia pagar ao mais reles cavalleiro.

A reserva de Fillipe II, no tocante a seus negocios e a seus escriptos, era tal, que teve impetos de mandar cortar a cabeça a um moço da camara, que surprehendeu remechendo-lhe nos papeis. E mais no intento de os occultar do que desejoso de sua conservação, fez arrecadar na fortaleza de Simancas os documentos e peças officiaes que andavam dispersos. Justamente n'este precioso archivo, quebrado o segredo inviolavel das correspondencias secretas, se encontram hoje as provas que denunciam os erros de seu governo, e lhe impõem a responsabilidade de actos criminosos ou manejos degradantes, que por muito tempo se conservaram mysteriosos e inexplicaveis.

As tendencias despoticas da corôa cerceavam quando não anniquilavam todos os outros poderes do Estado. A mesma Egreja que D. Fillipe affectava respeitar e servir, foi humilhada frequentemente, e não era raro que o Papa tivesse de dobrar-se ás exigencias de Castella. A inquizição, poderosa e terrivel, tinha de ceder sempre que pretendia tratar com a realeza de potencia a potencia, ou se esquecia de coadjuvar docil e obediente as vinganças e as rapinas d'El-Rei.

As liberdades de Castella que Carlos V esmagara pela força, ficaram agora de todo aniquiladas pelo desprezo. As de Aragão, rudemente combatidas a pretexto de rebeldia, acabaram tintas no sangue de seu representante, o Justiça Maior, D. João de Lanuza, que foi degolado pelo crime de pospor os deveres de seu cargo á conservação de sua vida.

—Quero, posso e mando—ficou sendo a unica lei d'Hespanha, e com seu poder unico e arbitrario praticou Fillipe II atrocidades, e vilanias com que se consideraria infamado o mais somenos de seus subditos.

O Principe D. Carlos seu filho e successor, que o escandalisava, e incommodava, denunciou talvez intimas tenções de emmancipação. Alta noute, Fillipe desperta-o,

fal-o desarmar, prender, degradar, despedaça-lhe a alma violenta e arrebatada, com os embates de um dominio cruel e despotico; turtura-o, quebranta-o, até que á força de dores o mata.

Cartas que sobre o caso escreveu ao Papa, a alguns soberanos, e a principes de sua famillia, apparentam dar razão do acontecido ; mas obscuras, mysteriosas, traiçoeiras, em verdade não esclarecem cousa alguma. Levantam suspeitas de heresia, parecem revelar timida e modestamente a pratica de um grande sacrificio feito pela fé christã. Quando porém recordamos os fins com que se castigaram os herejes em Flandres e se combatiam os huguenotes de França, cahe por terra o argumento, e fica sómente de pé — um pae que matou seu filho.

Escobedo, secretario de D. João d'Austria, homem honesto e leal, servia melhor as legitimas ambições de seu amo do que os rancores odientos e vis do monarcha hespanhol. Saindo de uma conferencia com o ministro de D. Fillipe, passante de meia noute, é assaltado por assassinos e morto a facadas — o rei fôra o mandante.

A princeza d'Eboli que, moça, viva e formosa, repudiava talvez um amor caduco, foi encarcerada; e ordens cynicas d'El-Rei escarneceram-lhe honra e pudor de mulher, nas peripecias repugnantes de um processo escandaloso.

Antonio Peres, ministro, confidente, valido, chocou não se sabe bem, quaes melindres intimos, ou era talvez victima necessaria em tenebrosa politica: subitamente prezo, desgraçado, perseguido com a mais rara tenacidade, entregue primeiro ao judicial, depois ao *santo-officio*, só deveu a salvação da vida á rara fortuna que teve de alcançar a fronteira de França, onde morreu exilado, depois de vida longa e tão aventurosa no estrangeiro como o fôra na patria. Na lucta gigantesca que Antonio

Peres, energico e sagaz, sustentou contra o odiento e implacavel rei d'Hespanha, e que torna celebre o seu processo, accolheu-se aos foros de Aragão, que tomou partido por elle. Nasceram d'aqui desordens, que, habilmente aproveitadas por Fillipe II, justificaram a invasão do territorio aragonez por um exercito castelhano, e a quebra violenta das antigas liberdades em proveito, como já dissemos, da authoridade da coroa.

Se as coleras, os ciumes ou os receios de Fillipe II custavam a muitos honra ou vida, a sua cubiça, suas ambições ou caprichos, impunham aos povos terriveis sacrificios, authorizavam extorsões e expedientes que não encontram semelhantes na historia das nações civilizadas.

Já vimos como em Flandres se especulava com o cadafalso; é notoria a violencia com que se sugava em Portugal. A Castella não era mais bem tratada.

Exturquia-se para a corôa metade das rendas ecclesiasticas, tomavam-se valiosas quantías aos prelados, roubava-se o subsidio do culto, a mesma prata das egrejas. E o rei que se mostrava o mais strenuo defensor da fé, não duvidava ordenar que se empregasse força, se necessario fosse, contanto que se salvasse de apuros a sua fazenda.

Para sustentação da caza real, para alimento de torpes intrigas, não bastavam as rendas do Estado, nem o subsidio de pesados impostos; pediam-se pois avultadas sommas aos fidalgos, e aos commerciantes, nem sequer escapava o minguado peculio do pobre lavrador, que a força em ultimo caso apoderava-se, da parte d'El-Rei, assim do modesto mealheiro do pobre, como da arca bem fornida do ricaço e do magnata.

As necessidades urgentes saldavam-se com uzuras incriveis, ou com expedientes vis, pondo-se a nobreza em almoeda, legitimando-se os filhos dos clerigos, vendendo-se os empregos publicos. Mas se era necessario,

tambem se fazia bancarrota, e nunca havia duvida em saltear as naus da India, tomando para a bolsa do rei o dinheiro dos particulares. E quando a miseria dos roubados arrancava queixas, lá estavam os carceres do *santo officio* ou a fogueira expiatoria, para ainda em cima darem razão ao monarcha contra a victima. Sob este regimen, a Hespanha deshonrava-se e empobrecia-se.

A população escaceava, que a mocidade era tragada pelas guerras, ou ia aventurosamente pedir ao Novo Mundo a abundancia e independencia que a patria lhe negava.

O trafico diminuia ou acobardava-se, que todos, naturaes e estrangeiros, se arreceiavam da voracidade real.

As escolas estavam desertas, que os raros moços escapos ao serviço militar tinham em pouco a sciencia quando só a dinheiro se obtinham os empregos.

Os poucos campos que se não sterilisavam em mão morta de fidalgos ou ecclesiasticos, ficavam incultos por escacez de meios ou falta de braços, e a nação hespanhola, senhora de tão ferteis terrenos, recorria a copiosa importação de cereaes estrangeiros, para manter os escáços habitantes que restavam á patria.

Assim succumbia, nas mãos de Fillipe II, a sociedade tão laboriosamente regenerada por Izabel a Catholica; em cada dia perdia o povo um filho, um pão e uma esperança, e a familia hespanhola, dotada pelo Creador, com vivacidade, engenho, verdejantes campinas, ceu azul, e a riqueza de meio mundo, vivia melancolica, envergonhada e pobre, sacrificada sem consciencia por quem recebera a missão de a guardar e proteger.

Quiz a Providencia, para lição de reis, dar longas horas de soffrimento a D. Fillipe, que passara meio seculo especulando com a fé, roubando a liberdade, o sangue e a abastança de muitos povos.

No declinar da vida padeceu doenças atrozes; livido

inchado, coberto de ulceras, inteiramente desfigurado: tornara-se hediondo. Privado de movimento, qualquer pequeno gesto lhe arrancava um gemido.

As noutes passavam para elle tristes e vagarosas em insomnias sem fim, que o despertar da consciencia lhe havia de converter em amargas vigilias.

Os dias eram horrorosos de soffrimento; frios intensos, febres ardentes, suores copiosos, sêde devoradora.

Vertia humores acres e corrosivos, que se escoavam de buracos medonhos, escancarados nos braços e nas pernas. Exhalava cheiro pestilencial, e podia dizer-se que a magestade jazia n'um monturo, mais humilhada do que os pobres pedintes, a quem a caridade concede certo conforto, na enxerga de um hospital.

Morreu já meio corrupto, e teve o privilegio fatal de sentir morder nas carnes palpitantes os insectos immundos que devoram os cadaveres.

Talvez que nos esconderijos onde se rojam as mizerias degradantes, nunca fosse visto espectaculo egual, ao que então davam aquelles aposentos reaes.

Que torturas intimas não devia passar aquelle homem que conservava o espirito energico e intelligente no meio de tão medonha dissolução?

Sincero uma vez na vida, soccorria-se com verdadeira fé á santa religião de Christo; nas orações buscava conforto, na contemplação do Crucificado, paciencia, nas leituras da paixão, exemplo e conselho.

Caritativo ao avisinhar da hora extrema, doou com generosidade, verdadeiramente real, aos orphãos ás viuvas, aos hospitaes e aos sanctuarios; restituiu a liberdade a prezos, os bens a expoliados.

Ha vestigio de remorsos n'este bem-fazer, — o homem das guerras via emfim as lagrimas das familias, —o falso defensor da fé, adornava agora a casa de Deus — o oppressor dos povos, libertava os captivos — o roubador, restituia a propriedade alheia.

A convicção de haver feito um mau governo, inspirou-lhe os mais sabios conselhos a seu filho, e finalmente deu nos ultimos momentos exemplos tão grandes e dignos que, esquecidas suas miseraveis paixões, recebeu a benção apostolica, e morreu serenamente com a justa confiança na Misericordia Divina.

XVIII

1500—1600

Movimento scientifico e litterario de Hespanha no seculo XVI—influencia das questões religiosas—o concilio de Trento—a Companhia de Jesus—litteratura sagrada—a biblia polyglota—humanidades—poesia—theatro hespanhol—arte dramatica—Lope de Vega—novellas—historia—bellas artes—architetura—sciencias politicas—artes liberaes—inquisição—censura—abusos—observações.

No seculo XVI foi muito notavel o movimento scientifico e litterario da Hespanha.

Já vimos que as grandes guerras sustentadas por Carlos V e Fillippe II, formaram habeis generaes, e que a iniciativa de Colombo, seguida por Vasco Nunes de Balboa, e outros navegantes, aperfeiçoou e engrandeceu a marinha.

As lutas religiosas que attraiam os homens rudes para o campo de batalha, convidavam os estudiosos para a pratica das sciencias theologicas, juridicas e philosophicas.

A herezia prégada por Luthero, medrada á sombra da especulação politica, era combatida com empenho no campo da intellectualidade, distinguindo-se a Hespanha n'estes trabalhos, que tão uteis foram á civilisação da Europa.

No concilio de Trento avantajaram-se os padres Diego Lainez, Melchior Cano, e outros, como theologos; Azpil-

cueta, Covarrubias e D. Antonio Augustin, bispo de Terragona, como jurisconsultos. A palavra eloquente, a auctoridade scientifica dos delegados hespanhoes, expressou-se vantajosamente nas principaes decisões d'aquella celebre assemblea, e as Universidades de Salamanca e Alcalá, exaltadas assim aos olhos da Europa, deram professores distinctos ás escolas de Paris e de Bolonha, oradores e canonistas ás assembleas ecclesiasticas de Roma, eruditos, que foram ornamento nas côrtes de Inglaterra, França e Allemanha.

João d'Avila, Fr. Luiz de Granada, e Fr. Luiz de Leão, escriptores religiosos de grande mimo, pregadores eloquentes, captivaram com o discorrer ameno da penna e da palavra, ensinaram com a excellencia da doutrina, e o exemplo de raras virtudes. Santa Thereza de Jesus, talento peregrino, alma cheia de fé e de uncção, escreveu livros admiraveis, tão sublimes pelo estylo como pela clareza, e que revelam a verdade, inspiram o amor de Deus e a pratica da virtude.

A companhia de Jesus, congregada no seio da familia hespanhola, ergueu-se, unida, disciplinada, perserverante na missão evangelisadora e caritativa que desempenha atravez dos seculos.

Arias Montano, notavel entre os delegados ao concilio, theologo eminente, litterato distincto, e versado em dez idiomas antigos e modernos, dirigio em Anvers a edição da Biblia Polyglota, ordenada por Fillippe II, e desempenhou-se da commissão por modo que honrou a patria, e serviu dignamente a Christo.

Não é somente no trato de assumptos religiosos que a Hespanha denunciou grandes engenhos n'esta epoca. A linguagem, esmeradamente cultivada, aperfeiçoou-se: escrevia-se com elegancia e correcção, orava-se com propriedade e fluencia. Luiz Vives, humanista distincto, author de obras pedagogicas preciosas, para o seu tempo, foi excepcionalmente honrado em

Inglaterra, escolhido para mestre da princeza Isabel, depois rainha, e da desditosa Maria Stuart; ensinou com applauso em Lovaina, Bruges, e Paris, recebeu finalmente a ultima distincção sendo acclamado pela Europa, conjunctamente com Guilhelmo Budé e Erasmo de Roterdam, no triduo dos que então se julgavam os principaes sabios do mundo. Francisco Sanches de Brogas vangloriava-se de poder ensinar o latim em oito mezes, o grego em vinte dias, a sphera em dez, a rhetorica em dois mezes, e ainda em menos tempo a philosophia.

A poesia, se exceptuamos a epopeia, que conservou proporções acanhadas, enriqueceu-se com as obras notaveis de Boscan, Garcilaso, Escobar e Oliva, com as endeixas suaves e melancolicas de Francisco de la Torre, e com muitas outras producções de merecimento. Herrera, a quem chamavam o *Divino*, immortalisou-se com a famosa *ode a D. João d'Austria, o Hymno á Batalha de Lepanto e a Elegia á morte d'el-rei D. Sebastião.*

O theatro hespanhol reduzia-se no principio do seculo á declamação de oratorias, e ao espectaculo de pantomimas ao divino, apresentadas pelas congregações religiosas.

Comprimido em sua secularisação pela influencia do clero, que fazia prohibir as representações e mandava pôr as comedias no index expurgatorio, lutou com terriveis embaraços.

Pobre de scenario, que apenas dispunha de algumas mantas penduradas de cordeis; vestido ridiculamente com quatro trapos desbotados e mesquinhos ouropeis; tinha por palco a dura terra, ou mal segura carangueijola, por salão o ar livre e por auditorio a turba multa dos basbaques.

Medrou porém erguendo-se do nada com os impulsos vigorosos, a perserverança, a decidida vocação de Pedro Navarro e Lope de Rueda, que souberam desenvolver em comedias rudimentares, mas engraçadas, to-

das as feições joviaes dos typos obrigatorios do negro, do rufião, do bobo e do biscainho.

Não tardou o aperfeiçoamento; d'envolta com dramalhões, pezadas e repugnantes tragedias, ou producções atrozes, como a do *Attila furioso*, onde morrem centenares de pessoas, appareceu a *Elisa Dido* com unidade e certa correcção, *Os Sette Infantes de Lara*, *Bernardo d'el Carpio*, o *Diffamador* e o *Velho Namorado*, originaes de Lacueva, que teem merito incontestavel.

Mas o grande acontecimento do theatro hespanhol é a fecundidade, o talento verdadeiramente extraordinario de Lope de Vega, que escreveu mais de mil comedias, e afastando as farçadas grosseiras, as monstruosidades e inverosimilhanças, trouxe para a scena o sentimento, a verdade, o decoro, dizer elegante e chistoso, producções vigorosas e coloridas, embora ás vezes incompletas ou mal acabadas.

Mais reflectido e estudioso, Lope de Vega teria prestado altos serviços á arte dramatica; entretanto deve-se-lhe o melhor da regeneração do theatro em Hespanha, e o seu talento, que se ostenta brilhante em todos os generos de litteratura, foi recompensado com a mais extraordinaria popularidade, as mais distinctas honrarias. Applaudido sem cessar, sempre novo, sempre festejado, era seguido na rua pelos que o admiravam, vizitado a miude por estrangeiros que de longes terras vinham a conhecel-o. Os reis timbravam em o premiar e até o pontifice Urbano VII o condecorou com a ordem de S. João, realçando a mercê com uma carta preciosa e lisongeira, de seu proprio punho.

Modificado o espirito da época, decahiram os *livros de cavallaria*, cultivando-se de preferencia *novellas*, que umas vezes se distinguem pela finura, outras pela naturalidade, singelesa, ou moralidade. Ainda hoje gosam merecida fama, e andam nas mãos de todos, *Lazarillo de Tormes* de Diego Hurtado de Mendoza, a *Dian-*

na de Montemayor de Lope da Vega, *Marcos Obregon* de Vicente Espinel, *Gusmão d'Alfarache* de Matteo Aleman, o popular *Diabo Coxo* de Guevara, a *Galatea* as *Novellas exemplares*, e o immortal *D. Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes.

Este periodo tão propicio ás altas concepções da theologia e da jurisprudencia, ás excellencias da litteratura sagrada, ás amenidades da poesia, da comedia e da novella, foi tambem auspicioso para a historia.

Escriptas pela maior parte nos acampamentos, no intervallar das batalhas, as chronicas hespanholas do seculo XVI denunciam feição pronunciadamente militar e resentem-se amiudadas vezes do contar prolixo e jatancioso de mutilado veterano. Não deixam porém de ter verdadeiro merecimento os livros de Marmol, Mendoza, Zuniga, Morales, Garrilay, Guevara, e as historias especiaes das conquistas e descobertas por Francisco Lopes de Gomera, Bernal Diaz d'el Castillo e fr. Bartholomé de las Cazas. São famosas as obras escriptas sobre o reino de Aragão por Abarca, Argensola e Zurita; é muito completa para o seu tempo a *Historia Geral de Hespanha* pelo padre *Marianna* e considera-se como monumento no seu genero a *Historia Natural e General de las Indias*, de Gonçalo de Oviedo, que ainda recentemente mereceu as honras de uma edição luxuosa feita por ordem e a expensas da Real Academia d'Historia.

O convivio com os italianos deu valiosos subsidios ás bellas artes, as preferencias e distincções dos soberanos e dos grandes animaram os artistas; o palacio que Carlos V mandou edificar em Granada, a magestosa fabrica do Escurial, ordenada por Filippe II, deram vasta escolla e exercicio á architectura.

Sómente as sciencias politicas e as artes liberaes se conservaram stereis ou insignificantes no meio de tão grande labor intellectual. O governo inteiramente pes-

soal dos monarchas deixava pouca margem ás primeiras. Definhavam-se as segundas pela decadencia do commercio e da industria, pela mingua da iniciativa particular, pela auzencia de trabalhos de *utilidade publica*, cousa de que ninguem curava. Algumas tentativas para a construcção de engenhos, para a realisação de descobertas feitas por Blasco de Garay; alguns melhoramentos na arte de guerra, industrias accidentalmente nascidas nos apuros de um cerco ou nos azares de uma expedição aventurosa, é quanto produziu este fecundo ramal dos conhecimentos humanos.

Raros foram os trabalhadores d'esta vigorosa edade da litteratura hespanhola, que não soffreram perseguições inquisitoriaes.

O *Santo Officio* exercia severa vigilancia sobre os livros e sobre as escolas. Foi talvez o unico serviço real que prestou; pois obstando á propaganda de erradas doutrinas religiosas, á insinuação de immoralidades e de falsos principios politicos, resguardou por largos tempos a sociedade das desordens, vicios e erros que a assoberbam actualmente, graças á liberdade e despejo com que se prodigalizam em toda a parte, descrenças, corrupção, enganosas theorias, que tudo subvertem e coisa alguma criam ou melhoram.

Era porém affeito a exorbitar, o terrivel tribunal; e prestava de bom grado seus recursos mysteriosos e traiçoeiros, ás influencias particulares e á politica dos reis.

Por isso aquelles que, passando além da mediocridade, suscitavam invejas ou receios, tiveram sempre que lutar com embaraços que a censura levantava com pouco escrupulo e funesta condescendencia.

Os mais strenuos defensores da fé, no concilio de Trento, foram perseguidos e encarcerados os que melhor ensinavam as doutrinas da Egreja nas escolas, ou em livros que inspiravam a mais sã moral, o temor de Deus,

o amor do proximo—foram perseguidos e encarcerados. Os cultores desvelados da litteratura e da historia, que em obras primorosas engrandeciam a patria e serviam a civilisação—foram perseguidos e encarcerados.

Todos ou quasi todos que acima mencionamos, foram martyres de sua sciencia ou de sua fé.

Mas o pensamento não se prende com ferros, a inspiração que vem de Deus não acceita dominio: na soledade do carcere depuravam-se os espiritos com a meditação; exaltava-se a fé, com o soffrimento; os engenhos medravam, robusteciam, e mais virentes, mais creadores, compunham ao rehaver a liberdade, livros sublimes, que ficaram, emquanto que os juizes e os algozes cairam para nunca mais se levantarem.

XIX

1598—1621

Fillipe III — seu governo desatinado — privança escandalosa do Duque de Lerma — viver da corte — miseria publica — prodigalidades do rei — expedientes desairosos a que recorria para haver dinheiro — parallello com Fillipe II — medidas para atalhar o esbanjamento da fazenda real e a corrupção dos costumes—parcialidade da corôa em favor da familia de Lerma—politica externa d'Hespanha—guerras de Flandres, d'Africa, d'Inglaterra e d'Italia—campanhas maritimas nas possessões contra os Hollandezes e Inglezes—declinação da Hespanha—humilhações—expulsão dos mouros—reflexões—queda do duque de Lerma—suas causas—estado da Hespanha na occasião da morte de Fillipe III

Por morte de Fillipe II o declinar torna-se rapido e progressivo.

O novo monarcha, sem aptidão nem gosto para o governo, entregou-se ao marquez de Denia, que depressa fez duque de Lerma, e mal tomára a regencia do Estado logo a depoz nas mãos do ministro, abnegando sem restricções algumas do poder real. «Receio que o governem» dissera um dia seu pai a D. Christovão de Moura; mas por certo não suppunha que tão breve se cumprisse o vaticinio.

Começou então um desatino tão extraordinario, que

se não acreditaria sem o testemunho de documentos e escriptos irrecusaveis.

Os governadores, magistrados e empregados, que habil e cuidadosamente escolhera Fillipe II, foram depostos, e substituidos por cortezãos, que de lisongeiros e serviçaes, tiravam o unico merecimento. Deu escandalo publico a demissão do Presidente do Conselho de Castella, Rodrigo Vasquez de Arce, antigo funccionario, modêlo d'inteireza e lealdade. Succedeu-lhe o conde de Miranda, que se habilitara para cargo de tanta responsabilidade dispendendo oitenta mil ducados em obsequiar El-Rei.

A escolha de homens dignos e sabios para os altos cargos da Egreja e do Estado, fôra certamente a unica virtude do defunto soberano: Hespanha podia ensoberbecer-se com a illustre pleiade de seus dignitarios. Todos foram demittidos ou exilados; e as creaturas do duque de Lerma, gente devassa ou pelo menos leviana, tomaram posse dos mais importantes empregos.

Alguns velhos servidores, austeros e dedicados, falleceram de magoa ao sentir a ingratidão da juventude desconceituar-lhe as cãs. Toda a gente sisuda se doeu ao ver instituições respeitaveis, privadas de funccionarios que as haviam servido e honrado por largos annos.

A jovialidade, tanto tempo comprimida pelo animo taciturno que presidira aos destinos do Estado, rompeu em folgares, desabafou em casquinar de risos, em cantar de trovas e no voltear das danças: correu para as caçadas, poz a mascara de mil côres, vestiu de seda e oiro, e casquilha, alegre, descuidada, semeou estouvadamente a licença e zombou da miseria publica.

O tempo consumia-se em regalos; e a pretexto de vizitas impunha-se a cada cidade um tributo de alegrias.

O consorcio do rei foi motivo para festejos sem par.

De Vinaroz a Madrid, caminhou Margarida d'Austria, transito inflorado de galas e esplendores.

A cada passo, arcos triumphaes; todos os dias banquetes e saraus; magicos fogos d'artificio, vistosas cavalgadas, torneios, corridas de touros, ou espectaculo de danças e folias.

Tudo era luxo de custosas télas, deslumbrantes pedrarias, raros adornos; tudo era magnificencia de equipagens, jaezes, e soberbos cavallos; apparato de librés, alarde de criadagem.

Em Madrid, chegaram a derrubar fileiras de cazas para abrir folgado caminho ao luzido cortejo, e por toda a parte se rebocavam os casebres dos infelizes para dissimular com arrebique o aspecto repellente da pobreza.

Por onde passava, ruidosa, altiva e insolente, a corte fazia-se admirar e temer.

Mas na turba-multa do populacho, estendiam-se bastantes mãos escarnadas pedindo esmola, havia faces pallidas de fome, hombros mal cobertos; e pela rotula das janellas espreitavam a festa, mães que não tinham pão para os filhos, e donzellas que escondiam o desbotar das cores.

E a poucos passos da festival caravana morria-se de fome; nos casaes da encosta apagara-se a lareira; nas noutes em que se dançava no paço saíam á vila, para saltear, homens ainda na vespera honrados; largavam a prostituir-se, moças, que á necessidade faziam sacrificio da honra.

Os soberanos porém em nada reparavam, pois afastados andavam os que soffrem, e não é uso dobrar pelo finar dos pobres.

A fazenda Real não servia para esmolas, que da côrte, a titulo de importunos, eram arredados os desvalidos.

Consumiam-se os thesouros em mercês lucrativas, no engrandecimento de joviaes companheiros, em brindar

donairosas damas. A familia de Lerma engrandecia-se a olhos vistos, cumulada, mas não saciada com titulos, empregos, tenças e donativos.

Para satisfazer as exigencias d'este despejado tripudiar, o rei, ou antes o ministro omnipotente, pedia ás côrtes quantiosos subsidios: levantavam-se novos impostos, extorquia-se aos contribuintes, vendiam-se cidades e homens como se foram herdades e ovelhas, entabolavam-se transacções impossiveis, e quando emfim mercadejada a nobreza e a justiça, vendidos os habitos e os empregos, as arcas ainda ficavam vazias—El-Rei mandava esmolar de porta em porta, estendendo a corôa e.... saia a montear.

Era a continuação dos expedientes vis, praticados por Fillipe II; sómente havia uma grande differença—o pai nunca se abaixára a mendigar; ao filho por sua parte repugnava-lhe receber ouro manchado de sangue. Fillipe III nunca roubou nem encarcerou, não colheu donativos arrancados pelo terror, nem enthezourou moeda á sombra do cadafalso.

Se lembrarmos a ruina que ia na Hespanha, já esbulhada pela politica opulenta e guerreira do imperio, e pelas ambições dispendiosas de Fillipe II, imaginaremos facilmente a que lamentavel estado se achava reduzida sob um tal regimen. Só o que difficilmente se comprehende, hoje que com tanta facilidade se depõem os reis, é a paciencia, a resignação, para não dizer a inercia, com que o povo hespanhol supportou por tantos annos semelhante viver.

Uma vez alardeou-se ordem e justiça, prendendo-se e processando-se alguns conselheiros de fazenda que a opinião publica indigitava claramente como roubadores. Maravilha a fortuna que por meios illicitos haviam adquirido aquelles homens; a lampada de Aladino nunca alumiou mais deslumbrantes thesouros.

Porém a parcialidade da corôa poupou o de Lerma,

seus parentes e amigos, que, mais do que outros quaesquer, ostentavam em loucas prodigalidades a origem illegal de sua rara fortuna; e a medida, que apenas alcançara parte dos culpados, passou entre os praguentos —por desavença de compadres.

Pretendeu-se, talvez deveras, pôr freio é depravação dos costumes. Fizeram-se leis sumptuarias, prohibiu-se aos homens andarem de carruagem com as mulheres, e a estas sahir em equipagem coberta. Aconselhou-se o recato ás damas da rainha e coarctou-se a liberdade de possuir côche sem licença regia.

As providencias, além de escassamente proficuas, teem seu tanto de singulares, mas revelam até que ponto se insinuava o vicio no seio das familias, e quanto eram aproveitadiços os seductores da epoca.

Em todos estes rigores se abriu porém larga excepção para os de Lerma e seus adherentes... verdade é que, quem monopolisava o dinheiro do povo devia tambem monopolisar a corrupção dos ricaços.

A politica d'Hespanha era por necessidade vasta e complicada. Nação altamente collocada entre as da Europa, senhora de extraordinarios dominios, tinha multiplicados interesses a defender, necessitava intervir em assumptos varios e importantes.

Facilmente se ajuiza como tudo andava descurado, e quanto os reflexos d'aquelle deploravel viver intimo alcançavam os grandes negocios d'Estado, ou transluziam nas relações internacionaes.

As guerras de Flandres, interminaveis, consumiam o ouro e a mocidade de successivas gerações, degeneravam em culpavel teimozia, e os triumphos, o genio, a dedicação do Marquez de Spinola apenas alcançaram uma tregua humilhante para a Hespanha, constrangida a tratar de potencia a potencia com os flamengos, obrigada a reconhecer implicitamente a independencia das Provincias Unidas.

As expedições á Inglaterra e á Africa, mal organisadas, imprudentes, accarretaram revezes e apenas serviram para denunciar a fraqueza propria.

Combates repetidos, nas possessões que os holandezes e inglezes incommodavam a miude, honraram a marinha, mas a bem dizer não salvaguardaram cousa alguma.

Lutas na Italia, em satisfação de caprichos ou rivalidades, serviram tão sómente para sacrificio de homens e de cabedaes.

Triumphos na Alemanha, em auxilio do imperador, colheram glorias, mas não aproveitaram á patria.

Nas questões de interesse directo, a paz conquistava-se sempre á custa de sacrificios, por meio de negociações diplomaticas ou enlace de principes; já não era imposta, como d'antes, pela authoridade das victorias.

A Hespanha começava a não ser temida, via-se quasi inteiramente desprestigiada. E o rei?... o rei divertia-se.

Entre os actos do governo de Fillipe III ficou memoravel a expulsão dos mouros; medida rasgada e violenta que tem soffrido asperas censuras.

A nosso ver o edito de expulsão, tão impugnado, tinha fundamento admissivel, e não foi uma verdadeira loucura, como se pretende.

Tratava-se de uma população robusta, intelligente, que se enriquecia, medrava e condensava no mais fertil torrão. Os mouros haviam sempre revelado odiosidade contra os hespanhoes, repugnancia e menosprezo pela fé christã. Propensos á rebelião, levantavam-se com frequencia, e os factos attestam que resistiam tenazmente com mão armada. Finalmente está averiguado que mantinham constantes relações com seus correligionarios de Africa, e cordeal amisade com as nações inimigas dos hespanhoes.

Constituiam pois um perigo permanente, um foco de discordia, que convinha debellar. Os judeus e os ambiciosos haviam outr'ora chamado as hostes de Tarik; o exemplo lembrava e não era arriscado receiar que estes infieis, em occasião opportuna, estendessem tambem a mão a seus irmãos de além mar.

Os hespanhoes empobrecidos, dissiminados por longinquas estações, sangrados pela guerra, desmoralisados pela relaxação, mal poderiam lutar no dia em que as ambições ou o desejo da desforra animassem aquelle nucleo valente, que sem duvida alguma se alentaria com soccorro estranho; pois na Europa sobravam então os inimigos da fé, e nas proprias nações catholicas, frequentemente humilhadas pelo poderio d'Hespanha, mal se dissimulava o empenho com que se espiava a queda do collosso.

A celebre determinação de Fillipe III foi por tanto, à nosso ver, um mal, authorisado em presença de outros maiores.

Entendemos porém que melhor se conjurára o perigo, se os soberanos, em vez de empenharem forças e talentos no jogar de ambições desmedidas, na satisfação de vaidades pessoaes, houvessem cuidado com mais tino na regencia de seus estados.

A população christã da Hespanha excederia fóra de toda a proporção a dos mouros, se se houvesse cuidado da familia, em vez de se enviarem tantos homens para a matança, e de se arrojarem para longinquas terras, tantos filhos para quem a patria se tornára madrasta.

A população christã d'Hespanha seria farta, se em lugar de viver nos arraiaes e nas tabernas, frequentasse as escolas e cuidasse das terras lavradias. Seria mesmo opulenta se em canaes, irrigações, estradas, e edificios, ou em alfaias agricolas e nos utensilios domesticos empenhasse os thesouros do Novo Mundo.

que inconsciente deixava devorar nos prostibulos, no jogo e em vinho.

A propria mourisma se converteria, e sinceramente appelidára de irmãos aos de Christo, se em vez da feroz inquizição, de prelados fanaticos, de sacerdotes ignorantes, lhe dessem aquelles verdadeiros ministros do Senhor, que dos apostolos herdaram a unção e o amor do proximo, que cathequizam, convencem, e convertem. Não se esqueça nunca que nas longinquas terras onde a Europa tem levado a fé e a civilisação, mais tem conseguido os santos e humildes missionarios do que a turma dos homens de guerra e o ouro dos traficantes.

O erro, pois se acaso o foi, nasceu de outros maiores que nos parecem mais dignos da censura.

Entretanto é certo que a agricultura, o commercio e a industria, ainda mais abalados agora que pela emigração dos israelitas, receberam tão profundo golpe, que no sensato dizer do sr. D. Modesto Lafuente ainda a Hespanha se resente talvez do abalo.

O edito não teve d'esta vez a crueldade que tão fatalmente distinguiu os *reis catholicos* por occasião da expulsão dos judeus. O governo facilitou quanto poude esta triste evolução social, e protegeu mesmo com efficacia os desvalidos, que forçadamente passavam a outras terras. Muitos nobres acompanharam os seus vassallos até ao extrangeiro. E alguns miseraveis, que abusaram da posição precaria d'estes desgraçados, receberam severo castigo.

A anarchia e corrupção que o duque de Lerma deixára medrar inconsideradamente, devorou-lhe o poder. Intrigas palacianas, animosidades de toucador, manejos pouco decentes de seu proprio filho, deslealdade de amigos e de parentes, prepararam-lhe o exilio, e a seu valido e devasso confidente D. Rodrigo Calderon morte ignominiosa.

A sorte porém do reino não melhorou os ambiciosos, e os intrigantes, divididos em bandos, disputavam-se sem pudor a malfadada Hespanha, e quando, a pouco espaço da degradação do ministro, morreu el-rei, deixou a seu filho D. Filippe IV a mais desgraçada das governações.

XX

1621—1665

Filippe IV—privança do conde-duque d'Olivares — desastres — revolução na Catalunha—perda de Roussilon—revolução em Napoles e Sicilia — revolução e independencia de Portugal — perda da Jamaica—independencia das Flandres — anniquilamento da marinha—causas d'estas catastrophes—maus exemplos do rei — mau governo dos ministros — envilecimento da corôa—corrupção dos costumes—ultimo estado de decadencia d'Hespanha—desenvolvimento do theatro hespanhol —melancolia do rei—sua morte.

Parece que de paes para filhos passava herdada a funesta missão de arruinar o Estado, e envilecer a realesa.

Filippe IV seguiu exactamente as pisadas de Filippe III: assim como um rei succedia a outro rei, tambem um privado succedeu a outro privado; e o conde-duque de Olivares tomou completos e indeterminados os poderes do duque de Lerma.

Começou então um triste reinar; os desastres succediam-se, as catastrophes amiudavam-se, parecia que um destino fatal evocava simultaneamente em toda a parte ameaças á integridade, á fortuna, e até á dignidade da Hespanha.

A politica de Richelieu, habil, vasta, odienta, enredava o conde-duque; e a França, chamando constantemente

os hespanhoes ao campo da honra, envolvia-os em multiplicadas campanhas, dividia-lhes as forças por Italia, Allemanha, e pelas proprias fronteiras, disimava-lhe numerosos exercitos, e sugava-lhes assim o melhor do seu sangue, e os mais quantiosos de seus thesouros.

Alguns padrões de gloria se ergueram nas margens do Tessino, em Fuenterrabia, Salces, e Terragona; mas em geral a victoria abandonava as armas hespanholas: os resultados das campanhas eram, as mais das vezes, negativos, e tinham-se por afortunados quando colhiam vantagens, aliás insignificantes. A batalha de Rocroy deixou funesta memoria, o aprisionamento do exercito de Povar no Roussillon é de eterna vergonha.

A Catalunha revoltou-se, e, como sempre, apaixonada, violenta, arrebatada, não duvidou entregar-se ao dominio de Luiz XIII para vexar a corôa de Hespanha, e facultou a estrangeiros o devassar da patria, na esperança de se libertar das extorções e vexames que padecia. Custou a Filippe IV o empenho de muitas forças e cabedaes para readquirir as provincias desagregadas, e mais conseguiu pelo posterior reviramento da opinião popular, do que pelo esforço de seus exercitos. O Roussillon, envolvido na pendencia, foi perdido para sempre.

Napoles e Sicilia, tambem revoltados, sómente se passificaram á custa de muito sangue, e de rasgados sacrificios.

Portugal restaurou sua independencia nos arrancos de uma admiravel revolução, e quasi só, entregue aos proprios e minguados recursos, ergueu-se resoluto, e nas batalhas de Montes-Claros, Ameixial, Linhas de Elvas e outras, derrotou os hespanhoes, humilhando-os tanto, que de desespero calou nos animos profunda magua, e o poder omnipotente do conde-duque encontrou aqui a mais defficiente causa de seu ruidoso desabar. Em Flandres, terminada a tregua que negociára Filip-

pe III, romperam-se de novo as hostilidades; porém a pertinacia e dedicação dos soldados, generaes, e negociadores, não logrou esquivar a Hespanha á humilhação de reconhecer a independencia da republica hollandeza na paz de Westphalia, inutilisando-se os desmedidos sacrificios da luta secular com que pretendera manter-se nos Paizes Baixos.

A Inglaterra, que tentou debalde assenhorear-se do Mexico, apoderou-se comtudo da Jamaica.

As naus da India eram com tanta frequencia apresadas pelos inglezes e portuguezes; a esquadra hespanhola fôra tão completamente desbaratada pelos hollandezes; os flibusteiros e os piratas tomavam com tanta facilidade os galeões, que a marinha real, inteiramente desconceituada, correu risco de ser dissolvida como inutil, por deliberação do concelho de Castella.

Filippe IV olháva indifferente para este desabar medonho; engolfado em prazeres sensuaes, nos deleites do luxo, e no trato de comediantes, descurava inteiramente a governação. Desconhecia os campos de batalha, e só cuidava de alardear esforço e brios no afeminado jogar das cannas. Desdenhava presidir á regencia do Estado, para dirigir com ostentação apparatosas corridas de touros. E ao passo que se regalava em opiparos banquetes, vestia galas, e brindava galanteios de cortezãs, deixava os povos na mizeria, os exercitos desprovidos, os soldados sem soldo e os servidores sem remuneração.

Os ministros, entregues exclusivamente á exploração de seu valimento, não cuidavam do Estado; e em proveito proprio, afeminavam, corrompiam, e acobardavam o soberano para melhor o dominar.

Se os desastres que ennúmeramos tinham causas remotas, que de ha muito os preparavam, não ha duvida que o desmazello do rei, tanto como o mau governo dos ministros, concorreram acima de tudo para os determinar e tolher todo o remedio.

Á soberba, ás vinganças, extorsões e abusos de Olivares se devem principalmente as revoluções da Catalunha e de Portugal. O pouco tino d'este ministro, tanto como de seu successor D. Luiz de Haro, comprometteram sempre as relações exteriores, a organisação dos exercitos, as operações militares, a politica e a administração interna do Estado.

Vicios que partem de alto, propagam-se depressa. Os vice-reis, governadores, magistrados e generaes, escolhidos ao sabor de affeições particulares, em razão de parentesco, por inculcas de intrigantes, ou satisfação de interesses vis, procediam exactamente como seus senhores e amos: davam largas á cobiça e ao abuso, descuravam da admnistração, viviam na libertinagem e depravavam inteiramente os costumes publicos. N'esta deploravel desordem moral está a explicação das revoltas de Napoles e Sicilia, dos desastres militares, da inefficacia dos exercitos, e das negociações diplomaticas, e finalmente a rasão de ser dos lastimosos quadros de desmoralisação que todos os dias se presenciavam em Castella, onde o vicio corria ás soltas, desaffrontado e impune.

Como nos bons tempos de Henrique II, chegaram os enamorados da rainha a fazer alarde publico de seus afectos. A condescendencia do galanteio facilitava os jardins de Buen-Retiro á doirada prostituição, e as senhoras da côrte, mal rebuçadas com escuro veu, não duvidavam correr ousadamente ás mais arriscadas aventuras. Conta-se mesmo que, sahindo el-rei por brinquedo a vendar com a mão os olhos da rainha Isabel, n'um corredor do palacio onde a luz discreta e cortesã se prestava a equivocos, a esposa lhe dissera meigamente *qui me quieres conde?*

O engano custou a vida ao conde de Villa Mediana, a quem assassinaram pouco depois na Praça Maior, ficando ao soberano as honras de mandante, com quanto

o acontecimento fosse trivial, pois a este tempo, em Madrid, ser matador era officio, e ninguem duvidava assalariar bandidos e ordenar morte de homem, por pouco que isso lhe conviesse.

Era commum que o marido se desfizesse da mulher em rasão de conveniencia, ou de desaggravo, e conta Canovas, que houve quem fosse assassinado no portal de uma egreja, ao dizer da oração, e que o palio, onde se abrigava o Santissimo Sacramento, não fôra refugio efficaz contra os matadores que perseguiam uma victima. Por qualquer ligeira offensa se desforravam os criados assassinando os amos. As paixões, os instinctos do deboche não conheciam freio, salteavam-se os conventos, polluia-se descaradamente o lar domestico, armavam-se todos os dias rixas e duellos, tudo se comprava a oiro, de tudo se dava rasão com a ponta do punhal, de modo, que entre outros escandalos, só em Madrid se registraram no curto espaço de quinze dias, cento e dez assassinatos de homens e mulheres entre os quaes alguns em pessoas de elevada gerarquia.

Assim, pedaço a pedaço, se desmembrava aquella vasta e poderosa monarchia, que tanto se engrandecera com a cooperação de preclaros engenhos e com os dons de excepção que a naturesa lhe prodigalisára.

Era passado o tempo das grandesas; n'este miseravel decair sómente viçava a infausta instituição do Santo Officio, que em repetidos e espectaculosos autos de fé affirmava sua importancia e suas funebres preeminencias.

Tambem o theatro medrava e se engrandecia sob os auspicios da realesa, que mais d'elle, que do povo e da honra propria, curava desveladamente.

A arte dramatica enflorou-se com as ricas producções de Calderon, Guevara, Monte Alvam, Moreto, Alarcon e outros; até frades e jesuitas descambaram do trato grave e sizudo da theologia, para o cultivo engenhoso ou zombeteiro do drama ou da comedia.

O palco ensoberbeceu-se com o pizar delicado e aristocratico dos soberanos e da mais escolhida fidalguia; brilhou com os rasgos dramaticos de Morales, Figueiroa, Olmedo e Castro; alegrou-se com a veia comica de João Rana.

Os clarões da ribalta, os carinhos do real amante, deram grande vulto a Maria Calderon; o palmear das turbas, o resoar das orgias, a facecia das farças deram a immortalidade á Baltazar, a Francisca Rezon, a Maria Coronel e a Josefa Vaca, que por sobre nome não perca.

É pois entre bastidores, campo sem realidades, que o historiador colhe as unicas celebridades, os unicos triumphos, d'este periodo desafortunado.

As horas de amargura chegaram emfim a Filippe IV, irrompeu-lhe um dia a luz da verdade até ao intimo d'alma, desengano pungente lhe mostrou, que por ludibrio, e talvez intima irrizão, lhe haviam chamado Grande, quando na verdade se ostentava deploravelmente pequeno. Viu as ruinas que o cercavam, quanto maltratara a patria no decorrer leviano da sua existencia coroada, tomou melancolia profunda, e a pouco espaço finou-se na desesperança, antevendo a senda fatal aberta á sua descendencia, pois moribundo disse a seu filho «permitta Deus que em teu reinado sejas mais feliz do que fui no meu.» Não o permittiu o Senhor, pois o que temos a narrar de Carlos II, esse ultimo descendente da casa d'Austria, não é ao menos como até aqui, mesquinho ou deshonroso — é simplesmente nojento.

XXI

1665—1700

Carlos II — desgraçada situação da Hespanha — incapacidade, serodidez do Rei—aniquilamento do Estado — desgoverno, — miseria publica—total aniquilamento do commercio e da industria —desordem social — anarchia— provas de que se pensou na juncção a Portugal.

Continua o triste narrar de uma quadra tão deploravel que a custo se encontrará outra igual na historia das monarchias.

Sob Carlos II a realeza apresenta-se impotente, ridicula, abjecta; a corôa tem aspecto repugnante, a suprema authoridade jaz por estranho reviramento nas condições mais vis da dependencia e da escravidão.

O Estado, misero, desprestigiado, sem ouro e sem pão, sem ordem e sem brios, acaba de definhar-se, de esmorecer, cahe finalmente a pedaços, desmembrando-se áquem, e além provincias, cidades e colonias.

A sociedade, viciosa, immoral, cynica, debate-se na intriga, na depravação e no crime, sem que restos sequer de pudor lhe castiguem a face n'estas horas solemnes em que a patria agoniza.

Vença-se o nojo, e conte-se.

Assim como os historiadores hespanhoes da actuali-

dade, devassando o seu precioso archivo de Simancas, expõem inteira e irrecusavel á luz de documentos a verdade historica, nós, quebrando a confidencia de antigas negociações diplomaticas, daremos testemunho authentico das miserias que iam por Hespanha, e revelação ampla e crua, de quem era, e de quanto valia o monarcha que então a governava.

«O rei (escrevia o nosso enviado em Castella) não «hé grande de corpo mas tem bastante corpo para a «idade, 16 annos que fez em Outubro passado: he ma«gro; tem pernas delgadas e malfeitas; alvo, cor que «mostra saude e a vai forteficando com o exercicio do «campo onde vai muitas vezes. O rosto he estraordina«rio porque da testa á barba é disformemente compri«do, e de orelha a orelha muito curto. Os beiços aus«triacos um e outro; e o queixo de baixo torto para a «parte esquerda; não sabe ler nem escrever nem póde «ver o mestre: não se queria deixar pentear, e foram «tantos os piolhos, que lhe fizeram chagas na cabeça, «com o que foi necessario cortar-lhe o cabello, que «começa a crescer-lhe muito louro.»

Em outra carta—«... O animo he cruel; o juizo tal «que não sabe ler nem escrever, nem ha meio de o re«duzir a que aprenda. Athé agora não se lhe conheceu «inclinação a damas.»

Em data posterior, e nas proximidades do cazamento de D. Carlos com D. Maria Luiza de França. «Depois «que a rainha (mãe) se foi, não houve meio de o fazer «lavar os pés. Agora que traz sempre na mão o retra«to da mulher, lhe disseram que era necessario ter os «pés lavados; respondeu, que como a Rainha chegasse «os lavaria.»

Pouco ou nada ha que accrescentar a quadro tão expressivo de degradação physica e moral; e de golpe se avalia quão mesquinho papel representaria a corôa, cingindo cabeça tão tristemente povoada.

Com effeito, tanto na adolescencia como na maioridade, quer tutelado, quer governante, D. Carlos denunciou sempre completa incapacidade, carencia absoluta de arbitrio proprio, e perfeita acquiescencia á vontade alheia.

Mãe, espoza, confessores, ministros, validos, todos o dominavam; a tanto extremo se dobrava que não tinha motuo proprio nas mais triviaes acções; caçava quando lh'o permittiam, comia se lh'o davam, convivia com quem lhe indicavam, e chegou a tanto a condescendencia, para não dizer a imbecilidade, que tragou muitas e amargas drogas e exercitou ridiculas ceremonias, com o fim de conjurar feitiços em que acreditava um seu confessor, pobre de espirito, e o inquizidor geral, semelhantemente abastado.

A realeza, d'este modo entregue em mãos tão debeis, tornara-se instrumento docil e maleavel de intrigantes; o poder estava sempre ao alcance do mais forte, á mercê do mais velhaco, e a Magestade era pura illusão.

Umas vezes dominava a Rainha mãe. Então, politica e diplomacia alentavam-se no seio de perfumadas camarilhas, segredavam por detraz dos leques, tramavam na intimidade da recatada alcôva, e os negocios do Estado, os interesses dos povos, seguiam o rumo inconstante dos caprichos, e das paixões femininas. Este poder deu os escandalos officiaes do padre Nilhard, confessor, inquizidor e... conselheiro intimo; o ministerio de Valenzuela, Estadista de toucador, dourado aventureiro, e o que é peior, deixou memoria de uma mãe que não duvidára embrutecer ao proprio filho, para a salvo lhe disfructar o regio patrimonio a meias com parciaes, que a opinião publica ousava appellidar deamantes.

Outras vezes dominava a esposa. Primava então a meiguice, ou antes a fina astucia da mulher que, explorando habilmente o discreto travesseiro, tornava o marido serviçal da França ou do Imperio.

Hoje dava as cartas D. João d'Austria, ámanhã as dava Medinacoeli, mais tarde Oropeza, outro dia era Montalto, sem contarmos com Eguia, a *Perdis*, e o *Coxo*, personagens subalternas, mais ou menos ridiculas, ou viciosas, mas que tambem tinham seus dias na governação. Estas eram as horas propicias do descaro e da licença; vinham para a meza os milhões do Novo Mundo, jogava-se até o ultimo pão do pobre, empenhava-se a gloria da patria, arriscava-se a esmo honra e fidalguia.

Sob um tal regimen, desmanteladas de ha muito as côrtes, postas as instituições á mercê da venalidade, não é para estranhar que o estado caminhasse para a sua perda, e ameaçasse proximo e ruidoso desabar.

O aniquilamento era profundo; todas as forças, todos os elementos que vigorisam ou conceituam as nações, desamparavam a Hespanha, ainda ha pouco tão robusta, poderosa e respeitada.

Os exercitos mal equipados, mal pagos, frequentemente indisciplinados, dirigidos por homens mediocres, que não tinham aspirações nem brios, colhia successivos revezes. A victoria tornara-se cousa tão rara, que no decurso de vinte e oito annos de guerras apenas uma vez houve motivo para dar graças.

A administração publica estava em completa anarchia, por ignorancia, desmazelo e venalidade. Occupavam cargos superiores, homens analphabetos, mas dinheirosos; raro se cumpria a lei; o duque d'Ossuna, que tinha a presidencia d'Ordens, vendia tudo quanto lhe passava pelas mãos, e o presidente de Castella era conhecido como contractador publico.

Chegaram a conservar-se vagos por muito tempo, empregos de responsabilidade, por se não encontrar homem honrado que os servisse; e no ultramar foi mister incumbir o governo aos prelados, pois não era possivel de soffrer a cubiça, e a prepotencia dos Vice-Reis.

A diplomacia, d'antes tão habil, degenerára por modo tal, que tratados ou negociações, quando não eram onerosos e humilhantes, como succedia uzualmente, nunca deixavam de ser mais ou menos precarios. As pazes de Aquisgram, Vimegue e Risnil são documentos de eterna vergonha. Aproposito de uma questão insignificante, dizia um diplomatico nosso: «não nos deixemos enganar por uma nação a quem todos enganam».

A pobreza que já nos anteriores reinados tanto flagelava a Hespanha, alcançava agora os seus ultimos e mais fataes limites.

Os campos incultos, quasi desertos, negavam um triste bocado de pão ás poucas familias que n'elles habitavam.

A industria decahira totalmente; havia silencio profundo nas officinas, e a ferramenta do operario, por inutil, jazia abandonada ao canto de miseravel choça.

O commercio, de todo paralisado, subsistia apenas de mingoado trafico ou exercitava-se n'aquellas hediondas especulações em que se negoceia com a mizeria publica. Os navios balouçavam-se e gemiam de desconsolo nas aguas tranquillas do porto; os marinheiros divagavam ociosos pelos caes e pelas praias, mal disfarçando desesperança e fome.

Em resumo, roubo, emigração e mendicidade, haviam-se tornado quasi que o recurso exclusivo do povo hespanhol.

Os rendimentos publicos, escaceando na proporção dos meios, haviam chegado á maxima penuria; o credito esgotara-se completamente; os apuros do erario constantes e terriveis tornavam-se com frequencia absolutamente irremediaveis.

Os apoucados financeiros da epoca, esgotados os recursos legaes, as extorções, e violencias, os empenhos ruinosos, valiam-se de expedientes, ás vezes engenhozos, por certo originaes e picarescos, mas cuja nature-

sa vil faria talvez repugnancia, mesmo aos desbragados industriosos da actualidade.

Daremos um exemplo que retrata bem a indole do rei, o caracter dos grandes, e os habitos da corte.—Era uzo requizitar carruagens de particulares, para o sequito de El-Rei, quando este viajava.

Em occasião de apuros aconselhava-se uma pequena excursão a Aranjuez, e por tal motivo, notificavam-se carruagens aos centos, até por Andaluzia dentro. A impossibilidade de comparecer obrigava os donos a sollicitar dispensa, que se concedia promptamente, *mediante avultada quantia*. Fazia-se assim farta colheita, que era dividida entre os compadres, não desdenhando o soberano, certamente por jovial brinquedo, metter tambem a régia mão no bolo.

A taes recursos se via reduzida a administração superior da fazenda real, emquanto corria á revelia a melhor cobrança dos rendimentos da corôa, e se despresavam inteiramente ás sãs medidas economicas que cumulam o erario sem desabastecer os povos.

Este abatimento extraordinario, já de si tão destruidor, era habil e vantajosamente aproveitado pelos estrangeiros.

Todas as nações da Europa exploravam mais ou menos a desgraça da Hespanha; Luiz XIV, principalmente, poderoso, feliz, emprehendedor, movia-lhe guerra sem treguas, e pelas armas ou pelas trectas apoderava-se com pouca delicadeza, e ainda menos consciencia, de quanto lhe convinha.

Passaram então os hespanhoes provações terriveis, humilhações crueis, decepções amargas; soffreram a dura lei do estrangeiro, e livraram-se da total ruina, da conquista ou da mutilação, pela indifferença ou talvez generosidade dos portuguezes.

As correspondencias diplomaticas da epoca, e até a simples reflexão, provam áquelles que conhecerem em

detalhe a historia dos dois paizes, que D. Pedro II de Portugal teria podido «com pouco esforço e nenhum risco» avassalar Hespanha, no todo, ou em parte.

Os proprios hespanhoes o acreditavam; a *grandeza* fallava n'isso sem rebuço, com mais ou menos sympathias; alguns viam mesmo em tal a unica salvação; outros, mais dignos, não dissimulavam o despeito. D. Diogo de Lacerda disse em caza do duque de Medinacœli; «que muito folgava não ter descendencia pois estava vendo que todos haviam de ser escravos dos portuguezes «*dez annos mais ou menos*» e os ouvintes, se lhe respeitaram o sentimento, não consta que ousassem contestar-lhe a opinião.

Entre as cartas de Duarte Ribeiro de Macedo, nosso Enviado em Castella encontra-se a seguinte, que contém materia muito importante e significativa n'esta questão:
«... D. Hieronymo Quinhones foi em Paris nó meu «segundo anno Enviado d'esta côrte, deteve-se 8 me«zes, e teve commigo trato cortez e familiar, de que eu «então dei conta a S. A; foi depois Governador do Con«dado de Borgonha, Mestre de Campo general em Flan«dres, recolhendo-se por duvidas que teve com o con«de de Monterey o fizeram Conselheiro de Guerra. Quan«do se sitiou Oran foi de voto que se pedisse soccorro a S. «A. e foi mandado d'aqui a Malaga a prevenir aquelle «soccorro, sahiu de Malaga e fez duas quarentenas a «20 leguas d'esta côrte; chegou esta Semana. Eu o fui «ver, he um sujeito de grandes partes, mas a gota o «tem em estado que não póde ter serviço. Dilatei-me «em referir este sujeito para dizer o que com elle pas«sei—ficando com elle só me disse estas palavras— «Senhor inviado esta monarchia está perdida, nenhum «remedio temos senão o que podemos esperar de Por«tugal, e creio que os senhores portuguezes mais que«reram accudir-nos, que perder-se depois de nós, dis«se-lhe que era unico na opinião, porque ha dous annos

«que não via mais que desafeição e fazer tão pouco ca-«zo de nós como se estiveramos na India. Deu um gran-«de suspiro e continuou, são todos uns ignorantes, que «ou não conhessem o perigo ou o não sentem. Como «eu me levantar d'esta cama o hei de prégar a todos «não temos outro remedio humano, e se El-Rei, Deus o «guarde, nos faltar, havemos de ser vassallos de S. A. «e agradecer-lhe o bem que nos fez. N'estes termos me «fallou uma hora larga. Tudo quanto me disse é verda-«de, e tambem que foi o primeiro Castelhano que tanto «com isto se alargou commigo, mando este papel á «parte para que V. M.[ce] o segure de todo o perigo.»

É deveras frizante o expressar tão desassombrado de um homem de elevada posição, e que merecia a confiança do governo, em vista das commissões que despenhara.

Temos porém como mais extraordinario, o que n'outra carta se insinua dos intentos de D. João d'Austria, que era o primeiro homem do paiz, senhor da suprema authoridade, esperança de toda a nação—diz o nosso enviado: «Veio ver-me o abade Dini, residente «que foi de Saboya n'esta Côrte. Mostra um grande «zello de me querer informar do estado d'ella. Entre «outras cousas me disse que tinha particular noticia de «que D. João desejava uma interior correspondencia «com V. A. como eu experimentaria no decurso da mi-«nha occupação e que isto se encaminhava ou assegurar-«se no Governo presente, ou a partir com S. A. Espa-«nha, vindo a morrer El-Rei....—

Os historiadores hespanhoes que temos consultado, e com especialidade o senhor Lafuente, pintam com negras côres o estado da Hespanha n'esta epoca. Não dissimulam quanto lhe impoz a França, nem o vergonhoso rebaixamento moral a que por todos os modos se achava reduzida a soberba nacionalidade de Castella. Calam porém tudo quanto acabamos de expor relativo a Portugal.

Ignoravam provavelmente semelhantes acontecimentos juizos e intenções, que, por sua melindrosissima natureza, se conservaram durante seculos occultos no mais intimo segredo das confidencias diplomaticas.

Coube-nos a revelação e a cremos importante e necessaria para a historia.

Sentimos que a Hespanha tenha de tragar até ás fezes o calix da amargura, pois é suprema humilhação que ambicionasse o jugo de Portugal, e tivesse de se confessar agradecida pela paz e liberdade que lhe deixavamos.

Mas a historia não póde calar, e convém que se saiba que, não só em Portugal havia grandes que vendessem a patria, mas que ainda os de lá primavam sobre os nossos pela expontaneidade.

Dá a providencia rasgadas e eloquentes lições aos povos, bom é que as aproveitem.

Assim como homens que convertem poder, riquezas e engenho, em flagello de seus irmãos, se tornam muitas vezes o rebutalho das sociedades; assim a Hespanha, que uzára tão mal e cruelmente de seu poderio, e de seus thesouros, experimentou um dia no proprio seio todas as agonias, que em cazal de outrem semeára largamente.

Combatera a todos e em toda a parte; achava-se de todos guerreada e combatida.

Enredára em interessadas e pouco leaes negociações diplomaticas as mais finas cortes da Europa: era agora de todos escarnecida.

Isolara de amigos e alliados umas vezes a Santa Sé, outras a Inglaterra, a França, ou o Imperio; via-se agora de todos abandonada.

Ostentava magnificencias, pompas sem par, insolencias de luxo; o seu rei estava reduzido a pedir esmola recebendo, a titulo cortez de donativo, o obolo de qualquer reles mercador.

Accendera fogueiras sinistras em apartadas regiões,

e de cubiça arremeçara para ellas familias inteiras de opulentos; agora queimavam-lhe os autos de fé seus proprios filhos, para que á sombra da Inquisição entrasse nas arcas regias o pouco que os pobres possuiam.

Deixára pela Italia, pela Flandres, em Portugal, provincias devastadas, cidades empobrecidas, nudez e deshonra: por toda a parte agora tinha seus campos incultos, as cidades desertas, os homens famintos e as mulheres prostituidas.

Em presença de tão desgraçada condição vivia indifferente a familia hespanhola; a corte folgava quanto podia, tudo mercadejava, tudo corrompia.

Um homem do povo que ousou dar bom conselho para salvação da patria — foi ameaçado de morte, — insistiu, foi assassinado.

Áquelles que pediam justiça abria-se o carcere; se era contra os grandes, dava-se-lhe a morte. A duqueza de Terra Nova, Camareira-Mór pela virtude de seus dobrões, alardeava sem vergonha, que uzava mandar matar quem se atrevia a demandal-a. É averiguado que assim praticou.

O rei, principal responsavel, desde que o governo se tornára inteiramente pessoal, de nada conhecia, nada via, nem se lhe dava. Do pulpito lhe disse um dia publicamente pregador mui authorisado «que Deus lhe «havia de pedir conta de entregar a outrem o governo «dos reinos que lhe havia dado: que lhe havia de pe«dir conta de sustentar 200 cães com o que podia sus«tentar 200 pobres, que lhe havia de pedir conta de «ir todas as semanas á caça, consumindo n'este exerci«cio o tempo e a fazenda, devendo examinar quem «lhe furtava e obrigava a pedir aos povos o que não «tinham» — e seguidamente toda a longa fileira das miserias publicas.

Consta que el-rei, muito vexado, se queixára de que o frade exagerava... pois os cães eram apenas *cem*.

Este pobre e miseravel soberano morreu moço ao cabo de viver mesquinho e doentio.

Coube-lhe a triste missão de arrastar a corôa pelas ultimas estancias do servilismo e de ensinar á posteridade a quão profunda degeneração podem chegar as mais gloriosas raças, as mais brilhantes nacionalidades.

Não tendo descendencia, foi-lhe disputada em vida a successão, com enredadas e descortezes intrigas, pelas cazas de França e de Austria.

Venceu Luiz XIV, e D. Carlos com repugnancia cedeu ás circumstancias e testou a favor do duque de Anjou, neto do *Grande Rei*. Ao tomar d'esta resolução disse engraçadamente o monarcha despeitado «decididamente já não sou nada...» como se houvera sido um dia alguma cousa.

Uma anecdota de côrte dá em resumidas palavras ideia do espirito publico, ácerca da dynastia que findava em Carlos II e que tão fatal se tornara para Hespanha.

Na occasião da morte de el-rei ainda não era conhecido, por modo bastante seguro, qual desfeixo teria o renhido negocio da successão. Os embaixadores de França e do Imperio esperavam pois anciosos, como toda a corte, o resultado da abertura do testamento.

Veio á sala annuncial-o o duque d'Abrantes, e dirigindo-se com muito agrado ao representante d'Austria, fez-lhe repetidas e estiradas cortezias, e disse-lhe radiante de alegria: «Tenho o maior prazer, meu bom amigo, a mais verdadeira satisfação... em despedir-me para sempre da illustre caza d'Austria.»

A ironia, de pungente, amarga, tomava a feição de escarneo; foi porém necessaria toda a authoridade da etiqueta, para que não fosse vivamente applaudida.

XXII

1724—1788

A dynastia de Bourbon—sua missão—Filippe V—sua qualidade, seus defeitos—parallelo da corte d'Hespanha com a de França—Fernando VI—Carlos III—seu admiravel governo—regeneração da Hespanha.

Cabia aos primeiros Bourbons a missão trabalhosissima de regenerar a Hespanha : tomáram-na com dedicação e brio, sairam da lucta com memoria honrada.

Filippe V, tronco da nova dynastia, tinha o peior logar na lide; embaraçavam-no terriveis obstaculos, o throno vacilava-lhe, que a podridão, como vimos, lavrava intensa e corrosiva na velha carcassa da monarchia hespanhola; a casa d'Austria, rival poderosa e despeitada, ateava-lhe a guerra civil, armando Catalunha e Aragão em favor de suas pretenções; os outros Estados da Europa intrigavam de bom grado contra o novo governo, que tinham por suspeito de partidario natural, e decidido, da politica franceza, tão temida como detestada.

A situação, por extremo difficil, exigia pois animo robusto, pulso firme, vontade e perseverança inquebrantaveis. O soberano ostentou-se grande e digno; carregou animoso á frente de seus soldados, ergueu al-

ta e independente a coroa, mostrou-se franca e lealmente hespanhol.

Porém, dotes tão preciosos que o distinguiram entre os de sua raça, tiveram infelizmente escaça profiquidade para os interesses de Hespanha, pois que, defeitos de administração, fraquezas domesticas, estranhas condescendencias e leviandades, neutralisaram a miude quanto promettiam seus grandes rasgos nas altas questões do Estado.

As esposas dominaram-no facilmente; e se a primeira, Maria Luiza de Saboia, deixou memoria de rara prudencia e melhor conselho; a segunda, Isabel Farnezio, ambiciosa, turbulenta e insaciavel, comprometteu a coroa.

Os validos partilhavam com as rainhas no uso da authoridade, e o soberano deixou-se annular pouco a pouco, entregue á influencia da princesa dos Ursinos, de Alberoni, Ripárde e outras notabilidades da intriga cortezã, que a seu bel-prazer dispozeram dos recursos, do ouro, e das forças do Estado.

Resultou, que a nação titubiava na restauração, que houvera seguido desembaraçadamente se fôra mais bem governada; a politica afastou-se com frequencia do melhor caminho, trilhou sendas arriscadas, experimentou choques violentos, crises, revezes, e o Estado continuou a desmembrar-se, perdendo-se o que restava em Flandres, o reino de Napoles, e outras possessões na Italia. O inimigo, insolitamente provocado ás vezes, teve quasi sempre a melhor nas guerras; a Inglaterra, apoderando-se de Gibraltar, conservou a posse a despeito de quanto se fez para a expulsar, e ainda hoje vexa os hespanhoes com a triste excepção de serem o unico povo europeu que conserva em seu lar dominio estranho.

Entretanto, apezar do muito que se perdeu pelo impensado governar do soberano, pela má tenção da rai-

nha Isabel, e capricho dos validos, ficou d'este reinado boa memoria de principios de moralidade e honra, que se implantaram com mão larga e segura.

Filippe V trouxera da côrte de França, de involta com as theorias absolutistas de seu avô, muitos uzos, vicios, e defeitos que podem merecer censura, e influiam desastradamente na governação: mas não herdara a indole dissoluta de Luiz XIV, não imitava a depravação da Regencia ou de Luiz XV, não tolerava a licença, e em suas proprias fraquezas, nas demasias ou leviandades de suas affeições, havia sempre a castidade do lar domestico, ou a lhaneza, a bonhomia, da amizade sincera e confiante.

A côrte de Madrid, se se inspirava na vontade das rainhas, na influencia das donas, se obedecia aos manejos atrevidos de aventureiros de alto cothurno, não tinha, mercê a Deus, *Parc Aux Cerfs*, nem Banhos de Apollo, nem honrarias de bastardos. Não insensava nenhuma Maintenon, ou Pompadour, ou Dubarry. Não obedecia a emulos de Dubois ou Richelieu, não conhecia a nojenta entidade do negro Zamora. Até a propria memoria dos Lermas e Olivares estava afastada para longe, como abjecta e de triste recordação.

Aquelles que menos discretamente comprometteram os interesses da nação nas lucubrações de sua apaixonada politica, inspiravam-se em ambições grandiosas obedeciam a impulsos de genio ou a entranhados affectos. Havia uma certa nobreza no proprio erro, e nunca se denunciaram nas regiões do favoritismo aquellas sordidas operações, vilezas e corrupção, que fizeram tão tristemente celebre o dominio da caza d'Austria.

Escolhiam-se para os empregos homens de honra; affagava-se o merito, vivia-se vida honesta e decorosa.

Lançaram-se assim preciosas sementes em terra de Hespanha, desbravou-se o caminho para uma nova ci-

vilisação, facilitando e dispondo os trabalhos que tinham de emprehender os successores de Filippe.

Não foi debalde. Fernando VI, e maiormente Carlos III, seguiram com zelo, dedicação e proveito a senda que se lhes indicava, e em menos de um seculo levantaram a sociedade hespanhola do lodaçal em que havia cahido.

Foi laboriosa a reconstrucção; a tudo foi mister attender, mas a tudo se attendeu.

Paz duradora era a primeira necessidade: conseguiu-a Fernando VI sustentando largos annos um admiravel systema de neutralidade, com que afastou habilmente a Hespanha das pendencias extranhas, e lhe permittiu, sem quebra de decoro, occupar-se exclusivamente de seus interesses.

Mais belicoso e apaixonado, Carlos III moveu guerra imprudente á Inglaterra, mas as operações, bem dirigidas, brilhantes por vezes, sempre honrosas, se impuzeram sacrificios, tiveram o proveito de restaurar o antigo prestigio militar e maritimo dos hespanhoes, e de robustecer a proposito o dominio além mar.

Negociações diplomaticas, tão habeis como decorosas, vingaram os aggravos e os escarneos do lastimoso tempo dos Filippes e de Carlos II: a Hespanha readquiriu a consideração e mesmo a estima das outras potencias, e, legitimamente orgulhosa, viu o seu soberano medianeiro em questões alheias, e a sua politica predominar e resolver em varias complicações.

No regimen interno do Estado lidou-se sem descanço, tratando-se de perto, com muito desvello e madura reflexão, tudo quanto respeita ao bem estar social.

O *Santo Officio*, caduco e coberto de crimes, inutil agora a reis que desdenhavam cobiça e tyrannia, declinou rapidamente, cerceando-se-lhe os poderes, as odiosas prerogativas, impondo-se-lhe amenidade e reçato nos restos de sua jurisdição.

Acudiu-se á reforma do clero, que se tornára urgente.

Reduziram-se as confrarias, que, em numero excessivo, de mais de vinte e seis mil, disfructavam para cima de doze milhões de *reales*, e encerravam no claustro numerosos homens, necessarios á industria e ao trato social.

Nas que restaram, poz-se ordem, moralisando-as, prohibindo as profissões violentas, e utilisando cuidadosamente os religiosos para a instrucção e caridade, que sabiam desempenhar com merecido applauso.

Delimitaram-se tambem as attribuições do clero, que, assim como o culto, foi convenientemente dotado.

Carlos III via na laboriosidade e na moral as verdadeiras garantias da felicidade dos povos. Dava n'este sentido lição, com repetidos e bellos exemplos, e estudou com attenção o meio de levar a todas as classes sociaes os fartos beneficios do trabalho e da honra.

Decretaram-se adquadas leis de fazenda, que não só estabeleciam ordem e economia nas despezas, a começar pela caza do rei, mas fomentavam a prosperidade publica, diminuindo ou regularisando os impostos, facilitando a acquisição de materias primas, e alliviando o commercio de peias, e embaraços, por meio de successivas reformas pautaes, e com o passo gigantesco da libertação do trafico nas Indias, que abriu larga via ás transacções mercantis entre os dois mundos.

Protegeu-se efficazmente a agricultura com a sufficiente desamortisação de bens de mão morta, doação e amanho de baldios, subsidios, premios, escolas, e emprehendeu-se o famoso arroteamento da Serra Morena, trabalho colosssal que difficilmente encontra parallelo na historia agricola dos outros povos.

Cuidou-se da viação, da navegação interior, do saneamento dos campos e das cidades, encetaram-se medidas, embora rudimentares, de descentralisação admi-

nistrativa e municipal, attendeu-se a defficiencia dos braços, organisando o recrutamento com as necessarias isenções.

Proveu-se a boa administração da justiça, com o especial cuidado que devia merecer, em um periodo de regeneração social; organisou-se boa policia, garantiu-se quanto possivel a propriedade e a segurança individual.

Tiveram grande impulso as artes e officios, multiplicaram-se por toda a parte as escolas profissionaes, onde com frequencia se viam os garotos das ruas, recolhidos e educados, transformarem-se em operarios laboriosos; e as mulheres, arrancadas á prostituição, restabelecerem a saude e a honra nos mesteres do lavor do tear e outros trabalhos proprios do seu sexo.

A vadiagem, perseguida sem trégua, desapparecia das cidades, desertava dos prostibulos, das espeluncas, das tabernas, e arremessada para as fileiras da tropa, ou da marinhagem, para as prisões correcionaes, dava ainda muitos homens honrados, bons e serviçaes á patria.

Para esta difficil e vasta evolução social, concorriam briosamente quantos dispunham de capitaes, prestigio, authoridade, ou merito. Preládos, religiosos, nobres, magistrados, professores, negociantes, artistas; senhoras de elevada gerarchia, singelas mulheres de operarios, todos á porfia, sem distincção de classes, esquecidas prerogativas, concorriam no mutuo empenho de fazerem uma nação feliz.

Nasciam espontaneamente por toda a parte, multiplicavam-se, confederavam-se sociedades populares denominadas: *Economicas dos Amigos do Povo*; associações protectoras das artes, da industria, da agricultura e do commercio; ali se discutiam os interesses das classes, se assentaram boas douctrinas, se aconselhavam e pediam medidas de utilidade publica.

N'aquelles gremios se recrutava uma admiravel mili-

cia de Christo e da patria, que sahia a trabalhar sem descanço, ou na visita dos pobres, ou no hospital, ou no amparo da velhice, e da orfandade; que ensinava aos pequeninos o abcedario e o cathecismo, a todos, o dever e a religião.

Familias que de paes para filhos tinham herdado a miseria e a depravação, gozaram pela primeira vez, sob este regimen, horas de bem estar; conheceram um dia o que fosse honestidade e consideração publica.

O rei, os altos poderes do estado, honravam e coadjuvavam essas corporações modelos; conviviam com ellas sem receio, confiados na sua lealdade, nas suas intenções civilisadoras.

Por esta forma, restabelecendo a prosperidade no reino, conseguiu Carlos III unir em uma mesma missão de progresso a realeza e a sociedade, estreitar em ameno concurso todos os poderes, deixando grande reputação de seu governo, e valiosa lição que muito convem seja meditada, assim pelos povos, como pelos estadistas.

XXIII

1788—1800

A Hespanha em face da Revolução Francesa—tentativa de propaganda da parte dos francezes—guerra entre Hespanha e a Republica—paz de Basilea—alliança entre a Hespanha e a Republica.

Se a Hespanha nos apparece digna, trabalhando laboriosamente na restauração de sua felicidade, na reaquisição de seu prestigio e de suas preeminencias, chega a apresentar-se-nos grande e famosa em face da revolução franceza.

Separada de França apenas por uma cordilheira de montanhas, debil obstaculo para as tormentas sociaes, ouvia todos os rumores d'aquella tremenda revolução, recebia todas as emmanações abrazadas d'aquelle immenso revolver.

Tudo quanto se passava nas margens do Sena, era conhecido para cá dos Pyrineos.

A eloquencia dos tribunos, os escriptos ardentes, as aspirações grandiosas, as pompas civicas, os rasgos antigos, calavam até o intimo da sociedade hespanhola, e na verdade commoviam estes homens que, desde remotas gerações, amavam apaixonadamente a liberdade.

Missionarios da revolução, homens de talento e de prestigio, conhecedores da historia, e da indole dos po-

vos peninsulares, atravessaram com frequencia a fronteira e fizeram activa propaganda, não poupando nem persuasão, nem empenhos, nem ouro.

Dizia uma communicação official: «as noticias da fron«teira, de estes quatro ultimos correios, confirmam uni«formemente os esforços que fazem em toda ella os fran«cezes, para nos introduzirem os papeis sediciosos de que «dei conta nas minhas anteriores participações; e con«seguiram-no em Aragão, onde introduziram o que se «chama *Gaira*, que é um dos mais preversos—accres«cente-se que tendo vindo com esta commissão desde «Paris até á fronteira de Hespanha, o sr. *Roberts Pierre*, «esteve nas povoações principaes do Pyrineu occidental «donde chegou a Perpinhão no dia 2 de novembro, hos«pedando-se em caza de seu antigo amigo o sr. Gilis, «o qual descobriu a meu correspondente, com mil mys« terios, que vira em poder do commissionádo letras de « grandes quantias, sobre cazas de Barcelona e Manresa, « assim como muitas cartas de Saragoça, Jaca, Pamplo« na e S. Sebastião. Que traz cartas para Madrid e ou« tras cidades de Hespanha que não lhe recordam, para « onde escreve muito e recebe respostas debaixo de dif« ferentes sobrescriptos. Que viu em sua carruagem os « Foros de Biscaia, de Navarra, de Aragão, e as Cons« tituições de Catalunha. Que o tal Roberto é da familia « do famoso Pedro Damiens que intentou assassinar a « Luiz XV. Desde que chegou a Perpinhão o cortejam « muito os individuos do governo, e fiado na amisade « do sr. Gilis, gabou-se, embora com mysterio, que antes « de voltar a Paris deixaria semeada a discordia em « Hespanha. Para este fim dispoz, logo que chegou a « Perpinhão, que se traduzisse a Constituição franceza, « em lingua catalã, cuja obra começaram os srs. Ver« dier e Gispert, da qual o meu correspondente viu um « fragmento.— Annunciou que espera dentro de poucos « dias ao sr. Tabau de Saint Etienne, o qual vem de

«Paris coadjuvar suas vistas trazendo grandes cabe-«daes.»

Tudo foi baldado: a Hespanha, convencida de quanto acabava de ganhar com a monarchia, conservou-se unida, ordeira, dedicada ao rei Carlos IV, que então a regia, havendo succedido a seu pai, pouco antes de se desenvolverem os grandes acontecimentos a que acabamos de nos referir.

Em vez de se entregar a discussão apaixonada de theorias duvidosas, permaneceu na senda de progresso, que os seus governos lhe haviam aberto, e que seguira com tanto proveito.

Continuou a melhorar os ramos de administração publica, a cultivar as sciencias e as letras, a animar industria e agricultura, a concorrer ás escolas, a seguir a santa religião de Christo, e a bemfazer, com tanta nobreza e generosidade, que as leis promulgadas a esse tempo, sobre os expostos, podem servir de exemplo e lição.

Nas suas relações com os novos governos de França, foram os hespanhoes discretos e prudentes no uso de boa e sã politica. Conservaram porém a necessaria independencia, a sobranceria, e dignidade de sua coroa, que por tantos titulos se fizera respeitavel; intercederam mais que nenhuma outra potencia pela sorte do desditoso Luiz XVI, e quando a republica franceza, orgulhosa com o infame supplicio d'aquelle monarcha, ousou ameaças, declararam-lhe promptamente a guerra.

A sociedade hespanhola, indignada, levantou-se em massa contra o poder d'aquelles homens atrozes, sedentos de sangue, que tudo subvertiam, que tudo profanavam e que até, mofando da religião, insensavam mulheres sem pudor, prostitutas que faziam gala da nudez no recinto sagrado, em que resplandecera a imagem casta e pura da Virgem Mãe de Deus.

Quantos tinham vigor, correram ás armas; as mães ensinavam aos filhos o caminho de França, os velhos

narravam aos soldados imberbes quanto a tradição lhes dissera das velhas glorias de Italia.

Todos doavam para a guerra; os pobres, quebrando o velho mialheiro, os ricos offertando até o ouro de suas baixelas, o luxo de suas alfaias; as proprias mulheres se despojavam de seus adornos, e traziam risonhas e contentes as mais predilectas joias ao grande donativo nacional.

Temos visto poucas vezes na historia cousa mais eloquente do que esse protesto, firmado com sangue generoso, com brios d'alma, e que se levantou no seio das Hespanhas contra os ignobeis fornecedores da guilhotina.

Os exercitos corresponderam ao impulso generoso que os reunira. As operações de Ricardos no Roussillon contam-se entre as mais gloriosas.

Não valeu aos francezes o distincto valor de seus soldados, o enthusiasmo de seus voluntarios; não lhes aproveitou o talento militar de seus generaes; por toda a parte foram desbaratados, soffreram tantos revezes, perdas tão consideraveis, que a Convenção, commovida, lançou asperas censuras aos commandantes, e enviou ao theatro da guera os seus mais ouzados mandatarios, um dos quaes, Favre, encontrou a morte no campo de batalha.

Mais tarde tiveram as tropas sorte adversa, mas se exceptuarmos Figueras, que se perdeu por incrivel cobardia, em toda a parte a victoria foi disputada por modo que a honra ficou salva; nenhuma das praças que cahiu em poder do inimigo deixou de lhe custar muito e precioso sangue, e os desastres experimentados pelos hespanhoes estão longe das colossaes proporções que tiveram as derrotas dos alliados em o Norte e na Italia.

De França partiram as propostas de paz, que se negociaram sómente quando aquella republica, já liberta de

assassinos, tomava feição ordeira, e parecia caminhar para a legalidade.

As condições estipuladas em Basilea foram mais favoraveis para a Hespanha do que para as outras potencias, e os proprios historiadores francezes as consideraram um tanto precarias para a França.

Depois da paz de Basilea ficou a Hespanha addicta á republica, com quem veio a alliar-se, colhendo d'estas novas relações tão sómente revezes militares, perda de possessões, guerras desastrosas com a Inglaterra, entre as quaes ficou memoravel a derrota naval no Cabo de S. Vicente, e muitas complicações com as outras potencias da Europa.

A republica, como era de suppor, correspondeu mal á lealdade e dedicação dos hespanhoes, desattendeu desdenhosamente os direitos de Carlos IV a corôa de Duas Sicilias, vexou amiudadas vezes os Enviados de Hespanha, desattendeu-lhe as pretenções, ingiriu-se no governo, empregando meios pouco dignos, impoz-lhe emfim humilhações crueis, denunciando como a França havia de influir na sorte d'esta nação durante o Consulado e o Imperio.

XXIV

1700—1800

Movimento scientifico e litterario no seculo XVIII— creação de escolas — formação de academias —reformas nos estudos—Estadistas —jurisprudencia — theologia — medicina —botanica —letras — poesia — theatros — historia — jornalismo — bellas artes.

No seculo 17° as sciencias e as letras haviam seguido a mesma funesta pendente que conduzira a Hespanha até á ultima degradação.

Escacearam inteiramente as producções de merecimento; algumas satyras de mau gosto, pamphletos pouco decorosos, versos trivialissimos em que desabafavam amargas queixas, era quanto produziam as miseras gerações, que tinham a desdita de serem governadas pelos ultimos Filippes e por Carlos II.

Mas assim como o governo intelligente e honesto dos Bourbons restituia á sociedade hespanhola abundancia e vida, tambem as sciencias e a litteratura, cobrando alentos, despertavam virentes e promettedoras, enriqueciam-se, e em breve quinhoavam com a governação fartas e merecidas glorias.

Os soberanos rivalisavam em crear escolas, em proteger Academias. Todos á porfia honraram os sabios, ampararam os estabelecimentos uteis, abriram os braços aos estudiosos.

No reinado de Filippe V constituiu-se a Real Academia Hespanhola, destinada ao esmerado cultivo da linguagem; creou-se a Real Academia da Historia, corporação distinctissima, que tem prestado os mais relevantes serviços.

É do mesmo tempo a organisação da Academia de Medicina, hoje uma das mais bem conceituadas de toda a Europa.

Aos cuidados do mesmo soberano se deve a creação e abertura da Bibliotheca Publica de Madrid, cujo nucleo se formou com livros que el-rei trouxera de França, e com as obras que compunham a Bibliotheca da Rainha Mãe.

Fernando VI, animado dos mesmos sentimentos do seu predecessor, ordenou definitivamente a Academia de Bellas Artes, e outras de menor vulto.

Carlos III foi mais longe, pois que em todos os graus do ensino fez reformas, ou uteis creações; a todos os ramos dos conhecimentos humanos deu vida e cultura.

Ha um movimento verdadeiramente extraordinario no seu reinado: As escolas primarias abriam-se em grande numero e em proporção muito lisongeira para aquella epoca. Do mesmo modo, Seminarios, escolas especiaes de linguas, de mathematicas, de sciencias naturaes. Instituiam-se os primeiros cursos regulares de chimica, estabelecia-se o ensino pratico da agricultura, creavam-se escolas profissionaes e as de nautica.

Reformaram-se as Universidades, os Collegios de nobres, e ampliou-se tudo quanto já existia em materia de instrucção publica.

Cousa alguma se poupava para a maxima latitude do ensino. Ora se mandavam vir do estrangeiro professores illustres para a regencia das novas cadeiras, ora se commissionavam para viagens scientificas homens doutos, zelosos e dedicados, que iam colher a terra estra-

nha noticia de invenções e de melhoramentos, specimens valiosos, collecções importantissimas.

Como em tempo de Isabel a Catholica, os graus scientificos e litterarios habilitavam para os maiores cargos do Estado, sem dependencia de nobreza de nascimento.

Esta medida, que custou a Carlos III vivissima opposição por parte das classes privilegiadas, remunerou largamente a administração, pois o engenho, que não é por certo apanagio exclusivo dos nobres, afluio ás escolas, e liberto de distincções convencionaes, rejuvenesceu com seiva fecunda a turma dos estudiosos, dando ao funccionalismo, á Egreja, á Magistratura e ás Armas grande copia de homens illustres, distinctos servidores da patria e do rei.

No meio d'este immenso progredir avultam as distincções, afluem os bons livros, as provas de boa sciencia.

Os Estadistas dignos por honrado caracter, estremados pela lealdade, são grandes pela sabedoria. Carvajal, Encenada, Wal, Huescar, Eslabe, Valparaizo, Arriaga, Roda, Florida-blanca, concorreram com o vasto cabedal de seus conhecimentos para a boa memoria que deixaram os soberanos a quem serviam.

Na arte de guerra e na marinha o valor alliava-se tão intimamente ao merito, que, mesmo quando tem de se contar revezes, ninguem ousa attribuil-os á cobardia e muito menos os attribue á ignorancia.

Na jurisprudencia, que merecera os especiaes cuidados a que tinha direito n'uma epoca de reconstrucção social, contam-se muitos e bellos ornamentos.

Acebedo, Castro, e Lardizabal, são habeis criticos, e coordenadores das leis patrias, ficando exaltado ainda este ultimo pelo nobre e vigoroso protesto que levantou contra a tortura, ignominia dos tribunaes, delicia do *Santo-Officio*.

Marin e Mendoza escreveu bem a *Historia do direito Natural e das Gentes*.

D. Ignacio Aço, e D. Miguel de Manuel elaboraram juntos as *Instituições do direito civil de Castella.*

A todos porém se avantajam Campomanes e Moñino, cujos escriptos alcançaram a mais alta reputação, e tratam com muita proficiencia todas as questões da jurisprudencia canonica e civil.

Nas sciencias theologicas escreveram-se obras notaveis, maiormente as de Feijóo, sabio benedictino que condemna com energia e clareza muitas superstições e abusos, igualmente nocivos ás sociedades e á religião.

As *Instituições Theologicas* de fr. Agostinho Cabadez e as do pádre Vilaroig, são livros de muito merecimento, tão opulentos no estylo como na materia.

A medicina apresenta-nos um desenvolvimento extraordinario, pois muitos hespanhoes ganharam premios nas Academias extrangeiras em concursos abertos para a resolução de questões importantes. Escobar, Guerrero, Amar, Santpons, Salvá e Gampillo, Rubio, Ó Scalan, Gil, Masdeval, são praticos de muita nomeada, e que escreveram livros bem conceituados, entre os quaes nos pareceu conveniente apontar os seguintes, por se referirem a assumptos que hoje andam em discussão—*Memoria sobre as causas da enfermidade aftosa.* Esta obra de D. Francisco Santpons foi escripta para um concurso aberto pela Real sociedade de Medicina de Paris, e premiada com medalha de ouro, quatro centas libras tornezas e o diploma de socio correspondente para o auctor—*Dissertação physico-medica com methodo seguro para perseverar os povoados da variola* é escripta pelo doutor Gil e goza de muita reputação.

A botanica teve verdadeiros esplendores, pois se abriram muitos e bellos jardins entre os quaes o de Madrid; creado por Fernando VI, tomou proporções magnificentes sob Carlos III, e é hoje um dos melhores da Europa.

Fizeram-se laboriosas e bem dirigidas herborisações

em Cadix, Carthagena, Sevilha, Valencia, Saragoça, Estremadura, Galliza, Aragão, no Chili, no Peru, em Cuba, nas Filippinas, na Nova Hespanha e em Santa Fé de Bogotá, ficando a flora nacional grandemente enriquecida.

Publicaram-se obras de alto merecimento, algumas das quaes, por exemplo — o Specimem plantarum, de Antonio Palau — são ainda hoje preciosos auxiliares, apezar do extraordinario adiantamento da sciencia.

Cousa singular; as mathematicas, menos-presadas nas Universidades, eram tratadas com esmero, seguidas com approveitamento, em Madrid, Cadix, Barcelona, Ceuta, Ferrol, Avila, Ocaña, Vergara, e outras localidades, onde as ensinavam particularmente professores de merito, que escreveram compendios e tratados, alguns dos quaes muito bem conceituados no estrangeiro.

O movimento litterario caminhava a par do movimento scientifico.

A poesia distanceou-se rapidamente das fórmas acanhadas e mal soantes que tomara no seculo precedente; acordando a impulsos da boa critica de Feijóo, tomando modêlo e arte em Antonio de Luzan, ostentava ao findar do seculo, amenidade, conceito, espirito delicado, apropriada mordacidade, feições elegantes, que muito a distinguiam e aprimoravam.

Moratin, e fr. Diogo Gonzalez, deixaram livros cheios de bellezas.

Valdés escreveu delicadas anacreonticas, mimosos idilios, e foi loureado na Real Academia Hespanhola, por sua *Egloga á vida de campo*. Ás vezes era rival do Tasso, *que por certo o não excedia em naturalidade*; testemunhe-o o seguinte trecho da comedia pastoril *Las Bodas de Camacho Rico*, que trancrevemos do sr. Lafuente:

Pared en medio la enemiga mia
de mi casa vivia :

casi á un tiempo nacimos,
y casi ya en la cuna nos amamos.
A penas empezaba
á hablar aun balbuciente,
ya con gracia inocente
decia que me amaba,
y á mis brazos corria,
y los suyos me daba y se reia.
Yo la amaba tambien, y con mil juegos,
pueriles la alegraba,
ya travieso saltando
tras ella en la floresta,
ya su voz remedando
con agradable fiesta...
una la voluntad, uno el deseo,
una la inclinacion, uno el cuidado,
amar fué nuestro empleo
sin saber que era amor; en tanto grado
que ya por la alqueria
de todos se notaba, y se reia
nuestra llama inocente...
¡ Ay, que felices dias!
¡ que sencillas y puras alegrias!
Si ella se enderezaba hacia un otero,
yo estaba alli primero;
y si al valle bajava,
en el valle esperandola me hallaba.
No hubo flor, no hubo rosa de mi mano
cogida, que en su mano no parase;
no hubo dulce tonada
que yo no le cantase;
ni nido que en su falda no pusiese.
Mis cabritos saltando la seguian,
y la sal sus corderas me lamian
en la palma amorosas.
De esta suerte las horas deliciosas
passábamos felices,
cuando un deseo de sabernos vino
que era amor, de manera
cual si un encanto fuera, etc.

São tambem muito notaveis os versos de D. José Cadalso, pois vivendo a vida rude dos homens de guerra, expressa-se como se exclusivamente gozasse do trato

ameno e perfumado das donas do convivio delicado e cortez das salas e dos toucadores.

Ha nas composições de Cadalso, dizer tão elegante e natural, tão fina ironia, tanta descripção e mimo, que não resistimos a copiar tambem um pequeno trecho de uma composição sua, recusa delicada ás solicitações que lhe faziam para uzar da satyra.

Lejos de contentarme,
prosiguen con mas fuerza en incitarme
á que deje los huertos y las flores,
pastoras y pastores,
vinas, arroyos, prados,
ecos enamorados,
la selva, el valle, la espesura, el monte,
y que no imite al dulce Anacreonte,
al triste Ovidio, al blando Garcilaso,
á Catulo amoroso, á Lope fino,
ni á Moratin divino,
que entre estos tiene asiento en el Parnaso;
sino que la tranquila musa mia,
de paloma que fue, se vuelva harpia.
Que los vicios pondere con fereza,
que haga gemir a la naturaleza
bago los golpes de mi ingrata mano...
pero asi como tiemblan sorprendidos
los villanos de un pueblo, acostumbrados
á su quietud, cuando la vez primera
penetra sus oidos
la musica guerrera,
cuando llegan soldados
de rostros fieros y de estranhos trages,
con estrepito horrendo
de hombres, y caballos, y equipages:
y se dividen con igual estruendo
por la pequeña plaza en cortos trozos,
y los viejos referen a los mozos
que aquelles monstros matan a la gente,
y se comen los niños fieramente;
y cada madre esconde e encomienda
á su Dios tutelar la dulce prenda
del motrimonio santo:
Pues asi yo, con no menor espanto

oi los nombres y ponderaciones
de vicios y pasiones, etc.

Foi tambem a edade fecunda dos fabulistas, que abundaram, alcançando alguns merecido renome, notando-se que a Hespanha, entre as nações a primeira, uzou da fabula no castigo dos vicios litterarios; é D. Thomaz Iriarte o author mais estimado, no genero do bom Lafontaine.

O theatro contou producções de muito merecimento; e taes que ainda hoje são ouvidas com interesse as de Leandro Fernandez Moratin—*El Viejo y la Niña*—*El Café*—*La Mogigata*—*El Si de las Niñas*—*El Baron.*

Começaram a apparecer n'este tempo os Sainetes e as Zarzuellas, que em tão poucos annos se teem elevado á alta reputação que hoje gozam.

A Historia enriqueceu-se com dois grandes monumentos, a *Hespanha sagrada*, e as *Memorias das Rainhas Catholicas*, do Padre Florez.

Principiam n'este periodo a apparecer os jornaes que mais tarde deviam ter um desenvolvimento espantoso, e que hoje exercem uma influencia real no seio das sociedades.

Depois de algumas tentativas acanhadas, robusteceram-se estas publicações no reinado de Carlos III, saindo regularmente: *A Estafeta de Londres*—*O Correio geral historico, litterario e economico da Europa*—*o Diario Estrangeiro*—*o Erudito investigador*—*o Noveleiro dos Estrados e Tertulias*—*O Desenganador do theatro Español*—*A Aduana critica*—*o Memorial Litterario*—*O Semanario Economico*—*O pensador*—*O Censor*—*O Semanario Erudito*—*O Correio dos cegos de Madrid.*

Ainda assim os progressos scientificos e litterarios padeceram grande abalo com a expulsão dos jesuitas, medida extraordinaria de Carlos III, de cujo proveito du-

vidamos, e que não é discutivel em uma obra tão limitada como a que escrevemos.

É sabido que a Companhia de Jezus se tem sempre distinguido no ensino, contando em todas as epocas homens doutos e prestantes nas sciencias e nas lettras; os seus mais encarniçados inimigos, fazem n'esta parte inteira justiça ao celebre Instituto.

Tornou-se tão sensivel a falta dos jesuitas, que os proprios estadistas que haviam aconselhado a expulsão, faziam mais tarde diligencias para restituir á patria muitos homens illustres que lhe roubara aquella forçada emigração.

As bellas artes não desacompanharam o grande movimento de restauração, iniciado pelos Bourbons: as muitas obras de merecimento, em architectura e esculptura, que se acham disseminadas em Hespanha, e que foram executadas no tempo de Carlos III, affirmam não só a protecção que o monarcha dispensava a esta parte, mas o muito engenho e instrucção de D. Ventura Rodriguez, José Villa-Nueva D. Filippe de Castro e outros — Tambem a pintura e a gravura tiveram muitos e notaveis adiantamentos.

XXV

1800—1808

Hespanha durante o Consulado e o Imperio—maquinações do Imperador — acontecimentos de Bayona — abdicação de Carlos IV em favor de José Bonaparte.

Durante o consulado e nos principios do Imperio sempre a politica franceza tendeu a explorar a Hespanha.

Tratados de alliança, insinuações, promessas, offertas de throno para os principes hespanhoes, esperanças e subsidios de forças para a reconquista de Portugal, tudo se empregava com sollicitude para unir a sorte das duas nações.

Os hespanhoes, umas vezes seduzidos, outras inconsiderados ou receiosos, sacrificados sempre pelo principe da Paz, vallido da rainha, que governava o rei e o reino, accederam com frequencia aos desejos de Bonaparte, e quando recalcitraram, sempre a velhacaria do primeiro consul soube resumir as desavenças ás proporções sem consequencia de simples amuos.

Mais tarde o imperador cubiçou a coroa de Hespanha para seu irmão José, e a soberania de Portugal para seus parciaes.

Cousa singular: em vez de uzar de seu grande poder, de impor o dominio quasi irresistivel de seu potente genio militar, manejou intrigas ignobeis, abusou da boa

fé dos hespanhoes, que haviam esgotado as suas forças de mar e terra, e os recursos do thesouro para o servirem lealmente, enredou a côrte em intrigas, levantou funesta desunião entre o rei e o principe herdeiro, attrahiu uma parte das tropas hespanholas para longe da patria, occupou o territorio a pretexto de alliança para guerrear Portugal, e quando conseguiu enfraquecer moral e militarmente a Hespanha, cambiado já o governo de Carlos IV para Fernando VII, no motim de Aranjuez a favor d'este ultimo negociou a renuncia em proveito de seu irmão, empregando expedientes que, se denunciam a incapacidade, a impotencia, e a cobardia dos reis d'Hespanha, demonstram a deslealdade do imperador e deslustram a memoria d'aquelle que nos campos de batalha fôra mil vezes heroe.

Um opusculo, hoje bastante raro, escripto por D. Pedro Cevallos, 1.º secretario d'Estado d'el-rei Fernando VII, mostra perfeitamente e com manifesta veracidade, não só a espontaneidade tantas vezes contestada da abdicação de Carlos IV em seu filho Fernando, mas a politica insidiosa uzada junto a este ultimo pelos agentes do imperador, e o artificio com que o soberano foi attrahido para fora d'Hespanha, forçado á escandalosa renuncia da coroa nos celebres tractados de Bayona.

Extractaremos o mais importante d'esta pequena obra, que devemos a obsequiosidade do Ex. sr. Francisco de Paula Sodré, possuidor de uma resumida, mas escolhida livraria, onde se encontram muitas memorias e documentos curiosos sobre a complicada politica d'aquelles tempos.

Convirá por certo fazer o desconto do estylo alambicado e dos intentos cortesãos e interessados do escriptor, mas facilmente se conhece que o narrar é verdadeiro, e de quem, pela posição que occupava, conhecia de mui perto os acontecimentos.

D. Pedro Cevallos, depois de encarecer os muitos sa-

crificios feitos para conservar a paz com a França, e demonstrar a lealdade com que os hespanhoes se desempenharam dos ruinosos tractados de alliança, que imprudentemente haviam ajustado com a republica, allude ás intrigas do imperador, no seio da familia real, ás negociações com o vallido para a occupação d'Hespanha, e entrando nos acontecimentos principaes e que de mais perto tocam á uzurpação da corôa, diz:

«Preoccupados os Reis Pais do terror que lhes inspirava a conducta do Imperador, e ainda mais preoccupado o Privado, nenhum obstaculo pozeram á entrada das Tropas Francezas nos seus Estados, mas antes deram as ordens mais efficazes, para que fossem recebidas, e tratadas melhor que as Hespanholas.

«O Imperador, debaixo do pretexto da seguridade das mesmas Tropas, mandou a seus generaes que por vontade, ou por força se assenhoreassem das fortalezas de Pamplona, S. Sebastião, Figueiras, e Barcelona, como unicas que podiam offerecer obstaculos a uma invasão. Com effeito foram tomadas por surpreza, e engano, ainda que affectando sempre sentimentos de amizade, e alliança, com escandalo, e desgosto de toda a Nação.

«Senhor já, a seu parecer, o Imperador de toda a Hespanha, e julgando ser já chegado o tempo de apressar as suas medidas, achou conveniente escrever uma carta a El-Rei Pai, accusando a S. M. em tom aspero por não lhe ter renovado a petição de uma Princeza Imperial para seu filho o Principe de Asturias. El-Rei houve por bem responder-lhe, que ratificava o mesmo que tinha dito, e estava prompto para que se verificasse o casamento.

«Faltava sem duvida algum passo importante para levar o projecto a um grau de madureza conveniente, e o Imperador não querendo fial-o da penna, imaginou que não podia lançar mão de melhor instrumento que de D. Eugenio Izquierdo, a quem tinha em Paris no

maior abatimento, e cheio de um terror que artificiosamente lhe tinha sabido inspirar, para desempenhar a commissão de infundir o mesmo terror aos Reis Pais, e ao Privado.

«Sem demora mandou o Imperador a Izquierdo que viesse a Hespanha; o que executou com precipitação, e mysterio. Segundo as suas relações verbaes, elle não trazia proposição alguma por escripto, nem devia leval-a, e tinha ordem de não se demorar mais de tres dias.

«Assim foi com effeito; chegado a Aranjuez conduziu-o o Privado á presença dos Reis Pais, e as suas sessões foram tão secretas, que ninguem pôde penetrar o objecto da sua vinda. Porém mui pouco tempo depois da sua partida desta corte se começou a descobrir a resolução de SS. MM. de abandonar a Capital e a peninsula; e passarem ao Mexico.

«O recente exemplo de uma semelhante resolução que havia tomado a Familia Real de Portugal, parecia haver enchido as vistas do Imperador; e é de crer, que S. M. I. se promettia egual exito em Hespanha.

«Porém era necessario não conhecer o caracter Hespanhol, para deixar-se lisongear d'esta esperança. Effectivamente, apenas se divulgou a noticia de que SS. MM. pensavam abandonar a sua residencia, o que annunciavam evidentemente muitos preparativos e disposições, quando logo o descontentamento, e o temor, se viram pintados com viveza nos semblantes de todas as pessoas da Corte, e de todos os individuos de todas as classes. Isto só bastou, para que SS. MM. fizessem desmentir a voz que corria a este respeito, e assegurassem ao Povo, que não o abandonariam.

«Sem embargo d'isso, era tal a desconfiança geral, tão enorme a grandeza dos males que se deviam seguir, e taes, e tantos os symptomas da resolução de se ausentarem, que todos viviam álerta, e conheciam a necessidade de impedir uma medida tão cheia de incon-

venientes. Cresceo o perigo, cresceram os temores do publico; e á maneira de uma explosão inesperada succederam repentinamente os movimentos de Aranjuez a 17 e 19 de Março, nos quaes o Povo foi conduzido por uma especie de instincto da sua conservação, e cujo resultado foi a prizão do Privado, que sem o titulo de Rei havia exercido, por assim dizer, exclusivamente, e por muitos annos as funções de Soberano.

«Apenas se vio verificada esta estrepitosa cahida quando os Reis Pais, vendo-se sem o apoio do seu favorito, tomaram a inesperada e espontanea resolução a que estavam determinados havia algum tempo, de abdicar a sua Corôa, como com effeito a abdicaram em seu filho, e herdeiro o Principe de Asturias.

«Ignorando o Imperador este successo repentino, e não suspeitando mesmo que os Hespanhoes fossem capazes de semelhante resolução, havia mandado ao Principe Murat que marchasse com o seu Exercito para Madrid, na supposição de que a Familia Real estaria já prompta onde devia embarcar-se, e que longe de encontrar o menor obstaculo nos Povos, o receberiam todos com os braços abertos como a seu libertador e Anjo tutelar. Suppunha que a nação vivia summamente descontente do seu Governo, e não comprehendia que só o estava dos abusos, e má administração.

«Logo que o Grão Duque de Berg soube do que tinha acontecido em Aranjuez, resolveu adiantar-se com todo o seu exercito a occupar a Capital do Reino, com animo sem duvida de aproveitar-se da occasião, e tomar o partido que melhor conviesse para realisar por qualquer meio o plano de assenhorear-se da Hespanha.

«Entretanto, a mysteriosa obscuridade dos projectos do Imperador, a proximidade das suas tropas, e a ignorancia em que se estava ácerca do verdadeiro objecto da sua vinda, determinaram a El-Rei Fernando VII, a tomar aquellas medidas de conciliação que pareceram a

proposito a S. M. para ganhar a benevolencia do Imperador. Não julgando bastante haver-lhe dado parte da sua exaltação ao Throno, em termos os mais amigaveis e expressivos, nomeou El-Rei uma Deputação de tres Grandes de Hespanha para que passasse em seu Real Nome a Bayona a comprimentar a S. M. I.; e nomeou igualmente outro Grande de Hespanha, para que fizesse um semelhante cumprimento ao Grão Duque de Berg, que a esse tempo se achava nas visinhanças de Madrid.

«Uma das maquinações que puzeram immediatamente em pratica os agentes francezes, foi o segurar El-Rei, e divulgar por todas as partes que S. M. I. estava a chegar por momentos a esta Capital. Com este motivo se deram as disposições convenientes para preparar em Palacio um alojamento correspondente á dignidade de tão Augusto hospede, e El-Rei escreveu novamente ao Imperador manifestando-lhe quanto lhe seria agradavêl conhecel-o pessoalmente, e poder-lhe assegurar de palavra os seus ardentes desejos de consolidar mais e mais a amisade, e alliança que subsistiam entre ambos os Soberanos.

«O Grão Duque de Berg fez entretanto a sua entrada em Madrid á testa das suas tropas. Apenas se informou do estado das cousas, começou a semear a discordia, fallando artificiosamente da abdicação da Coroa feita por El-Rei Pai a favor de seu Filho em meio do tumulto de Aranjuez, e dando a entender que emquanto o Imperador não reconhecesse a Fernando VII lhe era impossivel a elle fazer demonstração alguma de reconhecimento, e se via precisado a tratar só com El-Rei Pai.

«Não deixou esta especie de produzir o effeito que se propunha o Grão Duque. Noticiosos d'ella os Reis Pais aproveitaram esta circunstancia para salvar ao Privado, que se conservava em prizão, e em cujo favor mostrou interessar-se o Principe Murat, sem outro ob-

jecto que o de lisongear a SS. MM., por isso mesmo que favorecia o partido contra Fernando VII, e semear de novo a discordia entre os Pais e o Filho.

«N'esta situação de cousas fez o novo Rei a sua entrada publica em Madrid, sem mais apparato nem ostentação que o numerosissimo concurso de todo o povo da Côrte e da Comarca, e os extremos de amor, e lealdade, os vivas, e acclamações do pasmoso enthusiasmo de todos os vassallos; scena verdadeiramente grande, e terna, em que se viu o Joven Rei, qual Pai em meio de seus filhos, entrar na sua Capital, como Regenerador e Anjo Tutelar da Monarchia.

«Foi testemunha d'esta scena o Duque de Berg, e longe de abandonar o seu plano, se propoz leval-o adiante com maior empenho. O ensaio feito pelos Reis Pais havia produzido o desejado effeito; porém emquanto estivesse á vista o adorado Rei, que subia ao Throno com tão bons auspicios, não era possivel realizar este plano. Por isso todo o seu esforço foi trabalhar por separar a Fernando VII de Madrid.

«Para o conseguir espalhava o Grão Duque a cada instante a noticia da chegada de um novo Correio com os avisos da sahida do Imperador de Paris, e da sua proxima chegada a esta Corte. Primeiro tomou o empenho de que sahisse o Senhor Infante D. Carlos a receber a S. M. I. no supposto de que ao segundo ou terceiro dia de jornada o encontraria; com isto condescendeu S. M. possuido das mais puras, e beneficas intenções. Apenas conseguiu a sahida do Senhor Infante, manifestou vivissimos desejos de que El-Rei fizesse o mesmo, e não houve meio de que se não valesse para obrigar a S. M. a decidir-se, promettendo que esse passo teria os resultados mais felizes para El-Rei, e para todo o Reino.

«Ao mesmo tempo que o Grão Duque de Berg, o Embaixador, e todos os Agentes Francezes trabalhavam para este fim, manobravam por outro lado com os Reis

Pais para lhes arrancar uma formal Protestação contra a abdicação da Corôa feita espontaneamente a favor de seu Filho, e herdeiro legitimo com as solemnidades costumadas.

«Instado urgentemente El-Rei para que sahisse ao encontro ao Imperador, luctava S. M. entre a necessidade de ter uma condescendencia com o seu alliado, de que lhe promettiam tão vantajozos resultados, e o desejo de não abandonar ao seu leal, e amado Povo em tão criticas circumstancias.

«Nesta espinhosa situação, posso dizer de mim ter sido o meu constante dictame; como Ministro d'El-Rei, que S. M. não sahisse da sua Côrte senão quando tivesse noticia segura, de que o Imperador, dentro já de Hespanha, se avisinhava a Madrid; e que só então fosse a mui curta distancia, para não pernoitar fora da sua Corte.

«S. M. susteve por alguns dias a resolução de não sahir de Madrid antes de ter avisos certos, de que o Imperador se avisinhava, e provavelmente assim o teria feito, se a chegada do General Savary não tivesse augmentado muito mais pezo ás multiplicadas instancias do Grão Duque, e do Embaixador Beauharnois.

«Annunciou-se logo o general Savary como Enviado do Imperador; e n'essa qualidade pediu uma audiencia a S. M., que lhe foi immediatamente concedida. N'ella manifestou que elle vinha da parte do Imperador para cumprimentar a El-Rei, e saber de S. M. unicamente se os seus sentimentos a respeito da França eram conformes aos de El-Rei, seu Pai, em cujo caso o Imperador prescindia de tudo quanto havia acontecido, não se entrometteria em cousa alguma do interior do Reino, e reconheceria desde logo a S. M. por Rei de Hespanha, e das Indias.»

«Recebida por Savary uma resposta a mais satisfatoria, manifestou a sua satisfação em termos tão lisongei-

ros, que nada restava a desejar, e terminou-se a audiencia assegurando elle por sua parte, que o Imperador deveria ja ter sahido de Paris, e estaria mui perto de Bayona, para se dirigir a Madrid.

«Apenas se despedio este Emissario, começou a fazer as mais vivas diligencias para decidir S. M. a que sahisse ao encontro do Imperador. Assegurava que este obsequio seria muito lisongeiro e grato a S. M. I. e protestou tão positiva, e repetidamente, que o Imperador estava para chegar por momentos, que foi forçoso dar credito ás suas palavras. Era com effeito mui difficil suspeitar ao menos, que viesse determinadamente a enganar, um General Enviado de um Imperador.

«El-Rei cedeo emfim a tantas instancias, e tão lisonjeiras esperanças, e seguridades; e o amor a seus vassallos, o ardente desejo de fazer a sua felicidade, pondo fim a esta terrivel crise, triumpharam em seu generoso coração de toda a repugnancia, e temor.

«Chegou o dia assignalado para a sahida d'El-Rei, e o general Savary, mostrando apparentemente o maior zelo, e interesse por S. M. manifestou desejar a honra de o acompanhar na sua viagem, que poderia ser o muito até Burgos, segundo as noticias, que dizia acabar de receber, da aproximação do Imperador.

«Emquanto durava esta ausencia, que se suppunha de mui poucos dias, deixou El-Rei estabelecida em Madrid uma Junta Suprema de Governo, composta dos Secretarios d'Estado, e Presidida por seu Tio o Senhor Infante D. Antonio, para que cuidasse dos Negocios urgentes do Governo.

«Seguio o General Savary a El-Rei em um coche separado até Burgos; e como não estivesse alli o Imperador, se empenhou com todo o esforço, em que S. M. continuasse a sua viagem ao menos até Victoria. Houve então varios debates sobre o partido que devia tomarse; porém o artificio, e a perfidia lutavam contra a

honra, a innocencia, e a boa fé: e em lucta tão desigual, as mesmas beneficas intenções, que havia arrebatado a El-Rei da sua Corte, o arrastáram até Victoria.

«Bem persuadido o General Savary de que S. M. estava resolvido não passar mais adiante, continuou a sua viagem até Bayona, sem duvida com o designio de informar o Imperador de tudo, e obter uma carta que decidisse El-Rei a separar-se de seus povos.

«Recebeu S. M. em Victoria a noticia de que o Imperador tinha chegado a Burdeos, e se encaminhava a Bayona; com esta noticia o Senhor Infante D. Carlos, que estava esperando em Tolosa, se poz em caminho para Bayona, convidado pelo Imperador, que ainda tardou em chegar alguns dias.

«Nada particular occorreu em Victoria, senão que havendo dado parte a Junta Suprema do Governo de Madrid, de que o Grão Duque de Berg exigia imperiosamente a liberdade, e entrega do Privado, S. M. não teve por bem acceder a tal requisição, fazendo-o saber á Junta do Governo, para que tivesse entendido, que não devia entrar em contestação com o Grão Duque sobre a sorte do prezo.

«Entretanto combinou o General Savary com o Imperador o meio que devia pôr-se em pratica para dar o ultimo golpe; e emquanto as Tropas Francezas, que se achavam nas visinhanças de Victoria, faziam (segundo se soube depois) alguns movimentos suspeitosos, se apresentou n'aquella Cidade com a carta do Imperador para S. M.

«Ás expressões pouco decorosas, e não muito lisonjeiras d'esta carta, ajuntou Savary taes, e tantas protestações do interesse que tomava o Imperador por S. M. e pela Hespanha, que chegou a dizer: «Eu offereço a «minha cabeça se um quarto de hora depois de ter che«gado S. M. a Bayona, não fôr reconhecido pelo Impe«rador, como Rei d'Hespanha e das Indias. Para suster

«o seu empenho começará provavelmente dando-lhe o «tratamento de Alteza; porém cinco minutos depois lhe «dará Magestade. e aos tres dias estará tudo regulado, e «S. M. poderá restituir-se a Hespanha immediatamente.»

«Vacilou não obstante El-Rei sobre o partido que deveria tomar; porém desejoso de sahir do empenho em que estava já constituido, e ainda mais que tudo de tirar a seus amados Vassallos da cruel inquietação em que se achavam, fechou o seu coração a todo o temor, e os seus ouvidos aos meus conselhos, e aos de alguns outros sujeitos da sua comitiva, não menos que aos clamores d'aquelle leal Povo, e determinou passar a Bayona, não podendo conceber seu Real animo que um Soberano seu alliado o quizesse hospedar para o aprisionar, e para acabar com uma dynastia, que longe de o haver já mais offendido, lhe tinha dado provas tão relevantes de amizade. . . . . . .

«Apenas poz El-Rei os pés no territorio de França, notou S. M. que ninguem sahia a recebêl-o, até que chegando a S. João da Luz se apresentou o Maire com toda a municipalidade: parou o coche, e fallou a S. M. com as mais vivas demonstrações de jubilo que o animavam por ser o primeiro que tinha a honra de receber a um Rei amigo, e alliado de França.

«A poucos passos se encontrou a deputação dos tres grandes d'Hespanha, que lhe vinham sahir ao encontro, e sua explicação a respeito das intenções do Imperador não foi a mais lizonjeira. Sem embargos d'isto a proximidade em que se achava de Bayona, não dava já lugar a mudar de rumo, e continuou-se a viagem.

«Sahiram ao encontro d'El-Rei, o Principe de Neufchâtel, e o Marechal de Palacio Duroc, com uma partida da guarda de honra, que os Bayonezes tinham armado para serviço do Imperador, e convidaram a S. M. para que entrasse em Bayona, onde lhe estava preparado o seu alojamento. Este pareceu a todos, e era na

realidade, mui pouco conforme ao decoro do Augusto Hospede, que o devia occupar: descuido assás notavel, e significativo, que fazia uma extraordinaria differença da magnificencia, e esmero que El-Rei havia empregado, no que tinha preparado em Madrid ao seu Alliado.

«Extasiado ficou S. M. vendo um recebimento tão pouco para esperar, quando o avisaram que vinha o Imperador a visital-o. Chegou com effeito S. M. I. acompanhado de muitos Generaes: desceu El-Rei a recebel-o até á porta da rua, e alli se abraçaram ambos os monarchas com demonstrações de affecto, e amizade. Deteve-se o Imperador um breve espaço com S. M., e se despediu renovando os abraços.

«Pouco tempo depois veiu o marechal Duroc convidar a El-Rei a jantar com S. M. I., cujos coches deviam vir conduzir S. M. ao Palacio de Marrac, e assim se verificou. Desceo o Imperador a receber a El-Rei ao estribo do coche, abraçou-o, e conduziu pela mão á sua habitação.

«Apenas El-Rei voltou á casa da sua residencia, se lhe apresentou o General Savary para communicar a S. M. que o Imperador havia determinado irrevogavelmente que não reinasse em Hespanha a dynastia de Bourbon, e que em seu lugar lhe succedesse a sua: para o que queria S. M. I. que El-Rei renunciasse por si, e por toda a sua Familia a Corôa d'Hespanha, e de suas Indias, a favor da dynastia de Bonaparte.

«Não é facil pintar a surpreza que experimentou o Real animo de S. M. e o assombro que perturbou todos os sujeitos mais chegados á sua Real Pessoa ao ouvir semelhante proposição. Ainda não tinha bem descançado El-Rei das fadigas de sua penosa viagem, quando o mesmo homem que o tinha enchido de seguridades em Madrid, e pelo caminho que o havia arrancado da sua Côrte, e do Reino para regular em Bayona pontos importantes aos dous Estados, e ser reconhecido por

S. M. I, tem a ousadia de ser elle mesmo o mensageiro de uma proposição tão escandalosa.

«No dia seguinte fui chamado pelo Imperador ao seu Real Palacio, onde me esperava o Ministro das Relações exteriores Mr. de Champagni, para discutir as proposições apresentadas verbalmente pelo general Savary. Desde logo me queixei da perfidia, com que se procedia em tão importante negocio: expuz que El-Rei meu Amo tinha vindo a Bayona fiado na segurança, que em nome do Imperador lhe havia protestado o General Savary, estando presentes os Duques do Infantado, e de S. Carlos, D. João Escoiquiz e eu, de que S. M. I. o reconheceria no momento que se verificasse a entrevista dos dois Soberanos no Palacio Imperial de Marrac: que quando S. M. esperava ver realizado o offerecido reconhecimento, havia sido surprehendido com as mencionadas proposições; e que S. M. me tinha authorisado para protestar contra a violencia que se fazia á sua pessoa, não lhe permittindo voltar á Hespanha; e para responder ás solicitações do Imperador, cathegorica, e terminantemente, que El-Rei não podia, nem devia renunciar a sua corôa a favor de outra dynastia, sem faltar ao que devia a seus vassalos, e á sua propria reputação: que tão pouco o podia fazer em prejuizo dos individuos da sua Familia, chamados n'este caso pelas leis fundamentaes do Reino; muito menos podia condescender em que reinasse outra dynastia, que só devia ser chamada ao Throno pela Nação hespanhola, em virtude dos direitos originarios, que tem para eleger outra familia, logo que se extingua a que actualmente reina.

«Insistio o Ministro das relações exteriores na pertenção da dita Renuncia; allegando, que a que tinha feito Carlos IV em 19 de Março, não havia sido espontanea.

«Manifestei então a minha estranheza, de que se so-

[illegible] renuncia á sua corôa. Ao mesmo passo que [illegible] não haver sido livre a de seu Augusto Pai, [illegible] escusar-me de entrar n'esta discussão, por não reconhecer no imperador a menor auctoridade para se embaraçar em negocios, que são puramente domesticos e peculiares do governo hespanhol, seguindo n'este caso o exemplo do Gabinete de Paris, quando desprezou como incompetentes as reclamações de S. M. El-Rei Pai a favor do desgraçado Luiz XVI seu augusto Primo Co-irmão.

«Não deixarei, [illegible] todavia dar á verdade e á innocencia um testemunho, que só ella tinha direito para exigir de mim: continuei dizendo, que tres semanas antes do movimento de Aranjuez, El-Rei Carlos IV na minha presença e de todos os outros Ministros do Despacho, tinha dito á S. M. a Rainha: «Maria Luiza, retirar-nos-hemos a uma provincia, viveremos tranquillos, e o Fernando, que é moço, carregará com o pezo do governo.»

«Fiz-lhe ver, que nos dias 17, 18 e 19 de Março nenhuma violencia se tinha feito a S. M. para a abdicação da corôa, nem pelo povo, commovido unicamente pelo sentimento, de que S. M. se ausentasse para Sevilha, e d'alli para a America, nem por parte de seu filho o senhor Principe de Asturias, nem por outra alguma pessoa, do que estavam bem persuadidos assim os ministros do Corpo diplomatico, como as pessoas da côrte, pois uns e outros tinham felicitado, e cumprimentado ao novo Soberano, á excepção do Embaixador de França, que pretextou não estar authorisado com as competentes Instrucções, sem reparar no exemplo dos seus collegas, que tambem as não haviam recebido das suas respectivas Côrtes.

«Conclui finalmente provando por consequencia, que a renuncia d'El-Rei Pai não havia sido outra cousa, que o resultado da predilecção que S. M. tinha por uma vi-

da tranquilla e privada, e da persuasão em que estava, de que as suas forças, diminuidas pela idade, e por molestias, eram insufficientes para supportar o pezado cargo do governo.

«Desvanecida esta impertinente objeção, me disse o senhor de Champagni, que o Imperador não podia estar seguro da Hespanha no caso de uma guerra contra as Potencias do Norte, emquanto a Nação Hespanhola estivesse governada por uma dynastia possuida do sentimento de ver despojado o seu ramo primogenito da Monarquia de França.»

Desmascaradas assim as pretenções de Napoleão e imposta, por modo tão desleal sua vontade, a um soberano que, privado da necessaria liberdade e independencia devia ser forçado a uma acção vergonhosa, entabolaram as negociações diplomaticas que deviam realisar e legalisar a operação. Porem a firmeza e integridade dos negociadores hespanhoes, a resistencia de Fernando VII, baldavam os empenhos do imperador, e o povo hespanhol, instruido do que se passava, escandalisado, sofrego de liberdade, começava a ameaçar séria resistencia e amedrontava com rugidos de leão os escaços guardadores que occupavam as fortalezas e as cidades.

Recorreu então a politica imperial á provada incompetencia e debilidade de caracter de Carlos IV, que, chamado a Bayona em companhia do indigno valido, acudiu com a mais rara docilidade ás exigencias de Napoleão, e negando a espontaneidade bem conhecida da sua anterior abdicação, esbulhou Fernando VII da corôa, não para a cingir em defeza e guarda da patria, como nobremente haviam feito seus antecessores, mas para a depor vil e cobardemente nas mãos de um uzurpador, beijando ainda com reverencia as mãos que a roubavam.

Carlos IV, que pelas raras virtudes dos de sua dynas-

tia lograra salvar os hespanhoes da tormenta revolucionaria, entregou depois no imperio a nação que lhe fôra confiada, sem pejo nem remorso, com aquella *particular* paciencia, que lhe haviam ensinado a rainha sua esposa, e o valido D. Manuel Godoy.

José Bonaparte ficou assim rei d'Hespanha e das Indias, por mercê do imperador, mas não pela vontade nacional.

XXVI

1808—1814

Trabalhos politicos em Bayona—Constituição dada por José Bonaparte—Congresso de Bayona—Revolução nacional—Levantamento em Madrid a 2 de maio—episodio da revolução em Valença—Caracteristicos da guerra da independencia.

No capitulo antecedente, espraiamo-nos talvez mais do que convinha, sobre as intrigas que precederam e acompanharam a invasão franceza.

Pareceu-nos porém necessario. O motim de Aranjuez, que provocou a abdicação de Carlos IV, é tido por muitos como instrumento das ambições do principe das Asturias, impaciente de se chamar Fernando VII. O opusculo que tão extensamente copiámos, estabelece com claresa que o povo se amotinou em presença da projectada partida d'el-rei, o que é verosimille semelhante ao que então se passou entre nós, por identico motivo. Revella tambem a premeditação da abdicação o que determina a liberdade do facto, e é crivel, se attendermos ás intrigas que de ha muito Napoleão alimentava entre a familia real, por meio de seus agentes e de D. Manuel Godoy.

Julgámos tambem conveniente mostrar em todos os seus repugnantes detalhes, sua hypocrisia e falsa fé, a

politica do imperador, que tão indignamente abusou da extranha candura de Fernando VII, e da debilidade de Carlos IV.

Sendo assim, como parece, fica Fernando VII absolvido de haver arrojado violentamente do throno seu pae, sem prejuiso dos bons desejos que tivessem a tal respeito e de que Carlos se queixou mais ou menos em outras occasiões.

Temos por uma das coisas mais extraordinarias da historia d'Hespanha, a longa premeditação com que Bonaparte a procurou annular e enfraquecer d'esde o consulado; a singular perseverança que pôz em a dominar, despresando os meios rasgados, claros, e violentos, que habitualmente empregava, para usar de expedientes repugnantes a que não era de sua naturesa affeiçoado.

A explicação da politica imperial, que aliás não é facil, exige estudo, reflexão e detido exame, e fica evidentemente fóra das proporções d'este livro.

Obtida a vergonhosa renuncia de Bayona, procurou o imperador legalisar e firmar o novo estado de coisas.

Convocou para esse fim um congresso n'aquella cidade, ao qual submetteu uma constituição, que é a primeira formula do regimento liberal entre os hespanhoes, o que tem de singular a sua proveniencia, pois são notorias as tendencias despoticas de Napoleão, e é sabido que governava a França com mão de ferro, não adoptando no seio do imperio as theorias governativas que agora pretendia impôr.

A organisação da assembléa é bastante perfeita, e estabelecia melhor a representação nacional do que as antigas côrtes.

Além dos procuradores das cidades, convocava-se um certo numero de grandes, titulares, e cavalleiros; estava representado o alto cléro, os parochos e as ordens religiosas, que enviavam seus geraes; concorriam dele-

gados do exercito e da armada, representantes do conselho de Castella, do das Indias, da Guerra, das Ordens da Inquizição, das Universidades, e deputados especiaes pelo commercio e industria.

Eram cento e cincoenta os membros da assembléa; mas tendo-se negado briosamente a concorrer alguns prelados, grandes e pessoas notaveis, ficou o numero dos assistentes reduzido a noventa e um, e a nação menos dignamente representada do que se desejava e era mister para sanccionar actos tão extraordinarios e de importancia essencial para o que se pretendia estabelecer.

O procedimento das côrtes de Bayona foi sempre hesitante, incerto, mal definido, como era de esperar das circumstancias. Houve movimentos grandes e dignos que lembravam as gloriosas tradições da representação nacional, mais bella e significativa em Hespanha, do que em parte alguma. Mas actos acanhados, acquiescencias, retrocessos servis, destruiam as precedentes resoluções, e o congresso acabou por secundar inteiramente as vistas do extrangeiro, embora desafogasse em protestos inuteis, e que a attitude da assembléa tornava ridiculos.

A constituição approvada, dispunha a adopção exclusiva da religião catholica, apostolica e romana, condição essencial posta por Carlos IV no acto da abdicação.

Estabelecia a ordem de successão na familia de Bonaparte, e dava caracter constitucional ao novo governo, formulando que o rei se intitulasse tal—pela graça de Deus e pela constituição do estado—ordenava a formação de uma regencia, nos casos de menoridade do soberano.

Organisava o poder executivo, composto de nove ministros *responsaveis*.

Creava um senado vitalicio, e inamovivel, constituido

pelos infantes d'Hespanha, maiores de 18 annos, e por vinte e quatro individuos nomeados pelo rei, entre os ministros, capitães-generaes, embaixadores e conselheiros d'estado.

As faculdades d'este corpo eram importantissimas: entre outras, tinha a de suspender a constituição, em caso de revolta, ou quando acontecimentos importantes ameaçassem a segurança do estado. Nas circumstancias extremas cumpria-lhe, por proposta do soberano, tomar as medidas extraordinarias que fossem necessarias á causa publica. Era de suas attribuições velar pela segurança individual, pela liberdade de imprensa, e tinha o poder de annular as eleições de deputados, quando se reconhecessem feitas com illegalidade.

Instituia um conselho d'estado, que examinava e desenvolvia todos os projectos de lei que houvessem de ser apresentados ás côrtes, conhecia da competencia e do expediente dos corpos administrativos e judiciaes, e citava a juizo os funccionarios publicos.

Os decretos do rei, sobre materia da competencia das côrtes, tinham força de lei até que estas fossem convocadas, uma vez que houvessem sido discutidos pelo conselho d'estado.

As côrtes, como antigamente, compunham-se dos trez estados; sendo o clero representado por vinte e cinco Prelados, a nobresa por egual numero de Grandes e o povo por cento e vinte deputados das provincias de Hespanha e Indias, dos quaes trinta eram eleitos pelas juntas de commercio, e pelas universidades, e os restantes pelas cidades que tinham assento em côrtes. Reuniam ao menos uma vez no periodo de trez annos, e celebravam sessões secretas; podiam representar contra os abusos na administração publica, contra as arbitrariedades dos ministros, discutiam e approvavam as leis e as contribuições...

Declarava-se a unidade das leis civis e criminaes, a

independencia do poder judicial, a inamovibilidade da magistratura; aboliam-se os tribunaes especiaes, dava-se publicidade aos julgamentos.

Na parte administrativa, fixava-se deffinitivamente a despesa publica, estabelecia-se a egualdade no systema tributario, aboliam-se os privilegios rentisticos, separava-se o thesouro publico do erario régio.

Ficavam derrogados os privilegios nobiliarios, admittindo-se egualmente todos os cidadãos aos empregos publicos.

Este codice, em que se contém boa doutrina, teria sido acceite com sympathias pelo povo hespanhol, se não viéra de origem extrangeira, e outhorgado por um poder que se tornára sobeja e justamente odioso. Assim não vigorou um só dia.

O povo, privado do unico soberano que considerava legitimo, governado por uma junta, debil, e manifestamente incapaz para as circumstancias, desconheceu os convenios e as deliberações de Bayona, dispensou a politica, e cuidando de salvar-se sósinho, entrou aberta e francamente em revolução.

O primeiro arranco teve as exactas proporções de um accesso de raiva.

Os populares bateram-se a peito descoberto nas ruas de Madrid, sem unidade, sem disciplina, sem destino, nem proposito deffinido; cada homem que podia matava um francez com qualquer arma, e onde quer que o encontrava.

As tropas, organisadas, disciplinadas, obedientes a seus chefes, debellaram a revolta, embora a custo, e com perda de muitas vidas. Um pequeno nucleo que se organisara no bairro de Maravilhas, dispondo de alguma artilheria, tornou-se formidavel. Commandavam D. Luiz Daoiz e D. Pedro Velarde, que causaram a admiração dos proprios inimigos, e perderam a vida no seu posto, alcançando honras de martyres da patria.

Uma generosa e espontanea amnistia de Murat socegou os animos, e desarmou os revoltosos, que confiadamente entregaram as armas.

Mas então o lugar-tenente do imperador arrojou a mascara, e dispondo do povo inerme, fuzilou sem piedade a quantos haviam mostrado brio de homens livres. Acordavam nos soldados do imperio os instinctos mal suffocados dos assassinos de setembro e dos servidores da guilhotina.

Ficou memoravel o dia 2 de maio, rico de glorias, regado de lagrimas, alvo do respeito de gerações successivas, que ainda hoje o consagram com augustas solemnidades.

O procedimento iniquo e traiçoeiro de Murat deu vida á revolução; um brado de Villamil deu o rebate pela liberdade; é admiravel o laconismo:—A patria está em perigo. Madrid é victima da perfidia franceza: Hespanhoes, acudi a salval-a.—E' a suprema eloquencia da dôr, a concisão terrivel da agonia.

Essas poucas palavras escritas e enviadas a todas as provincias, deram armas a toda a gente, provocaram voraz, irresistivel, o levantamento em massa.

Foi inteiramente popular o movimento; ardente, colorido, apaixonado, sempre caracteristico em suas demazias, em suas generosidades, na fórma, na expressão, nos instinctos.

Em Valencia um maltrapilho capitaneava um bando da infima plebe, levando em guisa de bandeira a imagem da Senhora das Dôres, e um retrato de Fernando VII. Erguido em um banco, o caudilho de pé descalso, arrancou da parede o decreto que annunciava a lugar-tenencia de Murat, e voltando-se para as turmas. declarou guerra a Napoleão.

Na sua comica sinceridade acabava de decretar a queda do collosso.

D'estas expansões nasceu a guerra peninsular que

durou annos, como todos sabem, com fortuna varia, mas que acabou por libertar Hespanha e Portugal do jugo estrangeiro, e mostrou ao mundo que os exercitos francezes não eram invenciveis, nem o poder de Napoleão invulneravel.

Não cabe aos hespanhoes a gloria das illustres campanhas que expulsaram o estrangeiro, levando-o de vencida até pela França dentro. E' quinhão do exercito luso-anglo.

Escassos de tropas regulares, sem governo propriamente dito que organisasse a resistencia, sem rei a quem seguissem, nem homens de prestigio que os commandassem, não podiam fazer mais do que fizeram; bateram-se corajosamente, improvisaram em cada casal uma fortalesa, de quaesquer batalhões formaram um exercito, de qualquer valente fizeram um commandante, d'um troço de homens uma guerrilha, da mais pequena coisa uma arma, e todos unidos na mesma causa, animados do mesmo sentimento, combateram sem treguas, sem descanço, regaram a patria de sangue, mas emfim viram-na livre.

De muito lhes valeu o concurso e as operações brilhantes dos exercitos alliados, muito devem n'estes dias de desgraça, a portuguezes e inglezes.

E' certo porém, que, mesmo sós na lucta, haviam de vencer; não era possivel que os exercitos francezes se sustentassem, n'aquella terra hostil, que lhes negava o pão e o quartel, que se abrasava, se ateava em odios, e lhe offerecia luta tremenda, em que ficou para sempre heroica Saragoça, que deixou legendarios a Palier, Merino, ao Empecinado, a Mina, Eschevarri, Murillo, Gayan, Francisquete e muitos outros caudilhos que á frente de suas guerrilhas obraram prodigios de bravura.

Este estado violento durou até 1814, em que, firmada a paz, Hespanha uzufruiu de novo a independencia,

mas depois de funestas perdas, de desgraças e mizerias sem nome, e ficando eivada com o germen de desordens sociaes, que desde então a tem trazido em continuo sobresalto, e a fazem n'este momento uma das nações mais desgraçadas da Europa.

XXVII

1800—1814

Acontecimentos politicos durante a guerra da independencia— fórma do governo—refórmas liberaes—côrtes—Constituição de 1812—tumultos populares—imprensa—desintelligencias—opinião publica em materia politica—regresso triumphal de Fernando VII—queda das refórmas liberaes.

A invasão dos exercitos francezes, e a politica imperial, foram funestas para Hespanha; pois além de lhe imporem duros sacrificios, avultado resgate de sangue, e perdas consideraveis na riquesa publica, deram margem e fundamento a desordens intestinas, causa a uma nova existencia politica, que desde então tem acarretado successivos prejuizos, sensiveis desdouros.

Pela auzencia do rei, pelo abandono dos grandes, e pela incompetencia da junta a quem Fernando VII deixára seus poderes, ficou a salvação da patria e o cuidado do governo a cargo exclusivo do povo.

Este, alheio de ha muito á gestão dos negocios do Estado, sem habitos de vida publica, nem educação politica, titubeou, dando repetidas provas de desacerto, claros testemunhos de ignorancia.

Formaram-se juntas provisorias, mais tarde, por necessidade, uma junta central; convocaram-se côrtes que

funccionaram successivamente na Ilha do Leão, em Cadix e em Madrid, nomearam-se regencias, mas a despeito de tantos corpos legislativos, de tantas authoridades, a desordem, e mesmo a anarchia, começaram a lavrar profundamente, aggravando a precaria situação da republica.

Deputados, regentes, governadores, affirmaram todos, honra, desinteresse, amor da independencia, zêlo e dedicação pela causa nacional; porém, inexperientes, ás vezes apaixonados, accessiveis a idéas novas, erraram a miude, comprehenderam mal a sua missão, desempenharam-na com escassa energia, deixaram medrar as ambições, os desvarios, abrindo campo á luta incessante das opiniões, ao degladiar dos partidos, que tem sido no presente seculo o flagello da Hespanha.

Os exaltados, e os intrigantes, aproveitaram ousadamente a occasião, e propagaram as doutrinas mais avançadas, as theorias mais subversivas.

O poder executivo lutou sempre com estes partidos extremos, e é justo dizer em applauso dos regentes, que, se não foram, quanto convinha, energicos e tenazes na resistencia, mostraram-se sempre conciliadores, ordeiros, affeiçoados á boa doutrina, e dotados de mais senso politico do que os corpos legislativos.

Nas côrtes é que viviam e se debatiam os principios revolucionarios.

Apenas reunidas, logo se arvoraram em soberanas, tomaram o titulo de magestade, pretenderam assumir todos os poderes, atacaram de face a nobresa, as velhas instituições, a egreja, emprehenderam refórmas radicaes, discutiram e approvaram uma constituição mais avançada do que a franceza de 1791, e na qual se humilhava sobremaneira a corôa, annullando quasi inteiramente o poder real.

Mal se comprehende mesmo, como se conservava a apparencia da realesa, n'um governo que na essencia era manifestamente republicano.

A politica tornou-se pouco a pouco tumultuosa, tomando algumas das peiores feições que denunciára em França nos tempos da revolução.

Os directores do partido liberal, quando fraquejavam no seio das assembléas, ou junto ao poder executivo, appellavam para os motins, e convocavam sem escrupulo para a ruaça, aquella parte da plebe que parece extranhamente destinada ás missões destruidoras.

Cadix era o centro das operações sediciosas, o ponto de reunião dos desordeiros; ali se organisava o dominio da canalha, a intervenção violenta dos maltrapilhos.

Obedecendo aos reformistas, e aos agitadores, saiam á rua esses homens, cuja fé politica depende de alguns reaes, e que não respeitando coisa alguma, tudo ousam, tudo subvertem, e tanto prejudicam a causa a quem servem como aquella a quem hostilisam.

Como em França, os bandos assalariados assistiam ás sessões das côrtes, intervinham despejadamente nos debates, exerciam pressão nas deliberações, e quando alguns deputados mais corajosos e independentes, diziam amargas verdades, cuspiam-lhe insultos e ameaças do alto das galerias, esperavam-nos á porta, apupavam-nos, agrediam-nos, tentavam atrevidamente o assassinato. D. Pablo Valiente, absolutista, a custo teve a vida salva, e fugiu para Tanger, protegido pelas authoridades, que tudo arriscaram para o subtrair ás furias da populaça, cuja intervenção e petulancia censurára no seio da assembléa

Os jornaes politicos que datam d'esta epocha, eram violentos e desbragados, seguindo a escola da imprensa franceza mais revolucionaria, que haviam tomado para modêlo.

No goso da completa liberdade de imprensa que então se disfructava, publicaram-se o *Semanario Patriotico*, o *Conciso*, e outros, que no dizer do sr. Amat, lem-

bravam as gazetas incendiarias, redigidas por Herbert e por Marat.

A linguagem exaltada, a expressão ardente de taes folhas, commovia a população ruidosa das praças e dos cafés, provocava discussões violentas, alvoroçava os animos, e dava assim ás novas idéas, ás reformas propostas, apparente applauso da opinião publica.

Muitos homens de principios conservadores, aturdidos por este modo, no trato de questões tão novas e palpitantes, appoiaram transformações sociaes, medidas diametralmente oppostas ás suas convicções.

Conhecido mais tarde o erro, vinha a reação, e as contradicções e as desordens empeciam o governo do Estado.

As arrojadas theorias liberaes não estavam no animo do povo, se adquiriam vida e se traduziam em factos, deviam-no á existencia desordenada das populações, atarefadas e distrahidas com a guerra, á boa fé e sinceridade de representantes, trazidos para a vida publica pela força das circumstancias, e que eram faceis de surprehender ou enganar, no penoso noviciado que faziam da politica.

Por isso, quando, obrigado pelo estado da Europa e pelos revezes que soffrera na peninsula, Napoleão tratou com Fernando VII, e este, readquirida corôa e liberdade, volveu ao reino, as refórmas tão laboriosamente conquistadas, apesar de em parte conterem materia util e aproveitavel, cairam por terra com desusada facilidade.

O rei alcançára no exilio as grandiosas proporções de martyr, regressava como triumphador, pela via da adversidade.

De longe tornára-se grande; o vulgo não apreciára a facilidade pouco lisongeira com que se deixára conduzir a Bayona; ignorava a pouca dignidade com que se conduzira nas suas relações com o imperador. Sabia

apenas, que recusára abdicar a favor de Bonaparte, e que sómente a seu pae restituira a corôa; conhecia a attitude digna e energica que ostentára nos primeiros tratos com Napoleão, e nunca presenciára a pouca estabilidade d'essas altas determinações.

Fernando VII, pois se não era tido como heroe, que á frente de seus exercitos combatesse pela independencia, era amado e respeitado como digno representante da monarchia tradicional.

Soldados e populares, no arremetter do combate invocavam o nome d'el-rei; todos julgavam que a preço de sangue lhe haviam restituido o throno: não era possivel que alguem pensasse em afeiar com condições, esse feito generoso.

Accresce que as tradições monarchicas não eram nem podiam ser odiosas aos hespanhoes: todos sabiam quanta honra e prosperidade deviam a Filippe V, a Fernando VI e a Carlos III. Lembrava, a digna attitude, a situação exemplar da Hespanha monarchica em face da França republicana; os hespanhoes sentiam que podiam e deviam perdoar a Carlos IV aquella *singular paciencia* que o destinguira, esqueciam em favor da realesa a cobardia de um rei, acceitavam pois Fernando tão inteiramente soberano como lhe cumpria ser, por herança de seus antepassados.

N'estes termos, o regresso do monarcha foi de todo festival; os povoados ostentavam galas, as turbas, mal repousadas da luta, corriam a saudal-o; tudo eram flores, repiques, musicas, illuminações. Fernando VII recebeu uma ovação immensa e ruidosa, foi acclamado rei absoluto pelas tropas commandadas pelo general Elio, recebeu as homenagens espontaneas e sinceras de toda a nação; e as reformas liberaes, a constituição, fôram, de prompto tão esquecidas e desprestigiadas, que o proprio que se dizia mandatario da soberania nacional, apenas hesitou momentos em beijar respeitosamente a dextra real.

Os constitucionaes, que haviam levado a cegueira ao ponto de imporem ao rei condições tocantes á sua pessoa e a seu sequito, e lhe determinavam juramento e outras ceremonias de respeito e subordinação á carta que haviam fabricado, colheram apenas humilhações, e viram baquear prompta e ridiculamente o edificio architectado com suas utopias.

Porém se a partida estava n'essa occasião perdida para os adeptos da nova escola, a semente da discordia ficava, por desgraça, lançada á terra, e devia fructificar.

Nos acontecimentos que acabamos de narrar tão succintamente, está o germen de quantos males tem passado esta desventurada nação; nas côrtes de Cadix, está a primeira palavra das desordens da actualidade, a origem e o exemplo dos modernos tumultos, a iniciativa das perseguições politicas, emfim a causa da existencia atormentada que a Hespanha tem tido em um seculo que para as outras nações, a bem dizer, é um periodo de prosperidade.

XXVIII

1814—1823

Reinado de Fernando VII—sua feição reaccionaria—mau governo—desaire da Hespanha no Congresso de Vienna—descontentamento geral—revolução liberal de 1820—precaria posição do rei—juramento da constituição de 1812—politica violenta dos partidos—sociedades secretas—sua importancia—seus escandalos—sociedades communistas—reformas—extincção das ordens religiosas—resistencia da corôa—expediente do ministerio—o rei demitte os ministros—parcialidade das côrtes—opposição systematica e tumultuosa ao novo gabinete—enceta-se a luta com o throno—horriveis demasias da guerra civil—excessos de ambos os partidos—medonha anarchia—intervenção da França—resistencia dos constitucionaes-desthronamento de Fernando VII—ultimos momentos da revolução—restabelece-se a ordem—extincção do Santo-Officio.

O reinado de Fernando VII tem grande importancia historica. É o periodo em que se encetou, como acabamos de ver, a luta entre o throno e a democracia; luta pertinaz, que ainda dura com toda a sua impetuosidade, e que se accentua mais em Hespanha de que em qualquer outra parte.

Do occorrido entre os hespanhoes desde o regresso de Fernando VII até hoje, tira-se muita lição; a Portugal, mais do que a qualquer outro Estado interessa a noticia de taes acontecimentos e temos, que mal avisa-

dos andamos, em conhecer tão pouco as coisas de Hespanha.

Por isso, procuraremos narrar com certo detalhe, quanto toca á historia dos ultimos annos, abstendo-nos o mais possivel de apreciações, que por terem muito de contemporaneas, podem ser descortezes, quando não sejam aventurosas e inopportunas.

Como era natural, Fernando VII presenciara com desagrado, que durante a sua ausencia uma parcialidade politica disposesse da soberania, elaborasse um codigo fundamental, mudasse emfim a face das coisas, tendo em pouco as tradições, desattendendo os direitos, as regalias, e até mesmo a pessoa do rei.

Quando pois, no seu regresso, se viu festejado, querido, acclamado espontaneamente rei absoluto; quando recebeu a homenagem e o servilismo das turbas, e presenciou o menospreço em que o povo tinha a constituição, entrou em plena reacção, deu largas ao despeito, e dissolvendo as côrtes, encarcerando promptamente aos mais notaveis liberaes, annulou o novo codigo.

O povo applaudiu, arrancando tumultuosamente a lapide da Constituição, e as estatuas, que symbolisavam a Liberdade, a Independencia e a Justiça. Saqueou o edificio da representação nacional, perseguiu a seus proprios mandatarios, e com a mais estupida versatilidade, ajudou a demolir a sua soberania, que pouco tempo antes exaltara, em ruidosos berreiros.

Infelizmente, o desatino, antigo privilegio das multidões, alcançou os altos poderes do Estado.

O governo de Fernando VII, que, se fôra intelligente e cordato, salvára a Hespanha da anarchia que a devora, tornou-se prejudicial e odioso, cedendo a desastrosas inspirações.

Os maus conselheiros, os fanaticos da politica e da religião, propagaram idéas extremas, tão censuraveis, como os excessos da escola democratica.

A imprensa absolutista, violenta e desbocada, incorreu nas mesmas demasias que tanto afearam este poder, na época da revolução liberal.

A perseguição por principios, e opiniões, não se contentou em atacar aos inimigos da monarchia tradicional com assuadas, insultos, destituições; não lhe bastou castigal-os com a prisão e o exilio; decretou a pena de morte por delictos politicos: legislação repugnante de que tanto se abusou depois.

O rei, singularmente inconsiderado, tratava os negocios publicos, mais segundo seus caprichos, e a vontade de seus amigos intimos, do que na conformidade da boa politica, e em concordancia com a opinião dos ministros. Acontecia mesmo com frequencia, que os decretos firmados com assistencia ministerial, appareciam derrogados no dia seguinte, por determinação posterior, de El-Rei, o que muito surprehendia os secretarios d'estado.

Não havia estabilidade alguma nas coisas do governo, mudando-se os ministros sem causa politica, nomeando-se para os substituir verdadeiros adventicios, ou intrigantes encartados. Houve ministros que tiveram a pasta por quarenta e oito horas, e ainda foi tempo de mais para o que valiam.

Tudo dependia de alguns validos, na verdade pouco escolhidos, e que se reuniam em Palacio na antecamara; donde lhes veio o nome de *camarilha*, de que tanto se tem usado e abusado, entre nós.

Eram principaes n'esta regencia cazeira, D. Antonio Ugarte, antigo moço de fretes, D. Luzano de Torres, que de vendedor de chocolate em Cadix chegára a ministro da Graça e Justiça; e o celebre Chamorro, arremedo de Truão, antigo aguadeiro, que se habilitára com os dichotes de chafariz, a gozar a mais intima privança, dispensando importantes mercês, e intervindo pouco a proposito nas graves questões do Estado.

É claro que tal systema não podia colher, na situação difficil em que se achava a causa publica.

Com effeito, a Hespanha, desattendida no congresso de Vienna, desconceituada aos olhos da Europa, arruinada na fazenda, sem crédito, nem administração, sentia-se miseravel e humilhada.

O descontentamento tornara-se geral; o povo lastimava o sangue que vertera pela dynastia, e attendia á propaganda revolucionaria. Homens de todas as classes, nobres e plebeus, militares, empregados, negociantes, acudiam a filiar-se nas sociedades secretas que os liberaes constituiam em larga escalla; o rei bem depressa se achou só e indefezo, em face da desforra que tomava a democracia.

A revolução de 1820 desenvolveu-se, rapida, fogosa, enthusiastica; restaurou a constituição de 1812, restabeleceu as refórmas que a reacção suspendêra. O povo amotinado, e novamente perdido de amores por sua soberania, assaltou os paços reaes, obrigando o monarcha a jurar o codigo que abolira, e a acceitar para ministros, aquelles a quem encarcerara, e que do presidio passaram sem transição para os concelhos da corôa.

Fernando VII, que era dotado de rara flexibilidade, e primava em apparencias, acceitou o jugo das circumstancias, com tão digna sinceradade, tão expansiva e nobremente, que as multidões enthusiasmadas, ergueram clamores de alegria, e a ceremonia do juramento da constituição teve as proporções de uma grande e bella solemnidade nacional.

O regosijo teve curta duração: nem se rebuçaram por muito tempo os sentimentos intimos do monarcha, nem se fizeram esperar os abusos, as impaciencias das parcialidades liberaes, denunciando perigos terriveis e imminentes.

Arguelles, Perez de Castro, Canga Arguelles, Porcel,

Garcia Herreros, Valdés, primeiros ministros constitucionaes, eram homens de boa fé e sinceramente devotados aos principios que serviam; mas faltos de senso politico, nem se houveram bem com o soberano, nem conseguiram ordenar a revolução, robustecendo-a contra a demagogia, que se agitava nas camadas mais afastadas da população liberal.

As sociedades secretas. numerosas e atrevidas, envolveram-se mais do que convinha na situação.

Á sombra d'essa milicia das trêvas, vieram ao parlamento muitos homens exaltados, sem conhecimento, nem habito da vida politica, e antes delegados da maçonaria, do que legitimos representantes do povo. Os congressos, que de necessidade deviam ser ordeiros, instruidos, dotados de muito tacto e sangue frio, succederam-se pelo contrario em cada eleição mais arrebatados, desorganisadores, odientos, e indomaveis.

As sociedades patrioticas que traduziam publicamente no recinto dos cafés e das tertulias, as opiniões e os instinctos das lojas maçonicas, discutiam theorias arrojadas, levantavam sem commedimento questões melindrosas, ingeriam-se por todos os modos na governação, que empeciam e desnorteavam com extrema facilidade.

Os intrigantes exploravam a seu bello prazer estas reuniões, de sua naturesa tão impressionaveis, e faziam muitas vezes legalisar com apparencias de opinião publica, actos da mair revoltante immoralidade. Era frequente que os improvisados tribunos d'estas sociedades alcançassem empregos consideraveis, denunciando como reaccionarios ou deshonestos, aquelles que os serviam, e cuja substituição era imposta aos ministros, por uma especie de suffragio popular. Desgraçavam-se assim os mais dignos funccionarios, em proveito exclusivo de bandalhos, sem honra nem sciencia.

Estas tertulias, tão violentas e agitadoras, como os

afamados clubs da revolução franceza, foram, ainda assim, distanciadas, e tidas por moderadas, pelos exaltados, que não tardaram em organisar sociedades de communistas onde se prégavam as doutrinas subversivas do socialismo. Para estes centros afluiam multidões ardentes e decididas, que contavam muitas e gentis mulheres, adeptas joviaes e engraçadas, d'esses partidos destruidores e sanguinarios.

Romero Alpoente, Moreno Guerra, Calatrava, Garcia Page, Perez Estrada, Alcalá Galiano, San Miguel, Gallardo, Gerostiza, eram os principaes directores, e tribunos, da escola, que pretende pôr o mundo á disposição dos quasi ignorantes.

Quem estiver familiarisado com a historia das revoluções, e conhecer a indole dos movimentos populares, comprehende bem quanto se deviam precipitar os successos em meio de taes elementos.

A constituição depressa foi letra morta; a impaciencia dos partidos acarretava o tumulto e a desordem; a desorganisação tornou-se profunda e irremediavel.

As côrtes, que obedeciam ás inspirações apaixonadas das sociedades secretas, desatinavam constantemente, e tornavam impossivel qualquer governo sério.

O edificio das velhas instituições era destruido sem misericordia, esquecendo-se imprudentemente os interesses, as sympathias, os habitos, que ligavam a maioria da sociedade a esse passado, que lhe déra recursos, honras e primazias.

O despeito, e o medo dos excessos, organisaram a resistencia; a Hespanha apercebeu-se por toda a parte para a guerra civil.

O rei no uso de seus direitos constitucionaes, recusou sanccionar a extincção das ordens religiosas, medida impopular, mas que era tenazmente exigida pelas côrtes, e pelas tertulias, onde tinha as sympathias dos muitos que cubiçavam os bens do clero.

Os ministros, dominados pelos partidos extremos, a quem não podiam, ou não sabiam resistir, insistiram, e não duvidaram enganar o rei, atribuindo proporções terriveis a alguns motins de fabrica-propria, em pró da suppressão dos conventos. Arrancáram assim pelo terror o decreto que a consciencia recusára.

Conhecida a burla, o monarcha accusou inesperada e violentamente o ministerio, em pleno congresso, e demittiu-o; as côrtes porém, votaram um subsidio aos ministros demittidos, e fazendo opposição systematica ao novo gabinete, lançaram a luva contra a corôa.*

Estava determinada a luta; foi terrivel e devastadora. Tanto as guerrilhas absolutistas como as forças constitucionaes, percorriam as provincias, saqueavam as cidades, batiam-se por toda a parte, não deixando tranquillos nem sequer os humildes logarejos da serra.

A população, entregue toda inteira a odios profundos, agredia-se sem treguas até no centro das povoações. Os mais antigos e cordeaes visinhos, arrancavam da faca uns para os outros, e não era raro, que morte de homem, lançasse á desunião no seio da familia.

Esquecidos de sua amorosa missão, prégavam os padres, no pulpito, o exterminio dos liberaes. Os monges faziam fogo das janellas dos conventos, e outros, sobraçando o habito, sahiam a combater. Por sua parte os liberaes, arrombavam as portas das prisões, e ali assassinavam victimas inermes, recordando as matanças da revolução franceza: levavam arbitrariamente ao cadafalso os homens mais distinctos do partido monarchico, outras vezes, emulos de Carrier, parodiavam na Corunha os horrores de Nantes, afogando prezos e enfeixados quantos preferiam o antigo regimen. Nem ás povoações perdoavam: as que eram desaffectas ao novo estado de coisas, saqueadas, arrasadas, inteiramente destruidas, desappareciam dos campos; e os poucos habitantes que escapavam á furia da soldades-

cà, arremeçados para bem longe, iam carpir para terra estranha a ruina de seus lares. O general Mina não duvidou escrever em um d'esses mizeros povoados:— *Aqui existio Castelfollit: povos, attendei ao exemplo. não abrigueis os inimigos da liberdade.*

Ás portas do paço, nas praças de Madrid correu sangue a jorros; e quando desbaratada a guarda real se declarou a victoria pelos constitucionaes, esses homens que nem todos acatavam a Egreja e a religião de Christo, levantaram um altar na *Plaza Mayor* e deram graças a Deus.

O Rei foi n'esta occasião obrigado para salvar a vida e a corôa, a abraçar o general Riego, cabeça visivel da revolta; homem vaidoso e fanfarrão, que dominava o paiz e presidia á representação nacional, pelo unico motivo de ser o idolo da populaça a qual, seja dito entre parenthesis, mais tarde, o apupou sem dó, quando o viu pendente da forca expiatoria.

O congresso legalisava a desordem, pois declarava benemeritos da patria os assassinos, aconselhava a indisciplina no exercito, a desobediencia ás auctoridades, e accolhia a homenagem da espada revolucionaria de Riego, com as mesmas honrarias que dispensara ás bandeiras, arrancadas ao inimigo, nos recontros de Bailen.

Commoveu-se a Europa com este medonho espectaculo de anarchia; a França, receiosa do contagio, entreveio, e por certo o proprio Fernando VII negociou secretamente para que o libertassem d'aquelles que lhe atiravam com pedras, e lama, e o ameaçavam com pouco rebuço de trilhar a via dolorosa percorrida pelo desgraçado Luiz XVI.

Cem mil homens, commandados pelo duque de Angouleme, passaram a fronteira; e tão desgraçada estava a Hespanha, que acolheu como salvadores os mesmos a quem ha pouco combatera como inimigos.

Nos seus ultimos arrancos, o governo constituido, obrigou o monarcha a abandonar Madrid. Refugiou-se com elle, primeiro em Sevilha, depois em Cadix, protestou nobre mas inutilmente contra a intervenção, tentou debalde combater o exercito inimigo, e quando o soberano recusou com energia legalisar a opposição, a assembléa, n'um impeto de raiva, declarou-o demente e votou a destituição.

Não obstante a actividade, a energia e a firmeza, incontestaveis, dos principaes partidarios da constituição, o descredito anniquilava os novos principios. A revolução acabou desordenada e enfraquecida, dentro dos muros de Cadix, e a ordem dominou novamente em Hespanha; mas desgraçadamente por pouco tempo.

No meio d'estas tremendas convulsões desappareceu o odioso Tribunal da Inquizição: foi o maior serviço real, prestado á sociedade pelo partido liberal d'esse tempo.

XXIX

1823—1833

Regresso triumphal de Fernando VII a Madrid—terrivel reacção absolutista—censura das côrtes estrangeiras—notificações do imperador da Russia—modificações no governo—politica conciliadora de Fernando VII nos ultimos annos do seu reinado—questão de successão—origem dos partidos *carlista e christino.*

Fernando VII regressou a Madrid tão festejado como na volta de Valença; do mesmo modo arcos de triumpho, muzicas, salvas e alegrias; o povo enthusiasta, corria em tropel a exaltar o monarcha, esquecendo que ha pouco o apedrejára; e entre os fanaticos que se disputavam a honra insigne de puxar aos tirantes das suas equipagens, poderia o soberano reconhecer as caras patibulares de alguns tratantes que em tempo lhe haviam invadido o alcaçar, com intentos que por certo não eram amigaveis.

Exige a verdade historica, que se diga quanto a reacção absolutista de 1823, rivalisou em violencias com a revolução liberal que acabava de dominar.

As perseguições não tinham limite: o pulpito foi tão indignamente polluido com predicas extreminadoras, que o governador ecclesiastico da diocese de Barcelona,

dizia amargamente em uma circular ao clero: — *Tem sido profanada a cadeira do Espirito Santo com expressões vis, incitando o odio e a vingança.*

A imprensa, sanguinaria e intrigante, revestia as fórmas das mais exaltadas gazetas communistas, e *Restaurador* não duvidava aconselhar o exterminio dos liberaes até á *quarta geração*; gentilezas que mereceram a seu redactor, fr. Manuel Martinez, ser apresentado para o bispado de Malaga.

Não tinham treguas as represalias; qualquer leve suspeita de liberalismo motivava vexames, castigos, indignas extorsões.

Nas regiões officiaes, decretava-se o exilio para classes, e para familias inteiras. A forca tornára-se permanente. O mais futil pretexto, uma fita verde, um dito casual, uma lagrima por um amigo auzente, um acto de pura caridade, coisas sem significação, sem alcance politico, davam materia a processo summario, e ameaçavam de perto a vida.

O escarneo adubava as mais vis desforras, era frequente que passeassem os liberaes a cavallo em burros, ou com um chocalho ao pescoço; arrancavam-se as barbas aos que haviam servido na milicia nacional, e nem sequer se poupavam as mulheres: muitas, tosqueadas, e enfeitadas ridiculamente, deram amplo pasto á irrisão publica, em penitencia de suas crenças politicas.

O rei condescendia demaziadamente com as exigencias de seus partidarios, arriscando assim a sua situação, sempre mais ou menos aggredida pelos liberaes, e desprestigiando o governo aos olhos da Europa que, magoada, via comprometter o principio monarchico com desvarios sanguinarios sómente proprios da decantada soberania popular.

O proprio Czar, representante das mais puras tradições do despotismo, representou energicamente contra

a feição que tomavam as coisas de Hespanha, aconselhando da maneira mais terminante, a cessação d'um systema tão exageradamente aggressivo.

Entretanto, pouco a pouco, amenisaram-se as feições duras e ferozes da governação; e um regimen moderado, conciliador, trouxe as mais beneficas modificações ao viver politico e social da Hespanha.

Fernando VII, nos ultimos annos do reinado, distinguiu-se por excellentes dotes, e conseguiu recordar os tempos prosperos, a administração honrosa e florescente de Carlos III.

Os intransigentes da monarchia tradicional, que tambem os ha, e da peior especie, despeitaram-se com a politica conciliadora da corôa, e implantando a desunião entre os realistas, levantaram os pendões da revolta na Catalunha.

Mas o rei achou d'esta vez a energia necessaria, e corrigindo prompta e completamente os dissidentes, continua, auxiliado por Balesteros, Zea, Ofalia, Zembrano, e outros ministros, ou altos funccionarios, no caminho acertado que encetára, logrando, não sem trabalho, restaurar o crédito, augmentar a fazenda publica, organisar a administração, e restituir ao Estado grande parte da sua importancia e luzimento.

Não poude porém obstar à perda das colonias, para cuja emancipação concorreram mais do que tudo as turbulencias partidárias, e a politica desatinada dos diversos corpos legislativos.

Do immenso poder colonial dos hespanhoes, ficaram apenas os escassos restos que hoje possuem, e entre os quaes avulta Cuba, que alias, tende a cada momento para a emancipação.

Um acontecimento accidental veio porém despertar novas turbulencias, e dispôr a guerra civil.

Fernando VII, por morte da rainha D. Amalia, casou com D. Maria Christina de Bourbon.

A probabilidade de descendencia levantou a questão de successão, que se funda como é sabido na adopção da *lei salica* que Filippe III estabeleu, e Carlos IV derrogára, sem comtudo publicar a pragmatica.

O nascimento da princesa D. Izabel veio estabelecer positivamente a contenda do direito com D. Carlos, irmão d'el-rei e legitimo successor, vigorisando a pragmatica de Filippe V, como pretendem seus partidarios.

O principe tinha grande partido e devia naturalmente predominar, sobre a rainha mãe, mal conceituada de muito e debilmente appoiada em um monarcha enfermo, vacilante, fraco de caracter, e no escasso prestigio de duas filhas ainda nas fachas infantis.

Mas á causa legitimista, ligava-se a causa politica; os partidarios da extrema reacção, aquelles que haviam commovido a Hespanha e a Europa com suas demasias, estavam n'esses arraiaes, e amedrontavam.

Esta circumstancia foi o verdadeiro prejuizo do pretendente, a questão dynastica teria certamente tomado pouco vulto, as intrigas palacianas bastavam para a resolver: mas a lembrança de recentes aggravos, a recordação fresca dos males que a intransigencia absolutista accarretára, lançaram no partido da rainha os realistas moderados, que então dispunham do poder, e os constitucionaes, que da tolerancia esperavam o triumpho da sua causa.

As intrigas, as combinações politicas, estabeleceram uma vida immensa e agitada, em que se debatiam multiplicados interesses.

Fernando VII, que parecia fatalmente destinado á existencia tumultuosa das commoções politicas, viu o seu leito de dores rodeado de exigencias, da empenhos e de ameaças, e se existe essa mysteriosa lucidez dos moribundos, grandes dôres lhe amarguraram as ultimas horas.

A rainha Christina, a quem o estado do soberano dava o governo de facto, lançou-se imprudentemente, pela necessidade de ter parciaes, nos braços da escola liberal, e devia antever que seus adeptos devorariam um dia o poder a quem serviam.

O reconhecimento das princesa da Asturias, feito com desusado esplendor, agrupou em roda do throno muitos grandes, altos funccionarios, uma formosa pleiade de homens illustres, por nascimento ou por sabedoria, que prestaram homenagem á futura Izabel II.

Porém D. Carlos, retirado em Portugal, recusou-se a prestar juramento, enviando ao rei o seguinte protesto, realmente notavel por sua energica e digna concisão:

«Senhor:—Eu Carlos Maria Isidro de Borbon e Bor«bon, infante d'Hespanha—achando-me bem convencido «dos legitimos direitos que me assistem á corôa d'Hes«panha, sempre que V. M. não deixe filho varão, digo: «que nem minha consciencia, nem minha honra me «permittem jurar nem reconhecer outros direitos, e as«sim o declaro. Palacio do Ramalhão, 29 d'abril de «1833. Senhor A. L. R. P. de V. M. Seu mais affei«çoado irmão e fiel vassallo, o infante D. Carlos.»

Esta declaração formal, feita por um principe que todos conheciam homem de recta consciencia, de firme e honrado caracter, não podia ter os effeitos transitorios, peculiares aos protestos e profissões de fé dos simples ambiciosos.

Ella firmou com effeito e para sempre o crédo do partido legitimista hespanhol, e ao fallecer Fernando VII, a Hespanha ficou irremediavelmente dividida entre *carlistas e christinos*.

XXX

1833—1840

Regencia da Rainha Christina—estado politico d'Hespanha—partido *carlista*—guerra civil—operações militares—victorias dos *carlistas* e *christinos*—cercos de Bilbau—convenio de Vergara —negociações que o precederam —resistencia de Cabrera —caracter sanguinario da guerra—excessos de ambos os partidos.

Contamos a regencia da rainha Christina como um dos periodos mais desgraçados da historia de Hespanha.

A guerra de successão, potente, terrivel, pertinaz, abrange sete annos de lucta, rega de sangue a metade da patria, impõe sacrificios immensos que nunca tiveram compensação.

Os partidos liberaes para quem a questão de legitimidade era mero expediente, agrediam sem cessar a realeza, e inimigos pouco escrupulosos exploravam sem pejo, nem consciencia, as horas de agonia, em proveito de seus interesses, atraiçoando a dynastia que n'elles se confiara.

Assim os direitos da sr.ª D. Izabel II, tão rudemente combatidos pelos inimigos, como pelos parciaes, só foram disfructados á custa de muitas vidas, a troco de muitas vergonhas. A ultima rainha de Hespanha pode dizer-

se que subiu ao throno por cima de montões de cadaveres, maculadas as augustas vestes, com o sangue dos mais fieis vassallos.

A guerra civil tomou desde logo as mais serias proporções. Os partidarios de D. Carlos, numerosos e convictos, tardaram pouco em ser formidaveis.

O grito levantado em Biscaia, Alava, e Guipuscoa, repetiu-se logo nas brenhas da Navarra, e transmitiu-se a Aragão, e parte de Catalunha: o levantamento era rapido e espontaneo, todos corriam ás armas; até das povoações mais reconditas, dos mais escondidos cazaes, sahia em chusma a mocidade a dar a vida pela causa *carlista*.

Muitos fidalgos da mais velha linhagem, muitos prelados e monges, os mesmos curas, companheiros, e amigos do povo, affluiam para os arraiaes do Infante, levando apoz si legiões inteiras, que se animavam com os impulsos arrebatados da fé e da tradição.

Os batalhões organisaram-se promptamente; modelos de disciplina, distinctos pelas mais raras qualidades militares. Os soldados carlistas, valentes, ousados, soffredores, resumiam em si quanto houvera de grande nos velhos terços de Italia, e da Flaudres, quanto houvera de bello nos heroicos guerrilheiros das campanhas da independencia.

No seio d'essas legiões formaram-se dois grandes Capitães, Zumalacarregui, e Cabrera.

Com taes homens, a lucta tomou proporções gigantescas, pelejaram-se terriveis batalhas, consumaram-se ousadas emprezas, praticaram-se prodigios de actividade, de dedicação e de coragem; alçou-se emfim um movimento immenso, ordenado, quasi irresistivel, que por muitos annos não teve igual na historia das guerras civis.

Contra estas legiões vieram quebrar-se o esforço, a sciencia, e a valentia dos melhores generaes *christinos*:

Mina, Valdés, Rodil, Cordova Espartero, Pardiñas, Narvaez, alcançaram por vezes brilhantes victorias, mas não conseguiram subjugar a revolução legitimista.

As forças de D. Carlos, quando a sorte das armas lhe era adversa, acolhiam-se ás suas fortalezas, ás brenhas inaccessiveis das Amescuas, ás montanhas do Maestrazgo, e uma vez refeitas, medradas, inteiramente reconstituidas, voltavam com a mais rara preserverança a obrar novas proezas.

Foram muitos os dias de gloria para os exercitos *carlistas*.

Na Alegria, e junto a Vergara, deu Zumalacarregui duas terriveis batalhas, em que as tropas liberaes deixaram no campo seus melhores soldados, perderam bandeiras, canhões, equipagens, e milhares de prisioneiros.

Uma expedição aventurosa de Valdés, ao seio das Amescuas, converteu-se em tremendo desastre: os batalhões christinos, atacados de improviso, envolvidos, precipitados, de barranco em barranco, arrojados para profundos e tenebrosos vales, esmagados por todos os lados, foram expulsos d'aquellas paragens inhospitaleiras, retirando cruelmente desimados, cheios de panico, inteiramente perdidos, sem attenderem a seus chefes, esquecendo os mais sagrados deveres de um soldado.

Houve comtudo horas amargas, revezes tremendos. A acção de Mendigorria, escreveu uma data funebre nas chronicas da causa legitimista. Cordova derrotara n'esse dia as melhores tropas de D. Carlos.

Bilbau, que em principio servira aquella causa, foi depois uma estancia fatal; cercado duas vezes, fez sempre uma resistencia heroica, baldou os mais supremos esforços. Diante de suas muralhas morreu o grande Zumalacarregui, desastre immenso que fez levantar o primeiro cerco, e que paralisou por muito tempo as operações; perda irreparavel, que Cabrera não conseguiu

resarcir, e que contém em si os principios de decadencia da causa legitimista, n'essa epoca.

Um combate terrivel cuja memoria dolorosa revive nas tradições de ambos os partidos, obrigou a levantar o segundo cerco.

A situação de Bilbau era desesperada; seus defensores dizimados, cheios de fome, e de cansaço; feridos os chefes, só tinham esperança de soccorro estranho.

Muitas vezes o tentara Espartero, mas nunca conseguira forçar as posições *carlistas*, excellentes, e defendidas com extremada coragem pelos soldados de Villarreal.

Os apuros dos sitiados exigiam o ultimo esforço por parte d'aquelles que tinham a missão de os soccorrer.

O general Oráa, batera-se a todo o trance durante a tarde de 24 de dezembro, para restabelecer *a ponte de Luckana*, e abrir passagem para o outro lado da ria, afim de se emprehender um ataque geral e decisivo.

Ao cerrar da noite, o terreno estava coberto de cadaveres, mas os christinos tinham tomado a ponte, e restabelecido as communicações.

Desencadeara-se uma tempestade horrorosa, e tal, que a mais robusta memoria de homem não lembrava outra similhante. Além das chuvas torrenciaes, da impetuosidade dos ventos, e das saraivadas, desenvolvera-se um frio tão intenso, que as armas cahiam das mãos dos soldados, a neve estendera um amplo sudario por cima do campo de batalha, e as tropas, surprehendidas nas suas posições por aquella noute de trevas e horrores, conservavam-se lugubres e silenciosas, quasi desanimadas, em dolorosa e intima agonia.

Espartero, prostrado pela doença, resignara momentaneamente o commando; mas vendo que a desmoralisação ameaçava de perto as suas tropas, abandonou a cama, em arranco de suprema coragem, e dirigindo-se ao

campo, ordenou o ataque no meio dos fragores d'aquella noute sem par.

Era a hora abençoada em que nasceu o Redemptor, quando os clarins chamaram para a matança, e os homens, a quem Christo fizera irmãos, se arremeteram como se as furias do temporal lhe revolvessem o sangue, escaldado por odios e rancores do inferno.

Dizer o que se passou nas altas horas d'essa noute de sacrilegio, não é para a palavra de homens.

Ao amanhecer viam-se os cadaveres amontuados por toda a parte, as armas perdidas, o terreno demudado, escavado, subevertido, a brancura da neve demuda com a cor do sangue, vestigio do raio, do furacão, do furor dos homèns, um quadro sinistro e tremendo, que não pode ter nome nem pintor.

Para alem das cumiadas retiravam os *carlistas*, completamente derrotados, havendo perdido milhares de homens, uma poderosa artilheria, as suas bandeiras, as suas munições e bagagens, todos os atavios e riquezas de um numeroso e luzido exercito.

Para Bilbau caminhavam os vencedores, silenciosos e tristes por aquella victoria, que não tivera nem hymnos, nem alegrias, nem esplendores.

Apezar d'este gravissimo desastre, os *carlistas* emprehenderam a guerra com tantas vantagens, que chegaram á vista de Madrid, onde os partidos liberaes, esquecidas suas rivalidades, se uniram para lhe resistir.

Sustentaram campanhas nas mais importantes provincias de Hespanha, e os successos repetidos de Espartero, e de Narvaez, não contendo triumpho algum de importancia, reanimavam o exercito *christino*, mas não estabeleciam a predominancia e o estabelecimento do regimem liberal.

Ia porém larga e prolongada a guerra; muitos, desanimados em um e outro campo, entendiam que á força de armas se não poderia unificar a Hespanha, quer

no sentido absolutista, representado por D. Carlos, quer no sentido liberal, adoptado pela regencia.

Desde o segundo cerco de Bilbau, lavrava a discordia entre os legitimistas, querendo uns, e talvez com razão, sustentar-se a todo o trance, pretendendo outros chegar a um convenio; que unisse os dois partidos com os laços de uma transacção dynastica e politica. Alguns documentos provam que a corte de França era affeiçoada a esta solução, tendo por base o cazamento da rainha Izabel, com o filho primogenito de D. Carlos, e a outhorga de uma constituição mais ou menos liberal.

O governo da Rainha aproveitou habilmente as circumstancias; mandou emissarios secretos á corte de D. Carlos, e entre elles D. Eugenio Aviraneta, habilissimo intrigante que teceu miuda rede, e teve o pouco invejavel merito de desunir inteiramente os parciaes da legitimidade.

Maroto, que uma inspiração desgraçada chamara ao *commando em chefe*, atraiçoou a causa que servia, preparando e assignando a paz em condições desvantajosas para D. Carlos, e que as circumstancias por certo não impunham.

É realmente extraordinario o cynismo d'este general, que não duvidou empregar os meios mais repugnantes para aniquillar o exercito que tinha a honra de commandar.

Levantaram-se contra elle os mais fieis partidarios de D. Carlos, que não podiam ver destruir por meios taes, uma causa tão brilhantemente sustentada no campo da honra.

O general em chefe, sabedor da conjuração, mandou-os prender e fuzilar em Estella, desattendendo as supplicas e mesmo as ameaças de seu rei.

É medonha na sua simplicidade a participação que faz de um acto tão violento, «É o caso Senhor, que «mandei passar pelas armas os generaes Guergué, Gar-

«cia, e Sanz, o brigadeiro Carmona e o intendente Ur-«riz; e que estou resolvido pela comprovação de um «attentado sedicioso, a fazer o mesmo com varios, cuja «captura procurarei sem consideração a foros nem dis-«tinções.»

Assim, morte ignominiosa afastava para sempre os servidores fieis; assim, os soldados convertidos em carrascos, desbravavam o caminho da paz que o general negociava a occultas com os agentes do governo liberal e os mandatarios de Inglaterra, amiga e protectora da causa *christina*.

O exercito, paralisado pela inercia, comprommettido em operações inconvenientes, era victima da deslealdade do quartel general. Em Ramoles e Guardamino, bateram-se ainda a todo o trance as tropas legitimistas contra as forças de Espartero. Foi dia de grandes feitos, lucta de heroes em que *carlistas* e *christinos* rivalisaram em coragem e abnegação. Maroto, acampado com numerosas forças, no vale de Carranza, presenciou impassivel e de armas ensarilhadas, a matança dos seus, e a perda da batalha, que teria sido gloriosa e talvez decisiva para a causa de D. Carlos, se o general houvera cumprido o seu dever.

N'esta circumstancia, espalhada a confusão e a desordem nas tropas, levantaram-se umas contra Maroto, seguiram-no outras, que abertamente desattendiam ao rei.

Assim extremamente divididos, os *carlistas* perdiam a unidade da acção e fraquejavam na resistencia.

Urbistondo, Simon Latorre, Lardizabal Iturbe com os biscainhos, os guipuzcoanos e uma parte dos alavezes, queriam a paz, seduzidos por promessas de privilegios e honras. Os navarros, pelo contrario, recusavam-se a transigir, seguindo Elio, Zariategui, e outros generaes que se oppunham tenazmente aos planos de Maroto.

No meio d'esta conflagração, teve o general em chefe um momento singular de arrependimento; ou porque

obedecesse á voz da consciencia, ou porque se despeitasse com seus amigos, nas secretas tramas.

Apresentando-se ao rei em Elgueta, disse-lhe: «Prostrando-me aos reaes pés de V. M. como pratico em nome de todos que me acompanham, somente me atreverei á dizer a V. M. que nunca é mais grande um rei do que quando perdoa as faltas de seus vassallos.»

É a confissão tacita de suas infamias. Nunca os volumosos escriptos, que se traçaram depois em sua defeza, poderam destruir a terrivel verdade que se encerra n'estas poucas palavras.

D. Carlos, valente e honrado, mas apoucado politico, não soube tirar o partido que convinha da posição em que o general se collocara, e que podia ter mudado inteiramente a face das cousas. Limitou-se a ordenar-lhe que sahissé para o estrangeiro: e como Maroto tivesse o sentimento intimo de seus meritos, temeu alguma emboscada, e de medo desobedeceu a El-Rei francamente lançando-se na rebelião.

Depois de algumas conferencias com Espartero, firmou-se o celebre convenio de Vergara em cuja condições se estipulavam vantagens e franquias para o exercito, desattendendo inteiramente a causa de D. Carlos, e não se fazendo menção alguma de sua real pessoa.

A convenção não se ajustou com assentimento geral, nem trouxe a ceçassão immediata das hostilidades.

Muitas das tropas carlistas relutaram: só a grande custo e muito risco lograram seus chefes trazel-as á obediencia, e as negociações estiveram mais de uma vez á beira de soçobrar, pelo protesto ameaçador dos melhores batalhões.

Não alcançára a má fé aquelles homens sinceros, que se moviam por convicções profundas e entranhadas sympathias; não se vende quem espontaneamente e sem reserva faz o sacrificio da vida e dos haveres, quem durante annos abandona o amado lar para servir uma

causa pobre, quem apenas da gloria espera galardão.

Cabrera bramiu de raiva nas agruras de Aragão; com a linguagem rude do soldado, verberou a conducta de Maroto, não reconheceu a paz, chamou a si os soldados leaes, accolheu-se ás montanhas, fortificou-se nas asperas serranias, e a sua bandeira negra tremulóu lugubre e ameaçadora nas altas torres de Morella.

Não lhe valeram porém os arrancos apaixonados, nem a bravura potente e inquebrantavel.

As tropas liberaes, todas disponiveis pela cessassão das hostilidades em Navarra, reuniram-se ao exercito do centro, habilmente organisado por Odonell, e avançaram em grandes massas, com auxilio de poderosa artilheria; era uma onda imponente e destruidora que crescia para as montanhas, que tudo abalava e destruia.

O desalento apoderou-se dos animos mais robustos. Os parciaes de D. Carlos, pela primeira vez abatidos, hesitantes, ante uma lucta de proporções legendarias e que só tinha a recompensa na posteridade, lembraram-se da lareira amiga, sorriu-lhe o remanso cazeiro, e abandonando as melhores posições, deram a Espartero victoria tão facil, que o general apenas a acreditava.

Cabrera, devorado por magua profunda, quasi perdida a vida com a derradeira esperança, passou a fronteira, reunindo-se a D. Carlos, que a traição mais do que os revezes havia levado para o exilio.

Doze mil soldados, os mais valentes e leaes, acompanharam até aos ultimos extremos de Hespanha o illustre caudilho da legitimidade; e reentrando no çazal, guardaram sempre á mão a arma predilecta, na esperança de hora mais propicia em que vingassem a sua causa addiada, mas não perdida.

E' famosa a memoria d'esta guerra: brilhante por esplendidos feitos, e nobres armas. Pena é que a verdade historica nos obrigue a contar-lhe as paginas si-

nistras e degradantes traçadas pelas paixões politicas.

Realistas e liberaes, valentes soldados no campo de batalha, convertiam-se em assassinos e devassos no intervalar dos combates.

Acabada a acção, em um e outro campo, ouviam-se descargas curtas e seccas, espaçadas, que pareciam o derradeiro gemer da luta,—era o fuzilar dos prisioneiros.

Não havia quartel, quem caia ferido era logo assassinado.

As ambulancias acolhiam os parciaes, e cerravam-se sem misericordia áquelles que por não serem da mesma communhão politica, perdiam os fóros sagrados de irmãos em Christo.

Carlistas e christinos, saqueavam, incendiavam, violavam quantos preceitos nos prescrevem a religião e a honra.

Nos arraiaes de D. Carlos, os sacerdotes não duvidavam officiar a um Deus de misericordia, com as mãos maculadas de sangue.

Entre os liberaes decretava-se o assassinato dos vencidos, organisava-se officialmente o saque, deu-se até morte ignominiosa a uma pobre velha por ser a *mãe de Cabrera*. As tropas mandadas a combater o inimigo, exercitavam as armas, fuzilando a imagem do Crucificado, despedaçando os mais augustos symbolos da religião christã, mutilando as mais venerandas imagens.

Suspenda-se a narração dos desvarios em que os de um e outro partido se deshonraram: cale-se; mas não esqueça essa época sanguinaria, e sobre os parciaes de D. Carlos fique pela força da justiça o labeo de haverem excedido, elles, os defensores da fé e da Egreja, quantos horrores praticaram os que na imprensa, no parlamento, em todos os actos da vida politica se arvoraram inimigos declarados do catholicismo.—Um dia disse Cabrera; formem-se as companhias, degolem-se

as familias dos christinos até á quarta geração; *quarenta dias de exterminio em toda a parte*.—Verdade é que lhe tinham assassinado a mãe, mas não inspira o martyr do Golgotha taes desabafos de sangue. Ninguem teve animo de executar as ordens, apesar do caudilho punir de morte a desobediencia.

XXXI

1833—1843

Regencia da rainha Christina—successos parlamentares—revoluções politicas—ataques contra a religião—matança dos frades—agressões aos ministros—o motim da Granja—Estatuto real—Constituição de 1837—revolução de Barcelona e Madrid —abdicação do regente—regencia d'Espartero—observações.

Conseguira-se dominar a guerra civil, mas não havia forças que vencessem os partidos, incessantemente hostís ao throno.

Todos os desvarios que haviam feito tristemente celebres as épocas constitucionaes do reinado de Fernando VII, foram reproduzidos, mais impetuosos e desordenados durante a regencia.

Conforme já dissemos, a necessidade de crear um partido numeroso, obrigára a rainha mãe a adoptar os principios liberaes; a realesa, assim subordinada á politica, ficou pois entregue ás contingencias d'ella, e como as opiniões se dividissem fundamente, o trato dos partidos fosse violento e apaixonado, soffreu embates terriveis, revezes e vergonhas, que a enfraqueceram e desprestigiaram.

O Estatuto Real, especie de Constituição que se promulgou, sendo menos democratica do que a de 1812,

favorecia bastante as prerogativas da corôa e dava a predominancia ao poder real, e ao elemento aristocratico.

Era um codigo, conveniente e apropriado ás circumstancias, que tanto corrigia as demasias da realesa como as dos populares.

Tão acceitavel pelos absolutistas moderados, como pelos constitucionaes, teve o applauso da politica sensata, mas levantou promptamente a opposição da intransigencia liberal,

O Estatuto estabelecia duas camaras. Na camara alta, constituida pela grandesa, pelos prelados e pelas sumidades do capital, da industria e da sciencia, correram os debates com dignidade e cordura; na camara popular acordaram logo arrebatadas, descomedidas, teimosas, as exigencias dos procuradores.

A discussão e approvação de uma *tabella* de direitos do povo, justa na essencia, mas inopportuna e agressiva na fórma, invalidou depressa o codigo outhorgado pela rainha, restaurou tacitamente os principios da constituição de Cadiz, fez um appello á revolução, e dividiu os liberaes em moderados e progressistas!

A guerra politica começou então, sem treguas, com todo o seu cortejo de infamias e violencias, com todas as suas intrigas, suas imprudencias e erros.

Como d'antes, volveram as camaras parciaes e sediciosas, as sociedades secretas, a propaganda revolucionaria, os motins, as ameaças, as assuadas, a pressão da populaça, a intervenção da milicia cidadã.

Não havia debate que fosse inteiramente livre, não se fazia refórma em que por qualquer modo não interviessem influencias extra-parlamentares.

Os ministerios succediam-se, e ainda que n'elles figurassem os chefes da opposição, eram aggredidos sem misericordia, do momento em que pretendessem ordem e moralidade; o mais illustre opposicionista, do mo-

mento em que era ministro, perdia seus antigos amigos, era apedrejado pelos mesmos que o haviam acclamado, e mostravam-lhe o punho cerrado quantos lhe haviam dado cordeaes abraços. Martinez de la Rosa, Arguelles, Alcalá Galiano, Toreno, perderam as sympathias de seus antigos parciaes d'esde que se sentaram no banco dos ministros, e se Mendizabal alcançou prestigio deveu-o a lançar-se nos braços da revolução.

Todas as causas se advogavam com violencia e arrebatamento, tudo se conquistava por meios extremos.

Se se pretendia destruir a religião, assassinavam-se os frades, saqueavam-se e incendiavam-se os conventos. Em Madrid, Saragoça, e Barcelona, foram horriveis as matanças, centenares de religiosos morreram ás mãos da canalha, alguns na cama onde gemiam dores, outros nos degraus do altar, ou abraçados á tocante imagem do Crucificado.

As authoridades presenciaram indifferentes essas scenas de sangue, de incendio e de pilhagem, algumas requintaram de hypocrisia, correndo a verificar o facto consummado, e deixando tranquillos os malfeitores.

Em pleno parlamento se desacatava a Egreja por fórma tal que aos mesmos exaltados causava tedio.

Pedia-se e approvava-se, apóz debates vigorosos, desbragados a supressão dos conventos, a abolição dos dizimos, a venda dos bens do clero em proveito dos especuladores.

Levantavam-se sem pejo as mais ousadas accusações, defendia-se publicamente o scisma, denunciavam-se os principios mais degradantes.

Garcia Blanco, clerigo, disse, pedindo a supressão dos dias santificados: «O povo não quer mais festas, a Egreja disse que jejuassem e ouvissem missa, e ninguem jejuou nem ouviu missa: abolindo os dias santos, não fazemos mais do que o povo fez, como aconteceu com os dizimos e os frades.»

Outros aconselhavam que se prescindisse da authoridade do Papa, e que os bispos eleitos se fizessem confirmar por outros prelados; Sancho, indo mais longe disse: «Se todos fossem como eu, não se necessitava esta lei; quem quizer religião que a compre, quem quizer missa que a pague.»

Muitos deputados sairam da sala, escandalisados, e recusaram votar semelhantes moções, apesar das idéas extremas que professavam. Engraçado, é, que o sr. Olozaga, em um d'estes casos saio, «no cryendo poder decir en conciencia si, ó nó!»

Se se pretendia a demissão de um ministerio, fazia-se-lhe opposição systematica nas côrtes, carregava-se-lhe a responsabilidade dos revezes na guerra civil, emquanto se lhe coarctava a acção, embaraçavam-se-lhe os meios, accusando-se tenazmente de cobardes homens em cujas mãos se puzera uma espada partida.

Se era necessario, forjavam-se representações extra-parlamentares, moviam-se assuadas, promoviam-se revoltas militares, ou mandavam-se assassinos para as portas do congresso e punha-se o punhal aos peitos dos ministros.

Quando a rainha pretendia enfrear a desordem, a licença politica, e se punha do lado dos moderados, ou dissolvendo as côrtes em appoio do ministerio, ou limittando as concessões ao que era rasoavel e prudente, via-se infalivelmente injuriada, ameaçada e aggredida por asquerosos motins, compelida a acceitar as condições da revolução e a pôr o poder real á mercê dos facciosos. A corôa não conta durante a regencia um só triumpho contra a revolução.

Em face da guerra feita ao Estatuto, pretendeu o gabinete Isturiz-Galiano implantar uma constituição, que, mais restrictiva do que o codigo em vigor, representasse uma concessão, mas menos avançada do que a de Cadix, e obstasse á anarchia.

A camara, inimiga da ordem e da legalidade, vexou grosseiramente os ministros, declarou-lhes opposição aberta e irreconciliavel, atacou sem rebuço as prerogativas da corôa, e sendo dissolvida, appellou para a revolta, combateu frente a frente com o throno.

Os partidos extremos, tomaram as armas, e investindo com a authoridade e com os poderes constituidos, regaram de sangue as ruas de Malaga, Granada, Cadix, Sevilha, Saragoça, Valencia, Barcelona, e outras estancias predilectas da democracia sanguinaria.

Quasi todas as capitaes de provincia seguiram o movimento, creando juntas revolucionarias, em opposição ao governo de Madrid, e nas quaes figuravam por desgraça muitos funccionarios e officiaes generaes, que faziam extranho uso do poder que lhes fôra confiado.

Alguns *duros* mandados para a Granja, onde então se achava a rainha, quasi desacompanhada, corromperam os soldados da guarnição, que se dirigiram para palacio commandados pelo sargento Garcia, não lhe esquecendo fazer alto em mais de uma taberna.

Aquelles avinhados representantes da soberania nacional, invadiram o paço, que guardas pouco briosos o não souberam defender, e desattendendo na rainha, foros de senhora e de mãe, estenderam-lhe com a mão calosa, uma ordem, mal disfarçada em petição e que impunha o reconhecimento do Codigo Gaditano, quer dizer que exigia a abdicação completa e já conhecida do poder real nas mãos do povo, ou antes dos espertalhões que habitualmente o dirigem.

Não é extranho que Christina, só e indefesa, assignasse: mas é digno de nota, que ninguem resistisse, que as authoridades jurassem o que lhes impuzeram, que o ministerio se dobrasse ante a escoria do exercito, que deixasse assassinar ao general Quesada, e authorisasse a viagem de SS. MM. para Madrid, no meio da escolta de tão degradadas bayonetas a cuja frente vinha um

sargento tarimbeiro, occupando o lugar de honra de um ministro da corôa.

Este facil triumpho da anarchia, ainda que incompleto, pois não chegou a vigorar a constituição proposta, teve comtudo as mais funestas consequencias; foi o iniciador dos tumultos parlamentares, das manifestações sediciosas da desordem e da corrupção que affligiram sempre o governo da rainha Christina, foi o exemplo que seguiram sem escrupulos os ambiciosos do poder militar.

Elle inspirou Espartero, quando ancioso do supremo mando auxiliou a lucta implacavel dos progressistas contra os moderados, e apóz os motins de Barcelona e Madrid, provocou a abdicação da rainha mãe, e tomou a regencia da mão dos partidos em menoscabo d'aquella que confiadamente o fizera grande e poderoso.

Assim continuou, durante a regencia da rainha Christina, a luta entre a democracia e o throno que se encetára no reinado de Fernando VII.

Assim em continuas revoltas, desorganisando a governação, empobrecendo o Estado, commovendo a sociedade, os partidos desattenderam a soberana, maguaram a mãe, esbofetearam a mulher. Christina, que acolhera os liberaes, que os chamára do exilio, que lhes fizera concessões, os cumulára de honras e dignidades, colheu tão sómente odios e vilipendios, viu-se um dia obrigada a abandonar a regencia e a partir para terra estranha, afastada por aquelles mesmos a quem servira, e em quem se confiára.

É triste dizel-o, mas obriga-nos a verdade historica: os partidos mordem quasi sempre a mão que os alimenta.

A revolta, que tirou a regencia á rainha mãe, e que tão desairosamente se caracterisa pela ingratidão, nada beneficiou.

A pouca capacidade politica d'Espartero, alimentou a desordem, e augmentou a desunião nos partidos.

O regente, em vez de se aproveitar de sua posição, e do prestigio de seu nome, para conciliar os homens e as facções, organisando um poder forte e estavel, que desbravasse á rainha Izabel o caminho do throno, entregou-se a uma parcialidade ou antes a um grupo exaltado, e governou mais segundo elle do que segundo as praxes constitucionaes, ou a opinião publica; provocou attritos, resistencias, tumultos e represalias, que motivaram a sua propria quéda e feriram profundamente os interesses do Estado.

Aggredido logo, por muitos outros generaes que pretendiam restaurar a regencia de Christina, teve, elle que tudo devia á revolução, necessidade de castigar a revolta. E em nome da ordem e da legalidade, que mais que ninguem despresára, mandou fuzilar a Borso de Carminati, ao infeliz general Leon, a Quiroga, Folgosio, Boria, Montes d'Oca, e outros, criminosos de seus mesmos delictos, seguidores de sua escola, imitadores de seus habitos desordeiros e revolucionarios.

A estes, que pretendiam restaurar o anterior estado de coisas, seguiram depressa os que, á sombra da republica, ambicionavam a anarchia.

Barcelona, que ainda ha pouco auxiliára Espartero, quando demolidor da realesa, voltava-se agora contra o mesmo general, depositario do supremo poder.

Um motim republicano e socialista, inspirado por Aldon Torrades, capitaneado por Chinchola, declarava a guerra ao general Van-Halen, nos seguintes e grotescos termos:

«Antonio; não te canses, não cederemos. Se te obstinas em hostilizar-nos, sabe que como as deres as tomaremos, e has de ter para peras—Patria e liberdade. Bernat Chinchola.»

Pela luva se conhecia a mão. Os maiores desatinos,

as maiores extorsões, pilhagem e destruição foram os caracteristicos do movimento.

O regente, forçado pela dignidade, e pelas exigencias da sua posição, viu-se constrangido a empregar a força contra os seus antigos amigos de Barcelona; a formosa e industrial cidade, foi bombardeada, a ordem restabeleceu-se, mas o general, agora mal visto pelos progressistas e de ha muito odiado pelos moderados, ficou em pozição que presagiava proxima e facil ruina.

Com effeito uma questão parlamentar, e a consequente dissolução das côrtes, provocaram a mais tremenda tempestade.

Os ministros, impostos pelo regente, foram vexados no seio do parlamento, apedrejados na rua.

Todos os partidos se congregaram, todos os generaes tomaram as armas, os povos aclamaram, a nação pronunciou-se em massa contra o dominio pessoal do regente.

Hespanha, arrebatada e melindrosa, ergueu-se inteira, ameaçadora, irresistivel, contra a dominação de um general ambicioso, contra o dominio de uma camarilha desauthorisada por precedentes pouco recommendaveis, e que parecia contar entre seus membros, homens manifestamente criminosos.

Espartero, sacudido violentamente da regencia, tomou em Cadix o caminho do exilio, victima da sorte que impuzera á rainha mãe.

XXXII

1843—1860

Governo provisorio—maioridade da rainha—toma conta do governo—ministerio Olozaga—escandalo da sua quéda—politica violenta dos partidos—escandalos parlamentares—abusos da imprensa—numerosas revoluções—progressos extraordinarios da Hespanha—relações internacionaes—expedições de Roma, de Africa, do Mexico e da Cochinchina—augmento do commercio e da industria—crédito publico.

A revolução triumphante organisou um governo provisorio constituido por Lopez, Serrano, Aylon, Frias e Fermin, Caballero.

O governo tentou a reconciliação dos partidos e a melhor organisação do Estado; mas, não conseguindo sanar as desintelligencias, que fraccionavam a familia liberal, obrigado a reprimir violentamente novas revoluções republicanas e socialistas, em Barcelona, Saragoça, Vigo e Leão, pediu ás côrtes que antecipassem a maioridade da rainha, unico meio de ter um governo estavel, e bastante authorisado, para fazer face ás difficuldades que augmentavam a cada momento.

A sr.ª D. Isabel II subiu pois ao throno, apenas sahida da infancia, e quando se prenunciavam tremendas tempestades politicas. Os acontecimentos não tardaram

a mostrar quão accidentada e violenta havia de ser a vida, que a Providencia lhe destinara.

O primeiro ministerio formado, e que era presidido pelo sr. Olozaga, representante então do partido progressista, caiu em consequencia de um grande escandalo, havendo a rainha declarado solemnemente que o presidente do conselho abusára de sua pouca idade, e a constrangera a assignar o decreto de dissolução das côrtes, por meios brutaes e violentos, improprios de um homem bem educado.

A questão debatida no parlamento deixou duvidas sobre o acontecido; e em todos os modos desprestigiou a realesa, quando ella mais carecia de authoridade.

Travados em luta os partidos, succederam-se as complicações, os incidentes parlamentares, as crises ministeriaes, os motins, as revòltas, as costumadas demasias que ha' muito sobresaltavam os animos, embaraçavam o governo, e desauthorisavam as instituições.

Subiram ao poder, pela intriga, pela força, ou pelas praxes constitucionaes, todos os representantes das parcialidades em que se dividia o grande partido monarchico liberal, e ainda alguns homens sem antecedentes politicos, trazidos ao governo por influencias puramente palacianas, ou por motivos tão intimos, que não podem caber na rasão de Estado.

Amiudaram-se assim os ministerios de variados matizes, ensaiaram-se diversos programmas, fizeram-se refórmas constitucionaes, antes aconselhadas pelas necessidades da occasião, do que pela conveniencia publica; e a vida politica de agitada, tornou-se frequentemente tumultuosa.

No seio do congresso amiudavam-se as tempestades parlamentares, as commoções violentas, os debates apaixonados, que traziam a terreno questões pessoaes e afeiavam de crimes meras inadvertencias, ou simples erros de entendimento. A impaciencia dos tribunos devassava

acções e sentimentos da vida intima, que o pudor manda afastar do trato politico; e os partidos extremos, na cegueira que habitualmente os domina, afadigavam-se em desvirtuar os homens e as instituições, e só colhiam desacreditar a representação nacional.

A imprensa, sempre que a occasião lhe deparava ensejo para liberdades, tornava-se tão licenciosa como o parlamento, atacando abertamente, e sem primores de linguagem, as refórmas que não lhe quadravam, proclamando sem reflexão arriscadas doutrinas, contando chronicas escandalosas, anecdotas apimentadas, que nem sempre eram verdadeiras, e nas quaes se tratava a soberana com a maior semceremonia, attribuindo-se-lhe habitos e inclinações que envergonhariam a mais desenvolta manola. Nas revelações parlamentares, nos jornaes e nos pamphletos, é que adquiriram celebridade o padre Claret, a soror Patrocinio e o intendente Marfori. Nós mesmos tivémos occasião de vêr caricaturas que traduziam as intimidades da vida palaciana em tom por tal modo fresco e excesssivo, que podéra repugnar á propria libertinagem.

As revoluções multiplicavam-se, affeiçoados em demazia os homens politicos a travar das armas, como argumento decisivo.

Passam de cincoenta as revoltas intentadas no reinado da sr.ª D. Isabel II, e se umas abortaram, se outras esmoreceram afogadas em sangue, bastantes triumpharam, mudando quanto se achava estabelecido, dobrando a realesa á vontade de seus chefes, impondo-lhe os seus principios e a satisfação de suas ambições. Algumas se fizeram tambem em desagravo do throno, e venceram, esmagando sem piedade os partidos, alagando em sangue as ruas de Madrid, as mais formosas cidades, os mais ridentes campos da Hespanha meridional.

Narvaez, o principal caudilho dos conservadores, o mais constante defensor da rainha, distinguiu-se por

seus extremos de repressão; e os brilhantes dotes de estadista que revelou por vezes, esquecem ante as perseguições odiosas que decretou. Hade reviver na historia durante seculos a recordação dos *fuzilamentos*, d'esses innumeros castigos de morte que derramavam a viuvez e a orfandade: recordarão sempre essas deportações que enviavam para terras inhospitaleiras milhares de familias honestas e trabalhadoras. Ninguem desconhece a intolerancia do ministro *moderado* que carregou de tons lugubres o reinado da sr.ª D. Isabel II.

O exercito tomou quasi sempre parte mais ou menos activa nas revoluções, que as mais das vezes foram mesmo exclusivamente militares. É um caracteristico que o distingue pouco airosamente; pois a força armada no resto da Europa só em rarissimas occasiões tem tomado parte na politica sediciosa: e mesmo em Portugal onde o vicio existe está ainda assim bem longe de ter as mesmas proporções.

Poucos generaes ha em Hespanha que não ganhassem, n'esta especie de campanhas, algum de seus postos, ou as suas condecorações.

Narvaez, Espartero, Ódonel, aquelles que mais influiram na politica durante este reinado, serviram-se directa ou indirectamente da revolução, sempre que lhes conveio. O fallecido general Prim foi grande revolucionario; o duque de la Torre, Concha, Pavia, quantos hoje pretendem dominar os acontecimentos, quantos exigem actualmente união, ordem e legalidade, foram revoltosos no tempo de D. Isabel e capitanearam batalhões insubordinados do exercito, que agora pretendem submisso e disciplinado.

Interessa a seguinte recapitulação que o sr. D. Fernando Garrido faz da interferencia do exercito nos acontecimentos da politica: no presente seculo, ella documenta o que acabamos de dizer n'esta materia.

«Em 1814 o general Mina tentou um movimento mi-

litar para restabelecer a constituição, que o rei acabava de supprimir: foi obrigado a emigrar para França com muitos officiaes do seu exercito.

«Pouco tempo depois os bravos generaes Lacy e Porlier, seguiam-lhe o exemplo e pagavam a derrota com a vida.

«No começo de 1820, Riego, Quiroga, Arco, Aguero, Lopez Banos, levantaram-se com alguns batalhões na provincia de Cadix; e ÓDonnell, conde de Abisbal, enviado para os combater, adheriu ao movimento em Ocana, com toda a sua divisão.

«A guarda real, levantou-se em Madrid no mez de julho de 1822 para restabelecer o despotismo.

«Em 1824, Bessieres, insurgia-se com quatro companhias contra Fernando VII, chamando-lhe franco-maçon e cumplice dos liberaes, porque não quiz restabelecer o Santo Officio.

«Valdés, Manzanares, Torrijos, Vidal, Marquez, Chapalangarra, Milans, Mina, todos chefes do exercito, e bastantes outros, provocaram insurreições durante os ultimos dez annos do reinado de Fernando VII; e á excepção dos ultimos dois, todos morreram como heroes no cadafalso, ou no campo de batalha.

«N'esta época a infanteria de marinha, de guarnição em Carraca, tambem se levantou; o governador de Cadix foi morto por um militar.

«O general D. Santos Ladron innaugurou a revolução carlista, logo depois da morte de Fernando VII, e foi fusilado; este triste fim não impediu os generaes Moreno Eguia, Jauregui, conde de Hespanha, Urbistondo, o tenente coronel Zumalacarregui, e outros, de lhe seguirem o exemplo.

«Em 1835, D. Caetano Cardero, levantava-se em Madrid com um batalhão de infanteria ligeira para restabelecer a constituição de 1812.

«O exercito do norte insurgia-se pouco tempo depois pela mesma constituição.

«Em 1837, 3:000 homens da guarda real, tendo por chefes tres sargentos, insurgiram-se na Granja e obrigaram Christina a jurar a constituição de 1812.

«Em 1838, os generaes Narvaez e Cordoba, tentaram em Sevilha um movimento, que abortou, e foram obrigados a emigrar. Cordoba morreu no estrangeiro.

«Em 1840, os exercitos reunidos debaixo das ordens de Espartero secundavam o *prenunciamento do ayuntamiento* de Madrid.

«Um anno mais tarde os generaes Concha, ÓDonnell, Leon, e Borso de Carminati, punham-se á testa de uma sedição militar em Pamplona, Saragoça e Madrid, para derrubar os progressistas e Espartero. Os dois ultimos foram fusilados, assim como outros chefes e officiaes.

«Em 1843, Prim, Ortega, Serrano, Narvaez, Concha, Figueras, Lara, Alpiroz e outros, uns isolados, outros com seus regimentos, fizeram a revolução que depoz o regente.

«No mesmo anno, Ametller, Martell, Berllera, Baiges, Par, Herbella e outros, levantaram-se em Catalunha com muitos batalhões a favor da *Junta Central*.

«O capitão D. José Ordax, Avecilla, secundava-os em Leão, outros tomavam parte activa nos movimentos de Vigo e de Saragoça.

«Nos primeiros dias de 1844, o coronel Boné, sublevou-se com as suas tropas em Alicante, contra a reacção; secundaram-no em Cartagena os generaes Santa Cruz, e Ruiz, com o regimento de Gerona. Boné foi fuzilado e mais uns trinta chefes da milicia. Os insurgentes de Cartagena emigraram para Argel.

«Alguns mezes mais tarde o general Zurbano, e seus filhos, officiaes do exercito, pereciam em uma conjuração abortada nas planicies da Rioja.

«Em 1846 quasi toda a guarnição da Galliza se insurgiu, sob as ordens dos brigadeiros Salis e Rubim

de Celis, e o general Iriarte secundava o movimento em Castella a Velha.

«Em 1848 os dois Ametll e Betellera, reaccendiam a guerra civil na Catalunha.

«No mez de maio do mesmo anno o commandante Baceta, revolucionáva-se em Madrid com o regimento d'Hespanha; e em julho os commandantes Portala e Gutierrez, sublevavam-se em Sevilha com um batalhão e tres esquadrões, com os quaes emigraram para Portugal.

«No começo de 1854, o brigadeiro Hore insurgiu-se á frente do seu regimento em Saragoça, e caiu crivado de balas, porque outros chefes que tinham promettido ajudal-o faltaram á sua palavra no momento decisivo.

«Em junho do mesmo anno, os generaes Dulce, ÓDonnell, Medelina, Ros de Olano, Echagué e Serrano, á frente do regimento do Principe e dois mil cavallos, revolucionaram-se em Madrid; alguns dias mais tarde o coronel Manso de Zuniga imitava-os em Barcelona com o regimento de Navarra, e Rocha, capitão general do principado, seguia-lhe o exemplo no mesmo dia com toda a guarnição.

«Antes do fim de julho todo o exercito adheriu ao movimento iniciado por ÓDonnell, Dulce e outros, em Madrid.

«Em 1855, o commandante Corrales, levantou em Saragoça dois esquadrões, e sahiu da cidade proclamando Carlos VI; alguns dias depois era fuzilado na provincia de Lerida.

«Em julho de 1856, o general Ruiz, commandante geral da provincia de Gerona, revolucionava-se com uma parte das suas tropas contra o ministerio ÓDonnell. O capitão general da Galiza, Rios Rozas, fazia outro tanto, e o general Falcão, capitão general em Saragoça, imitava-os com todas as suas tropas; o general *Gureia* dirigia a insurreição de Logroño, o coronel do

regimento de Aragão, á frente de seus soldados, contribuia para a revolução em Malaga.

«Em julho de 1859, descobriram-se em Alicante, Sevilha e Olivença, sedições militares republicanas no momento em que iam pronunciar-se. Dois sargentos foram executados, e outros condemnados a trabalhos publicos em Olivença. Um sargento de artilheria foi garrotado em Sevilha e morreu com serenidade; outros quatro foram condemnados a trabalhos publicos.

«Em 1860 o general Ortega, capitão general das ilhas Baleares, apresentou-se com mais de tres mil homens da guarnição d'estas ilhas em S. Carlos de la Rapita, com o intento de proclamar o conde de Montemolin, que o acompanhava. As tropas, sabendo do seu projecto, abandonaram-no e o general foi fuzilado em Tortosa.»

Era natural que a nação se definhasse quando os annos se passavam por tal modo em continuo alarma, quando os governos não tinham estabilidade e o poder real era verdadeira illusão.

Tal não succedeu: no meio d'este viver, que não tem semelhante em parte alguma, a Hespanha deu claros testemunhos de força, independencia e prosperidade; esta época de politica tumultuosa, e diga-se mesmo deshonesta, foi, por extranho segredo, um periodo de progresso e civilisação.

Nas relações exteriores, os hespanhoes lembraram a sua grandesa passada. Diplomaticos, conservavam respeito e independencia nas grandes questões que se agitaram a proposito da França, da Allemanha, da Italia e do Oriente; militares, enviaram poderosas forças para abrir ao Santo Padre as portas de Roma, desembarcaram um brilhante exercito nas praias africanas, e recordavam, no caminho de Tetuão, quantas acções illustres haviam praticado as hostes da primeira Isabel, e de Carlos V. Como no tempo das expedições aventurosas,

abalançaram-se as esquadras hespanholas a longinquos mares, e deixaram no Mexico e na Cochinchina memoria de altos feitos militares.

Nos interesses puramente domesticos, as vantagens adquiridas, sempre lisongeiras, são ás vezes devéras consideraveis.

A população augmentou, e na organisação da familia, nos costumes, na criminalidade, manifestou-se avançada em ordem, e boa moral.

A cultura de um solo remunerador, liberta de muitas peias, facilitada com melhoramentos, e capitaes accessiveis, trouxe a abundancia. O povo hespanhol alcançou manter-se muito melhor do que o povo francez, inglez e portuguez.

O trabalho tornou-se copioso, os salarios duplicaram; em geral as classes trabalhadoras prosperaram incontestavelmente, conheceram o bem estar, e em poucos annos lograram avantajar-se aos seus eguaes no resto da Europa.

A instrucção publica, se não desenvolvida quanto é mister, teve um incremento que, olhando ao pouco que a tal respeito se fizera no passado, é realmente extraordinario. Ao findar a guerra da independencia havia 11:513 escolas de todas as cathegorias, frequentadas por 429:000 alumnos; em 1859 havia 22:273 escolas, frequentadas por 1,100:000. O melhor d'este progresso pertence ao reinado de Isabel II.

As industrias tiveram desenvolvimento que não haviam attingido em outras épcas. As fabricas tornaram-se numerosas, bem montadas, algumas bastante ricas, e os artefactos obtiveram menções honrosas, premios distinctos, nas exposições internacionaes a que concorreram.

Além das minas do Estado, que são numerosas, exploraram-se por conta de particulares perto de 7:000.

O commercio tomou um desenvolvimento tal que no

espaço de dez annos, contado de 1850 a 1860, fez uma differença para mais no valor de 1,500:000 reales.

A viação, assim ordinaria como accelerada, foi muito cuidada, e com quanto não satisfaça as necessidades, tornou-se ainda assim excellente em relação ao passado, pois em breves annos se construiram numerosas estradas ordinarias, e importantissimas linhas ferreas.

A administração colonial melhorou a ponto de produzir a entrada de valiosas quantias nos cofres do estado, e S. Domingos, que se emancipára violentamente da metropole, offereceu o caso unico na historia das nações colonizadoras, de se reannexar espontaneamente, preferindo a dependencia de Hespanha, á emmancipação que conquistára.

Finalmente, os fundos publicos, que em 1834 estavam a 25, chegaram a estar, vinte annos depois, a 50, e durante os ultimos annos do reinado de Isabel conservaram sempre uma cotação vantajosa.

Este lisongeiro estado de coisas testemunha em Hespanha a favor do regimen constitucional; e prova que os partidos tão dignos de censura no arrebatamento de sua politica, não esqueciam comtudo a patria e d'ella tratavam com desvello, que em parte os absolve de muitos erros praticados.

XXXIII

1860—1868

Acontecimentos que precederam a quéda da sr.ª D. Izabel II —ÓDonell e o partido da *União Liberal*—opposição democratica — revolta malograda do general Prim — grande revolta de Madrid — quéda do ministro ÓDonnel — terrivel repressão do ministerio Narvaez—debella-se uma grande revolução na Catalunha — curto periodo de tranquillidade — guerra no Chili — bombardeamento de Val Paraiso — morte de ÓDonnell e de Narvaez—recomeçam as revoluções democraticas—insufficiencia de Gonzales Bravo—medidas repressivas imprensa clandestina—repugnantes ataques contra a familia real—deportação dos principaes generaes e homens politicos —exilio dos duques de Montpensier—revolução de Cadix— retirada da rainha—considerações—manifesto da rainha.

Apesar de tão consideraveis melhoramentos nas condições materiaes e sociaes da Hespanha, a democracia, sempre descontente com a ordem, e illudida pelos agitadores, cuidava affincadamente em derrubar o throno para se substituir á realesa, governar o estado, e fazer o ensaio mais ou menos completo das theorias socialistas.

Conhecidas estas tendencias pelos principaes homens politicos, converteram-se em conservadores muitos dos mais rasgados progressistas, com o intuito de sustentar o poder real, necessario á estabilidade das instituições.

O'Donnell organisou o partido da *União Liberal*, que no governo procurou estabelecer a coexistencia de amplas liberdades, com os principios, e a pratica da monarchia constitucional.

Só conseguiu que lhe movessem opposição tenaz e violenta, a qual, segundo o costume, sahiu do campo da legalidade, para trilhar o caminho da revolução.

Foi o general Prim, que tanto devia á rainha, quem tomou as armas, pondo-se em 1866 á testa de uma revolta, que abortou, sendo o celebre caudilho obrigado a refugiar-se em Portugal.

Alguns mezes depois, e ainda ao grito de *viva Prim*, houve em Madrid um pronunciamento mais importante.

Soldados artilheiros, e de caçadores, commandados por sargentos, pelo capitão Hidalgo e pelo general Pierrad, reuniram a si numerosos populares, assassinaram os officiaes que pretendiam submettel-os, levantaram barricadas, fortificaram-se nos quarteis e travaram com as tropas do governo lucta sanguinolenta em que jogou numerosa artilheria.

O'Donnell, Serrano, Narvaez, e Chacon, esquecendo divergencias politicas, em presença do perigo, defenderam d'esta vez briosamente a causa da ordem, e fizeram pouco da vida, durante as largas horas de um combate que derramou ondas de sangue, e deixou nas ruas milhares de cadaveres, entre os quaes se contavam os de mais de cincoenta officiaes.

Revive ainda em Madrid a recordação d'esse dia terrivel, em que os mais garridos sitios da cidade se converteram em estancias de morte; em que os hospicios se encheram de feridos, e até as casas dos particulares tiveram de abrir as portas para recolher e pençar um sem numero de desgraçados.

Por uma d'aquellas resoluções imprevistas que caracterisavam a rainha, foi o duque de Tetuão deposto do ministerio, apesar da victoria que conseguira; e Nar-

vaez, chamado ao poder, organisou a repressão com a sua costumada energia, mas com a duresa e diga-se mesmo a barbaridade que tanto o distinguiram.

Os carceres encheram-se de prisioneiros, e recomeçaram os fuzilamentos, sendo passados pelas armas mais de cincoenta officiaes inferiores, e alguns subalternos.

Decretou-se a pena de morte contra muitos homens importantes, que para se salvarem recorreram á emigração. Figuram entre estes, o general Pierrad, Hidalgo, Posada, Emilio Castellar, Carlos Rubio, Christino Martos, Manuel Becerra e Sagasta.

Com taes meios, condemnaveis na essencia, mas unicos efficazes em certas situações de Hespanha, encontrou o governo a força necessaria para restabelecer a ordem, e para debelar outra revolução feita na Catalunha pelo mesmo general Pierrad, por Moriones, Contreras, Milans d'el Bosch, que todos tiveram de fugir para França.

Uma curta época de quietação deu ainda esperanças de ordem, alentos de progresso e prosperidade, acção e independencia bastantes para que se emprehendesse a longinqua campanha do Chili, tristemente notavel pelo bombardeamento de Val Paraiso, censurado por todas as nações civilisadas.

Porém a morte de ÓDonnell, e pouco depois a de Narvaez, deixaram a corôa privada dos seus mais habeis defensores, e a opposição, desafrontada, principiou de novo o movimento anti-dynastico.

Tentou resistir-lhe Gonzales Bravo, que substituira Narvaez, porém, menos authorisado e menos competente que o seu antecessor, talvez serviçal dos exageros palacianos, houve-se de modo que, longe de apaziguar os animos, antes alentou a revolução.

A imprensa, excessivamente reprimida, tornou-se clandestina, e a coberto da mascara passou todos os limites, desacreditando os poderes estabelecidos, a reli-

gião e a familia real, em termos que não cabem nas paginas limpas da historia. O sainete do fructo prohibido dava acceitação e clientelia a escriptos, que de nojo seriam lançados á rua, se offertados fossem á luz viva da publicidade. O escandalo assim propagado em segredo, liberto da negativa e da discussão, commovia o povo, presdispunha uns para a revolta, outros para o despreso, incutia em todos a descrença e o indifferentismo.

A dissolução das côrtes impoz silencio ao parlamento e fechou aos partidos a arena legal.

Foram presos e exilados, homens de grande vulto politico, que gosavam da estima publica, e alguns mesmos eram antigos ministros, generaes, publicistas, conhecidos por suas opiniões moderadas e conciliadoras. Entravam n'este numero o duque de la Torre, Salaverria, Fernando de la Hoz, Zavala, Cordova, Dulce e Bedoya.

Os duques de Montpensier, que aliás não suppomos izentos de peccado, receberam ordem de sahir do reino, o que motivou grande descontentamento em Andaluzia, onde os principes gosavam de grande popularidade.

Todos estes descontentes engrossaram as fileiras da revolução, que Prim e Olozaga organisavam desde o estrangeiro, e levaram ao partido anti-dynastico o concurso de muitos talentos, prestigio, e consideraveis influencias pessoaes.

Finalmente, em setembro de 1868, o almirante Topete proclamou a revolta nas aguas de Cadix, trazendo pela primeira vez a marinha aos campos aventurosos da politica revolucionaria.

Quasi todos os navios de guerra surtos no porto seguiram o movimento, que ao grito de viva Hespanha, tomou em breve proporções imponentes, estendendo-se por toda a parte, repetido pelas tropas e pelas turmas populares.

Os emigrados desembarcaram em Cadix, e tomaram a direcção dos acontecimentos, proclamando principios de alta moralidade politica, que muitas vezes haviam esquecido, e que alguns, mais tarde, tornaram de novo a esquecer.

A rainha, que ao tempo se achava em S. Sebastião, tentou ainda conjurar a tempestade, demittindo de prompto o ministerio. Mas debalde procurou formar novo governo; faltaram-lhe todos os elementos, e vendo batido em Alcolea o marquez de Novaliches, que com poucas tropas sahira briosamente a defender-lhe a causa, cedeu, e retirou-se para Pau, acompanhada apenas por algumas pessoas de sua mais intima privança, conselheiros apaixonados e pouco esclarecidos, que a opinião geral fazia responsaveis de quanto acabava de lhe succeder.

Não se olha sem preoccupação a existencia d'aquella soberana, que na juventude fôra acclamada e reconhecida pela grandesa de Hespanha, servida por tantos homens illustres, defendida por valentes soldados, e que finalisa um reinado laborioso, perdida violentamente a corôa, caminhando fugitiva para terra extranha, renegada dos grandes, servida por poucos, cortejada apenas pelas entidades duvidosas de Soror Patrocinio, do Padre Claré, e do intendente Marfori.

Um dia, a soberana, que acabava de ser mãe, dirigiu-se ao templo da Senhora de Atocha, a dar graças por lhe ser concedida uma das mais supremas felicidades da mulher; o cura Merino, que trocára as suavidades do Evangelho pelas doutrinas arrebatadas do socialismo, feriu-a com um punhal; e o povo hespanhol levantou um brado immenso de indignação, desentranhou-se em tocantes e espontaneos afagos.

Agora a mesma rainha, arremessada brutalmente do throno, partia esbofeteada nas faces, cuspida de injurias, coberta, não de sangue, más de vergonha; e as

multidões indifferentes e silenciosas, se acaso descerravam os labios, era para mal disfarçado sorrir de escarneo.

Cobre-se ainda com um veu bastante espesso a causa de tão estranho reviramento.

Os acontecimentos posteriores tem mostrado que o odio á realesa não está ainda nos animos do povo hespanhol. E as repugnantes immoralidades, que assoalhadas pela chronica escandalosa, podiam provocar legitimo despreso publico, não estão ainda sufficientemente comprovadas perante a historia. Nós os portuguezes principalmente devemos ser mui cautellosos, n'esta parte; pois similhantemente tratada vimos a sr.ª D. Maria II, que hoje, caladas as paixões politicas, todos veneram como modêlo de virtudes e exemplar das mães.

De Pau dirigiu a ex-rainha o seguinte manifesto, que reproduzimos, porque os acontecimentos posteriores lhe dão interesse; n'elle se encontram crueis illusões, mas tambem se leem verdades sobejamente comprovadas.

«Hespanhoes: Uma conjuração, de que não ha exemplo na Historia de nenhum povo, acaba de lançar a Hespanha nos horrores da anarchia. Forças de mar e terra, pagas generosamente pela nação, e cujos serviços sempre recompensei com prazer, esqueceram tradições gloriosas, e quebraram juramentos sagrados, para se voltarem contra a patria e trazerem para ella dias de luto e desolação.

«O grito dos rebeldes, lançado na bahia de Cadix, é repetido nas provincias por uma parte do exercito, resoa no coração dos hespanhoes, como o ruido percursor d'uma tormenta, em que correm egual perigo os interesses da religião, os foros da legiti[illegible] e do direito, a independencia, e a honra da

«A triste série de desaffeições, os act[illegible]

deslealdade, consumados em breve espaço de tempo, mais que offendem a minha dignidade de rainha, estimulam a minha altivez hespanhola.

«Esta não concebe ainda o delirio dos maiores inimigos da authoridade, a idéa de que o poder publico, cuja origem é tão elevada, póde conferir-se, modificar-se, e supprimir-se, com o auxilio da força material, com a influencia cega dos batalhões seduzidos. Se ao ceder á primeira occasião violenta, as cidades e as populações se submetteram passageiramente ao jugo dos sublevados, em breve o sentimento publico, offendido no que tem de mais nobre e mais caracteristico, se fará sentir, e revelará ao mundo que, graças ao céu, os eclypses da rasão e da honra são muito passageiros em Hespanha.

«Emquanto não chega este momento, pareceu-me conveniente, como rainha legitima das Hespanhas, e depois de exame prévio e maduras reflexões, buscar nos dominios de meu augusto alliado, a segurança necessaria para obrar em tão difficeis circumstancias, como cumpre á minha qualidade real, e ao dever que tenho de transmittir intactos, a meus filhos, os meus direitos, escriptos na lei, reconhecidos e jurados pela nação, vivificados pelos esforços de 35 annos de sacrificios, de vicissitudes e de carinho.

«Ao pôr o pé em terra estrangeira, com o coração e olhos voltados sempre para o que é minha patria e de meus filhos, apresso-me a formular, ante Deus e os homens, um protesto explicito, e solemne, de que a força maior a que obedeço, ao abandonar o meu reino, não deve prejudicar em nada a integridade de meus direitos, nem atenúal-os, nem compromettel-os; os actos do governo revolucionario não poderão por modo algum menoscabal-os, e ainda mesmo as resoluções de suas assembléas, que terão de formar-se necessariamente debaixo dos furores demagogicos,

com pressão manifesta das consciencia e das vontades.

«Larga e afortunada luta sustentaram nossos paes pela fé religiosa e pela independencia da Hespanha. Para enlaçar as coisas grandes e generosas dos seculos passados, com as aspirações verdadeiramente fecundas dos tempos modernos, trabalhou sem treguas a geração presente.

«A revolução, inimiga mortal das tradições e do progresso legitimo, combate todos os principios que constituem a santidade do lar domestico, e mata a virtude e o patriotismo. Se julgaes que a corôa de Hespanha, sustentada por uma rainha que teve a fortuna de unir o seu nome, á regeneração social e politica do estado, é o symbolo d'esses principios tutelares, permanecei fieis, como o espero, ao vosso juramento e ás vossas crenças; deixae que passe como uma calamidade o tufão revolucionario, em que hoje se agitam a hypocrisia, a ingratidão e a ambição, e vivei na certesa, de que manterei são e salvo, ainda que na desgraça, este symbolo, fóra do qual não ha para Hespanha, nem uma recordação, nem uma esperança que a console.

«O orgulho de alguns commove e transtorna n'este momento a nação inteira, produzindo a confusão nos animos e a anarchia na sociedade. Nem ainda contra elles abriga odio o meu coração. Com o contacto de um sentimento tão mesquinho, perderia um pouco da sua intensidade, e da vivissima ternura que me inspiram os subditos leaes, que arriscaram a sua existencia e derramaram o seu sangue em defesa do throno e da ordem publica, assim como todos os hespanhoes que presenceiam com dôr e espanto o espectaculo de uma insurreição, parenthesis doloroso no curso da civilisação de nossos dias.

«Da nobre terra d'onde vos dirijo a palavra, e em todas as partes, supportarei sem abatimento o infortu-

nio da Hespanha, que é o meu proprio infortunio. Se entre outros exemplos illustres, não me désse forças o do soberano mais respeitavel e magnanimo, rodeado de amarguras e tribulações, dar-m'as-hia a confiança que tenho na lealdade de meus sùbditos, na justiça da minha causa, e principalmente, n'Aquelle em cujas mãos está a sorte dos imperios.

«A monarchia de quinze seculos de sustos, de victorias, de patriotismo e de grandesas, não póde perder-se em prejurios de sedições e de traições.

«Tenhamos fé no futuro. A gloria do povo hespanhol foi sempre a gloria de seus reis: as desgraças de seus reis, teem-se reflectido sempre no povo. Para a aspiração equitativa e patriotica de sustentar o direito, a legitimidade e a honra, vossos espiritos e vossos esforços, encontrarão sempre a decisão energica, e o amor maternal da vossa rainha Izabel.

«Palacio de Pau, 30 de setembro de 1868.

XXXIV

1868—1870

Caracteristicos da revolução—governo—principios estabelecidos —o duque de la Torre—é nomeado *regente*—côrtes constituintes—é adoptado o regimen monarchico—descontentamento dos republicanos—candidaturas ao throno—as candidaturas portuguezas—a do principe Hoensolern—projecto de um *Imperio dos Estados Unidos Hespanhoes*—candidatura do principe Amadeu—votação das côrtes—morte do general Prim.

A revolução de 1868, que desthronou a sr.ª D. Izabel II, além de conter em si mesma um grande acontecimento, tornou-se notavel pela amenidade, tão rara e imprevista, n'uma terra onde as torrentes de sangue são, a bem dizer, tão frequentes como se fossem aguas do céu.

Resumiu-se tudo em um brado immenso, n'um combate com armas leaes: e logo alegrias e illuminações, hymnos a Prim, a Serrano, a Topete, e a Olozoga; por toda a parte uma manifestação grandiosa e eloquente, que desdenhava represalias, que apregoava alto intenções as mais conciliadoras.

No governo, nos principaes empregos, nas missões diplomaticas, figuraram Prim, Figuerola, Topete, Lorenzana, Ulloa, Sagasta, Ayala, Zorrilla, Olozoga e outros homens distinctos das facções mais liberaes.

O general Serrano, duque de la Torre, apreciado de todos os partidos, por suas elevadas qualidades, teve o poder supremo, com o titulo de *regente*, e o tratamento de alteza.

Estabeleceram-se, como principios fundamentaes, o sufragio universal, a liberdade individual, a de religião, de associação e a de imprensa; adoptou-se a descentralisação administrativa, reconheceu-se a igualdade perante a lei, a inviolabilidade de domicilio, e de correspondencia.

Decretou-se o jury para o criminal, a immovilidade dos juizes, modificaram-se favoravelmente alguns impostos, concederam-se pensões ás familias dos suppliciados durante o governo da rainha, e segundo as praxes immoraes, mais necessarias e consequentes das revoluções, recompensaram-se com postos de accesso os officiaes que se haviam pronunciado.

Se exceptuarmos a liberdade religiosa, que não temos por conveniente, e a descentralisação, que julgamos improficua na peninsula, todos os principios postos eram bons, e tiveram o applauso do povo hespanhol.

As côrtes constituintes, eleitas com sufficiente liberdade, elaboraram uma constituição amplamente liberal, e votaram pelo regimen monarchico, tendo em pouco as protestações que desde principio fizera a democracia republicana, nos *meetings*, em procissões patrioticas, nos tumultos sanguinolentos de Badajoz, de Saragoça, Valença e Cadix, e mesmo no seio do parlamento, onde a palavra bella e fluente do sr. Emilio Castellar pôz em pratica quanto póde um talento peregrino, na defesa de ruim causa.

A adopção da monarchia, que desgostou profundamente os republicanos e os socialistas, preparou uma revolução futura, que de necessidade havia de ser intransigente, e levantou grandes obstaculos praticos,

para o termo da interinidade, por se apresentar difficil a escolha do soberano.

Não pertencem ainda á historia as negociações diplomaticas, e mesmo as intrigas, que se agitaram durante largos mezes, para dar á Hespanha um rei extrangeiro, pois que a exclusão absoluta, que a assembléa, talvez com pouca prudencia, fizera dos Bourbons, tornava impossivel o reconhecimento de um monarcha hespanhol.

O que é certo, é que a não ser talvez o duque de Montpensier, que poucos acceitavam, ninguem queria espontaneamente a corôa de Hespanha; e que esta nação, grande e briosa, senhora de um esplendido passado, rica dos mais preciosos elementos de prosperidade, foi repudiada dos principes, quando ainda seculos antes, apesar de abatida e miseravel, França e Austria haviam disputado a honra de a governar, e a bem dizer no prezente, o terrivel Napoleão, commettera baixezas sem nome para assegurar na sua familia o illustre diadema dos reis catholicos.

Pensou-se mais ou menos vagamente no principe Alfredo de Inglaterra, no principe Napoleão, no duque de Montpensier, mas as complicações diplomaticas aconselharam a pôr de parte essas candidaturas.

Os velhos desejos da união iberica, trouxeram a terreno a candidatura de el-rei o sr. D. Luiz, que não era nova, pois já em tempo da rainha se pensava em o chamar ao throno de Hespanha, assim como a seu chorado irmão o sr. D. Pedro V, sendo destronada a dynastia de Bourbon em proveito da casa de Bragança.

Esta solução, certamente vantajosa para Hespanha, não poude realisar-se, por que os reis de Portugal, amigos sinceros da sua patria, nunca quizeram acceder a uma combinação que faria a desgraça dos portuguezes, se se realizasse a fuzão dos dois reinos, e que se-

ria pouco honrosa para elles, se se limitasse á troca de uma corôa por outra.

A reputação de excellentes qualidades pessoaes, e dótes de governo, de que gosa o sr. D. Fernando, fallavam tambem a favor de sua candidatura; e consta que n'esse sentido se lhe fizeram propostas: mas S. M. afeiçoado ao remanso da vida privada, ou lendo prudentemente as lições da historia, nos reinados de Fernando VII, de D. Christina, e da sr.ª D. Izabel II, recusou tambem presidir ao *povo soberano* de Castella.

A candidatura do principe Hoenzolern, conveniente á Prussia, esteve a ponto de realisar-se, e foi a luva lançada pelo sr. de Bismark á França, o pretexto para á ultima guerra, que subverteu a mais bella das nações latinas, e acarretou o destronamento de Napoleão III.

Entre os muitos expedientes que lembraram n'esta occasião difficil, é para notar um projecto de *Imperio dos Estados Unidos Hespanhoes*, muito pouco conhecido, e que foi discutido e acceite em Paris por alguns homens de estado, e publicistas, de França e Hespanha, que se comprometteram a fazel-o adoptar, o que aliás não impediu que não tivesse seguimento.

Resolvia com effeito muitos dos attritos postos não só pelas difficuldades da politica internacional, mas pelas questões constitucionaes que se agitavam e ainda se agitam no seio do povo hespanhol. Com quanto seja engenhoso, é comtudo pouco pratico, e afasta-se da letra de todas as constituições conhecidas.

O imperio era dividido em muitos reinos, e comprehendia o de Portugal; dividia-se cada reino em departamentos e estes em communas.

A gestão dos negocios do imperio, pertencia a um imperador electivo, presidente de um conselho de doze membros, igualmente electivos. N'este conselho, o im-

perador e cada um dos outros membros, votava com o numero de votos, que haviam determinado a sua eleição.

Resultava d'esta organisação, que se o imperador eleito possuisse á sua parte mais de metade dos votos, de que dispunham conjunctamente todos os membros do conselho, era soberano absoluto; predominando a sua vontade n'este caso, sobre as dos onze outros conselheiros do imperio.

Se o imperador tivesse menos de ametade dos votos totaes do conselho, não podia prevalecer a sua vontade sem que se lhe juntassem alguns dos conselheiros imperiaes; achava-se então na situação de um monarcha constitucional, que para governar necessita ir de accordo com a maioria da nação.

Se o imperador, que devia ter mais votos que nenhum dos outros membros do conselho, não gosasse entretanto senão de um numero de sufragios, representando uma infima minoria, uma sexta parte por exemplo, era no conselho que rezidiria verdadeiramente o poder, pois que poderia tomar resoluções independentes do concurso do imperador, e mesmo em opposição á sua vontade; o monarcha achava-se então na situação de um prezidente de republica, mero executante das decisões de uma assembléa deliberativa.

Cada um dos reinos unidos, cada um dos departamentos do mesmo reino, cada communa do mesmo departamento, era similhantemente administrada por um conselho electivo, presidido pela pessoa que tivesse reunido maior numero de votos, e votando cada membro do conselho, com o numero de votos que haviam determinado a sua eleição.

As eleições de toda a especie renovavam-se annualmente, e os eleitores, que para o serem só dependiam de ter seis mezes de domicilio no estado, dividiam-se em graus successivos, e mais elevados, confor-

me a importancia da eleição a que tinham de proceder.

O projecto, que por acaso tivemos occasião de vêr, contém todos os detalhes necessarios para intelligencia d'este complicado systema eleitoral, e determina muitos assumptos importantes, taes como a organisação da força publica, e a de plebiscitos destinados a resolver as questões difficeis, a declaração de guerra, o estado de sitio etc.

Os limites porém d'este resumo não permittem que nos espraiemos em similhante assumpto, que tratámos sómente por curiosidade historica, e um pouco pela sua originalidade: notando ainda como importante que no respectivo a Portugal, se fazia depender a sua entrada na confederação, da acquiescencia do rei, e do povo portuguez.

De todas as tentativas e combinações feitas vingou finalmente a candidatura do principe Amadeu de Saboya, filha talvez do afan com que as côrtes de Paris e de Berlim negociavam a neutralidade ou a alliança da Italia.

O principe italiano foi eleito rei a 16 de novembro de 1870, nas côrtes constituintes de Hespanha, por 191 votos, contra 27 dados ao duque de Montpensier, 8 a Espartero, 2 ao principe das Asturias, 1 á duqueza de Montpensier, 60 á republica federal e 3 á republica unitaria.

O general Prim, que fôra o principal iniciador da quéda da sr.ª D. Izabel II, foi quem apadrinhou em Hespanha a nova candidatura.

Custou-lhe caro o privilegio excepcionalissimo de dispôr da realesa. No proprio dia em que o rei de sua lavra passava a fronteira, para subir ao throno, donde o conde de Reus arremeçára a sua soberana e protectora, alguns homens emboscados na calle del Turco, atiraram para dentro da carruagem do general, ferindo-o mortalmente.

Este successo que causou a maior sensação, não está ainda sufficientemente explicado, mas convem não esquecer que os republicanos se julgavam então atraiçoados pelos seus collegas na revolução, e que os adeptos do socialismo, como é sabido, pouco escrupulosos em derramar sangue, olhavam muito de soslaio para o celebre caudilho da revolução de Cadix.

XXXV

1870—1873

Reinado de D. Amadeu—estado politico do paiz por occasião de sua vinda para Hespanha—comportamento dos hespanhoes para com D. Amadeu—manejos politicos—questão dos artilheiros—comportamento do rei—renuncia á corôa—retira-se para Portugal—manifesto ao povo hespanhol.

O rei Amadeu subiu ao throno em circumstancias por extremo difficeis.

Os partidos constitucionaes, excessivamente divididos, representando antes ambições do que principios, offereciam, por sua indole mudavel e intrigante, fraco esteio ao poder real.

Os republicanos, despeitados com a feição monarchica que tomára a revolução, combatiam a realesa com animo tenaz, e armas variadas.

Ora soltavam no parlamento a palavra eloquente de Castellar, que revestia de fórmas esplendidas a idéa nova, ora recorriam á imponencia das manifestações populares, ou agitavam as camadas turbulentas da Hespanha meridional.

Pouco escrupulosos de sua naturesa, dispunham tambem da calumnia, ou do gume da faca; nem duvidavam recorrer á aggressão sombria, que se prepara

no mysterio dos conciliabulos, e que fére á coberto da mascara.

Á qualidade de estrangeiro, que tanto prejudicára, em melhores tempos, a Carlos d'Austria e a Filippe de Bourbon, accrescia certa animosidade que grande parte dos hespanhoes nutre contra a familia de Saboya, por suas questões com a Santa Sé.

É facil de ajuizar que tão rude concurso de circumstancias, só podia ceder perante dotes extraordinarios, ou pela munificencia de fortuna rara e excepcional.

O soberano, brilhante de mocidade e de fidalguia, dispunha de valor e honra, mas não tinha o geito sonso, a reserva e a astucia necessarias á politica cautelosa que lhe cumpria seguir, se devéras aspirava a conservar a corôa de Hespanha, que hoje, mais do que joias, tem espinhos.

Assim, seu governo, esteril, para os que lhe haviam confiado a causa da ordem, foi para elle mesmo um periodo doloroso, de abnegação e sacrificios, que a ninguem utilisou; pois nem se satisfizeram as ambições da casa de Saboya, nem os hespanhoes se libertaram da revolução: e o depositario de tantos interesses sómente colheu decepções, maguas, e vexames.

Despresado pelos grandes, viu a côrte abandonada, e teve de organisar um sequito de adventicios, uma grandesa de partido, sem tradições nem representação proprias.

Mal visto do clero, passou pela humilhação de não encontrar prelado que lhe baptisasse um filho.

Nem lhe valeu a amenidade natural do trato; os politicos e os publicistas admittidos e afagados no convivio palaciano, mal dissimulavam o pouco em que tinham a realesa, que tão bizarramente os agasalhava.

E mesmo quando, despretencioso e confiado, sahia sem pompa a confundir-se com a multidão, colhia tão só-

mente irreverencias; pois nem os esfarrapados da rua se dignavam tirar-lhe o chapeu.

Até as senhoras sacrificaram um dia alguns attractivos nos altares da patria, e trajando á antiga castelhana, lavraram espirituoso protesto contra os intrusos de Italia.

D. Amadeu, fidalgo antes de tudo, calava no intimo quanto lhe doia tanta descortezia, desempenhava-se conscienciosamente da sua tão contestada soberania, e quando sahiu de Hespanha, podia gabar-se de não haver vexado pessoa alguma.

A rainha, semelhantemente abandonada, alheiava-se de resentimentos, e accudia sollicita aos desvalidos. Anjo tutelar de quantos soffriam, exerceu com todas as suas sublimidades a caridade christã. Não se libertou ainda assim de odios; malvados houve que tentaram dar a morte a quem só vivia para bem-fazer.

Emfim, um dia, ministros que alguns teem por imprudentes, outros por desleaes, provocaram um conflicto que punha o rei á beira de um golpe d'estado, cujas contingencias podiam ser muito arriscadas.

Insistiram pela nomeação do general Hidalgo para capitão-general.

Os officiaes de artilheria, em numero de oitocentos, pediram logo a sua demissão, não acceitando servir ás ordens de um militar que, sendo d'aquella arma, lhe esquecera as tradições, e commandára em 1866 os sargentos e soldados revoltados, que, ao grito de Prim, assassinaram os seus superiores.

O ministerio acceitou as demissões e promoveu os sargentos a officiaes, o que era a desorganisação completa d'esta arma scientifica, e a suprema affronta feita a uma corporação, que por justos motivos gosava do mais alto conceito.

Repugnando ao soberano sanccionar similhantes medidas, os ministros souberam obter das côrtes um voto

de confiança, e puzeram o rei na contingencia de assignar, ou de desconhecer a constituição.

El-rei D. Amadeo, fiel aos compromissos constitucionaes, que tivera a imprudencia de acceitar, assignou; mas declinou uma realesa que tinha de se sujeitar a semelhantes armadilhas.

Em seu nome e no de seus descendentes, renunciou ao throno de Hespanha, e no dia 12 de fevereiro de 1873, auzentes quantos lhe deviam mercês, abandonou o palacio real de Madrid, e seguiu caminho de Portugal, acompanhado por sua esposa, perigosamente enferma, por um filho que contava dias, por alguns servidores que trouxera de Italia, e uma deputação official.

Um silencio significativo de indifferença, acompanhou esta familia, que na modésta singeleza mais se assimilhava a uma desvalida familia de emigrantes.

Em terra de Hespanha, deixa a rainha memoria de santa, o rei, nome digno e honrado; os seus proprios inimigos tiveram de curvar a cabeça, e arrancada a corôa ao monarcha, respeitaram o homem.

A mensagem que lhe dirigiu a Assembléa contém o testemunho mais frizante do muito que D. Amadeo valia.

O manifesto que o monarcha dirigiu ao congresso, singelo e despretencioso, é tão digno de registrar-se como o que foi feito pela sr.ª D. Izabel II, e contem, como aquelle, verdades que os tempos comprovaram; o que porém não tem é illusões.

«Ao congresso:—A nação hespanhola conferiu-me uma grande honra, escolhendo-me para occupar o throno, honra ainda mais apreciada por mim, por se me offerecer rodeada das difficuldades e dos perigos, que comportava a empresa de governar um povo tão profundamente perturbado.

«Sustentado pela resolução caracteristica da minha raça, que procura antes o perigo do que o evita, deci-

dido a inspirar-me exclusivamente dos interesses do paiz, e a collocar-me acima de todos os partidos, resolvido a cumprir o juramento, prestado por mim perante as côrtes constituintes, e disposto a fazer toda a especie de sacrificios, para dar a esta valorosa nação a paz de que precisa, a liberdade que merece e as grandesas a que lhe dão direito a sua gloriosa historia e a virtude e constancia de seus filhos, julguei que a minha pouca experiencia na arte de governar seria compensada pela lealdade do meu caracter, e para superar os perigos e vencer as difficuldades que não escaparam á minha vista, acharia um auxilio poderoso nas sympathias de todos os hespanhoes que amam o seu paiz, e que desejam pôr termo ás luctas sanguinolentas e estereis, que ha tanto tempo lhe dilaceram as entranhas.

«Reconheço que me enganaram as minhas boas intenções; ha dois longos annos que cinjo a corôa de Hespanha, e a Hespanha conserva-se n'um estado de lucta constante, e cada dia afasta essa era de paz e de ventura, pela qual eu suspiro tão ardentemente. Se os inimigos da prosperidade de Hespanha fossem extrangeiros, seria eu o primeiro a combatel-os á frente dos seus soldados, tão bravos como pacientes; mas todos os que, com a espada, com a penna e com a palavra aggravam e perpetuam os males da nação, são hespanhoes; todos luctam e se agitam para bem d'ella, e no estrondo do combate, no clamor e contradictorio dos partidos, nas manifestações tão grandiosas e tão oppostas da opinião publica, é impossivel distinguir qual é a verdadeira, mais impossivel ainda encontrar remedio a tamanhos males.

«Procurei avidamente na lei um remedio, e não achei. Procural-o fóra d'ella, não era permittido a quem jurára observal-a.

«Ninguem attribuirá a minha resolução a fraquesa.

Perigo algum me resolveria a desamparar a corôa, se julgasse que a cingia com utilidade para os hespanhoes: o meu coração não desfalleceu em presença do perigo que correram os dias de minha augusta esposa, que n'este momento solemne exprime, assim como eu, o vivo desejo de que sejam perdoados os authores d'este attentado.

«Mas hoje a minha convicção positivissima, é que seriam estereis os meus esforços e irrealisavel a minha empreza.

«Taes são, senhores, as razões que me decidem a devolver á nação, depondo-a na mão de seus representantes, a corôa que me offereceu o voto nacional, renunciando a ella por mim e por meus filhos.

«Estejam certos que, renunciando á corôa, não renuncio ao meu amor por esta Hespanha tão nobre, quanto desgraçada, e que a maior pena que eu tenho é não ter podido dar-lhe todos esses bens que o meu coração leal para ella desejava.—Amadeu.—Paço de Madrid, 11 de fevereiro de 1873.

XXXVI

1873—1874

A Republica

A renuncia de el-rei Amadeu teve muito de imprevista; nem é vulgar tanta e tão prompta abnegação, nem a Hespanha está habituada a vêr abandonar o poder sem luta, que as mais das vezes é violenta e sanguinaria.

Houve pois um momento de fluctuação, no qual cada partido mediu as proprias forças, e concluiu por se achar fraco.

Fazendo da ousadia robustez, apoiando-se nas demonstrações populares, o partido republicano conseguiu dominar no congresso, e proclamou a republica, que foi acceite de necessidade, reservando-se para uma constituinte a missão de lhe determinar a fórma.

Foram duzentos e cincoenta e seis os deputados que votaram pelo novo governo: quer dizer que foi um resumido numero de homens quem de facto derrubou a monarchia, regimen secular authorisado por esplendidas tradições, e pelo testemunho de recentes progressos.

Ficou decidida a sorte de doze milhões de habitantes, pelo arbitrio de alguns deputados, que nem tinham man-

dato competente, pois representavam a nação em côrtes ordinarias.

E, aquelles que negam o direito divino, nem mesmo appellaram para o sufragio universal, contentando-se com a vontade propria, para impôr á patria uma existencia inteiramente nova, e summamente arriscada.

A desmoralisação politica, que tanto predispõe para a indifferença, fez acceitar de bom grado a fórma republicana, que não só teve da nação consentimento tacito, mas cortejo de alegrias, repiques de sinos, apparato de lumes e de flores.

A Hespanha liberal, extranhamente fascinada, deixou-se conduzir para a anarchia, sem vêr que a levavam á beira de um lago de sangue.

No novo regimen a desordem foi prompta e terrivel, as authoridades perderam todo o prestigio; aquelle que fallava de dever era deposto, quem impunha a lei, assassinado.

Os ministerios conservaram-se ás vezes dias; os mais duradoiros viveram mezes.

Da assembléa desappareceu a ordem, trazendo as paixões ruins, para o santuario das leis, não só o arrebatamento das tertulias, mas até ás vezes a braveza e a descortezia, que uzam os representantes da intransigencia social.

O antigo sestro da intervenção popular, abriu as portas do congresso ás turmas, e patenteou as tribunas a concurso ruidoso e impaciente, que intrevinha nos debates, ameaçava de morte, e punha de facto o mais alto poder do novo estado á mercê de certa força estupida e brutal, que se denuncia entre as dez e as onze.

Não tardou que Emilio Castellar, o mais dedicado apostolo da republica, o mais honrado, leal e constante defensor da democracia, fosse alcunhado de traidor e ameaçado a punhos cerrados, no dia em que quiz salvar a vida de um homem.

Reviveram as praticas detestaveis da velha republica franceza, insultando-se os homens de governo, impondo-se vizitas domiciliarias, o regimen das pesquizas, das prizões, das arbitrariedades.

O duque de la Torre, o almirante Topete, a duquesa de Hijar, a condessa de Montijo e a de S. Luiz, tiveram as casas devassadas pela multidão. Salmeron, Echegaray, Persi, Figuerola, apesar de republicanos, correram risco de ser assassinados, padeceram apupos e ultrages. Muitos homens importantes, entre os quaes o duque de la Torre e o marquez de Sardoal, tiveram de recorrer a prompta fuga, ajudando-se com disfarces, ou com a protecção dos ministros estrangeiros.

A dissolução do exercito, tão rapida como lamentavel, inutilisou em breve a força publica; e as operações militares que os acontecimentos reclamavam, tornaram-se inteiramente impraticaveis. Os soldados, renegando a disciplina, contaminados pelo espirito desordeiro, abandonavam as armas aos populares, embriagavam-se nas tabernas, commettiam os maiores desatinos e chegavam a assassinar os officiaes.

A ruina da fazenda publica era consequencia natural de semelhante viver. Com effeito não tardou em reconhecer-se um *déficit* de muitos milhões, a que não se podia fazer face, attenta a desorganisação que lavrava no imposto, e o esbanjamento vizivel, mas inevitavel dos dinheiros publicos. O descredito, inteiro e completo, a depreciação espantosa dos fundos, foram as consequencias necessarias d'este estado de coisas, e os fracos recursos financeiros que se poderam explorar a custo livraram de uma bancarrota, sempre proxima e ameaçadora.

A constituinte, eleita sabe Deus como, não foi salvaterio; pelo contrario, votando a republica federal, legalisou a desordem, a suprema anarchia.

Desde esse momento, governar a Hespanha tornou-se quasi impossivel: a licença era geral e completa.

Cada provincia, cada cidade, a bem dizer cada logareijo, visava á autonomia, proclamava-se independente, tratava de se organisar segundo as conveniencias locaes, ou a vontade de um e outro chefe mais atrevido.

É d'esta época republicana, a triste e desordenada historia da *insurreição cantonal*, que em Cadix, Malaga, Sevilha, Valencia, Cartagena, Barcelona, Granada, Andujar Guadix, em todas as cidades ricas e florescentes da Hespanha meridional, deixou memoria de incriveis desatinos.

Os deputados Salvoechea e Carvajal, os generaes Pierrad e Contreras, o coronel Moya, Roque Barcia, Galvez, e o barbeiro Mingorance são os heroes d'esse periodo nefasto, tão fertil de sangue, como abundante de ruinas.

Quantos abusos se podem imaginar quantos se commetteram.

A egreja, atacada sem treguas, soffreu os maiores vexames, as mais violentas extorções. Em Malaga expulsaram o bispo. O clero foi mal tratado e perseguido por toda a parte, demoliram-se algumas egrejas, incendiaram-se outras; na Andaluzia e na Catalunha quasi todas foram mais ou menos profanadas. Em um dos templos de Barcelona, dansou-se, vestindo homens e mulheres as vestes sacerdotaes, vozearam-se cantares obscenos, alagaram-se os altares de vinho, deu-se emfim espectaculo publico de orgia, na casa de Deus, presidindo á festa o *capitão general* e o *alcaide*.

Quanto era immoral e depravado, obtinha o applauso publico. Tiveram grande voga algumas mulheres que prégavam o amor livre, outras andaram nuas fazendo do impudor alarde, e liam-se com avidez folhas populares que advogavam o exterminio, que pediam vinho e sangue, a bolsa ou a vida, que mofavam da honra, e escarneciam da familia.

Em muitas terras se dividiu a propriedade, e os proprios alcaides deram ao povo quanto possuiam os abastados.

Quem pretendia guardar o que era seu, era morto; quem podia salvar alguma coisa, fugia para longe, afflicto e espantado.

Milhares de familias emigraram para França e Portugal, abandonando suas casas, seu trafico, seus haveres, contentes ainda de terem salvo a vida e a honra.

Como nos tempos mais miseraveis da monarchia, viram-se os campos desertos, as terras incultas, as officinas abandonadas. Peior do que então, viram-se os campos abrasados, devorando, o fogo posto, extensas e ricas searas, famosos arvoredos. Só ós campos de Granada tiveram mais de 20000 oliveiras queimadas pela mão de miseraveis sem consciencia nem vergonha.

O roubo tomou vastas proporções, até aqui desconhecidas. Todos sabem que, a pretexto de cantonalidade, se decretavam impostos forçados aos ricos, que quem pretendia salvar a sua casa, pagava a dinheiro o privilegio da conservação, e que de Cartagena sahiu mais de uma vez o general Contreras, á testa de forças militares, ou da marinha cantonal, a roubar populações inteiras, que eram tomadas de assalto, ou bombardeadas, quando não faziam prompto sacrificio de alguns milhões de pecetas.

Na verdade, a republica, que tudo pretendia salvar, que promettia idades de oiro, tudo perdeu e destruiu.

Em algumas terras parecia que uma vertigem assustadora, uma loucura terrivel, dominava o povo.

Montilha offereceu scenas incriveis de incendio e de morte. Criminoso de opulencia, Rioboo, foi morto a tiro, e o cadaver ficou dias exposto ás furias da canalha, que lhe deu os mais repugnantes tratos.

Incendiaram-se muitas casas, e outras foram devas-

tadas. Os guardas civis, na qualidade de agentes da segurança publica, foram indignamente fuzilados.

N'outras partes a populaça commetteu os mais barbaros attentados, verdadeiros requintes de violencia. Olvidemos o nome de uma povoação em que as authoridades foram mettidas no forno.

Alcoy, sobre todas, ficou tristemente celebre; a revolta praticou ali excessos, que não tem semelhantes na chronica sanguinaria das antigas e das modernas revoluções.

Os funccionarios publicos e alguns dos homens mais notaveis da cidade, foram encerrados na casa consistorial e depois trazidos um a um para a varanda e assassinados ás facadas, ou por escolha do povo, arremeçados vivos ao meio da praça, onde um bando de malvados os despedaçava.

Os soldados da guarda civil foram fuzilados, o commandante degolado, e a cabeça, vasia de miolos, conduzida triumphalmente pelas ruas, espetada em um pau.

Um desgraçado que tentou fugir, perseguido, acossado por toda a parte, colhido finalmente, foi atirado para uma tina cheia de petroleo, a que se lançou fogo, no meio de uma vozearia immensa.

A bem dizer, de cada candieiro pendia um cadaver, e nas cadeias fizeram matanças indescriptiveis.

Muitas das melhores casas, foram inteiramente saqueadas, outras, e algumas excellentes fabricas, demolidas ou queimadas.

A opinião publica indigita os internacionalistas como authores d'estes crimes, sem attender a suas reiteradas negativas.

Seria permaturo o juizo da historia a tal respeito, é porém averiguada a presença de alguns communistas em Hespanha, e a sua participação em muitos acontecimentos da insurreição cantonal. Tambem são conhe-

cidos os progressos da internacional, que, segundo o testemunho de seus proprios delegados, tem adquirido muito maior numero de adeptos entre os operarios hespanhoes desde a revolução de 1868.

Commovido profundamente, o governo empregou, para manter a ordem, quantas tropas poude reunir, e a republica que sempre refutára a fórma unitaria exclusiva e habilmente deffendida pelo sr. Garcia Ruiz, viu-se compelida a adoptal-a pela força, e a destruir as aspirações federaes que a perdiam e deshonravam.

Em Cordova, Granada, e em alguns outros pontos, a acção do governo foi prompta; as veleidades cantonaes cederam facilmente, os voluntarios entregaram as armas, e abandonaram os agitadores.

Em Cadix; Rodrigues Arias, valente e digno official de Marinha, encerrando-se no arsenal de Carraca, resistiu vigorosamente á revolução, e salvou talvez a cidade dos ultimos horrores.

Esta defesa brilhante, a intervenção imminente da marinha estrangeira, sollicitada pelos consules, e a chegada das forças do general Pavia, amedrontaram os revoltosos, que em parte se puzeram do lado do governo, fugindo os restantes para onde poderam, e Salvoechea para Granada, onde mais tarde foi capturado.

Em Sevilha, foi a luta terrivel e prolongada; Pierrad, que commandava os revoltosos, dispunha de numerosas forças e de bôa artilheria.

Durante o combate, incendiaram-se muitas casas, quarteirões inteiros, onde se achavam edificios importantes; foi grande a destruição, e as ruas ficaram entulhadas de cadaveres.

Concentrados na fabrica de tabacos, os cantonaes sómente se entregaram ao general Pavia, quando, exhaustas as munições, a resistencia era impossivel.

Os chefes militares do movimento fugiram atrevida*mente para* o alto mar, n'um pequeno barco; sendo re-

colhidos nas costas de Portugal, estiveram em Lisboa e passaram depois para Inglaterra.

Os membros da junta civil, menos decididos, foram aprisionados, e o celebre barbeiro Mingorance o *estadista do cantão*, correu risco de ser morto pela canalha, que o repudiava na hora da adversidade.

Os cantonaes de Valencia, tendo em armas cerca de vinte mil homens, e alguma artilheria, oppozeram-se com vantagem ao general Velarde, que por mostrar tibieza, foi substituido por Martinez Campos. A cidade, tendo repellido um vigoroso assalto, só se rendeu depois do bombardeamento, que causou immensos estragos.

Perseguida assim por toda a parte a *intransigencia*, perdeu terreno: mas accolheu-se como ultimo e poderoso baluarte a Cartagena, praça por extremo forte, bem artilhada, cheia de recursos militares, e em cujo porto os revoltosos, poderam organisar uma força maritima de certa importancia, apoderando-se das fragatas Mendez Nunes, Tetuão, Numancia, Victoria e Almansa, e de trez avisos a vapor.

O general Contreras, rodeado dos homens mais energicos do movimento, constituiu um governo immoral, e politicamente insustentavel; porém senhor de forças consideraveis, bateu-se a todo o trance, inutilisando os esforços do governo de Madrid, que só á custa de muito trabalho e sacrificios, mandava tropas contra Cartagena.

Não era a resistencia obstinada d'aquella praça, foco da republica sanguinaria, o unico perigo que ameaçava as novas instituições.

Os *carlistas* haviam retomado as armas durante o reinado de el-rei D. Amadeu.

Poucos a principio, divididos em pequenos bandos, accolhiam-se como de costume ás agruras da serra, ás solidões inexpugnaveis das Amezcuas.

Porém medraram depressa; fabricaram ou improvisaram armas, muitas vezes as arrancaram ao inimigo, constituiram batalhões, tomaram fortalezas, tornaram-se grandes e terriveis.

Ás noticias davam-nos sempre batidos ou humilhados, pedindo indulto; os chefes, desdenhosamente tratados de cabecilhas, eram no dizer de guerreiros bulletins, fugitivos para França, quando não ficavam mortos na acção, com o melhor de suas guerrilhas.

Entretanto, Sabals, Rada, Olla, Elio, Dorregaray e muitos outros, appareciam em toda a parte, e davam desmentido cruel a boatos propalados com duvidosa dignidade, accossando as tropas de D. Amadeu, batendo-as por vezes, inutilisando sempre, quanto faziam os melhores generaes da monarchia democratica, successiva e inutilmente enviados contra elles.

A republica encontrou-os grandes; com seus erros, em breve os viu famosos: e Moriones, Gaminde, Cabrinelty, Pavia, Nouvillas, Velarde, Castañon, quantos generaes operaram contra as tropas legitimistas não só experimentaram consideraveis revezes, mas até verdadeiras derrotas, que não foram compensadas com as victorias obetidas, em Puycerdá, Tolosa e em alguns outros pontos.

As populações em grande parte, quando não se pronunciavam pela causa de D. Carlos, sympatisavam com ella.

Esquecidos os habitos sanguinarios, que lhe faziam triste reputação, os *carlistas* distinguem-se hoje quasi sempre pela feição contraria; arrebatados e violentos, como de dever, no campo da honra, são amenos passada a hora da batalha, e nas suas campanhas revela-se ás vezes, fórma cavalheirosa, ademanes de antiga fidalguia, inteiramente desusados na guerra civil.

O primeiro acto de D. Carlos, ao pisar o solo de *Hespanha*, foi a expulsão do cura Santa Cruz, cujas

acções de selvageria feroz, deshonravam a causa que servia, e escandalisavam a egreja que o contara na sua santa milicia.

Os excessos de rigor commettidos por alguns chefes, embora factos isolados, e ás vezes nascidos das circumstancias, foram sempre reprehendidos, e mesmo castigados severamente.

Os parciaes da legitimidade, ligando a causa de Christo á causa do rei, a causa do rei á da patria, são consequentes tributando respeito á egreja, praticando devotamente o culto, respeitando a familia, o povo, e o estado.

Os socialistas, que declaram dispensar a Deus, que repudiam a authoridade, que negam a excellencia da familia, que deixam de vêr nos homens *irmãos*, e reconhecem sómente *iguaes*, são tambem consequentes, profanando as egrejas, expulsando os padres, deshonrando as mulheres, roubando os ricos, queimando as messes e devorando-se finalmente uns aos outros.

Mas, como é natural, a Hespanha, posta em via de escolher, voltava-se para a causa da ordem, accolhia melhor as forças disciplinadas de D. Carlos, de que os bandos assassinos de Contreras.

Assim, o exercito real, tendo por si uma grande parte da nação, assentava os seus arraiaes nas Vascongadas, na Navarra, na Catalunha, no Aragão, em Valencia, nas Castellas, tanto em face da republica conservadora, como em face da republica vermelha.

Possuia livremente toda a fronteira de França, os desfiladeiros dos Pyreneus, e communicava-se com os mares; tudo ameaçava, e parece que tudo podia, pois no seio da assembléa Emilio Castellar, commovido, trovejava contra elle as iras da sua eloquencia, confessava o mêdo, dizia que a liberdade corria perigo de morrer, «ó vergonha! debaixo da bandeira da repu-

blica.» O Meio-dia, em chammas não amedrontava tanto os republicanos como a legitimidade em armas.

Em verdade ameaçava desmoronar-se o edificio republicano, a tanto custo erguido; cahia a pedaços o palacio de fadas, primorosamente ornamentado pela eloquencia dos tribunos e pelo phantasiar dos pensadores. Aluia e desabava, deixando vêr na desordem das aluviões, os apoucados e ás vezes lugubres materiaes, que o haviam construido: os escriptos calumniosos, os illusorios projectos; aqui e ali, manchas de sangue, borras de vinho, vestigios de lagrimas, tambem cordas de enforcados, mascaras de hypocritas, facas de assassinos, até pedaços de cruzes, restos de campas, despojos de mortos; algumas moedas falsas, oiro roubado, de envolta com reliquias tocantes e preciosas de honradas victimas.

E a Europa via e censurava; e a primittiva reserva das potencias, transformava-se em desdem; a Allemanha, a França, a Inglaterra e Portugal (um projectado cantão) mandavam vasos de guerra ás aguas de Hespanha, como se as contendas republicanas fossem questões debatidas, para além do Estreito, entre judeus e beduinos.

Castellar, que é profundamente sincero nas suas convicções, que ama apaixonadamente a republica, e acredita n'ella, tentou salval-a.

Em pleno congresso expôz a verdade inteira, sem reserva, com plena coragem; apaixonado por vezes, carregou de negruras os horisontes, onde despontava a realesa, mas foi franco, leal, na apreciação da propria causa; verteu fel de seus labios afeitos a rosas, e expôz, em toda a sua nudez hedionda, o estado da Hespanha republicana.

Tomados de espanto, os deputados concederam-lhe a ditadura. Debalde. A desordem continuou, as authoridades não readquiriram o prestigio, nem o exercito a

disciplina. Cartagena resistiu, os exercitos de D. Carlos cresceram e levaram vantagem sobre as tropas da republica. O general Moriones foi inteiramente derrotado em Monte Jurra.

Cuba ameaçou perder-se, surgiram complicações internacionaes, e o erario conservou-se vasio.

Diante da impotencia governamental reacenderam-se as paixões; e as côrtes, escandalisadas com as tendencias extremamente conservadoras que o presidente manifestára na pratica do governo, deram-lhe, apenas abertas, um voto de censura.

Não é possivel precisar qual seria a marcha dos acontecimentos dentro da orbita legal, depois da quéda de Castellar. Parece a alguns que se prenunciou o dominio da intransigencia, e que a feição vermelha appareceu visivel e ameaçadora, em um futuro mais ou menos proximo.

O certo é que o general Pavia, militar energico e resoluto, combinado provavelmente com os representantes dos diversos elementos conservadores, julgou conveniente dar um golpe de estado.

Declarou Madrid em estado de sitio, e dissolveu pela força a Assembléa, mandando alguns soldados a evacuar a sala das sessões; facto que não é novo nos annaes republicanos, mas contra o qual protestaram os deputados, o presidente, e mesmo o sr. Castellar, republicano antes de tudo.

O novo estado de coisas, foi reconhecido sem difficuldade em toda a parte, e apenas em Barcelona deu logar a desordens, bastante graves, cuja repressão custou infelizmente muito sangue.

O general Serrano, duque de la Torre, que gosa dos maiores créditos, tomou a prezidencia do conselho.

Mais regulares as operações do governo, activou-se o cerco de Cartagena, que em breve capitulou, tal-

vez tendo perdidas as esperanças, que o cantonalismo ainda punha nas relações que mantinha no congresso.

O general Lopez Domingues, entrou na praça, e Contreras, acompanhado pelos principaes chefes e por um grande numero de presidiarios, fugiu para Oran, onde desembarcou, sendo internado pelo governo francez na Argelia, com todo o seu sequito de criminosos.

Mais desafrontado com a rendição de Cartagena, o governo proseguiu com grande energia a guerra contra D. Carlos.

Mas não lhe sorriu a fortuna, pois Moriones soffreu uma cruel derrota nas vizinhanças de Bilbau, e o general Nouvillas, igualmente infeliz, foi batido em Castelfolit.

Foi então que o general Serrano, tomando o commando em chefe, se dirigiu com grossas forças e magnifica artilheria para as formidaveis posições que o exercito legitimista occupava em Sommorrostro.

Está na memoria de todos esse combate legendario, que durou muitos dias, em que realistas e republicanos obraram prodigios de valor, e no qual ficaram feridos os principaes generaes e muitos officiaes superiores.

Todos sabem que, apoz uma trégua, por diversos motivos extremamente prolongada, se abriram de novo as hostilidades, perdida a esperança de um accordo, que dizem fôra tentado.

O exercito de D. Carlos, n'esta nova phase da campanha, não oppoz resistencia séria, e abandonou as posições que tão briosamente conservára, com certa precipitação, que não nos parece ainda sufficientemente explicada.

As tropas republicanas entraram em Bilbau, estancia *trez vezes* fatal aos *carlistas*; e o general Serrano

regressando a Madrid, recebeu ahi um acolhimento enthusiasta, as honras de um verdadeiro triumpho.

Estes acontecimentos abalaram a causa de D. Carlos, mas não a prejudicaram tanto como a principio se pretendeu: o proprio general Serrano, cuidando ha pouco de formar um governo de conciliação, disse, que comquanto os carlistas tivessem sido moralmente derrotados diante de Bilbau, dispunham ainda de grandes forças, e não era impossivel que a guerra tomasse mais tarde um aspecto pouco lisongeiro.

A sincera apreciação do duque de la Torre depressa foi uma realidade.

O general Concha, que tomára o commando do exercito do norte, continuou a campanha e tentou entrar em Estella.

Deu-se a batalha de Montemuro, em que se derramaram rios de sangue. Realistas e republicanos, envolvidos em luta terrivel, disputaram o terreno, com tenacidade, valentia e brio de heroes; mas perfeitamente intrincheiradas, bem dirigidas, as tropas de D. Carlos tiveram a melhor, e os soldados de Concha, apesar de secundados por excellente artilheria, tiveram de ceder, abandonando posições conquistadas á custa de muitas vidas, esmagados por carga admiravel, irresistivel, que tomou proporções collossaes, pelo denodo e pelo vigor com que se realisava.

Foi então que o general Concha, um dos homens mais valentes d'Hespanha, escutando sómente a sua bravura, arremeteu contra o inimigo debaixo de uma verdadeira tempestade. No momento em que as suas columnas, inteiramente desmoralisadas e aturdidas estavam á beira da derrota, poz-se á frente dos soldados, acompanhado por todo o seu estado maior, e tentando um ultimo esforço, um arranco supremo, colheu a morte de um bravo, que certamente é honra mais invejavel do que as muitas que antigamente colhera em victorias,

tristemente afamadas por crueldade se represalias, mais proprias de bandidos do que de militares.

A perda do general em chefe, determinou a retirada do exercito republicano, e abriu certamente um novo parenthesis nas operações do Norte.

O estado da Hespanha continua pois a ser deploravel, e o duque de la Torre, que aliás na qualidade de regente revelou dotes de governo, e rara honestidade, tem de empenhar grandes esforços se aspira á gloria de arrancar a sua patria da situação precaria e por extremo melindrosa em que se acha.

Não é da indole d'este livro entrar em apreciações politicas ou aventurar juisos sobre o futuro que a providencia destina á Hespanha.

Podemos, porém, affoutamente mostrar as nossas sympathias por esse bello paiz, desejar-lhe a restauração das suas perdidas felicidades, a restituição do alto logar que occupou entre as potencias da Europa e que lhe é devido por muitos e gloriosos titulos.

Não faltam em Hespanha homens de talento e brio, que, doídos dos males da patria, deponham paixões partidarias, interesses proprios, e conduzam os acontecimentos pelo caminho que melhor possa levar á honra e a prosperidade. A continuação do estado presente é a desgraça e a vergonha de todos.

Para escrever o resumo que publicamos, o mais despretenciosamente possivel, recorremos á lição de muitos livros que temos em conta de authorisados. Citaremos em primeiro logar a excellente *História Gerál de Hespanha*, escripta pelo sr. D. Modesto Lafuente, que foi nosso constante guia e mestre, para a exposição e intelligencia dos acontecimentos até fim da denominada guerra peninsular.

Os documentos a que nós referimos, expondo *algumas das* mizerias do reinado de Carlos II, fazem parte

de uma collecção inedita e preciosa de escriptos relativos ás nossas relações diplomaticas com a côrte de Castella, nos seculos XVII e XVIII.

Estes documentos que possuimos merecem inteiro credito; foram reunidos por José Nunes de Carvalho, nosso proximo parente, pessoa acreditada como diplomatico, homem entendido e de muita consciencia; a maioria dos originaes existe ainda archivada na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Para o que respeita ao reinado de Fernando VII, regencia de D. Christina, e principios do reinado da sr.ª D. Izabel II, consultámos a *Historia politica e parlamentar de Hespanha*, do sr. Amat, que nos pareceu escripta com imparcialidade e talento.

Da *Hespanha contemporanea de* D. Fernando Garrido, colligimos, quanto noticiamos das revoluções que affligiram o reinado da sr.ª D. Isabel II, e os dados estatisticos que revellam os progressos feitos pelos hespanhoes, sob o regimen constitucional, testemunhos certamente insuspeitos, dando-os o sr. Garrido, que é adversario declarado das monarchias.

Para os ultimos acontecimentos do mesmo reinado, para o periodo de interinidade, recorremos ás bem elaboradas noticias da *Correspondencia de Portugal*.

Nas excellentes cartas de Hespanha, publicadas no *Jornal da Noite*, colhemos o melhor que noticiamos do reinado do sr. D. Amadeu.

O que respeita á actual republica, está na memoria de todos; entretanto consultámos a secção de acontecimentos de Hespanha do *Diario de Noticias*, folha conhecida por bem informada, e imparcial, recorremos ao *Diario Popular*, e á *Nação* acreditada folha legitimista.

As opiniões que emittimos, no nosso pequeno livro, são inteiramente nossas, ditas talvéz com pouco accêrto, errado juizo, mas com inteira sinceridade e convicção. Dos livros e dos jornaes a que nos referimos, só ti-

rámos o conhecimento dos factos, sem adoptarmos os pareceres dos escriptores que ás vezes differem muito de nossas proprias opiniões.

Detestamos principalmente as theorias ibericas do sr. D. Modesto Lafuente, sentindo devéras que um historiador de tanto merecimento se deixe arrastar para o funesto erro da união de Portugal e Hespanha, união que repellimos como bom e leal portuguez que nos presamos de ser, e que mesmo julgamos de pouca ou nenhuma conveniencia para os hespanhoes.

Tambem na *Hespanha Contemporanea* do sr. D. Fernando Garrido, achámos apreciações sobre a nossa patria que desprezariamos quanto merecem se não fosse a indulgencia que devemos ter com o sr. Garrido, ignorante como quasi todos os seus compatriotas da indole dos portuguezes, e do verdadeiro estado do nosso paiz.

REIS D'HESPANHA

Reis Godos

Ataulfo, 414–417.
Sigerico, 417–417.
Walia, 417–420.
Teodoredo, 420–451.
Torismundo, 451–453.
Teodorico, 453–466.
Eurico, 466–484.
Alarico, 484–507.
Gesalico, 507–511 (bastardo).
Amalarico, 511–531.
Teudis, 532–548.
Teudisello, 548–549.
Agila, 549–554.
Athanagildo, 554–567.
Liuva, 571–572.
Lovigildo, 572–586.
Recaredo, 586–601.
Liuva II, 601–603.
Witerico, 603–610.
Gundenaro, 610–612.
Sizebuto, 612–621.
Recaredo II, 621–621.
Suintila, 621–631.
Sisenando, 631–636.
Chintila, 636–640.
Tulga, 640–642.
Chindasvinto, 642–649.
Recesvinto, 649–672.
Wamba, 672–680.
Ervigio, 680–701.
Witiza, 701–709.
Rodrigo, 709–711.

Reis das Asturias

Pelayo, 718–737.
Favila, 737–739.
Affonso I, 739–756.
Froila I, 756–768.
Aurelio, 768–774.
Silo, 774–783.
Mauregato, 783–789.
Bermudo, 789–791.
Affonso II, 791–842.
Ramiro 1.º, 842–850.
Ordonho I, 850–866.
Affonso III, 866–909.

Condes soberanos de Barcelona

Wilfredo I, 874–898.
Wilfredo II, ou Borrel I, 898–912.
Suniario, 912–953.
Borrel II, 953–992.
Miron, 953–953.
Borrel III, 992–1018.
Berenguer Ramon I, 1018–1035.
Ramon Berenguer I, 1035–1076.
Ramon Berenguer II } 1076-1082
Berenguer Ramon II } 1076-1096
Ramon Berenguer III, 1096–1131.
Ramon Berenguer IV, 1131.
(Une-se ao reino de Aragão).

Reis de Navarra

Garcia Garcés,
Sancho Garcia Abarca, 905–925.
Garcia Sanchez I, 925–970.
Sancho Garcia II, 970–1035.
Garcia Sanchez II, 1035–1054.
Sancho III Garcés, 1054–1076.
Sancho IV Ramirez, 1076.

(N'este reinado uniu-se a Aragão; tornando-se a separar, teve por soberanos:
Garcia Ramires, 1134–1150.
Sancho V (o Sabio), 1150–1194.
Sancho VI (o Forte) 1194–1234.
Teobaldo I, 1234–1253.
(Une-se depois á França, e mais tarde, por conquista de Fernando o Catholico, volta definitivamente á Hespanha).

Reis de Leão

Garcia, 909–914.
Ordonho II, 914–924.
Froila II, 924–925.
Affonso IV, 925–930.
Ramiro II, 930–950.
Ordonho III, 950–955.
Sancho I, 955–955.
Ramiro III, 967–982.
Bermudo II, 982–999.
Affonso V, 999–1027.
Bermudo III, 1027–1037.
D. Sancha, 1037.
(Unindo-se Leão a Castella, separou-se de novo por morte de Affonso VII, em 1157, e teve depois:
Fernando II, 1157–1188.
Affonso IX, 1188–1230.
Fernando III, 1230–1252.
(N'este reinado ficou definitivamente unido a Castella).

Reis de Aragão

Ramiro I, 1035–1063.
Sancho Ramires, 1063–1094.
Pedro I, 1094–1104.
Affonso I (o Batalhador), 1104–1134.
Ramiro II, (o monge), 1134–1137.

Ramon Berenguer IV, principe de Aragão e conde de Barcelona, 1137-1162.
Affonso II, 1162-1196.
Pedro II, 1196-1213.
Jayme I, (o Conquistador) 1213-1276.
Pedro III (o Grande), 1276-1285.
Affonso III, 1285-1291.
Jayme II, 1291-1327, (rei de Aragão e de Sicilia).
Affonso IV, 1327-1336.
Pedro IV, 1335-1387.
João I, 1387-1395.
Martinho, 1395-1410.
Fernando I, 1410-1416.
Affonso V, (o Magnanimo) 1416-1458.
João II, 1458-1476.
(Une-se a Castella).

Condes de Castella

Fernão Gonçalves, falleceu em 970.
Garcia Fernandes, 970-995.
Sancho Garcés, 995-1021.
Garcia II, 1021-1029.
(Uniu-se ao reino de Leão).

Reis de Castella e Leão

Fernando I, falleceu em 1065.
Sancho II, 1065-1072.
Affonso VI, 1073-1109.
D. Urraca, 1109-1109.
Affonso VII, imperador, 1126-1157.
Desuniram-se de novo as duas côroas, e ficaram governando Castella.
Sancho III, 1157-1158.
Affonso VIII, 1158-1214.
Henrique I, 1214-1217.
D. Berenguella, 1217 (abdica em seu filho.)
Fernando III, (o Santo), 1230-1252.
Ficam definitivamente unidos Castella e Leão.
Affonso X, (o Sabio), 1252-1284.
Sancho IV, (o Bravo), 1284-1295.
Fernando IV, (o Emprasado), 1295-1310.
Affonso XI, 1310-1350.
Pedro I, (o Cruel), 1350-1369.
Henrique II, 1369-1379.
João I, 1379-1390.
Henrique III, 1390-1406.
João II, 1406-1454.
Henrique IV, 1454-1474.
Fernando e Isabel, (os Catholicos), 1474-1504.
D. Joanna (a Louca), nunca reinou de facto, mas viveu longos annos com as prerogativas reaes.
Fernando, (Regente), 1504-1506.
Filippe I, (marido de D. Joanna), 1506-1506.
Fernando, (2.ª vez Regente), 1507-1516.
(Regencia do cardeal Cisneros).
Carlos I, e como imperador da Allemanha, Carlos V; é reconhecido rei em 1517, apésar de viva D. Joanna a Louca, sua mãe e legitima rainha.—Abdicou em 1556.

Filippe II, 1556–1598.
Filippe III, 1598–1621.
Filippe IV, 1621–1665.
Carlos II, 1665–1700.
Filippe V, 1700–1746.
Fernando VI, 1746–1759.
Carlos III, 1758–1788.
Carlos IV, 1788–1808.
Fernando VII, 1808–1808.
José Bonaparte, 1808–1813.
Fernando VII, 1814–1833.
Regencia de D. Maria Christina, 1833–1840.
Regencia de Espartero, 1840–1843.
D. Isabel II, 1843–1868.
Regencia do Duque de la Torre, 1868–1870.
D. Amadeu I, 1870–1873.
Republica, 1873–?

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pagina 34, linha 10, onde se lê *sadios*—leia-se sabios.
« 50, linha 24, onde se lê *Na*—leia-se na.
« 65, linha 9, onde se lê *já de si muito prejudicada pela antiphatia formal do castelhano povo portuguez*—leia-se castelhana já de si muito prejudicada pela antipathia formal do povo portuguez.
« 72, linha 26, onde se lê *D. João Alvaro*—leia-se D. Alvaro.
« 72, linha 34, onde se lê *Foror de Guizando*—leia-se Torre de Guizando.
« 75, linha 11, onde se lê *povo*—leia-se novo.
« 77, (summario), onde se lê *os venezianos soccorrem Napoles*—leia-se os hespanhoes soccorrem Napoles.
« 78, linha 11, onde se lê *cunhada da Beltraneja*—leia-se alcunhada a Beltraneja.

O livro das flores—por Alberto Pimentel—legendas da vida da Rainha Santa, 300 rs.
Historia resumida de Hespanha, *desde as epochas mais remotas até á actualidade*—por Carlos Lisboa—500 rs.
Quadros da Independencia Nacional—com 3 gravuras representando: *O condestavel Nuno Alvares Pereira, A capella do Bussaco, e o palacio dos condes d'Almada*—120 rs.
Almanach de caricaturas—por Bordallo Pinheiro—(com perto de 200 desenhos originaes), 240 rs.
Compendio de grammatica franceza — coordenado segundo o programma dos lyceus, e approvado pela junta consultiva de instrucção publica—por José Augusto Saraiva.
Guerra aos nunes — comedia em 1 acto por Mattos Moreira — 100 réis.
Os medicos — comedia em 3 actos, imitação de Aristides Abranches—200 réis.
A espadellada—comedia em 1 acto, por Costa Lima—100 réis.
Deus os fez... Deus os juntou—farça em 1 acto, por Alfredo de Mello—100 réis.
Othello tocador de realejo—comedia em 1 acto, por Costa Lima —100 réis.
O mestre Jeronymo—comedia em 2 actos, por Aristides Abranches e Rangel de Lima—160 rs.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

A filha do regicida—romance por Camillo Castello Branco.
O terremoto de Lisboa—romance por Pinheiro Chagas.
Rosto e coração—romance por J. B. Mattos Moreira.
O livro das lagrimas — legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa, por Alberto Pimentel.
Os theatros de Lisboa—por Julio Cesar Machado, com desenhos de Bordallo Pinheiro.
Esboço de philosophia analytica—por J. L. Hartt Milner.
Diccionario de invenções e descobertas—por Alberto Pimentel.
A chave da sciencia, *ou explicação dos phenomenos da natureza* —traduzido e ampliado por Marianno Cordeiro Feyo.
Almanach de caricaturas para 1875— desenhos de Bordallo Pinheiro, direcção litteraria *do nosso primeiro folhetinista.*
Guia commercial e financeiro para Portugal e Brazil—por Carlos Lisboa.
Curso de litteratura portugueza—por J. M. de Andrade Ferreira.
A morte e a immortalidade—pelo abbade Berseaux—accommodada á lingua portugueza por Marianno Cordeiro Feyo.
Diccionario da lingua ingleza—por Jacob Bensabat.
***Nova grammatica* ingleza**—por Jacob Bensabat.